

Síntese Anual
da Agricultura
de Santa Catarina

2011-2012

Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - João Raimundo Colombo

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca - João Rodrigues

Secretário Adjunto da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca - Airton Spies

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri - Luiz Ademir Hessmann

Diretores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Extensão Rural - Ditmar Alfonso Zimath

Ciência, Tecnologia e Inovação - Luiz Antônio Palladini

Administração e Finanças - Paulo Roberto Lisboa Arruda

Desenvolvimento Institucional - Eduardo Medeiros Piazero

Chefe do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa - Ilmar Borchardt

Coordenação

Luiz Marcelino Vieira

Elaboração

Álvaro Graeff

Alex Alves dos Santos

André Luis Tortato Novaes

Daniel Rogério Schmitt

Diogo Campello da Pieva

Evandro Uberdan Anater

Fabiano Müller Silva

Fernando Soares Silveira

Francisco Carlos Heiden

Irceu Agostini

Júlio Alberto Rodigheri

Luiz Marcelino Vieira

Luiz Toresan

Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin

Marco Antônio Lucini

Robson Ventura de Souza

Sérgio Winckler da Costa

Tabajara Marcondes

Colaboração

Cléverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Eugênio Moretti Garcia

Getúlio Tadeo Tonet

Gilberto Luiz Curti

José Osório Guardini Ortiz

Saturnino Claudino dos Santos

Valdir Cembranel

Editoração

Sidaura Lessa Graciosa

Revisão de texto

Laertes Rebelo

Revisão técnica

Júlio Alberto Rodigheri

Capa

Vilton Jorge de Souza

Foto

Aires Carmem Mariga

Nilson Otávio Teixeira

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri-Cepa (2005 -)

1. Agropecuária - Brasil SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e Economia
Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola -
Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - 88034-000 - Florianópolis - SC

Tel. (48) 3665.5078 - <http://cepa.epagri.sc.gov.br>

Apresentação

A Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina é uma publicação tradicional e bastante conhecida pelo público interessado nos acontecimentos relacionados ao espaço rural catarinense. Particularmente nos fatos relacionados à produção e ao mercado das principais cadeias produtivas do Estado.

Apresentamos a Síntese 2011-2012, trigésima terceira edição da publicação. Embora apresente análises com comportamentos produtivos e mercadológicos diversificados entre as cadeias produtivas, o documento traz como fato marcante o longo período de estiagem que atingiu várias regiões catarinenses durante boa parte do segundo semestre de 2011 e do primeiro semestre de 2012. Em função disso, entre 2011 e 2012, devido a perdas econômicas e/ou a problemas de abastecimento de água, mais de cento e cinquenta municípios declararam situação de emergência.

Além de criar dificuldades adicionais à rotina de milhares de famílias rurais, a estiagem teve fortes reflexos na produção e no mercado de grãos de verão e da pecuária catarinense. Um exemplo ilustrativo é a significativa perda de produção de milho que, aliada a um consumo crescente, fez com que o déficit catarinense do produto alcançasse um recorde em 2012. A isso se somaram problemas mercadológicos que colocaram em sérias dificuldades produtores e empresas dos setores de suínos e de aves.

Menos mal, e as análises mostram isso, foi o que aconteceu com outras cadeias produtivas que viveram situação distinta. Nesse caso, destaca-se como exemplo a atividade leiteira, que tem se consolidado ao longo dos anos como estratégica para o espaço rural catarinense, particularmente para milhares de agricultores familiares que, não fosse pelo leite, teriam riscos de sobrevivência em atividades produtivas relacionadas à agropecuária.

Trata-se, portanto, de uma edição que contribui para as reflexões acerca das tendências para várias cadeias produtivas e, conseqüentemente, para o conhecimento dos pontos fortes e pontos fracos, assim como dos fatores que representam oportunidades e ameaças para as famílias rurais catarinenses.

A Epagri agradece a todos que colaboraram para a concretização da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2011-12 e informa que, além da versão impressa, o documento está disponível em arquivo eletrônico no site <http://cepa.epagri.sc.gov.br>.

Luis Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porcentagem apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

Sumário

Parte I

Desempenho da produção vegetal

Alho	7
Arroz	15
Banana	21
Cebola	30
Feijão	36
Fumo	43
Maçã	51
Mandioca	58
Milho	65
Soja	73
Tomate	79
Trigo	84

Hortifrutigranjeiros

Comercialização de produtos hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José	92
Calendário agrícola	95

Desempenho da produção animal

Carne bovina	96
Carne de frango	102
Carne suína	109
Leite	117

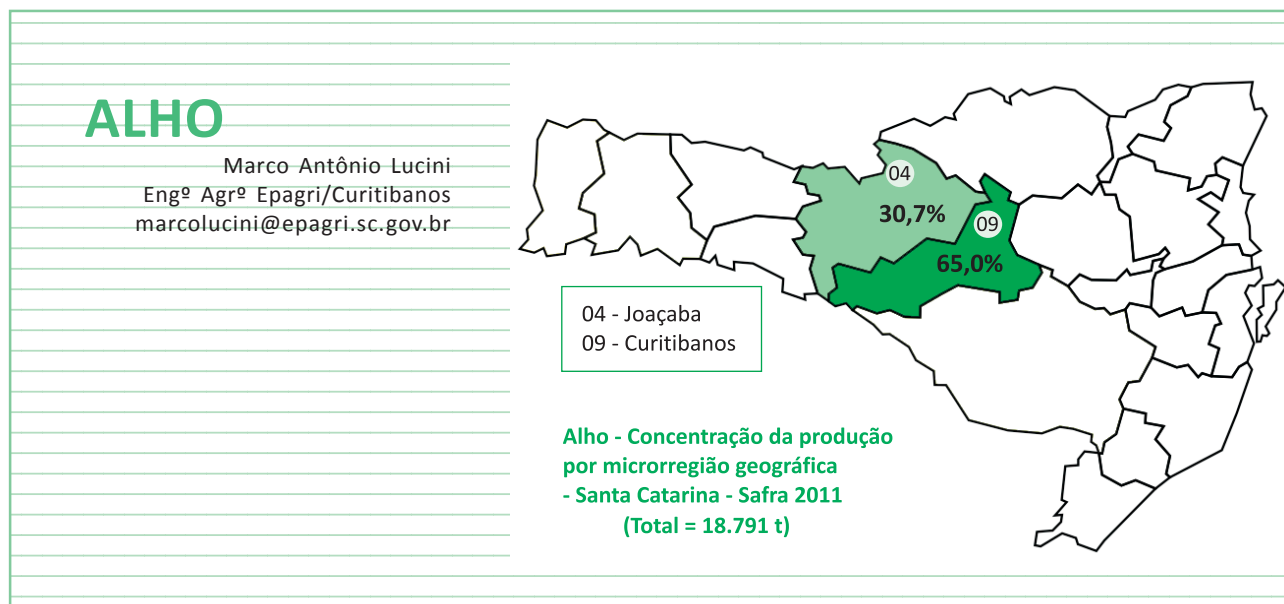
Desempenho da pesca e da aquicultura	125
--	-----

Desempenho do setor florestal	133
Crédito rural	154

Parte II

Divisão do território catarinense e população	158
Informações econômicas da agropecuária	164
Preços agrícolas	169
Valor bruto da produção	171

Desempenho da produção vegetal



Produção e mercado mundiais

As informações oficiais da produção mundial de alho são conseguidas através da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e estão sempre, no mínimo, dois anos atrasadas. O cultivo mundial de alho no ano de 2010, segundo os últimos dados disponibilizados, foi de 1.199.929 hectares e a produção de 17.674.893 toneladas (Tabela 1).

Dados extraoficiais dão conta de aumentos nas áreas de cultivo e produtividade do alho no mundo, na safra 2011 e que se confirmaram com o excesso de ofertas e preços baixos praticados no mercado mundial. Já a safra de 2012 indica uma drástica redução nas áreas de plantio e produção, em especial as chinesa e argentina, nossos dois principais fornecedores de alho. Informações vindas desses países indicam que a produção de alho na China na safra de 2011/12 diminuiu 30% e a redução na Argentina foi de 40%. O alho chinês já foi colhido nos meses de abril e maio e será comercializado até maio de 2013. O alho argentino foi plantado nos meses de março e abril desse ano de 2012. Essa é uma excelente notícia para os produtores de alho do Brasil, pois os chineses, diante de uma quebra na safra, estão vendendo alho caro no mercado internacional com reflexos imediatos no mercado argentino e nacional.

No mundo existem quatro grandes centros de produção de alho: asiático, europeu, norte-americano e sul-americano. O centro mais importante é o asiático, onde se destaca a China como o maior produtor, consumidor e exportador mundial de alho. Os números de 2010 indicam que o país asiático plantou 664.144 hectares e colheu 13.664.069 toneladas, representando 77% da produção mundial. A China exporta em torno de 8% do que produz durante os doze meses do ano, utilizando para tal a frigoconservação.

No centro europeu, destacam-se a Espanha, tradicional produtor e exportador de alho, e a Federação Russa. Com o domínio do mercado de alho pela China nos últimos anos, a Espanha reduziu consideravelmente sua produção e exportação. Na safra de 2010, cultivou 14.200 hectares e colheu 136 mil toneladas, já a Federação Russa plantou 26.800 hectares e produziu 213.480 toneladas.

O centro norte-americano produz alho basicamente para o mercado dos Estados Unidos e México. O México exporta uma pequena quantidade de alho todo ano para o Brasil, que em 2011 foi de 767 toneladas.

No centro sul-americano, o destaque é a Argentina, maior exportador regional de alho. Já o Brasil é o segundo maior importador mundial desse bulbo. Na safra de 2010, a Argentina cultivou 14 mil hectares e colheu 128.900 toneladas, 75% das quais destinadas à exportação, tendo no Brasil seu maior comprador. Informações conseguidas junto ao Inta/La Consulta, da Província de Mendoza, Argentina, ainda não publicadas, indicam que o plantio de alho na Argentina foi de 16 mil hectares na safra de 2011/12 e de apenas 10 mil hectares agora em 2012/13. Essa é outra notícia muito boa para os produtores de alho de Santa Catarina e do Brasil.

Os últimos dados da FAO de 2009/10 mostram que a China foi responsável por 83,66% das exportações mundiais de alho, com uma oferta de 159.561.200 toneladas.

A China domina o mercado mundial do alho, com exportações anuais na casa de 150 milhões de caixas de 10 quilos, segundo a FAO. Do total exportado pela China, o Brasil é responsável pela compra de 6,20%.

A diminuição do preço Fob do alho chinês, no período de junho de 2011 a abril de 2012, puxou o preço do mercado mundial e nacional para baixo, trazendo junto o alho argentino, segundo exportador mundial.

De acordo com o sistema Aliceweb, os preços Fob praticados pela China em abril de 2011 foram de US\$ 16,63 por caixa de 10 quilos. Os preços foram caindo: em dezembro de 2011 o valor era de apenas US\$ 6,17 por caixa e em março, chegou a US\$ 5,73.

Com a diminuição na produção e oferta de alho chinês da safra nova de 2011/12, os asiáticos abriram o mercado com forte alta nos preços e em junho de 2012 as vendas giraram em torno US\$ 18,00/caixa de 10 quilos, preço Fob China.

Agora, após a colheita, veio a confirmação da diminuição da produção e da qualidade do alho chinês da safra de 2011/12, o que deixou o mercado mundial agitado e em forte alta também aqui no Brasil.

O volume importado em 2011 foi recorde novamente com 163.670 toneladas no valor de US\$ 249.366.197,00 e o preço médio declarado por caixa de US\$ 15,24. A oferta mensal de alhos importados foi de 1,36 milhões de caixas de 10 quilos para um consumo mensal de 2,31 milhões (Tabela 2).

O maior fornecedor de alho para o Brasil desde 2005 é a China. Em 2011 o volume de alho que de lá entrou foi de 100.578 toneladas representando 61,45% do total importado. O preço médio declarado por caixa foi de US\$ 10,13 contra os US\$ 14,48 do ano de 2010.

O segundo maior fornecedor de alhos para o Brasil é a Argentina. No ano de 2011, o país importou de lá 60.544 toneladas, 37,05% do total, a um preço médio de US\$ 23,50, similar à safra anterior, que foi de US\$ 24,02/caixa.

A produção de alho na América do Sul está presente em dez países, segundo a FAO. A área plantada no continente na safra de 2010 foi de 35.518 hectares e a produção foi de 331.911 toneladas (Tabela 2).

Os países com maior área colhida são Argentina, 14 mil hectares, seguida pelo Brasil, 10.542 hectares, Peru, 6.360 hectares e Chile com 1.258 hectares.

Afora a Argentina, que é o segundo maior exportador de alho do mundo, com 4,83% do total comercializado, a produção dos demais países da América do Sul é basicamente destinada ao mercado interno. Eventualmente exportam o excedente, como são os casos do Chile e mais recentemente do Peru. O Brasil importou do Chile, em 2011, 276 toneladas de alho nobre roxo.

Dados extraoficiais da Argentina dão conta de uma redução de 40% nas áreas de cultivo do alho na safra de 2012/13 em relação à anterior, acompanhando a onda mundial, após um ano de excesso de ofertas e preços baixos no mercado mundial. O produtor de alho no mundo aumenta ou diminui as áreas de cultivo com base no resultado econômico da safra anterior, como o fazem também os produtores de Santa Catarina e do Brasil.

Tabela 1/I. Alho – Mundo e principais países – Área colhida e produção – Safras de 2006/10

País	Área colhida (mil ha)					Produção (mil t)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	1.177,7	1.309,5	1.410,6	1.370,6	1.199,9	15.281,8	20.076,3	22.693,8	22.282,1	17.674,9
China	656,6	756,6	822,1	779,2	664,1	11.567,5	16.064,7	18.357,0	17.967,9	13.664,1
Índia	134,9	159,2	205,1	205,0	164,9	598,2	776,3	1.068,4	1.070,0	834,0
Rússia	29,9	29,7	25,5	27,2	26,8	255,9	249,0	226,7	227,3	213,5
Coreia	28,6	27,0	28,4	30,0	22,4	331,4	347,5	375,5	380,0	271,6
Bangladesh	26,7	38,8	33,6	34,3	37,1	102,5	176,7	144,8	154,8	164,4
Myanmar	24,3	26,3	28,7	30,0	28,4	146,2	161,0	197,3	20,0	185,9
Espanha	15,9	16,7	15,5	16,0	14,2	145,4	151,7	133,6	154,0	136,0
Ucrânia	18,1	18,3	17,3	18,9	19,5	145,6	131,5	136,8	150,1	157,4
Argentina	15,5	15,6	14,1	13,9	14,0	135,5	140,0	125,1	120,4	128,9
Turquia	15,0	14,9	16,0	16,0	9,5	96,1	98,2	105,0	105,4	76,9
Tailândia	13,3	12,1	13,8	11,1	10,8	81,4	74,7	85,6	71,4	68,1
Brasil	10,5	11,3	10,2	10,1	10,5	87,8	99,0	91,7	86,8	104,6

Dados disponíveis até 2010.

Fonte: FAO (junho de 2012).

Tabela 2/I. Alho – América do Sul – Área colhida e produção obtida – Safras 2006/10

Discriminação	Área colhida (ha)					Produção (t)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
Total	40.438	41.435	38.411	34.854	35.518	339.466	351.164	313.907	299.162	331.911
Argentina	15.500	15.600	15.600	13.937	14.000	135.505	140.000	140.000	120.391	128900
Brasil	10.486	11.035	10.214	10.063	10.542	87.779	92.934	91.649	86.752	104586
Peru	7.849	8.000	7.974	5.883	6.360	73.503	75.000	80.896	57.613	62962
Chile	2.900	3.000	1.044	1.253	1.258	20.000	20.500	7.000	11.915	12000
Venezuela	1.554	1.600	1.437	1.500	1.500	12.591	12.600	12.078	12.000	12800
Bolívia	719	720	733	771	770	4.993	5.000	5.177	5.334	5700
Equador	620	620	620	572	510	1.030	1.030	1.030	651	760
Paraguai	300	350	350	400	154	445	500	500	570	222
Colômbia	260	260	265	340	284	2.520	2.500	3.536	3.348	3351
Uruguai	250	250	174	135	140	1.100	1.100	751	588	630

Dados disponíveis até 2010.

Fonte: FAO (junho de 2012).

Produção e mercado nacionais

A área colhida e a produção das safras brasileiras mostram que a cultura perdeu espaço nos anos 1990, quando o alho chinês desembarcou no Brasil. Naquela época, plantavam-se dezoito mil hectares de alho, com destaque para Santa Catarina, que cultivava 4,4 mil hectares, sendo o primeiro produtor nacional.

Nas safras de 2008 a 2012 (Tabela 3), as áreas de cultivo de alho no Brasil mostram certa estagnação, com pequenas oscilações, ao redor dos dez a onze mil hectares. Nesse período, o que cresceu mesmo foram as produtividades médias, que passaram de 8,91 toneladas por hectare em 2008 para 11,09 toneladas em 2011.

Dados preliminares da safra de 2012, divulgados pelo IBGE/LSPA de maio, indicam uma redução na produção de alho na Região Sudeste do País. Hoje, após o início da colheita dos alhos precoces, já se sabe que a diminuição ocorreu também no Estado de Goiás, em especial no município de Cristalina, um dos maiores produtores de alho no Brasil. Essa menor área e a queda na produção são decorrências do péssimo resultado econômico da última safra, quando os preços maniveram-se abaixo do custo de produção naquela região. Além da diminuição das áreas de cultivo no Brasil central, o clima da atual safra no Cerrado foi desfavorável à cultura do alho com noites quentes e chuvas no período da diferenciação.

Em relação à safra de 2011, onde foram cultivados 12.838 hectares, o atual plantio teve uma redução de 15%, à exceção do Sul do País, que manteve em média as suas áreas.

No Brasil existem duas regiões bem distintas responsáveis por 80% da área de plantio de alho, especialmente os nobres de dente roxo, exigentes em frio e/ou fotoperíodo: o Sul do país, especialmente nos Campos de Curitiba, e a Serra Gaúcha. A outra região produtora é o “Cerrado” de Goiás, Minas Gerais e Bahia, onde o destaque é para Cristalina, em Goiás; Alto Paranaíba e São Gotardo, em Minas; e a Chapada Diamantina, na Bahia. O alho produzido nessa região quente necessita de choque frio em câmaras frigoríficas e sua produção destina-se aos grandes centros consumidores e distribuidores do bulbo no Brasil.

Os alhos comuns, com 15% da área cultivada no Brasil, possuem uma baixa exigência de frio e/ou fotoperíodo, baixa produtividade média e produzem do Rio Grande do Sul até o Nordeste. Esses bulbos destinam-se aos mercados regionais que são menos exigentes em relação à aparência e à apresentação.

A produção nacional de alho em 2011 foi a maior dos últimos tempos, com 142.494 toneladas, 36,2% superior ao ano anterior. Esse aumento da produtividade deve-se em grande parte ao clima favorável à cultura e à alta tecnologia usada pelos produtores nacionais. A produtividade foi recorde com 11.099 quilos (Tabela 3).

Os Estados de Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina apresentaram as maiores áreas plantadas do bulbo em 2011, com 3.096, 3.075, 2.684 e 1.875 hectares respectivamente, conforme se vê na Tabela 3.

Santa Catarina, que já foi o maior produtor nacional, aparece na safra de 2011 na quarta colocação em produção com 18.791 toneladas e uma produtividade de 10,02 toneladas.

O maior consumo de alho no Brasil ocorreu em 2011, com 277.665 toneladas ou 27,76 milhões de caixas de 10 quilos. A média mensal foi de 2,31 milhões de caixas.

Do total consumido, 163.670 toneladas foram de alhos importados e 113.995 toneladas de alho nacional (restante da produção nacional foi para semente, alhos abaixo do padrão e perdas na pós-colheita). Essa foi a maior oferta de alhos nacionais nos últimos anos.

O alho importado em 2011 foi responsável por 58,94% do abastecimento nacional. Coube à China ofertar 36,22% do nosso consumo; a Argentina ficou com 21,80%; o nacional com 41,07% e os demais países exportadores com apenas 0,91%. O Brasil tem uma “China-dependência e Argentina-dependência” no abastecimento do alho.

O consumo *per capita* no País tem aumentado significativamente, de acordo com a Conab. Passou de 400 gramas/habitante/ano nos anos oitenta para 1,40 quilo em 2011. O aumento do consumo nacional tem acompanhado basicamente o crescimento econômico do Brasil. Para a safra de 2012, com o baixo crescimento nacional, prevê-se que o País precisará praticamente do mesmo volume de 2011 para o abastecimento.

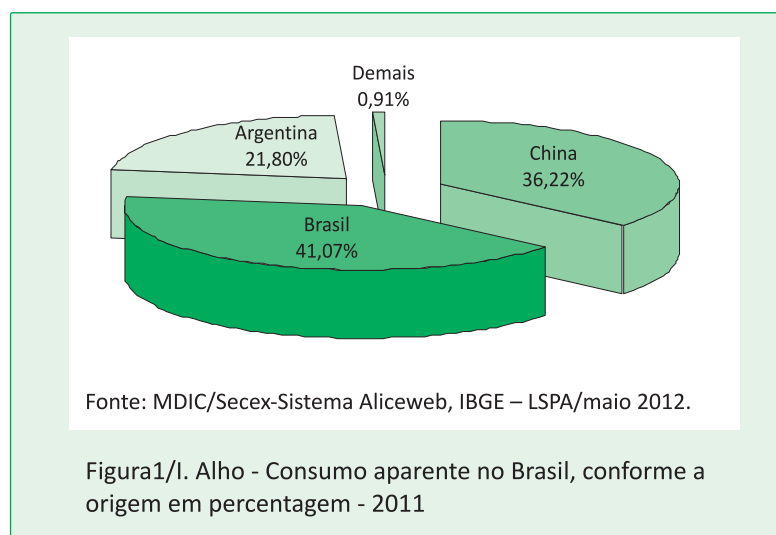
A variedade de alho mais consumida hoje no Brasil é a Chinesa, com 53%, que pode ter sido produzida tanto na China quanto na Argentina. O alho nobre roxo é o segundo mais consumido, com 42%, e o alho comum aparece em último, com 5% (Figura 1).

Tabela 3/I. Alho – Brasil e por estado – Área plantada e produção – Safras 2008/12

Brasil/estado	Área plantada (ha)					Produção (t)				
	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Brasil	10.228	10.163	10.543	12.838	10.918	91.174	86.752	104.586	142.494	107.087
Rio Grande do Sul	2.904	3.014	2.626	2.684	2.634	19.658	17.819	17.739	17.742	17.933
Minas Gerais	1.958	1.844	1.635	3.075	1.433	22.094	22.188	19.120	40.960	18.093
Goiás	1.900	1.650	2.671	3.096	3.096	23.330	21.260	39.252	46.700	41.134
Santa Catarina	1.577	1.476	1.767	1.875	1.933	14.215	11.553	16.442	18.791	17.737
Paraná	755	701	679	617	628	3.718	3.148	2.924	2.773	2.855
Bahia	628	661	729	886	826	4.320	5.144	5.478	9.394	6.146
São Paulo	197	197	197	19	111	1.717	1.750	1.738	122	977
Distrito Federal	176	176	146	443	120	1.825	1.770	1.592	4.951	1.247
Espírito Santo	113	91	93	143	137	743	691	301	1.061	965

⁽¹⁾ Dados preliminares sujeitos a confirmação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2006-2010) e LSPA-maio/2012.



Produção e mercado estaduais

A safra catarinense de alho de 2011/12, Tabela 4, novamente foi maior e melhor que a anterior, devido ao clima extremamente favorável e à tecnologia utilizada pelo produtor, em especial o tamanho e a qualidade do alho-semente. O alho produzido na safra de 2011 foi de excelente qualidade, com túnicas brancas e dentes roxos, como é o desejo dos mercados exigentes do Brasil.

Em 2011/12 os produtores de Santa Catarina cultivaram 1.875 hectares e a produção foi de 18.791 toneladas, sendo 6,11% e 14,28%, respectivamente, maior que em 2010.

Na safra 2011/12, o preço no mercado nacional foi puxado para baixo pela diminuição do valor Fob praticado pela China devido ao excesso de produção. O resultado econômico de parte dos produtores catarinenses foi apenas o suficiente para cobrir os custos da produção. Uma parcela dos produtores, que teve condições de utilizar o antibrotante no alho, armazená-lo e vendê-lo mais tarde, conseguiu ter um bom lucro. Essa média do resultado financeiro da safra de 2011/12 motivou os produtores de Santa Catarina a manterem ou aumentarem um pouco as áreas de plantio em 2012 para 1.913 hectares, gerando uma previsão de produção de 19.647 toneladas, segundo dados preliminares sujeitos à confirmação (IBGE/LSPA do mês de setembro de 2012).

A permanecerem os preços remuneradores do alho no Brasil, com certeza, aos poucos, Santa Catarina retomará parte do mercado nacional que perdeu para os alhos importados, uma vez que já possui infraestrutura, terra, água, mão de obra e tecnologia para produzir alhos de alta qualidade.

A safra de 2012/13, plantada em junho/julho, mostra um cenário excelente para os produtores de Santa Catarina, talvez o melhor nos últimos dez anos, uma vez que os principais fornecedores de alho para o Brasil diminuíram as áreas de cultivo, produção e subiram e muito os preços Fob no mercado internacional. O reflexo no mercado nacional já ocorreu, com a subida vertiginosa dos preços praticados, devendo os mesmos permanecer em alta até meados do ano de 2013.

No tocante ao rendimento médio, esperam-se aumentos nos próximos anos, como ocorreu de 2007, com 9,20 t/ha para 10,02 t/ha em 2011, devido à entrada no mercado de sementes de alho livre de vírus e dos clones realizados nas propriedades. Esses bulbos sementes têm se mostrado superiores aos utilizados até então. Para a safra de 2012/13, a produtividade média prevista é de 10,3 toneladas por hectare, já que tivemos um inverno frio e o alho-semente plantado é de qualidade superior à safra passada.

O maior produtor individual do Estado é o município de Curitibaanos, que plantou, em 2011, 800 hectares e produziu 8 mil toneladas. Em seguida, aparecem Frei Rogério, Fraiburgo e Brunópolis, com 260, 240 e 130 hectares cultivados respectivamente, como se vê na Tabela 4.

O alho cultivado em Santa Catarina é, na sua maioria, nobre roxo adaptado às regiões frias do Estado. Planta-se o alho via “dentes” ou bulbilhos, nos meses de maio, junho e julho, e colhe-se no final de novembro e dezembro.

A oferta do alho catarinense ao mercado inicia no mês de dezembro com um volume de 5%. Os meses de maiores ofertas são os de janeiro, fevereiro e março com 15 a 20% a cada mês, diminuindo em abril, maio e junho. Visando aumentar o período de oferta com qualidade, é tradição a aplicação de antibrotante em parte da lavoura. O produto usado é à base de *hidrazida maleica* e tem registro no Ministério da Agricultura. Dessa forma, parte da produção catarinense pode ser comercializada em maio e junho sem o risco do “dente” brotar. Geralmente nesses meses o preço médio é superior aos praticados no início de cada ano.

Os preços nominais recebidos pelos produtores de Santa Catarina nas últimas safras podem ser visualizados na Figura 2 e são referentes às classes 5, 6 e 7.

Durante o período de janeiro de 2002 a junho de 2012, os preços oscilaram bastante. Os piores valores recebidos foram em 2008.

Na safra de 2011/12, o mercado do alho foi muito baixo nos meses de setembro a fevereiro. A partir de março o preço reagiu bem, permanecendo até o final do mês de abril. No mês de maio, devido ao excesso de ofertas de alhos não tratados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, o mercado voltou a cair. Em junho de 2012 os preços subiram e muito para os alhos armazenados no Sul do País. Em julho os preços aumentaram ainda mais já com os alhos precoces do Cerrado Brasileiro.

Para a próxima safra, devido à menor oferta no mercado mundial e ao alto preço praticado pela China, prevê-se uma alta no preço médio recebido pelos produtores de Santa Catarina e do Brasil, talvez o maior até aqui.

Tabela 4/I. Alho – Santa Catarina e principais municípios – Área plantada e produção – Safras 2008/12

Estado/município	Área plantada (ha)					Produção (t)				
	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Santa Catarina	1.577	1.476	1.767	1.875	1.858	14.215	11.553	16.442	18.791	18.669
Curitibanos	800	650	800	800	800	8.000	4.800	8.000	8.000	8.000
Frei Rogério	330	250	330	260	285	2.640	2.000	2.640	1.820	2.280
Campos Novos	80	50	80	80	60	800	800	800	800	480
Brunópolis	50	100	100	130	130	500	500	1.000	1.300	1.300
Fraiburgo	70	180	180	240	240	420	1.800	1.800	3.600	3.600
Lages	24	24	24	24	10	288	388	288	388	120
Ponte Alta	30	30	30	20	20	249	249	249	240	200
Lebon Régis	35	35	85	150	150	210	280	850	1.500	1.500
Correia Pinto	20	10	10	10	5	200	100	100	100	50
Caçador	20	20	20	55	55	120	160	160	550	550

⁽¹⁾ Dados preliminares.

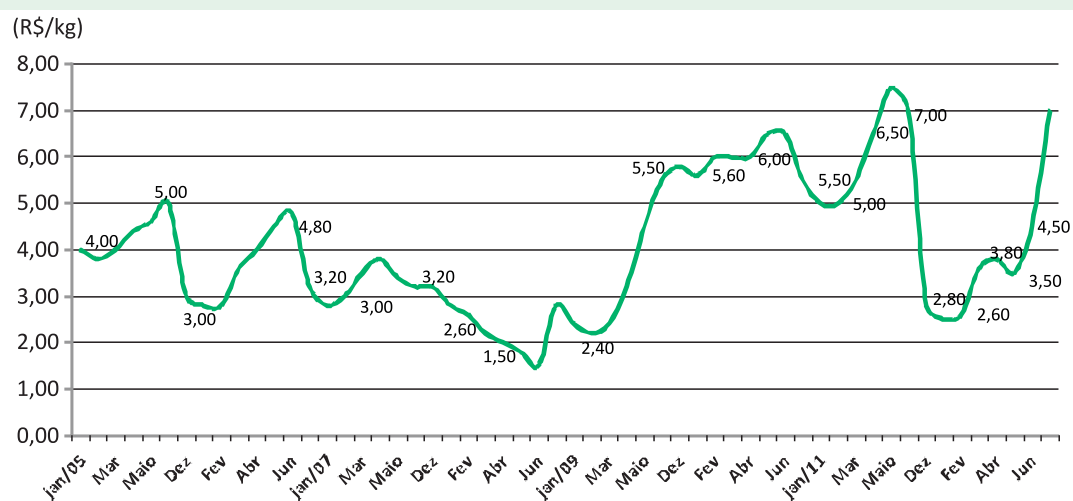
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2007-2011), LSPA e projeções de maio/2012.

Tabela 5/I. Alho – Importação brasileira por país de origem – Quantidade e valor – 2007-12

Ano	Tonelada							Valor		
	Argentina	China	Chile	Espanha	México	Outros	Totais	Média (cx/mês)	US\$	US\$/caixa
2007	74.698	57.786	0	-	-	-	132.484	11.040	103.192.722	7,79
2008	58.214	86.899	0	-	-	-	145.113	12.093	88.235.008	6,08
2009	54.898	91.915	391	2.984	1.530	-	151.718	12.643	118.168.440	7,79
2010	54.083	97.189	232	1.089	286	-	152.879	12.762	251.691.845	16,44
2011	60.544	100.578	276	71	767	-	162.236	13.639	249.366.197	15,24
2012 ⁽¹⁾	44.023	37.181	1.937	0	0	102	83.243	13.874	85.145.269	10,23

⁽¹⁾ Dados até junho/2012.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

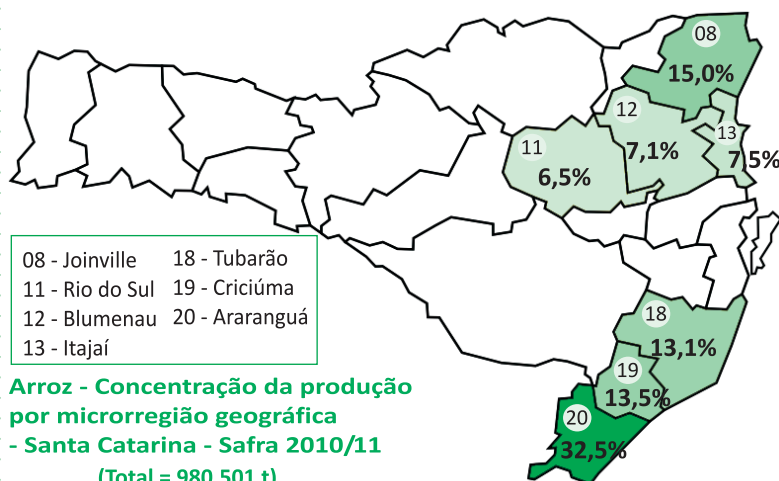


Fonte: Epagri/Curitibanos.

Figura 2/1. Alho (classes 5,6 e 7) - Preços médios nominais recebidos pelos produtores de Santa Catarina – jan./05-jun./12

ARROZ

Irceu Agostini
Engº Agrº Epagri/EEL
irceu@epagri.sc.gov.br
Luiz Marcelino Vieira
Econ. Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Depois do milho e do trigo, o arroz é o cereal mais produzido no mundo. É cultivado em todos os continentes, com maior concentração no asiático, com destaque para a China e a Índia, responsáveis por 30,3% e 21,5% da produção mundial, respectivamente (Tabela 1). O Brasil ocupa o 8º lugar, com 1,9% da produção mundial.

De acordo com as estimativas da Usda, na safra 2012/13, em andamento, a produção mundial de arroz beneficiado deverá ser levemente superior à anterior (Tabela 1), mas o estoque recuou devido, principalmente, ao aumento no consumo, que deverá superar ligeiramente a produção (Tabela 2).

O consumo *per capita* mundial de arroz, segundo a FAO, é de 58 kg/hab/ano, com uma demanda crescente nos últimos seis decênios. Os maiores consumos *per capita* estão localizados na China, Birmânia e Indonésia, com uma média de 80 kg/hab/ano. Já o Brasil, a Colômbia e o Senegal têm um consumo *per capita* em nível intermediário, que oscila entre 40 e 60 kg/hab/ano, enquanto os Estados Unidos, a Espanha e a França se enquadram como de baixo consumo *per capita*, com menos de 10 kg/hab/ano.

Embora seja o terceiro cereal mais produzido no mundo, o comércio internacional deste produto é pouco expressivo. Mais de 93% do arroz produzido num país é consumido no próprio país. Nos três países maiores produtores, quase todo o arroz é consumido no próprio país. Outros grandes produtores, porém, exportam grande parte do que produzem. É o caso da Tailândia, Vietnã e Estados Unidos. Na safra anterior a Tailândia foi a maior exportadora mundial, exportando 48,2% da sua produção. Nesta safra, porém, ela só exportará algo próximo a 30% da produção devido a restrições às exportações impostas pelo governo tailandês, numa tentativa de melhorar o preço internacional.

Os mercados mundiais de arroz, de uma maneira geral, estão segmentados da seguinte forma: a Tailândia comercializa principalmente para os países da África e da Ásia; o Vietnã para os países asiáticos; os Estados Unidos para os países da América Central e Caribe, Ásia (Japão) e Europa; o Paquistão e a Índia para os países do Oriente Médio, África (Egito) e Leste Europeu; a Austrália para o Japão; a Argentina e o Uruguai para o Brasil; a Itália e a Espanha para os países da União Europeia.

Tabela 1/I. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2007/08-2012/13

(milhões de t)

Discriminação	Safr					
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Mundo	433,75	448,07	442,69	449,37	463,94	465,08
China	130,22	134,33	136,57	137,00	140,70	141,00
Índia	96,69	99,18	89,09	95,98	103,40	100,00
Indonésia	37,00	38,31	36,37	35,50	36,30	36,90
Vietnã	24,38	24,39	24,99	26,37	26,74	26,88
Tailândia	19,30	19,85	20,26	20,26	20,46	21,05
Burma	10,73	10,15	11,64	10,53	10,82	11,00
Filipinas	10,48	10,60	9,77	10,54	10,64	10,80
Brasil	8,20	8,57	7,93	9,30	7,86	8,67
Japão	7,93	8,03	7,71	7,72	7,65	7,36
USA	6,34	6,40	7,13	7,59	5,87	6,09

Fonte: Usda – Abril e julho de 2012.

Tabela 2/I. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundiais – Safras 2006/07-2012/13

(milhões de t)

Discriminação	Safr						
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Estoque inicial	75,68	74,90	80,61	91,70	95,17	98,63	104,39
Produção	420,43	433,75	448,07	442,69	449,37	463,94	465,08
Importação	28,52	29,31	27,15	28,05	32,71	33,53	32,81
Consumo	421,21	428,22	436,87	440,07	445,91	458,38	466,74
Exportação	31,32	31,12	28,91	31,37	34,75	35,27	36,96
Estoque final	74,90	80,61	91,70	95,17	98,63	104,39	104,16

Fonte: Usda – Abril e julho de 2012.

Produção e mercado nacionais

A área de arroz no Brasil caiu 12,7% na última safra (2011/12) em relação à safra anterior, puxada pelo maior estado produtor, o Rio Grande do Sul, onde a queda foi de 11,4% (Tabela 3). No mesmo período, o rendimento médio no Brasil caiu 2,4%, apesar do aumento de 13% no rendimento médio da produção catarinense, que foi de 7.356 kg/ha, depois de uma safra afetada negativamente pelo clima.

A combinação de redução de área e de produtividade resultou numa queda de 14,8 % na produção de arroz no Brasil na última safra (Tabela 3). Mesmo com apenas 49% da área brasileira, a produção do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, somada, representou 77,2% da produção do país, pelo fato de os dois estados produzirem quase que exclusivamente na forma irrigada, cujas produtividades são bem superiores às do sequeiro.

A queda na produção do País se refletiu no estoque final (ou estoque de passagem), da safra 2011/12, que diminuiu de 2.570 mil na safra anterior para 1.880 mil toneladas, segundo o levantamento de julho/2012 da Conab (Tabela 4). Esse estoque é o menor desde a safra 2007/08, incluindo a atual. Na safra de 2007/08 houve um pico de preço em maio de 2008 que se repetiu em outubro de 2008 (Tabela 6). É possível, portanto, que as condições para a formação de um novo pico no próximo ano (2013) estejam sendo criadas, como houve no ano de 2008.

Quanto ao comércio internacional, a maior parte das importações de arroz do Brasil é proveniente de três países do Mercosul (Uruguai, Argentina e Paraguai). Em alguns anos quase a totalidade de nossas importações é oriunda destes países. No fluxo inverso, as exportações do arroz brasileiro são dirigidas, na maior parte (cerca de 80%), para a África do Sul, Nigéria, Senegal, Benin, Suíça, Gâmbia e Camarões.

Tabela 3/I. Arroz em casca – Área plantada, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2007/08 – 2011/12⁽¹⁾

Discriminação	Safr				
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Área plantada (mil ha)					
Brasil	2.869	2.905	2.778	2.759	2.409
Rio Grande Sul	1.066	1.111	1.101	1.171	1.038
Santa Catarina	153	149	150	151	149
Maranhão	467	473	482	469	438
Mato Grosso	240	281	235	206	141
Tocantins	156	128	138	128	111
Produção (mil t)					
Brasil	12.061	12.651	11.236	13.444	11.453
Rio Grande Sul	7.336	7.978	6.875	8.942	7.736
Santa Catarina	1.018	1.034	1.042	943	1.097
Maranhão	686	609	590	708	468
Mato Grosso	683	793	687	655	456
Tocantins	421	376	447	458	339
Rendimento médio (kg/ha)					
Brasil	4.204	4.355	4.044	4.872	4.755
Rio Grande Sul	6.885	7.183	6.243	7.636	7.453
Santa Catarina	6.649	6.944	6.925	6.539	7.356
Maranhão	1.467	1.289	1.225	1.509	1.067
Mato Grosso	2.846	2.824	2.920	3.184	3.226
Tocantins	2.688	2.941	3.243	3.577	3.059

⁽¹⁾ Safras 2010/11 e 2011/12: dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2008-2010) e LSPA – junho/2012.

Tabela 4/I. Arroz em casca – Balanço da oferta e demanda – Brasil – Safras 2007/08 -2011/12

Discriminação	Safr				
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Estoque inicial	2.026	2.034	2.532	2.457	2.570
Produção	12.074	12.603	11.661	13.613	11.559
Importação	590	908	1.045	825	900
Suprimento	14.690	15.544	15.237	16.896	15.029
Consumo	11.867	12.118	12.153	12.237	12.149
Exportação	790	894	627	2.090	1.000
Estoque final	2.034	2.532	2.457	2.570	1.880

Fonte: Conab – Julho de 2012.

Produção e mercado estaduais

Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional de arroz, ainda que com uma área bem inferior à de vários outros estados (Tabela 3). As informações do IBGE sobre o Estado de Santa Catarina, para a safra 2011/12 (Tabela 5), são de uma área plantada de 149.129 hectares, uma produção de 1.097 mil toneladas e um rendimento médio de 7.356 kg/ha (147 sacos/ha). Com a ausência de fatores climáticos negativos, na última safra o rendimento médio estadual representou um recorde histórico.

Cerca de um terço da área e da produção se concentra numa única Microrregião Geográfica (MRG), a de Araranguá. Na última safra, a mesorregião Sul Catarinense (Araranguá, Criciúma e Tubarão) contribui com 61,7% da área e com 61% da produção. Praticamente todo o arroz é cultivado de forma irrigada.

Tabela 5/I. Arroz em casca - Área plantada, produção e rendimento, por Microrregião Geográfica de Santa Catarina – Safras 2007/08 – 2011/12

SC-MRG/Safra	Safra				
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Área plantada (ha)					
Santa Catarina	153.100	148.900	150.473	149.943	149.129
Joinville	20.642	20.556	20.552	20.539	19.997
Rio do Sul	11.804	10.910	10.913	9.911	10.788
Blumenau	8.985	8.812	8.987	8.874	8.666
Itajaí	10.490	8.180	8.900	10.290	9.965
Tijucas	2.713	2.710	2.713	2.713	2.713
Florianópolis	3.120	3.308	3.410	3.410	3.400
Tubarão	21.066	21.337	22.057	21.133	21.222
Criciúma	20.666	20.726	20.847	20.757	20.858
Araranguá	50.130	49.480	49.480	50.092	49.910
Outras MRG ⁽¹⁾	3.484	2.881	2.614	2.224	1.610
Produção (mil t)					
Santa Catarina	1.018	1.034	1.042	981	1.097
Joinville	149	149	151	148	152
Rio do Sul	61	82	91	64	90
Blumenau	66	55	66	69	69
Itajaí	72	55	62	74	71
Tijucas	19	19	20	21	21
Florianópolis	15	17	19	19	19
Tubarão	133	151	156	129	154
Criciúma	150	152	135	132	140
Araranguá	344	347	334	319	375
Outras MRG ⁽¹⁾	8	8	8	6	6
Rendimento médio (kg/ha)					
Santa Catarina	6.649	6.944	6.925	6.539	7.356
Joinville	7.218	7.248	7.347	7.146	7.601
Rio do Sul	5.167	7.516	8.339	6.477	8.343
Blumenau	7.346	6.241	7.344	7.827	7.962
Itajaí	6.864	6.724	6.966	7.169	7.125
Tijucas	7.003	7.011	7.372	7.626	7.741
Florianópolis	4.808	5.139	5.572	5.454	5.588
Tubarão	6.313	7.077	7.073	6.077	7.257
Criciúma	7.258	7.334	6.476	6.383	6.712
Araranguá	6.862	7.013	6.750	6.369	7.514
Outras MRG ⁽¹⁾	2.296	2.777	3.060	2.698	3.727

⁽¹⁾ São as outras onze MRG com área menor que 1.000 hectares.

Fonte: IBGE.

Relação preço/custo

O preço da saca de 50 quilos iniciou o ano de 2010 acima de R\$ 34,00 e terminou um pouco abaixo de R\$ 27,00. Em maio e junho de 2011 já havia caído abaixo dos R\$ 20,00, o mais baixo dos últimos 37 anos (Tabela 6), provocando uma crise sem precedentes entre os produtores de arroz, sobretudo entre os arrendatários. Já no primeiro semestre de 2012 o preço melhorou e a produtividade também subiu (Tabela 5), amenizando um pouco a crise entre os produtores.

Quanto à viabilidade econômica da cultura nos últimos anos, pela Tabela 6 percebe-se que o maior preço das últimas quatro safras ocorreu em outubro de 2008, atingindo R\$ 39,59 e o menor em maio de 2011, que chegou a R\$ 19,89. Na média deste período (outubro/08 a maio/11, cujo preço vai do máximo ao mínimo), o preço foi de R\$ 30,80. Todos os preços foram corrigidos para abril/2012. Pelo lado do custo, segundo dados da Epagri/Cepa, o da safra 2011/12 foi de R\$ 33,14 por sacco, considerando-se a produtividade média dos últimos três anos (Tabela 5), que foi de 140 sacos por hectare. Portanto, para os produtores com produtividade de 140 sc/ha ou menor, considerando o preço médio do período, que foi de R\$ 30,80, a cultura não foi economicamente viável nas últimas três safras. Ela só foi economicamente viável nesse período para produtividades superiores a 157 sacos por hectare.

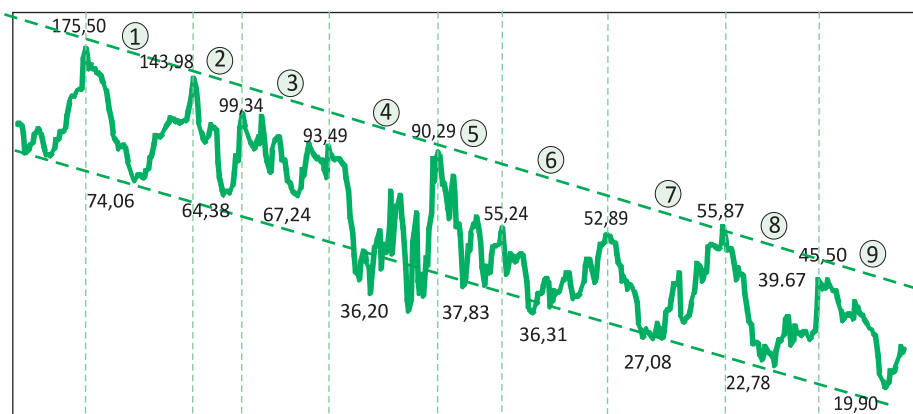
Tabela 6/l. Arroz – Preços pagos ao produtor em Santa Catarina – 2001-12 – Corrigidos para abr./2012 (R\$/saca 50kg)

Mês	Ano											
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Jan.	30,03	40,33	41,83	55,87	36,35	25,24	28,44	27,16	36,99	34,60	24,38	24,27
Fev.	29,28	31,59	39,50	51,48	32,50	24,68	26,04	28,00	37,03	33,39	21,67	25,94
Mar.	27,57	30,39	42,06	47,92	30,43	24,66	26,75	28,53	35,28	32,29	21,36	25,06
Abr.	27,08	30,33	41,53	48,02	29,83	24,18	29,54	32,27	34,23	31,52	20,58	25,35
Maio	28,71	30,71	48,94	48,59	26,24	22,78	28,24	39,63	32,46	31,52	19,89	25,78
Jun.	31,87	31,33	49,54	46,63	26,39	24,99	28,16	38,77	30,47	30,76	19,90	25,92
Jul.	32,62	32,45	49,63	44,57	26,46	26,88	28,06	37,45	30,76	29,89	20,49	...
Ago.	32,74	34,31	49,32	39,67	26,28	26,93	27,67	37,68	31,68	29,48	22,02	...
Set.	34,71	36,45	48,81	42,84	24,57	26,80	28,60	37,79	31,68	29,03	22,06	...
Out.	38,71	39,75	48,60	41,12	23,74	27,80	28,44	39,59	31,83	28,65	22,00	...
Nov.	38,62	43,93	48,37	41,05	24,47	30,61	27,86	38,35	31,37	28,07	22,75	-
Dez.	38,55	43,16	49,78	40,73	25,76	31,29	27,09	37,57	30,67	27,82	22,69	-
Média	32,54	35,39	46,49	45,71	27,75	26,40	27,91	35,23	32,87	30,59	21,65	

Fonte e elaboração: Epagri/Cepa com base no IGP-DI da FGV.

Movimento cíclico do preço

Se o mercado continuar com o mesmo comportamento observado há mais de 35 anos, as perspectivas para o ano de 2013 são de preços em alta. É o que se pode concluir da leitura da Figura 1. Nos oito ciclos completos de preço (trajetória do preço entre um pico e o pico seguinte) ocorridos entre 1975 e 2008, o preço fez o mínimo do ciclo sempre na metade do período. O ciclo nove ainda está em desenvolvimento, mas tudo indica que o preço observado em meados de 2011 foi o mínimo deste ciclo por ter decorrido a metade de um ciclo de cinco anos a partir do seu último pico. Assim, a projeção gráfica aponta para um período de preços crescentes até o final de 2013 ou início de 2014, onde será formado o pico final do ciclo atual (ciclo 9). Isso só não acontecerá se o preço não repetir o mesmo comportamento histórico observado nos últimos 37 anos.



1972 1974 1976 1978 1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012

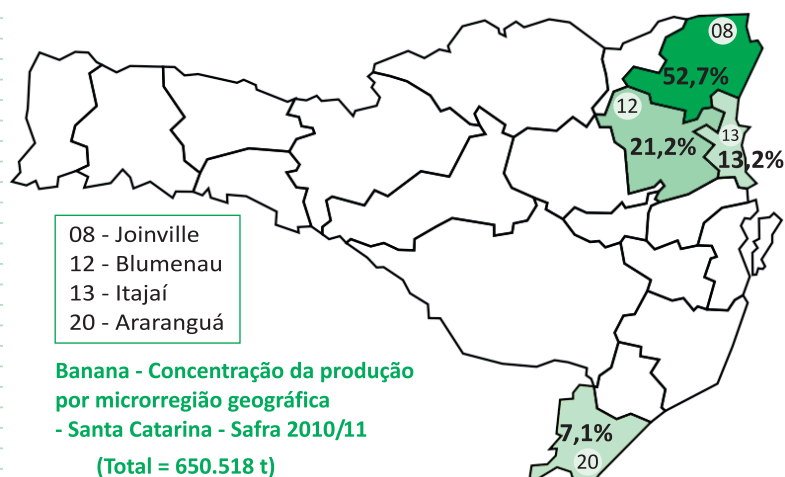
OBS: O preço foi corrigido pelo IGP-FGV.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 1/I. Arroz - Os ciclos de preço entre 1972 e 2012, a preços de abril/2012

BANANA

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Cerca de 120 países se dedicam ao cultivo da banana. Em alguns deles, essa atividade se destaca como uma das principais fontes de arrecadação e geradora de emprego e renda. O continente asiático lidera a produção dessa fruta, contribuindo com 58% do volume produzido; o americano vem em segundo lugar, com 27% (América do Sul, com 19% e a América Central, com 8%) e o africano, em terceiro lugar, com 13%.

Dentre as frutas, a banana destaca-se na primeira posição no ranking mundial, com uma produção de 102,2 milhões de toneladas. A melancia vem em segundo lugar, com 89 milhões de toneladas (FAO, junho de 2012) - Figura 1.

Na maioria dos países produtores, a exploração da bananicultura tem se expandido bastante, praticamente triplicando o volume produzido, passando de 35 milhões de toneladas na safra 1978 para 102 milhões de toneladas na safra 2010.

Esse desempenho positivo é resultante, principalmente, de uma melhor produtividade obtida em decorrência do uso intensivo de tecnologia pelos produtores.

A Índia permanece liderando a produção no ranking mundial, sendo responsável por 28,1%. Em seguida, vêm a China, com 9,3%; Filipinas, com 8,9%; Equador, com 7,8%; Brasil, com 6,9% e Indonésia, com 5,7%.

Nas últimas cinco safras, o maior rendimento médio por área colhida pertence à Nicarágua, perfazendo um total de 55,6 t/ha, praticamente três vezes maior que a média mundial, de 19,3 t/ha. Os maiores produtores, portanto, não são necessariamente os mesmos que obtêm os maiores ganhos por área cultivada (Tabela 1).

O consumo de banana tem aumentado entre a população graças ao empenho do setor produtivo, que atua na qualificação da produção e do setor mercadológico, primando pela apresentação, embalagem,

bem como a divulgação dos benefícios gerados. É a segunda fruta mais consumida no planeta, com 10,83 kg/hab/ano, sendo a laranja a primeira, com 12,82 kg/hab/ano. A América do Sul é a maior consumidora, com 21,13 kg/hab/ano, seguida pela América Central, com 13,9 kg/hab/ano, e Oceania, com 11,26 kg/hab/ano (FAO, 2012).

Dentre as frutas “in natura” comercializadas nos principais centros consumidores mundiais, a banana se destaca, apresentando o maior movimento financeiro, seguida pela uva, maçã e laranja.

As exportações mundiais de banana apresentam nos últimos anos um desempenho positivo. Em 2009, foram comercializadas 18,3 milhões de toneladas e totalizaram 8,1 bilhões de dólares. Embora o volume negociado tenha crescido apenas 0,3%, o montante financeiro subiu 6%, em relação ao ano anterior. Dentre os exportadores, o mercado equatoriano apresenta o melhor desempenho, responsável por 24,5% do montante das vendas mundiais, seguido pela Bélgica, com 16,9% e Colômbia, com 9,7% (Tabela 2).

Pelo lado das importações, os mercados mundiais adquiriram um volume total de 16,7 milhões de toneladas e desembolsaram 11,2 bilhões de dólares. Os Estados Unidos lideram as compras, responsáveis por 22% do volume total adquirido, representando 1,8 bilhão de dólares. Entretanto, a Bélgica, com apenas 8% do volume adquirido, desembolsou um total de 1,7 bilhão de dólares (Tabela 3).

Tabela 1/I. Banana – Mundo e principais países – Área colhida, quantidade e rendimento – Safras 2006/10

País	2006	2007	2008	2009	2010
Área colhida (1000 ha)					
Mundo	4.884	4.905	4.778	4.843	4.772
Índia	604	658	709	770	844
China	296	318	329	350	414
Filipinas	429	437	439	446	450
Equador	209	197	216	216	216
Brasil	505	515	513	480	487
Indonésia	321	338	106	105	98
Quantidade (1000 t)					
Mundo	84.327	89.191	93.745	95.817	102.115
Índia	20.998	23.823	26.217	26.470	31.898
China	7.115	8.038	8.042	9.006	9.849
Filipinas	6.795	7.484	8.688	9.013	9.101
Equador	6.127	6.002	6.701	7.637	7.931
Brasil	6.956	7.098	6.998	6.783	6.978
Indonésia	5.037	5.454	6.005	6.374	5.815
Os maiores rendimentos mundiais (kg/ha)					
Mundo	17.266	18.183	19.618	19.784	21.399
Nicarágua	54.608	61.229	49.570	65.535	47.200
África do Sul	49.810	49.393	49.452	49.441	49.468
Turquia	45.507	42.881	46.490	47.189	47.466
Israel	52.987	49.197	42.593	46.872	44.874
Egito	39.239	41.106	44.767	46.800	45.398
Guatemala	39.268	39.397	42.219	42.839	43.188

Fonte: FAO (junho de 2012). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Banana – Valor das exportações mundiais e dos principais países – 2005-09

(US\$ milhão)

Ano	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	5.599	5.722	6.666	7.657	8.083
Equador	1.069	1.184	1.282	1.626	1.984
Bélgica	1.096	1.110	1.304	1.510	1.364
Colômbia	465	482	532	616	784
Costa Rica	483	634	675	703	614
Alemanha	296	385	453	525	441
Guatemala	238	217	300	317	415

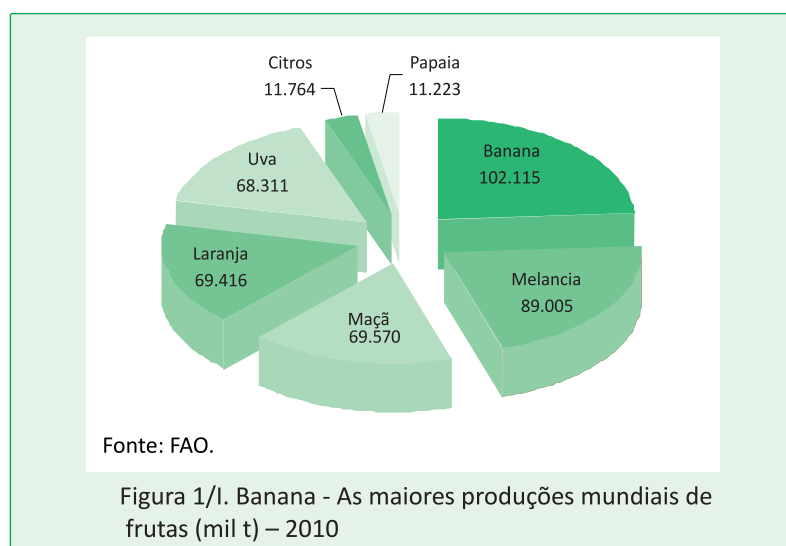
Fonte: FAO (julho de 2012). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 3/I. Banana – Valor das importações mundiais e dos principais países – 2005-09

(US\$ milhão)

Ano	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	8.543	8.767	9.834	11.401	11.180
Estados Unidos	1.251	1.347	1.402	1.539	1.751
Bélgica	1.085	1.304	1.477	1.915	1.597
Alemanha	933	851	1.032	1.091	1.029
Japão	589	564	581	829	790
Reino Unido	604	588	680	697	710
Federação Russa	450	480	584	670	630

Fonte: FAO (julho de 2012). (Disponível em <http://www.fao.org>).



Produção e mercado nacionais

Depois da laranja, a banana é a fruteira mais cultivada no Brasil. Devido a sua característica, o seu consumo tem aumentado a cada ano, alcançando cerca de 31kg/hab/ano (FAO, 2012).

Safra nacional 2011

A safra brasileira 2011 de banana apresentou uma área colhida de 488,9 mil hectares, quantidade de 7,105 milhões de toneladas e rendimento médio de 14,5 toneladas por hectare. Em comparação com os resultados da safra anterior, houve acréscimo na área (0,4%), na produção (2,0%) e no rendimento médio (1,6%) (IBGE/LSPA, junho de 2012).

Excepcionalmente nessa safra, o Distrito Federal apresenta a maior produtividade nacional, alcançando um total de 28,1 toneladas por hectare, o dobro da média nacional. Na segunda posição, vem o Rio Grande do Norte, com 25,8 toneladas por hectare; seguido pelo Paraná, com 22,8 toneladas por hectare; São Paulo, com 22,6 toneladas por hectare e Santa Catarina, com 21,4 toneladas por hectare (Tabela 4).

A exploração da bananicultura ocorre em praticamente todo o território nacional. As condições de clima (temperatura, umidade relativa, precipitação e insolação) favorecem e permitem uma produção bem distribuída durante todo o ano, com maiores variações para cima nas estações mais quentes, atendendo de forma regular as necessidades internas, além de gerar um excedente que é comercializado nos mercados de alguns países do Mercosul e da Europa.

Nos últimos anos, as vendas brasileiras de banana para o mercado internacional têm diminuído, embora os preços médios tenham-se apresentados crescentes. Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), em 2011 foram comercializados um total de 110,1 mil toneladas, gerando um montante financeiro de 39,3 milhões de dólares, caindo 21,1% e 13,5%, respectivamente, em relação ao ano anterior (Figura 2).

Uma peculiaridade das exportações brasileiras é que os estados das regiões Sul e Sudeste destinam a maior parte de suas produções para os mercados argentino e uruguaio, enquanto os estados do Nordeste, destacando-se o Rio Grande do Norte e o Ceará, comercializam a fruta para os mercados da Europa, destacando-se o Reino Unido, a Holanda, a Alemanha e a Itália. Esses mercados, além de mais seguros, garantem ao setor melhores resultados financeiros.

Em 2011, os países que mais desembolsaram na aquisição da fruta brasileira foram a Alemanha, com 31,0%, seguida pelo Uruguai, com 24,9%, o Reino Unido, com 15,8% e a Argentina, com 14,5%, perfazendo uma soma total de 33,9 milhões de dólares.

Safra nacional 2012

As estimativas para a safra nacional 2012 de banana indicam uma área a ser colhida de 487,3 mil hectares, quantidade produzida de 7,04 milhões de toneladas e um rendimento médio de 14,4 toneladas por hectare (IBGE/LSPA, junho de 2012).

A falta ou excesso de chuvas afetaram o desenvolvimento e a qualidade dos bananais nas principais regiões produtoras brasileiras. Em alguns casos, as lavouras foram inundadas, enquanto em outros os tratamentos culturais foram realizados precariamente (Tabela 4).

A comercialização da fruta nos principais centros consumidores nacionais transcorre dentro do esperado, com o produto sendo ofertado ao consumidor, principalmente, através das centrais de abastecimento, redes de supermercados e atacadistas.

Em 2011, o desempenho das exportações nacionais de banana não foi dos melhores. Exceto o Rio Grande do Sul, com participação de apenas 1,3% na fatia do mercado, houve aumento de 116,6% no valor e de 22,1% no volume, nos demais estados foram decrescentes, contribuindo para que as vendas totais caíssem 21,1% no volume e 13,5% no montante financeiro, em comparação com 2010. As variáveis responsáveis por esse comportamento foram a moeda brasileira bastante valorizada e os reflexos da crise mundial iniciada em 2008 (Figura 2).

Em 2012, somente nos seis primeiros meses, as exportações nacionais de banana caíram 30,9% no volume e 24,4% no valor, consequência de um mercado pouco comprador: a Argentina diminuiu em 65% e a Alemanha em 61% suas aquisições. Para o segundo semestre, a expectativa do setor é de um aumento gradual nas vendas do produto, estimulado, principalmente pela valorização do câmbio. (Figura 3)

Tabela 4/I. Banana – Brasil e principais estados produtores – Área colhida, produção e rendimento – Safras 2008/12

Discriminação	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	2012 ⁽¹⁾
Área colhida (ha)					
Brasil	513.097	479.614	486.991	488.878	487.327
São Paulo	56.224	53.078	55.892	54.236	53.128
Bahia	91.259	65.487	66.623	73.508	68.983
Minas Gerais	36.372	39.194	40.472	41.409	41.824
Santa Catarina	30.931	30.922	30.409	30.427	30.613
Pernambuco	42.530	42.910	45.538	43.064	47.721
Pará	43.213	38.925	41.711	40.575	40.871
Ceará	43.511	44.742	46.220	47.745	47.040
Quantidade produzida (t)					
Brasil	6.998.150	6.783.490	6.962.792	7.104.661	7.043.636
São Paulo	1.225.083	1.257.539	1.231.823	1.226.063	1.201.650
Bahia	1.417.537	1.015.505	1.079.050	1.221.246	1.085.861
Minas Gerais	535.824	620.931	654.444	654.566	686.293
Santa Catarina	575.798	624.204	663.892	650.518	646.516
Pernambuco	395.209	437.155	517.285	486.651	558.024
Pará	555.814	501.344	539.979	537.699	551.926
Ceará	423.016	429.506	445.169	494.250	448.623
Os maiores rendimentos estaduais (kg/ha)					
Brasil	13.639	14.144	14.298	14.533	14.454
Rio Grande do Norte	22.265	26.077	26.002	25.767	25.999
Paraná	25.025	23.200	23.078	22.800	23.192
São Paulo	21.789	23.692	22.039	22.606	22.618
Distrito Federal	20.252	20.163	21.630	28.057	22.222
Santa Catarina	18.616	20.186	21.832	21.380	21.119
Piauí	13.691	14.741	15.125	18.262	18.335

⁽¹⁾ Safras 2011 e 2012 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2008-2010) e LSPA-junho/12 (2011 e 2012).

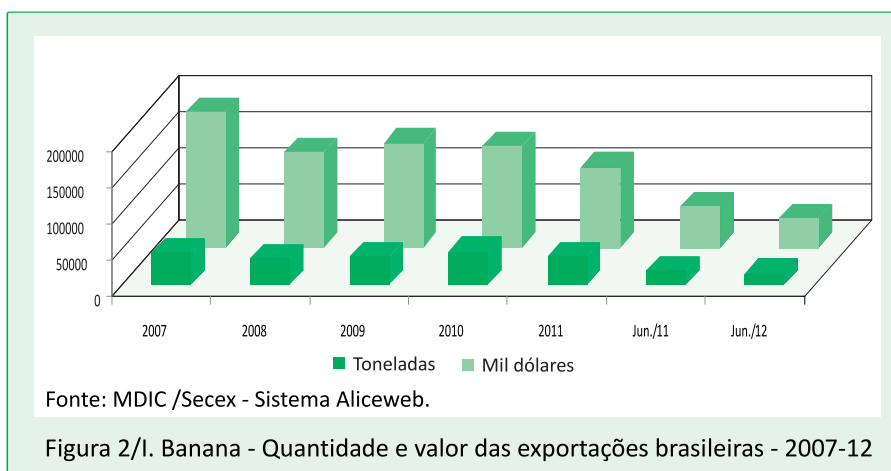


Figura 2/I. Banana - Quantidade e valor das exportações brasileiras - 2007-12

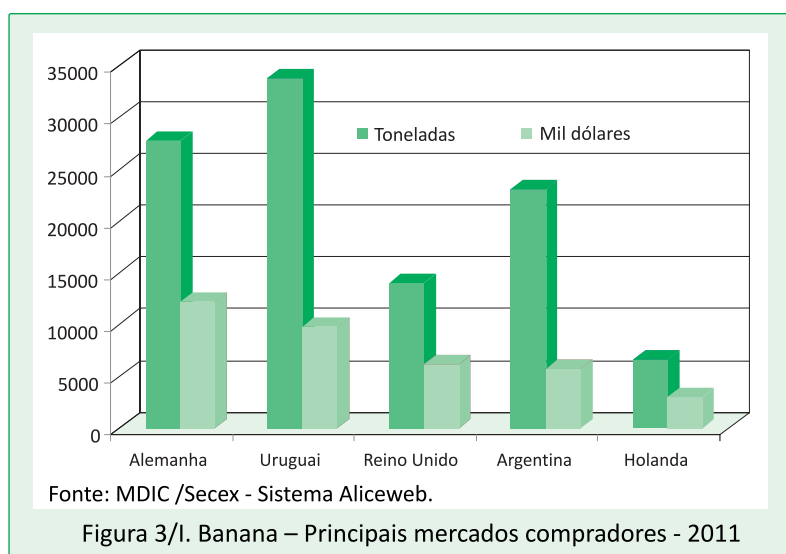


Figura 3/I. Banana – Principais mercados compradores - 2011

Produção e mercado estaduais

Safra catarinense 2011

Santa Catarina destaca-se no cenário nacional como o quarto maior produtor de banana. São aproximadamente seis mil produtores que exploram essa atividade. O Litoral Norte do Estado concentra 85% da produção, onde predominam os cultivares Nanica e Nanição, componentes do tipo Caturra, também conhecida como Banana D'água. Já no Litoral Sul, que representa cerca de 9% da produção, os cultivares mais usados são a Enxerto e a Branca de Santa Catarina, componentes do tipo Prata também conhecidas como Branca em alguns estados da Federação.

A safra catarinense de 2011 colheu um total de 30,4 mil hectares, que representou 650,5 mil toneladas, obtendo um rendimento médio de 21,4 toneladas por hectare. Em comparação com os dados da safra passada, observa-se que a área colhida praticamente se manteve, o rendimento encolheu 2,1% e a produção diminuiu 13.374 toneladas.

Durante a safra foi observada a ocorrência de fatores climáticos adversos, como excesso de chuva – com alagamento de lavouras em alguns municípios da Microrregião Geográfica de Joinville nas primeiras quinzenas de fevereiro e março de 2011 –, o frio fora de época, a queda de granizo e os vendavais que afetaram de forma isolada os bananais catarinenses, gerando alguns prejuízos ao setor.

No quadro do balanço de oferta de banana, Santa Catarina é superavitária. O excedente gerado é comercializado nos principais centros consumidores do País, bem como nos países do Mercosul, com destaque para os mercados argentino e uruguaio.

Em 2011, a produção estadual foi comercializada seguindo um roteiro bastante semelhante ao do ano anterior: no Litoral Norte, 42% da produção foi absorvida no mercado interno (distribuída entre 26% para consumo “in natura” e 16% pelas indústrias de processamento); 25% seguiu para o mercado interestadual, principalmente para os centros consumidores do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Grande Belo Horizonte; os 15% restantes foram para exportação, destinados principalmente para os consumidores argentinos e uruguaios.

Da produção obtida no Sul do Estado, aproximadamente 60% foi comercializada na própria região, seja para atender o consumo do produto “in natura” ou para suprir a demanda das indústrias que utilizam a matéria-prima com vista à produção de balas, doces, dentre outros itens. A preferência desse mercado pela banana prata se dá em função do seu maior rendimento e do melhor sabor do produto final. Os demais 40% da produção destinam-se principalmente para os grandes mercados consumidores do Rio Grande do Sul.

Há que ressaltar as acentuadas perdas com a fruta, em torno de 20%, que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor, que oneram sobremaneira os custos financeiros e causam prejuízos à atividade.

Em comparação com 2010, em 2011 os preços da banana caturra pagos ao produtor durante os meses de janeiro, fevereiro, maio, agosto e setembro foram melhores remunerados, apresentando ganhos médios (nesses meses) de 23%, enquanto nos meses de março, junho, novembro e dezembro tiveram perdas médias de 9%. Nos demais meses do ano os valores praticamente se mantiveram inalterados. Para a banana prata, em janeiro, os preços cresceram 22%, em fevereiro praticamente dobraram, com 98%, e em dezembro remuneraram mais 13%, enquanto que no período de março a julho as variações de crescimento oscilaram entre 4% e 7%. Somente nos meses de setembro e outubro que os preços decresceram 9,5%.

Sob a ótica do mercado atacadista, os preços da banana caturra tiveram um crescimento anual de 2,4%, enquanto os da banana prata caíram 2,9%. Na banana caturra, os meses de janeiro, fevereiro, abril, maio, agosto, setembro e outubro tiveram uma remuneração média de 10%, enquanto nos demais meses os valores diminuíram em média 5%. Para a banana prata, os preços foram remuneradores somente no primeiro quadrimestre de 2011. Mantiveram-se inalterados nos meses de novembro e dezembro, enquanto nos demais meses do ano caíram entre 1% e 11%.

As condições climáticas desfavoráveis geraram uma maior oferta de fruta de baixa qualidade. O mercado, mais abastecido devido à dificuldade nas exportações, e a concorrência com o produto de outros estados contribuíram para esse quadro de preços poucos estimulantes e, em alguns casos, tornaram-se motivo de preocupação dos segmentos produtivo e de comercialização (Tabelas 5 e 6).

Safra catarinense 2012

A safra catarinense de 2012 de banana apresenta uma área a ser colhida de 30,6 mil hectares, devendo alcançar uma produção de 646,5 mil toneladas, com rendimento médio de 21,2 toneladas por hectare.

Em comparação com os dados da safra passada, a quantidade produzida praticamente se mantém (caem apenas quatro mil toneladas). O aumento de 0,6% na área quase anulou a queda de rendimento de 1,2% (IBGE/LSPA, junho de 2012) – Tabela 4. O principal responsável pelo fraco desempenho da lavoura foram falta ou excesso de chuvas, ventos frios, frio fora de época durante o ciclo vegetativo da lavoura, fenômenos que interferiram na produtividade e na qualidade da fruta, bem como na regularidade da oferta no mercado consumidor em alguns municípios produtores.

Por município, as maiores produções se concentram em Corupá, responsável por 20,3%, seguido por Luiz Alves, com 19,1%, Massaranduba, com 8,4%, Jacinto Machado, com 6,9% e Jaraguá do Sul, com 6,0%. A soma desses municípios perfaz 60,7% da produção estadual, ou seja, 403,1 mil toneladas.

Ao contrário da safra passada, no primeiro semestre deste ano, as cotações de preços em seus diferentes níveis tiveram um comportamento crescente, agradando os diversos segmentos da bananicultura catarinense.

No período, o produtor da banana caturra conseguiu uma valorização de 76,7% na venda de sua produção, enquanto a banana prata, embora não tenha tido remuneração tão generosa, alcançou a cifra de 23,1% de acréscimos.

No atacado, os preços também estiveram bastante valorizados. A banana caturra cresceu 58,2% e a prata 12,8% (Tabelas 5 e 6).

Para o segundo semestre de 2012, os preços no produtor e atacado devem continuar valorizados em Santa Catarina. A expectativa do bananicultor estadual é de manutenção das vendas nos principais centros consumidores nacionais e de expansão do número de negócios para o Mercosul. O Estado destaca-se no cenário nacional como o maior exportador de banana.

Tabela 5/I. Banana – Santa Catarina – Preço mensal no produtor – 2007-12

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Banana caturra – R\$/cx 18 a 22 kg												
2007	2,79	2,25	4,64	4,88	3,08	2,67	4,19	4,67	7,08	6,45	4,88	8,50
2008	7,80	6,97	7,50	7,69	6,83	7,00	7,00	7,69	7,75	6,20	6,95	6,53
2009	3,00	3,23	3,92	7,68	7,25	6,03	6,90	8,86	8,68	9,00	7,66	4,20
2010	3,75	3,29	6,36	7,56	6,17	6,81	7,03	7,00	7,55	8,85	7,29	7,00
2011	5,65	4,29	5,08	7,42	6,83	6,40	6,84	8,35	9,00	9,00	6,97	6,50
2012	8,89	8,92	8,84	12,07	13,00	11,74	-	-	-
Banana prata – R\$/cx 18 a 22 kg												
2007	10,44	9,87	10,23	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,37	11,00	11,00	11,00
2008	12,00	12,00	12,00	12,00	12,28	13,00	13,00	13,00	13,00	12,68	12,00	11,86
2009	10,00	10,00	10,00	10,61	12,00	12,00	12,07	12,35	11,48	10,15	10,00	9,96
2010	7,55	5,14	10,43	11,43	11,80	12,17	12,24	11,90	11,93	10,69	9,18	8,29
2011	9,25	10,20	11,14	12,00	12,50	12,62	13,00	11,97	10,48	10,00	9,60	9,38
2012	11,53	13,68	14,07	14,90	15,16	14,00	14,91	16,00	16,00	-	-	-

Fonte: Epagri/Cepa.

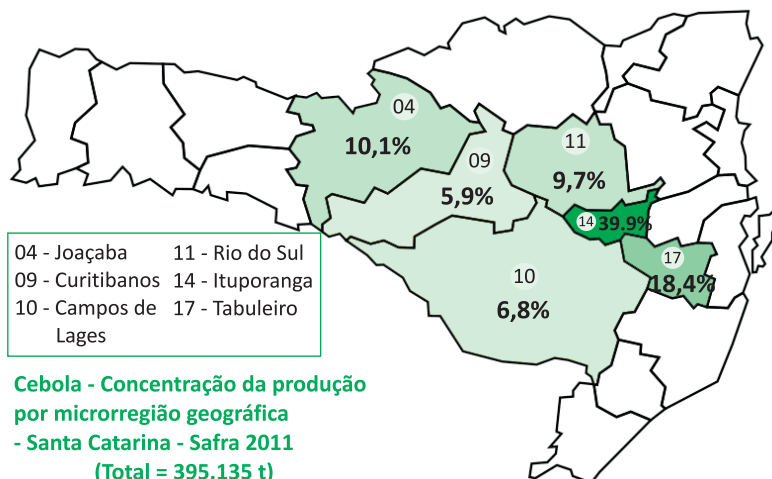
Tabela 6/l. Banana – Santa Catarina – Preço mensal no atacado – 2007-12

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Banana caturra – R\$/cx 18 a 22 kg												
2007	5,32	4,63	6,52	6,76	4,97	4,75	6,14	6,64	8,79	8,27	6,79	11,00
2008	10,20	8,92	9,85	10,10	8,64	8,50	8,50	9,88	10,00	8,43	8,64	8,13
2009	6,50	4,93	5,42	9,82	9,93	8,29	9,39	12,33	12,47	12,00	10,61	7,00
2010	6,50	6,00	8,17	9,56	9,00	9,00	9,90	10,00	10,10	11,00	9,55	9,00
2011	7,90	6,84	7,36	9,79	9,36	8,50	8,50	10,76	11,19	12,00	9,44	8,75
2012	11,56	12,00	12,00	14,00	15,00	14,16	-	-
Banana prata – R\$/cx 18 a 22 kg												
2007	16,50	16,00	16,00	16,36	17,00	17,00	17,00	17,00	17,32	18,00	18,00	18,00
2008	20,00	20,00	20,00	20,05	21,44	22,00	22,00	21,45	20,64	20,00	20,00	19,86
2009	19,32	18,77	20,00	20,00	20,90	21,00	21,60	21,30	19,24	19,70	20,00	20,00
2010	20,00	20,00	20,75	21,00	22,00	22,69	22,93	22,35	23,65	22,61	20,63	19,75
2011	20,30	20,80	21,07	21,50	21,82	20,97	21,00	21,16	21,00	21,00	20,65	19,69
2012	21,64	23,58	23,73	24,00	24,73	25,00	25,91	26,70	26,00	-	-	-

Fonte: Epagri/Cepa.

CEBOLA

Daniel Rogério Schmitt
Eng. Agr. Epagri/Ituporanga
danielschmitt@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Em 2010, a superfície mundial cultivada com cebola alcançou 3,7 milhões de hectares. A produção mundial, por sua vez, foi de 74,2 milhões de toneladas. Quando se compara a área cultivada e a produção total, observa-se que nos últimos 50 anos os índices apresentaram-se crescentes e, entre 2000 e 2010, percebem-se aumentos respectivos que variam entre 30 e 50% (Tabela 1).

Em 2009 se destacaram a Índia, Holanda, China e México como principais exportadores e Bangladesh, Malásia, Rússia e Reino Unido como os principais importadores. O Brasil é 10º maior importador, com importações anuais que oscilam entre 180 e 200 mil toneladas. Historicamente a Argentina é o principal fornecedor brasileiro, representando, na maioria dos anos, mais de 90% da cebola fornecida. Holanda, Espanha e Chile complementam as importações brasileiras.

Tabela 1/I. Cebola – Produção total e dos principais países – 2006-10
(mil t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	66.626	71.841	73.052	72.036	74.251
China	19.598	20.567	20.823	21.047	20.508
Índia	10.847	13.900	13.565	12.159	13.372
Estados Unidos	3.250	3.612	3.407	3.428	3.321
Egito	1.120	1.486	1.949	2.129	2.208
Irã	2.038	2.014	1.849	1.522	1.923
Turquia	1.765	1.859	2.007	1.850	1.900
Paquistão	2.056	1.816	2.015	1.704	1.701
Brasil	1.346	1.360	1.367	1.512	1.556
Federação Russa	1.789	1.318	1.713	1.602	1.536

Fonte: FAO (agosto/2012).

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de cebola em 2011 foi de 1.356 mil toneladas, com área cultivada de 59.846 hectares e rendimento médio de 22.658 kg/ha. Esta quantia representa uma redução de 12,9% em relação à safra anterior. A diminuição na produção colhida resultou quase que totalmente da redução da área cultivada (12,4%), mostrando uma adaptação do cultivo à realidade do mercado nacional (Figura 1). Em 2010, por conta da produção recorde e da grande oferta, os preços foram baixos e produtores de algumas regiões do País venderam os bulbos a preços inferiores ao custo de produção, principalmente no sul.

A produção nacional de cebola na última década apresentou crescimento contínuo por conta do aumento no rendimento médio das lavouras. No final dos anos 90 a produtividade média era de 15 t/ha e atingiu 22,8 t/ha em 2009 (Figura 2). Todavia, nas últimas três safras analisadas, a produtividade estagnou em cerca de 20 t/ha. As primeiras avaliações mostram que os problemas climáticos são a principal causa desta estagnação, mas a maior adoção de tecnologia é uma necessidade urgente em muitas regiões produtoras do Brasil para que a tendência crescente se mantenha. Os rendimentos obtidos variam consideravelmente no País: de 57 t/ha em Minas Gerais e Goiás a cerca de 20 t/ha no Rio Grande do Sul e Paraná (Tabela 2).

Os estados do Sul do Brasil foram responsáveis por 57,7% da produção nacional em 2011, e abasteceram o mercado de outubro a maio. Já o Sudeste respondeu por 21,3% e o Nordeste por 20,9% da produção bruta e abasteceram o mercado de abril a novembro. A produção de outras regiões do País é pouco significativa (Figura 3).

Novos avanços na tecnologia adotada são urgentes no Brasil, uma vez que o crescimento na produção mundial é resultado dos avanços em área cultivada e produtividade de países com tradição exportadora, com destaque para a Holanda. Com preços competitivos e logística de comercialização, esses países têm ofertado cebola para diversos mercados emergentes da América do Sul e África, prejudicando a produção local.

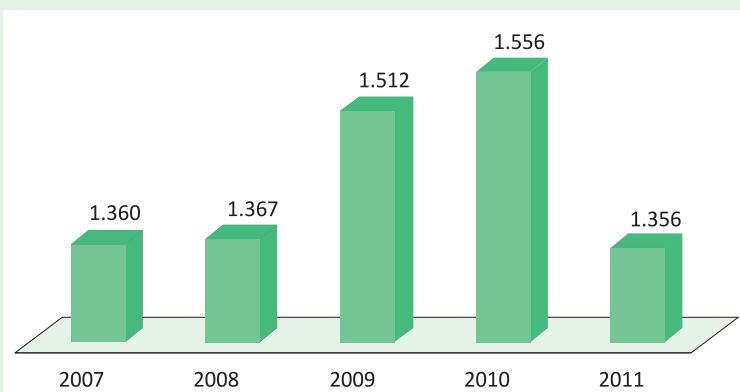
O mercado brasileiro em 2011 se mostrou sem grandes variações nos preços. No primeiro semestre, a oferta suficiente, a baixa qualidade da cebola do Sul do Brasil, bem como da Argentina, contribuíram para manter os preços abaixo de R\$ 0,50/kg, valor considerado baixo pelos produtores. No segundo semestre houve elevação dos preços que atingiram cerca de R\$ 0,70/kg em setembro, porém as importações de cebola da Europa, em especial da Espanha e da Holanda, provocaram especulações no mercado. Assim os preços recebidos pelos produtores recuaram novamente, fechando o ano abaixo de R\$ 0,50 o quilo.

Tabela 2/I. Cebola – Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2009/11

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Bahia	9.757	12.654	8.868	224.961	297.045	189.996	23.056	23.474	21.425
Pernambuco	6.575	5.245	4.605	142.870	107.974	93.341	21.729	20.586	20.269
Minas Gerais	2.228	2.101	2.401	110.264	118.649	138.233	49.490	56.473	57.573
São Paulo	7.058	6.250	4.810	211.286	181.727	151.352	29.935	29.076	31.466
Paraná	7.297	7.650	8.172	129.728	132.896	162.787	17.778	17.372	19.920
Rio G. do Sul	10.789	11.130	11.308	171.736	180.186	225.137	15.922	16.189	19.910
Santa Catarina	21.271	22.224	19.682	454.348	537.521	395.135	21.562	24.187	20.076
Brasil	66.216	67.254	59.846	1.511.853	1.555.998	1.355.981	22.902	23.136	22.658

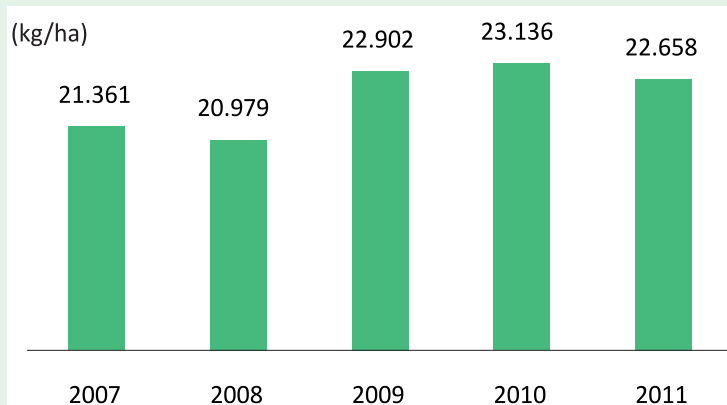
⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.



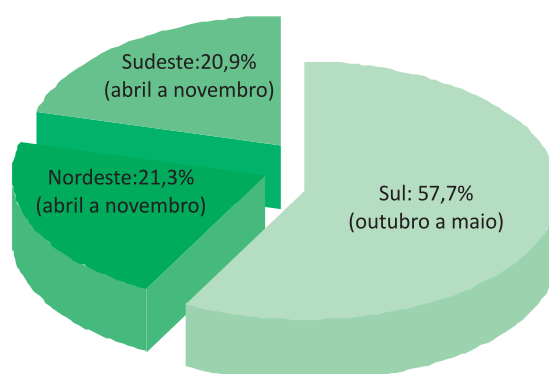
Fonte: IBGE.

Figura 1/l. Cebola - Desempenho da produção brasileira (mil t) - Safras 2007/11



Fonte: IBGE.

Figura 2/l. Cebola - Evolução da produtividade no Brasil - Safras 2007/11



Fonte: Epagri/Ituporanga.

Figura 3/l. Cebola - Brasil - % de produção por região e época de abastecimento - 2011

Produção e mercado estaduais

Os dados preliminares do IBGE mostram que na safra 2011/12 foram cultivados 19.682 hectares, com produção de 395,1 mil toneladas, e rendimento médio de 20.076 kg/ha. Em relação à jornada anterior houve diminuição na área cultivada em 11,4% (Figura 4). Esta redução pode ser atribuída aos baixos preços praticados na safra anterior que desestimularam muitos produtores, notadamente no Planalto Catarinense. Como o rendimento médio das lavouras também sofreu queda, passando de 24.187 para 20.076 kg/ha, a redução na produção total do estado catarinense foi significativa, conforme demonstrado na Figura 5.

A produtividade foi reduzida em função dos problemas climáticos enfrentados ao longo do ciclo da cultura. Na fase de transplante (julho a setembro) houve excesso de chuva que atrasou essa atividade, prejudicou o desenvolvimento inicial das mudas e aumentou os custos devido à maior necessidade de tratamentos fitossanitários. Por outro lado, na fase de bulbificação das cultivares mais tardias, em especial, a crioula, houve pequena estiagem, resultando em bulbos pequenos e queda acentuada da produção. Todavia, em termos de sanidade e qualidade da produção esta safra foi a melhor das últimas décadas, sendo o produto catarinense bastante valorizado no mercado nacional. A boa conservação dos bulbos permitiu o escalonamento das vendas até maio de 2012, o que contribuiu para a obtenção de preço médio mais alto.

A perda pós-colheita foi estimada em apenas 15%, sendo mais caracterizada pela perda de peso devido ao longo período de armazenagem do que por quebras devido a podridões e outras doenças. Desta forma, estima-se que foram comercializadas aproximadamente 336 mil toneladas ao preço médio ponderado de R\$ 0,69 o quilo. A variação foi expressiva, oscilando de R\$ 0,40 o quilo em outubro/2011 a R\$ 1,30 o quilo em maio/2012 (Figura 6).

Da oferta líquida de 336 mil toneladas, estima-se que somente 252 mil toneladas (75%) foram classificadas como cebolas de calibre adequado às preferências do mercado nacional, ou seja, bulbos da classe 3. O restante – 84 mil toneladas – foi selecionado nas classes 2, 4 e 5 e a sua comercialização rendeu aos cebolicultores valores em média equivalentes a 65% da classe 3, considerada referência de preço. A expectativa era de preço médio superior, porém os volumes comercializados de novembro até início de fevereiro foram altos e os preços neste período oscilaram de R\$ 0,40/kg a R\$ 0,60/kg, que “puxou” a média para baixo. Os baixos preços deste período foram provocados pela importação de cebola, principalmente da Holanda e Espanha, que criou superoferta e especulação no mercado brasileiro.

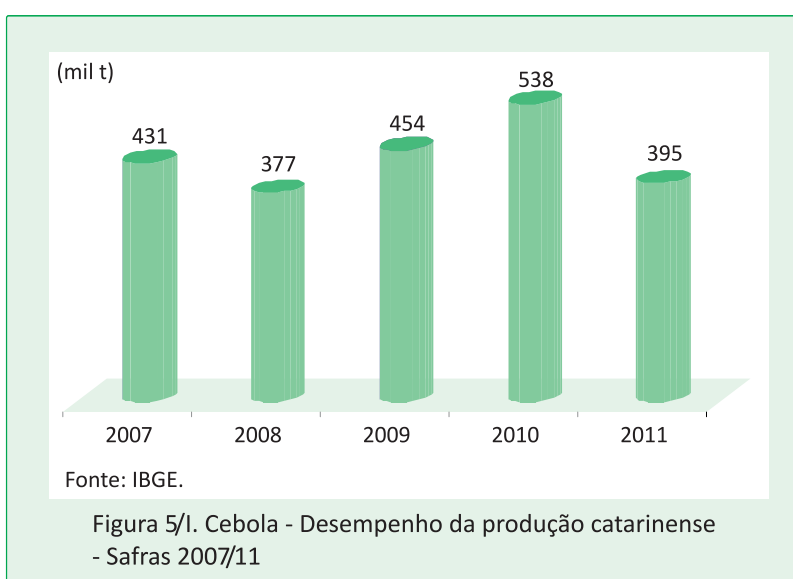
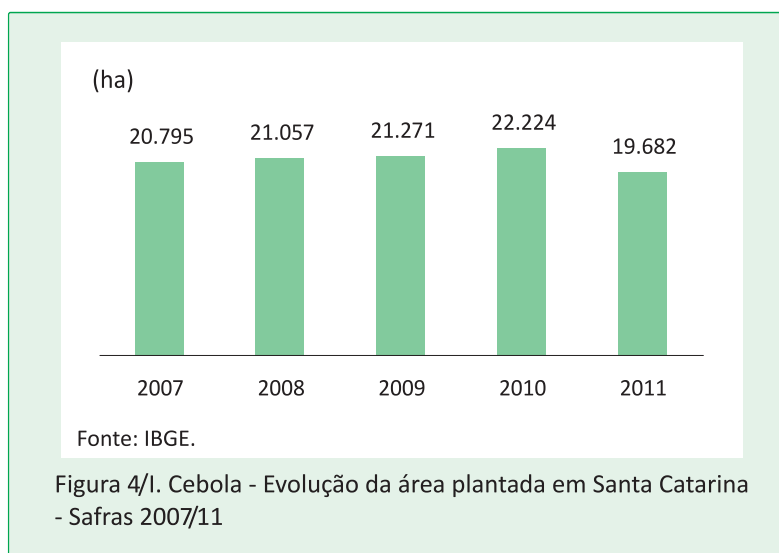
No caso das importações europeias, as quantidades adquiridas pelo Brasil desde outubro/11 até maio/12 não foram tão significativas numericamente (cerca de 40 mil t), quando comparadas com a oferta catarinense. Estas importações não são comuns nesta época do ano, uma vez que a produção brasileira é suficiente para o abastecimento interno e os preços praticados não são atrativos. Porém, as safras dos principais países produtores da Europa em 2011 resultaram em superprodução, garantindo excedentes que reduziram os preços a um terço da média histórica. Isso permitiu a venda por valores tão baixos que tornou a cebola europeia extremamente competitiva no mercado brasileiro, apesar do custo do transporte marítimo. A desvalorização do euro e a crise econômica na Europa também contribuem para aumentar o excedente, pois reduziram o consumo de cebola no Velho Continente.

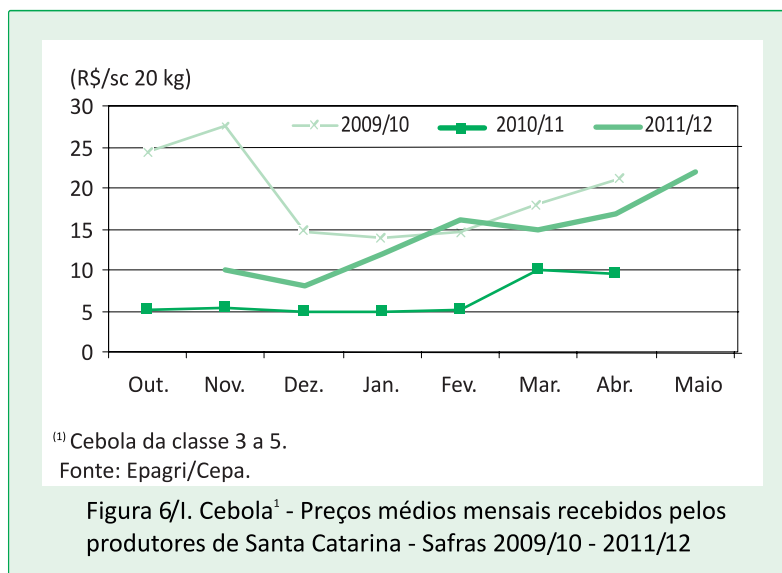
A oferta líquida catarinense para comercialização na safra 2011/12 foi 3,8% inferior à safra anterior, mas o preço médio recebido foi duas vezes superior. Assim, o resultado financeiro total foi de R\$ 211,6 milhões na safra 2011/12 contra apenas R\$ 116,3 milhões da jornada passada, com aumento aproximado de 82%. Estes valores significaram a recuperação econômica de muitos produtores, uma vez que no ano anterior os prejuízos foram elevados, resultando no pior desempenho financeiro da cebolicultura catarinense na última década.

Com relação à safra 2012/13, os dados preliminares do IBGE apontam para uma área cultivada levemente inferior ao ano anterior em Santa Catarina. Apesar dos bons preços da última jornada, as dificuldades com a contratação de mão de obra para o transplante e a colheita da cebola vêm modificando o sistema de produção de cebola em Santa Catarina. Com a maior rigidez da fiscalização na formalização da contratação de trabalhadores temporários e também com a diminuição da oferta de mão de obra, os produtores têm optado por fazer semeadura direta ou mudar de cultura. Desse modo, as áreas de semeadura direta devem atingir 20% da área cultivada no Estado.

Tanto no Planalto Catarinense quanto no Vale do Itajaí, muitos cebolicultores que cultivavam áreas maiores e dependiam da contratação de grande número de pessoas para o transplante e colheita têm migrado para o plantio de grãos, principalmente soja e milho. São culturas exploradas em sistemas totalmente mecanizados, permitindo que o produtor e sua família realizem as tarefas necessárias.

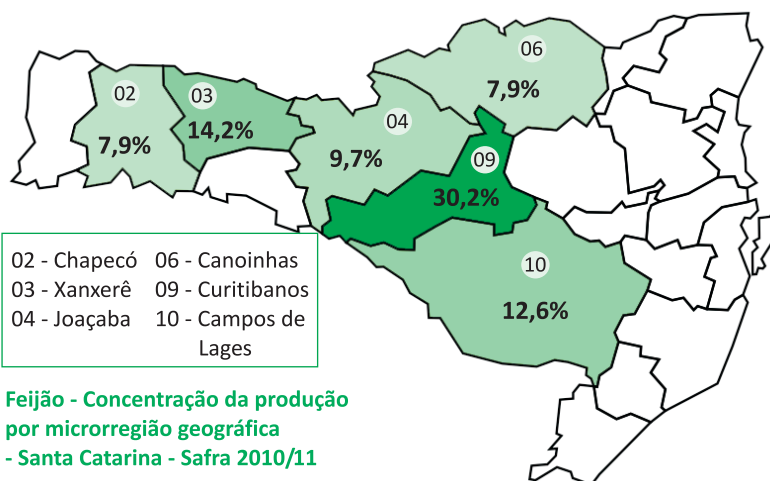
A dificuldade na contratação de mão de obra é o maior entrave que a cebolicultura catarinense enfrenta atualmente. A adoção de sistemas mecanizados de cultivo para a implantação da lavoura e para a colheita deve ser foco da pesquisa e extensão rural, visando ao aumento da produtividade e ao retorno econômico maior para os produtores.





FEIJÃO¹

Márcia J. F. da Cunha Varaschin
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br



Feijão - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2010/11
(Total = 156.744 t)

Produção mundial

A Índia lidera a produção mundial de feijão, seguida pelo Brasil. Mais da metade (54,4%) da produção mundial origina-se de apenas quatro países. Além dos dois já mencionados, o Myanmar e a China são os outros dois grandes produtores (Tabela 1).

A maior área plantada da leguminosa também está na Índia. Em 2010, segundo a FAO, lá foram semeados 10,8 milhões de hectares, enquanto no Brasil plantou-se 3,5 milhões com a leguminosa.

Tabela 1/I. Feijão - Produção mundial - 2006-10

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
Índia	8.549,3	10.000,0	8.000,0	6.000,0	10.800,0	3.270,0	3.930,0	3.010,0	2.430,0	4.870,0
Brasil	4.034,4	3.788,3	3.781,9	4.100,0	3.461,2	3.457,7	3.169,4	3.461,2	3.486,8	3.202,2
Myanmar	2.394,0	2.536,0	2.725,0	2.850,0	2.745,7	2.502,0	2.814,0	3.218,0	3.000,0	3.029,8
China	954,8	990,9	1.004,2	904,1	948,4	1.558,5	1.531,9	1.707,9	1.489,1	1.538,7
Estados Unidos	619,8	598,6	584,9	592,1	773,5	1.095,7	1.160,6	1.159,3	1.150,3	1.442,5
México	1.723,2	1.489,2	1.505,7	1.205,3	1.630,2	1.385,8	993,9	1.122,7	1.041,4	1.156,3
Tanzânia	1.100,0	1.150,0	1.200,0	1.266,9	1.270,0	850,0	872,8	900,0	949,0	950,0
Uganda	849,0	870,0	896,0	925,0	930,0	424,0	435,0	440,0	452,0	460,0
Quênia	995,4	846,3	641,9	960,7	689,4	531,8	429,8	265,0	465,4	390,6
Argentina	235,1	251,2	254,9	276,7	268,1	322,8	328,2	336,8	313,0	338,1
Outros países	6.073,4	6.262,3	6.086,9	6.553,9	6.404,4	5.351,6	5.514,4	5.624,0	5.913,8	5.852,0
Mundo	27.528,4	28.782,9	26.681,4	25.634,7	29.920,9	20.749,9	21.180,0	21.244,9	20.690,7	23.230,0

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012. 21 June 2012.

¹ Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – diversos períodos.
www.fao.org
www.cna.org.br
www.conab.gov.br
Jornais diversos e internet.

Produção brasileira

O feijão é cultivado em praticamente todo o território nacional, porém grande parte da produção está concentrada em apenas dez estados, responsáveis por cerca de 85% da produção nacional.

Motivados pela recuperação dos preços na época do plantio da safra 2010/11, os produtores optaram por aumentar a área plantada com o grão. O aumento foi de 5% em relação à safra anterior. Contudo, a área ainda é inferior àquela semeada em 2008/09 (-8,6%). A produção, por sua vez, também aumentou 9% (Tabela 2).

Na safra atual (2011/12), todavia, a área plantada caiu 12,7%, o que levou a uma produção 10,2% menor. Duas razões colaboraram para isso: os baixos preços no período de plantio e a redução em 10% no preço mínimo oficial do feijão, que estava fixado em R\$ 80,00 a saca de 60 kg desde novembro/2009 e passou para R\$ 72,00 em outubro de 2011 (com validade até outubro/12). A justificativa do governo para essa redução é de que a intenção é cobrir os custos de produção e não criar incentivos para o plantio do grão, o que, em última instância, ocasiona um desequilíbrio no mercado.

A boa notícia é a produtividade recorde: 1.015 kg/ha, mesmo considerando que durante o desenvolvimento da primeira safra a Região Nordeste o clima não favoreceu, pois a região foi afetada por uma forte estiagem que continuou durante o plantio da segunda safra. Além disso, em algumas áreas da Região Sul, durante a segunda safra, o clima seco prejudicou o pleno desenvolvimento dos grãos.

Os principais estados produtores de feijão, em 2012, são apresentados na Tabela 3. Santa Catarina ocupa a 8ª posição no ranking nacional, com 120 mil toneladas.

No Brasil, 63% do volume produzido é de feijão-cores, enquanto 18% é de feijão-preto e 19% de macaçar (caupi). O feijão-carioca está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais, o feijão-preto concentra-se no Sul do País e aproximadamente 70% de sua produção origina-se da primeira safra. A variedade macaçar, cultivada na Região Nordeste, concentra-se na segunda safra, à exceção da produção do Estado da Bahia.

Na safra 2011/12, a produção esteve assim distribuída: 42,3% do feijão colhido foi proveniente da primeira safra, 44,6% da segunda safra e 13,1% da terceira safra.

Tabela 2/I. Feijão - Brasil - Área plantada, produção e rendimento médio - Safras 2007/08 - 2011/12

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2007/08	3.965.275	3.460.067	915
2008/09	4.263.915	3.522.979	849
2009/10	3.709.513	3.202.148	925
2010/11	3.895.180	3.500.373	951
2011/12 ⁽¹⁾	3.398.801	3.144.009	1.015

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 3/I. Feijão- Principais estados produtores - Safras 2007/08-2011/12

Estado	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Paraná	504,4	642,8	520,8	521,1	474,4	771,3	787,2	792,0	815,2	703,7
Minas Gerais	421,1	420,5	422,9	399,3	412,9	584,3	602,3	623,7	583,0	628,0
Goiás	97,4	113,9	118,4	134,3	149,6	220,4	261,9	288,9	311,5	358,9
Bahia	589,3	552,8	607,3	551,2	507,0	318,5	342,0	307,4	223,1	268,1
Mato Grosso	71,6	156,0	107,8	170,0	175,3	109,9	190,5	133,8	196,0	223,3
São Paulo	179,7	195,6	161,0	139,2	127,1	284,0	325,9	288,0	276,9	214,4
Ceará	592,7	610,3	464,6	600,1	483	252,7	129,8	83,3	264,2	141,6
Santa Catarina	107,3	129,1	110,7	105,7	84,3	180,9	178,5	169,8	156,7	120,0
Rio Grande Sul	98,5	116,9	106,7	92,4	81,4	102,4	125,3	115,3	123,9	86,7
Pernambuco	342,7	343,8	313,0	297,1	254,2	152,3	130,0	61,9	107,4	48,0
Piauí	238,5	245,5	213,8	237,9	220,5	65,3	62,0	32,8	79,9	30,8
Outros estados	722,1	736,7	562,5	646,9	429,1	418,1	387,6	527,4	362,6	320,5
Brasil	3.965,3	4.263,9	3.709,5	3.895,2	3.398,8	3.460,1	3.523,0	3.424,3	3.500,4	3.144,0

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Produção em Santa Catarina

Em função das variações climáticas em anos anteriores, bem como dos preços pouco favoráveis na época de plantio da primeira safra nas principais regiões produtoras, alguns produtores optaram por outros cultivos (como milho) e, por isso, na safra 2010/11 a área semeada declinou (-4,5%) em relação à safra 2009/10. A produção, conseqüentemente, caiu de 169,8 mil para 156,7 mil toneladas.

Na safra atual (2011/12), a área plantada foi reduzida ainda mais (-19,3%), o que resultou em uma produção 26,5% menor. O rendimento médio foi de 1.355 kg/ha (Tabela 4). Vale lembrar que essa área (85,3 mil hectares) é a menor já cultivada em todos os anos em que houve levantamento no Estado (a partir dos anos 70).

A primeira safra representa 73,3% da produção total de feijão no Estado. Este ano houve uma redução de 24,6% na área plantada na primeira safra (em relação à temporada anterior), por conta das razões já apontadas acima. A queda na produção foi ainda maior: 27,7%, tendo em vista a estiagem que atingiu as lavouras em sua fase de desenvolvimento, além de variações bruscas na temperatura para a época.

No Planalto Norte, por exemplo, das 17.955 toneladas que se esperava colher, 27,9% foram perdidas por conta da estiagem.

A área cultivada na segunda safra (ou safrinha), por sua vez, aumentou 0,2%, em razão dos bons preços alcançados pelo produto, uma vez que na primeira safra a produção foi aquém da esperada. O aumento de área só não foi maior em virtude da forte estiagem que atingiu as regiões produtoras, inviabilizando o plantio. A falta de chuvas refletiu negativamente na produção da segunda safra, que teve uma queda de 13,4%, em relação à temporada anterior.

No Estado, a maior produção é originada da microrregião de Curitibanos, com 27,9 mil toneladas (24,1% do total produzido). Na seqüência, encontram-se Campos de Lages (15,5 mil t), Xanxerê e Canoinhas (empatadas com 14 mil t) e Joaçaba (12,8 mil t), conforme Tabela 5.

Tabela 4/I. Feijão - Produção catarinense - Safras 2007/08-2011/12

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2007/08	107.279	180.892	1.686
2008/09	129.113	178.525	1.383
2009/10	110.685	169.753	1.531
2010/11	105.661	156.744	1.483
2011/12 ⁽¹⁾	85.321	115.622	1.355

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE/GCEA.

Tabela 5/I. Feijão - Santa Catarina - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Safras 2008/09-2011/12

Microrregião Geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	08/09	09/10	10/11	11/12 ⁽¹⁾	08/09	09/10	10/11	11/12 ⁽¹⁾	08/09	09/10	10/11	11/12 ⁽¹⁾
Araranguá	1.845	1.745	1.330	1.050	1.677	819	1.267	606	909	469	953	577
Blumenau	312	372	348	273	297	345	278	325	952	927	799	1.190
Campos de Lages	20.310	18.010	17.056	11.430	21.197	21.592	19.805	15.518	1.044	1.199	1.161	1.358
Canoinhas	16.460	11.140	9.835	9.360	23.982	17.524	12.368	13.994	1.457	1.573	1.258	1.495
Chapecó	12.013	10.184	8.888	7.022	12.580	13.364	12.452	9.093	1.047	1.312	1.401	1.295
Concórdia	1.305	1.092	851	612	1.268	1.381	1.128	992	972	1.265	1.325	1.621
Criciúma	6.301	5.441	3.584	3.373	5.757	4.698	3.832	3.481	914	863	1.069	1.032
Curitibanos	27.210	25.020	26.350	20.980	47.784	48.869	47.384	27.864	1.756	1.953	1.798	1.328
Florianópolis	231	273	231	166	186	276	212	152	805	1.011	918	916
Itajaí	81	44	46	23	79	37	38	30	975	841	826	1.304
Ituporanga	3.693	2.290	2.740	2.420	5.312	2.865	3.592	3.307	1.438	1.251	1.311	1.367
Joaçaba	10.094	7.870	9.136	6.640	17.987	17.577	15.166	12.808	1.782	2.233	1.660	1.929
Joinville	48	46	35	28	37	32	28	23	771	696	800	821
Rio do Sul	3.348	2.146	1.722	1.654	3.914	2.459	2.072	2.196	1.169	1.146	1.203	1.328
Sao Bento do Sul	2.205	2.205	2.205	1.190	3.552	2.692	3.686	1.892	1.611	1.221	1.672	1.590
Sao Miguel Oeste	4.407	4.165	3.585	3.900	5.958	5.895	4.722	4.696	1.352	1.415	1.317	1.204
Tabuleiro	658	1.010	1.010	910	679	1.326	1.321	1.309	1.032	1.313	1.308	1.438
Tijucas	858	619	553	469	802	659	617	504	935	1.065	1.116	1.075
Tubarão	5.021	4.531	4.011	3.636	4.956	4.544	4.540	2.811	987	1.003	1.132	773
Xanxerê	12.673	12.482	12.145	10.185	20.511	22.499	22.236	14.021	1.618	1.803	1.831	1.377
Santa Catarina	129.113	110.685	105.661	85.321	178.516	169.453	156.744	115.622	1.383	1.531	1.483	1.355

⁽¹⁾ Informações preliminares sujeitas a alterações.

Fonte: IBGE.

Comercialização e perspectivas

O mercado mundial de feijão movimenta, por ano, aproximadamente 23 milhões de toneladas da leguminosa. O Brasil lidera o consumo mundial do produto, além de ser o segundo em produção e o quinto maior importador mundial do produto (Tabelas 1, 6, 7 e 8). A China é o principal exportador de feijão no mundo e a Índia o maior importador. Além disso, o Brasil é o quinto maior consumidor *per capita*, com um volume de 16,3 kg/*per capita*/ano (2009). O número um é Ruanda, com um consumo de 29,3 kg/*per capita*/ano.

As importações brasileiras de feijão vêm aumentando nos últimos anos. Em 2010 foram importadas 180,4 mil (Tabela 9) e no ano seguinte 205,9 mil toneladas. Este ano (2012), somente até o primeiro semestre, o País já adquiriu de outros países 121,6 mil toneladas do grão, sendo que a maior parte das importações ocorre no segundo semestre, quando o produto nacional entra na entressafra. Argentina, China e Bolívia são, respectivamente, nossos principais fornecedores.

Com relação ao balanço de oferta e demanda nacional, a partir da safra 2007/08 o País conseguiu recuperar seus estoques finais, os quais tinham alcançado na safra 2006/07 apenas 81,4 mil toneladas. Na safra atual (2011/12) os estoques devem ficar em torno de 315 mil toneladas (Tabela 10).

Em 2011 o feijão-preto não teve grandes oscilações de preços e em nenhum momento o grão alcançou a cotação de três dígitos. Já no começo deste ano (2012), em função de uma menor quantidade de produto de boa qualidade no mercado, o preço disparou, com a saca de 60kg atingindo uma cotação média de R\$ 105,83 em janeiro. Em meados de 2012, quando este artigo estava sendo escrito o preço estava ainda mais elevado: R\$ 115,79/60kg (Tabelas 11 e 12).

Em relação aos preços do feijão-carioca a oscilação foi um pouco maior em 2011: variaram de R\$ 59,00 a R\$ 85,00 a saca de 60 kg. Em 2012 as cotações, a exemplo do feijão-preto, dispararam, sendo que em abril bateram a casa dos R\$ 160,00. Quando este artigo estava encerrando a saca de 60kg estava cotada (em média) a R\$ 142,11.

A projeção de números da safra 2012/13 ainda é precipitada, uma vez que o plantio deve ter início somente a partir de setembro, mas levando-se em consideração os ótimos preços pagos ao produtor – embora tenha havido uma redução nos preços mínimos pagos pelo Governo Federal – a tendência seria um aumento na área a ser cultivada.

Todavia, este ano, um fator novo surgiu: a queda na produção de milho nos Estados Unidos. Com isso, os preços do produto estão muito atraentes, o que pode fazer com que os agricultores migrem para essa produção. Além do milho, a soja também está com preços muito bons. Como ambas são culturas bem menos susceptíveis às intempéries climáticas do que o feijão, isso as torna mais rentáveis.

Por isso tudo, no momento, não há como prever o que poderá acontecer com o feijão. Deve-se aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

Tabela 6/I. Feijão - Principais países exportadores e total mundial - 2005-09

(t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
China	795.429	747.567	794.740	959.823	1.046.017
Mianmar	630.000	1.150.000	1.370.000	675.000	863.131
Estados Unidos	272.354	354.827	309.331	415.321	433.553
Argentina	199.499	226.479	280.905	229.199	290.105
Canadá	271.135	309.892	325.171	293.595	257.012
Subtotal	2.168.417	2.788.765	3.080.147	2.572.938	2.889.818
Outros países	559.988	546.616	748.718	742.405	906.372
Total mundial	2.728.405	3.335.381	3.828.865	3.315.343	3.796.190

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2012, 25 June 2012.

Tabela 7/I. Feijão - Principais países importadores e total mundial - 2005-09

(t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Índia	304.112	620.527	486.159	604.518	1.031.320
México	79.032	131.727	91.712	95.038	174.822
Estados Unidos	147.422	152.424	171.151	166.783	154.998
Reino Unido	114.528	124.429	122.920	148.055	136.974
Brasil	100.697	70.064	96.269	209.690	109.921
Japão	117.509	119.567	122.838	119.113	106.973
Itália	92.424	106.836	104.908	109.875	96.003
África do Sul	52.998	69.264	86.642	70.040	93.887
Filipinas	47.537	65.695	72.123	82.104	82.609
Cuba	118.800	138.700	132.400	70.869	78.756
Subtotal	1.175.059	1.599.233	1.487.122	1.676.085	2.066.263
Outros países	1.303.044	1.283.523	1.529.852	1.583.207	1.572.625
Total mundial	2.478.103	2.882.756	3.016.974	3.259.292	3.638.888

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2012, 25 June 2012.

Tabela 8/I. Feijão - Maiores países consumidores - 2005-09

(t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	2.856.644	3.055.167	3.075.112	3.137.684	3.152.389
Índia	2.406.922	3.235.426	3.772.224	3.108.568	2.969.550
México	1.116.479	1.168.451	1.163.590	1.150.126	1.154.400
Estados Unidos	980.000	980.000	980.000	980.000	980.000
Tanzânia	507.423	546.516	578.156	581.904	616.544
Quênia	332.952	363.126	388.796	369.447	439.662
Uganda	396.244	335.224	360.098	349.523	354.331
Coreia do Norte	285.564	288.984	276.428	292.156	302.200
Ruanda	230.410	256.998	302.855	287.161	301.790
Indonésia	280.136	283.020	287.810	256.901	275.017
Subtotal	9.392.774	10.512.912	11.185.069	10.513.470	10.545.883
Outros países	4.712.862	4.794.606	5.036.040	5.200.131	5.172.827
Total mundial	14.105.636	15.307.518	16.221.109	15.713.601	15.718.710

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 13 Julho 2012.

Tabela 9/I. Feijão - Importação brasileira por país de origem - 2008-12

(t)

País de origem	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Argentina	85.157	58.504	97.487	121.181	59.233
China	88.710	11.223	50.255	63.320	51.120
Bolívia	26.288	37.514	29.806	20.899	9.534
Paraguai	52	592	1.979	418	380
Hong Kong	0	0	0	0	1.245
Outros países	4.689	1.165	853	48	43
Total Brasil	204.897	108.998	180.379	205.866	121.555

⁽¹⁾ Até junho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 10/I. Feijão – Brasil - Balanço de oferta/demanda - Safras 2007/08-2011/12

(mil t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Estoque inicial	81,4	230,0	317,7	366,9	686,3
Produção	3.520,9	3.502,7	3.322,5	3.732,8	2.932,8
Importação	209,7	110,0	181,2	207,1	200,0
Suprimento	3.812,0	3.842,7	3.821,4	4.306,8	3.819,1
Consumo	3.580,0	3.500,0	3.450,0	3.600,0	3.500,0
Exportação	2,0	25,0	4,5	20,5	4,0
Estoque final	230,0	317,7	366,9	686,3	315,1

Fonte: Conab (Julho/12 - 10º levantamento).

Tabela 11/I. Feijão-preto⁽¹⁾ - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2008-12

(R\$/saco 60kg)

Mês	2008	2009	2010	2011	2012
Jan.	116,67	138,00	65,00	65,00	105,83
Fev.	118,00	107,19	61,47	60,50	93,89
Mar.	118,60	72,95	68,65	67,71	86,59
Abr.	94,37	70,00	79,21	74,83	90,00
Mai	123,29	67,45	74,76	73,33	98,33
Jun.	142,22	65,63	71,00	72,50	115,79
Jul.	132,17	70,00	70,00	70,00	...
Ago.	120,00	63,25	70,00	65,43	...
Set.	122,25	61,90	82,50	65,00	...
Out.	130,00	65,00	90,00	68,68	-
Nov.	100,00	63,44	86,00	70,00	-
Dez.	100,00	54,22	70,00	73,13	-

⁽¹⁾ Produtor Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 12/I. Feijão-carioca⁽¹⁾ - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2008-12

(R\$/saco 60kg)

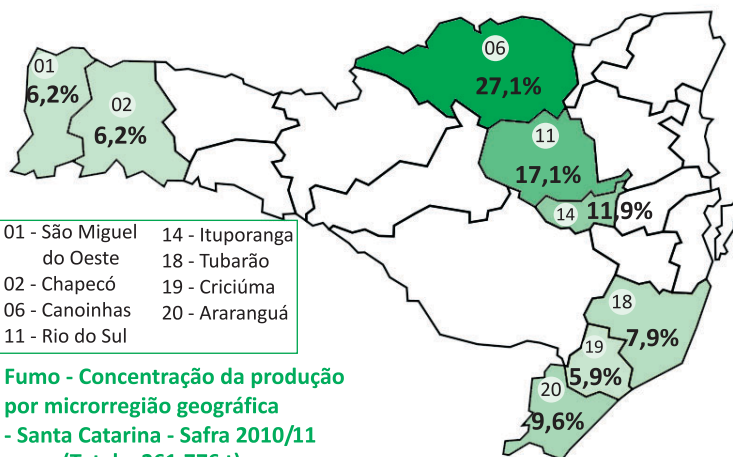
Mês	2008	2009	2010	2011	2012
Jan.	176,67	109,50	55,67	65,00	139,15
Fev.	156,22	77,19	55,00	59,00	126,11
Mar.	139,97	70,00	67,35	67,71	127,27
Abr.	101,70	70,00	85,79	72,00	160,00
Mai	111,76	67,45	84,76	69,33	146,67
Jun.	145,56	65,63	84,00	70,50	142,11
Jul.	132,17	70,00	80,23	70,00	...
Ago.	150,00	63,25	80,00	65,43	...
Set.	122,25	60,00	90,00	65,00	...
Out.	130,00	60,00	100,00	68,68	-
Nov.	92,22	58,44	96,00	70,00	-
Dez.	99,00	51,56	71,67	85,00	-

⁽¹⁾ Produtor Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

FUMO¹

Márcia J. F. da Cunha Varaschin
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br



Fumo - Concentração da produção
por microrregião geográfica
- Santa Catarina - Safra 2010/11
(Total = 261.776 t)

Produção e comércio mundiais

A produção mundial de fumo está praticamente concentrada em dez países produtores, os quais juntos detêm 81% do total produzido. A China, o maior produtor, é responsável por 42% dessa produção. Em 2010 a produção bateu recorde: 7.114 mil toneladas. No ranking mundial, o Brasil segue como o segundo maior produtor (Tabela 1).

Vale destacar que a produção da Índia teve um aumento significativo entre 2009 e 2010 (22%) fazendo com que o país se aproximasse bastante do Brasil, como segundo colocado.

O Brasil é o maior exportador mundial de fumo, participando com 25% do total exportado em 2010, com 661,7 mil toneladas (Tabela 2). A Índia é o segundo maior exportador, com 230,8 mil toneladas. Rússia, Estados Unidos e Alemanha, por sua vez, são os principais importadores mundiais de fumo (Tabela 3).

Tabela 1/I. Fumo - Principais países produtores e total mundial - 2006-10

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
China	1.338,9	1.164,5	1.326,7	1.391,7	1.345,7	2.746,2	2.397,2	2.839,9	3.067,9	3.005,8
Brasil	495,7	459,5	432,2	442,4	446,4	900,4	908,7	851,1	863,1	780,9
Índia	372,8	370,0	350,0	390,0	459,6	552,2	520,0	490,0	620,0	755,5
Estados Unidos	137,2	144,1	143,5	143,3	136,6	330,2	357,3	363,1	373,1	326,1
Malawi	136,5	118,6	161,6	183,1	180,6	121,6	118,0	160,2	208,2	215,0
Indonésia	168,7	194,5	199,0	232,2	251,3	146,3	164,9	169,7	181,3	195,0
Argentina	78,3	73,3	67,5	74,5	75,2	144,3	127,7	130,4	135,5	123,3
Paquistão	56,4	50,9	51,4	49,7	55,8	112,6	103,2	107,8	105,0	119,3
Zimbabué	38,9	51,8	70,6	79,9	94,2	44,5	79,0	82,0	96,4	109,7
Itália	28,0	32,0	32,0	30,7	21,6	96,6	110,0	121,3	119,1	97,2
Outros países	993,1	937,8	947,4	953,4	913,2	1.407,1	1.309,0	1.325,7	1.357,9	1.386,1
Mundo	3.844,4	3.596,8	3.781,9	3.970,9	3.980,1	6.601,9	6.194,9	6.641,1	7.127,5	7.114,0

OBS: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 16 July 2012.

¹ Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Vários.
www.fao.org
www.afubra.com.br
Jornais diversos e internet.

Tabela 2/I. Fumo - Principais países exportadores - 2005-09

País	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	616.467	566.027	694.325	677.877	661.738
Índia	142.702	158.254	173.345	208.314	230.804
China	167.822	149.454	168.836	198.829	207.835
Malawi	124.900	156.684	130.183	138.896	183.552
Estados Unidos	152.978	180.064	187.859	169.231	172.244
Turquia	134.276	128.480	111.166	151.702	99.123
Argentina	96.631	100.942	100.399	104.263	89.125
Bélgica	50.765	45.717	47.614	63.634	81.164
Itália	105.568	95.477	113.429	100.194	80.200
Grécia	94.165	86.324	81.285	74.795	68.296
Subtotal	1.686.274	1.667.423	1.808.441	1.887.735	1.874.081
Outros países	754.035	778.074	813.312	763.493	762.960
Total mundial	2.440.309	2.445.497	2.621.753	2.651.228	2.637.041

Nota: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 16 July 2012.

Tabela 3/I. Fumo - Principais países importadores - 2005-09

País	2005	2006	2007	2008	2009
Rússia	291.683	271.841	309.921	304.840	256.382
Estados Unidos	261.073	234.263	229.210	214.042	197.840
Alemanha	248.771	249.267	212.185	178.279	175.839
Países Baixos	171.777	168.544	119.900	107.581	142.572
Bélgica	59.956	62.936	83.749	98.249	121.528
França	152.598	126.254	91.990	117.193	120.452
China	76.148	93.038	93.865	112.426	119.256
Polônia	59.833	75.221	77.202	67.231	69.543
Reino Unido	75.998	71.636	64.111	62.745	67.720
Japão	34.299	49.761	62.285	70.237	63.016
Subtotal	1.432.136	1.402.761	1.344.418	1.332.823	1.334.148
Outros países	1.071.307	1.082.271	1.175.896	1.226.327	1.077.989
Total mundial	2.503.443	2.485.032	2.520.314	2.559.150	2.412.137

Nota: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 16 July 2012.

Produção e comércio brasileiros

A safra 2010/11 foi a maior safra que o País já teve, com uma produção de 949,2 mil toneladas, e um rendimento médio de 2.088 kg/ha (Tabela 4). O recorde anterior havia acontecido na safra 2003/04 quando a produção foi de 921,3 mil toneladas e o rendimento médio 1.992 kg/ha.

A safra atual (2011/12), em razão das dificuldades enfrentadas pelos produtores na comercialização da safra recorde, teve uma redução de 9,6% na área plantada, com uma queda consequente de 16,2% na produção.

Segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), na última safra (2011/12) existiam no Brasil 186.790 produtores de fumo, sendo que 88% deles estão na Região Sul, mais especificamente, 46% no Rio Grande do Sul, 26% em Santa Catarina e 17% no Paraná (Tabela 5). Em relação à safra anterior houve uma queda de 10,4% no número de produtores. A razão é que as empresas fumageiras estão procurando profissionalizar a atividade e buscam selecionar os produtores ficando apenas com os mais eficientes.

A fumicultura é uma atividade cuja importância social é irrefutável. Por meio de uma análise mais ampla sobre a cadeia produtiva do tabaco no Brasil, verifica-se que, segundo informações da Afubra, a atividade envolve cerca de 2,5 milhões de pessoas. Entre elas estão as fábricas (de agroquímicos, materiais de construção, máquinas e implementos), transportadores, postos de distribuição, usinas de processamento, exportadores, fábricas de cigarros, varejistas, além dos próprios fumicultores.

A atividade gera 1,08 milhão de empregos diretos, considerando-se o total de pessoas que trabalham na lavoura e na indústria, além de 1,44 milhão de empregos indiretos. Somando ambos, tem-se 2,52 milhões de pessoas trabalhando com a atividade no País.

Dos 293 municípios catarinenses, 234 são produtores de tabaco, com 56 mil produtores rurais envolvidos e 222 mil pessoas, gerando uma receita de R\$1,4 bilhão (dados de 2011 do Sinditabaco).

Além disso, 60,7% da produção de fumo no Sul do Brasil é conduzida por famílias cujos estabelecimentos possuem área inferior a 10 hectares (Tabela 6). Destas, 25,2% não possuem terra alguma, trabalham em regime de parceria (com propriedades de 16,4 hectares de tamanho médio). Apenas 1,1% das propriedades é composta de grandes produtores, aqui considerados aqueles que possuem áreas superiores a 50 hectares.

A Região Sul é responsável por 98% da produção brasileira (Tabela 7). O Rio Grande do Sul é o maior produtor (49% da produção), seguido de Santa Catarina (30%) e Paraná (19%).

Nesses três estados, a produção de fumo é realizada em regime de integração com a indústria e, assim, o dimensionamento do plantio se dá de acordo com as necessidades internas e de exportação do produto.

A maior parte da produção brasileira de fumo tem como destino o mercado internacional (Tabela 8). Em 2008 as exportações bateram recorde: cerca de 82% da produção teve como destino o mercado internacional (691,6 mil toneladas). Já no ano passado esse percentual atingiu 65% (ou 505,6 mil toneladas). A causa principal dessa queda nas exportações foi o câmbio. Com o real valorizado em relação ao dólar, o preço do fumo brasileiro já não é tão competitivo. Algumas indústrias chegaram a importar produto de baixa qualidade para misturar ao produto brasileiro a fim de baratear o fumo a ser exportado e torná-lo mais competitivo no mercado internacional.

Em 2012 a tendência é de que as exportações voltem a crescer, pois, além de o dólar ter ultrapassado a barreira dos R\$ 2,00 – tornando o fumo brasileiro novamente competitivo no mercado internacional – a produção mundial sofreu uma queda por conta das intempéries climáticas que afetaram importantes áreas produtoras nos Estados Unidos (furacões) e na África (seca).

Tabela 4/I. Fumo - Brasil - Área, produção e rendimento - Safras 2007/08-2011/12

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2007/08	431.891	850.421	1.969
2008/09	442.255	862.355	1.950
2009/10	446.808	780.942	1.750
2010/11	454.655	949.216	2.088
2011/12 ⁽¹⁾	411.136	795.796	1.937

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 5/l. Brasil - Número de fumicultores - Safras 2007/08-2011/12

Estado/Região	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Paraná	34.110	33.020	35.210	36.110	31.470
Santa Catarina	55.120	58.150	55.170	55.810	48.140
Rio Grande do Sul	91.290	95.410	94.780	94.890	85.560
Região Sul	180.520	186.580	185.160	186.810	165.170
Outros estados	36.850	37.060	36.950	21.720	21.620
Brasil	217.370	223.640	222.110	208.530	186.790

⁽¹⁾ Estimativa Afubra.

Fonte: Afubra.

Tabela 6/l. Distribuição fundiária dos fumicultores sul-brasileiros - Safra 2010/11

Hectare	Nº Família	%
Menos de 1	47.010	25,2
De 1 a 10	66.370	35,5
De 11 a 20	46.780	25
De 21 a 30	17.760	9,5
De 31 a 50	6.860	3,7
Mais de 50	1.980	1,1
Total	186.810	100

Fonte: Afubra.

Tabela 7/l. Fumo - Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - Safras 2009/10-2011/12

Estado	Área Plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2009/10	2010/11	2011/12 ¹	2009/10	2010/11	2011/12 ¹	2009/10	2010/11	2011/12 ¹
Rio Grande do Sul	220.512	223.029	204.593	343.084	497.563	390.208	1.556	2.231	1.907
Santa Catarina	125.317	134.248	118.280	243.474	261.776	237.213	1.943	1.950	2.006
Paraná	79.503	80.211	73.115	164.894	171.837	151.366	2.074	2.142	2.070
Região Sul	425.332	437.488	395.988	751.452	931.176	778.787	1.767	2.128	1.967

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

Tabela 8/l. Fumo - Brasil - Quantidade produzida e exportada - 2007-12

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%) Exp./Prod.
2007	912.787	710.154	77,8
2008	850.421	691.608	81,3
2009	862.355	674.731	78,2
2010	780.942	505.620	64,7
2011	949.216	545.603	57,5
2012 ⁽¹⁾	795.796	267.954	33,7
Média⁽²⁾	858.586	625.543	72,9

⁽¹⁾ Dado de produção sujeito a alterações e dado de exportação até o mês de junho/2012.

⁽²⁾ A média das exportações não considera o ano de 2011, pois o mesmo só possui dados até junho.

Fonte: IBGE e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Produção e comércio estaduais

Os últimos cinco anos da produção catarinense de fumo estão apresentados na Tabela 9, enquanto que na Tabela 10 tem-se a mesma produção, só que segundo as microrregiões. Com base nos resultados da safra 2011/12, as principais microrregiões produtoras foram: Canoinhas (29% da produção catarinense), Rio do Sul (18,7%) e Ituporanga (11,7%).

Houve um decréscimo de 11,8% na área plantada, em relação à safra 2010/11. A principal razão foi a dificuldade que o produtor enfrentou para comercializar sua produção, pois as fumageiras foram muito exigentes em relação à classificação das folhas e, além, disso, o preço do produto esteve baixo.

Na safra 2011/12 as principais regiões produtoras sofreram com o clima. No Sul do Estado, por exemplo, em plena fase de floração, a seca afetou as lavouras e, durante a colheita, o tempo esteve bastante chuvoso, inclusive com incidência de granizo em áreas localizadas.

Já no Planalto Norte, o excesso de chuvas não só atrasou o plantio como fez com que o mesmo fosse irregular, ou seja, uns plantaram mais cedo e outros mais tarde. Por isso, durante o período de desenvolvimento vegetativo das plantas, enquanto algumas regiões foram mais afetadas pelas chuvas mal distribuídas e pela ocorrência de granizos, outras sofreram por conta da estiagem. A mesma estiagem afetou os produtores do Oeste na colheita, fazendo com que as folhas perdessem qualidade.

Nesta safra a comercialização está se estendendo além do período tradicional. O produtor é o principal responsável por esta mudança, uma vez que está aguardando para vender o seu produto mais para o final, porque acredita que assim irá conseguir um preço melhor pelo produto e uma classificação mais branda para o fumo, pois existirá menos produto disponível no mercado.

Os preços médios recebidos pelos produtores de fumo, nos três estados da Região Sul do Brasil nas cinco últimas safras estão ilustrados nas Tabelas 11 e 12. A Tabela 11 traz os preços para a região como um todo, segundo as variedades de fumo. Nesta safra, ao contrário da anterior – onde houve uma queda generalizada nos preços – os preços voltaram a subir. A maior alta se deu no tipo Burley: 34% em reais e 14,2% em dólar.

Entre os estados, o Rio Grande do Sul foi o que teve o maior aumento de preços (até para compensar a queda, que também foi maior naquele Estado, na safra anterior): 30,2% (em reais), seguido por Santa Catarina, com 28,4% (Tabela 12).

Os reflexos da valorização do real frente ao dólar podem ser vistos no volume de fumo exportado pelo Brasil: em 2010, o volume caiu 25,11% em relação ao ano anterior. As exportações catarinenses, por sua vez, tiveram queda menos acentuada: 14,1%. Ao que tudo indica, 2011 seguirá no mesmo ritmo de 2010, pois até a metade do ano o comércio não retomou os patamares alcançados anteriormente a 2010 (Tabela 13).

Depois da queda acentuada das exportações brasileiras (-25,1%) – e, com menor intensidade, das catarinenses (-14,1%) – acirrada em 2010 pela valorização da moeda brasileira, em 2011 as exportações deram uma retomada no crescimento e aumentaram 7,9%. Em 2012 tudo leva a crer que esse crescimento será ainda maior, pois nos primeiros seis meses elas já estão 30,7% superiores às do mesmo período do ano passado.

Por outro lado, as exportações catarinenses em 2011 praticamente permaneceram no mesmo nível do ano anterior. Já em 2012 elas devem apresentar algum crescimento, uma vez que no primeiro semestre alcançaram um volume 23,2% superior àquele do mesmo período em 2011.

Bélgica, Rússia e Países Baixos foram os principais compradores do fumo catarinense em 2011. Somados aos outros sete, esses países adquiriram em quantidade 62,3% das exportações catarinenses de fumo (Tabela 14).

Tabela 9/I. Fumo - Comparativo das safras de Santa Catarina - 2007/08-2011/12

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2007/08	116.268	230.627	1.984
2008/09	125.557	247.758	1.973
2009/10	125.317	243.474	1.943
2010/11	134.048	261.776	1.953
2011/12 ⁽¹⁾	118.280	237.213	2.006

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 10/I. Fumo - Comparativo das safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - 2009/10-2011/12

Micro/Mesorregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2009/10	2010/11	2011/12 ¹	2009/10	2010/11	2011/12 ¹	2009/10	2010/11	2011/12 ¹
São Miguel do Oeste	8.807	8.840	8.012	13.824	16.255	12.088	1.570	1.846	1.367
Chapecó	10.487	9.287	8.618	17.642	16.254	14.355	1.682	1.550	1.546
Xanxerê	1.657	1.740	1.556	3.204	2.824	2.592	1.934	1.704	1.490
Joaçaba	1.051	1.393	1.173	1.743	2.302	1.782	1.658	2.190	1.279
Concórdia	398	617	277	660	1.045	496	1.658	2.626	804
Oeste Catarinense	22.400	21.877	19.636	37.073	38.680	31.313	1.655	1.727	1.431
Canoinhas	30.061	33.907	30.039	72.570	71.068	68.953	2.414	2.364	2.034
São Bento do Sul	1.042	859	765	2.200	1.726	1.537	2.111	1.656	1.789
Joinville	9	5	5	18	9	9	2.000	1.000	1.800
Norte Catarinense	31.112	34.771	30.809	74.788	72.803	70.499	2.404	2.340	2.028
Curitibanos	814	820	689	1.450	1.349	1.059	1.781	1.657	1.291
Campos de Lages	988	1.040	978	1.889	1.931	1.801	1.912	1.954	1.732
Serrana	1.802	1.860	1.667	3.339	3.280	2.860	1.853	1.820	1.538
Rio do Sul	17.933	21.259	21.198	37.543	44.635	44.324	2.094	2.489	2.085
Blumenau	739	874	791	1.512	1.668	1.611	2.046	2.257	1.843
Itajaí	1	1	1	2	2	2	2.000	2.000	2.000
Ituporanga	14.431	14.450	13.140	30.010	31.265	27.840	2.080	2.167	1.927
Vale do Itajaí	33.104	36.584	35.130	69.067	77.570	73.777	2.086	2.343	2.017
Tijucas	2.784	3.171	2.931	5.594	6.509	6.031	2.009	2.338	1.902
Tabuleiro	897	897	1.372	1.744	1.744	3.004	1.944	1.944	3.349
Grande Florianópolis	3.681	4.068	4.303	7.338	8.253	9.035	1.993	2.242	2.221
Tubarão	10.187	10.600	9.450	16.858	20.745	19.773	1.655	2.036	1.865
Criciúma	7.892	7.535	6.555	12.974	15.398	12.358	1.644	1.951	1.640
Araranguá	16.120	16.953	10.920	24.542	25.047	17.960	1.522	1.554	1.059
Sul Catarinense	34.199	35.088	26.925	54.374	61.190	50.091	1.590	1.789	1.428
Total	126.298	134.248	118.470	245.979	261.776	237.575	1.948	2.073	1.770

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 11/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - Safras 2007/08-2011/12

Safr/Tipo	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
2007/08	5,46	5,36	3,17	5,41	3,24	3,18	1,89	3,22
2008/09	6,10	5,05	3,58	5,90	2,79	2,31	1,64	2,70
2009/10	6,49	5,72	4,00	6,35	3,60	3,17	2,22	3,52
2010/11	5,01	4,62	3,64	4,93	3,12	2,88	2,27	3,07
2011/12 ⁽¹⁾	6,38	6,19	4,08	6,30	3,39	3,29	2,17	3,36

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: Afubra.

Tabela 12/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores, por estado da Região Sul - Brasil - Safras 2007/08-2011/12

Safr/Estado	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
2007/08	5,40	5,57	5,17	5,41	3,21	3,31	3,07	3,22
2008/09	5,94	6,04	5,50	5,90	2,72	2,76	2,52	2,70
2009/10	6,46	6,38	6,04	6,35	3,58	3,54	3,35	3,52
2010/11	4,87	5,03	4,92	4,93	3,03	3,13	3,07	3,07
2011/12 ⁽¹⁾	6,34	6,46	5,94	6,30	3,37	3,44	3,16	3,36

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: Afubra.

Tabela 13/I. Fumo - Exportações brasileira e catarinense - 2007-12

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Produção (t)	Valor (US\$ 1.000)	Produção (t)	Valor (US\$ 1.000)
2007	710.154	2.262.374	160.284	534.483
2008	691.608	2.752.032	181.536	758.662
2009	674.731	3.046.032	181.943	813.660
2010	505.620	2.762.246	155.974	873.880
2011	545.603	2.935.187	155.901	898.886
2012 ⁽¹⁾	267.954	1.331.792	87.934	508.668

⁽¹⁾ Até Junho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 14/I. Fumo - Exportações catarinenses, por país de destino - 2008-12

País de destino	2008		2009		2010		2011		2012 ⁽¹⁾	
	Produção (t)	Valor (US\$ mil)	Produção (t)	Valor (US\$ mil)	Produção (t)	Valor (US\$ mil)	Produção (t)	Valor (US\$ mil)	Produção (t)	Valor (US\$ mil)
Bélgica	20.259	79.543	29.569	140.968	11.600	76.123	18.162	94.089	13.235	84.834
Rússia	18.283	69.481	16.635	59.102	15.508	64.687	17.054	90.811	8.036	43.813
Países Baixos	10.556	59.075	14.485	72.941	13.145	89.404	10.245	77.311	5.824	45.854
Alemanha	13.205	64.356	11.148	54.755	9.156	64.077	10.171	63.459	4.769	21.444
Polônia	10.870	47.205	8.751	37.553	10.358	62.871	8.343	52.881	4.501	29.734
Estados Unidos	19.496	88.571	16.419	70.818	9.340	47.468	10.290	52.677	5.957	28.802
Romênia	3.668	17.473	2.449	11.647	3.407	20.522	5.812	38.394	3.020	18.366
Indonésia	2.204	10.867	2.782	17.323	2.445	17.209	4.496	32.523	470	2.992
Coreia do Sul	1.303	7.246	2.437	12.556	3.896	23.452	4.852	30.105	2.707	17.728
Reino Unido	4.058	16.350	4.649	22.882	4.406	28.159	4.398	29.439	2.776	17.896
Subtotal	103.903	460.168	109.324	500.544	83.261	493.974	93.825	561.691	51.296	311.462
Outros países	77.633	298.495	72.619	313.116	63.371	357.881	56.857	314.681	33.000	184.052
Santa Catarina	181.536	758.663	181.943	813.660	146.632	851.855	150.682	876.372	84.296	495.514

⁽¹⁾ Até Junho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

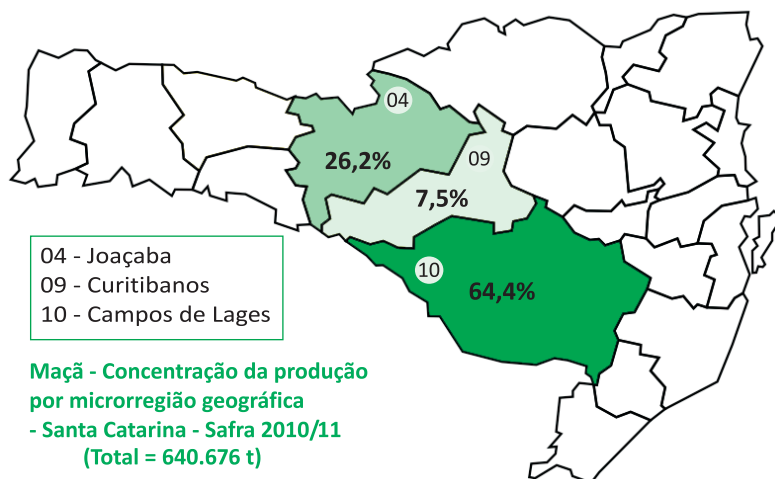
Perspectivas para a próxima safra

Ao que tudo indica, a safra 2012/13 deve permanecer com uma área semeada muito semelhante à área da safra atual. Isso porque, embora os preços estejam melhores e a comercialização menos complicada, as indústrias têm procurado permanecer apenas com os produtores mais eficientes.

Existe uma perspectiva, extraoficial, de que a China estaria pensando em reduzir suas áreas de fumo, trocando-as por produção de alimentos. Qualquer redução de área na China, que é o maior produtor mundial, representa uma queda significativa na produção. Se isso acontecer, aí sim, poderia haver um crescimento na área a ser plantada. Ainda assim, não haveria muita área disponível na Região Sul para este plantio.

MAÇÃ

Luiz Marcelino Vieira
Econ. Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

São aproximadamente 95 países que exploram a atividade macieira no mundo, a maioria deles produz para suprir as necessidades internas da população.

Os dados da FAO sinalizam para a safra mundial de maçã 2009/10 uma produção de 69,6 milhões de toneladas, área colhida de 4,7 milhões de hectares e rendimento de 14,7 toneladas por hectare.

A China, com participação de 44,4%, continua liderando a produção mundial, seguida pelos Estados Unidos, com 6,3%, Turquia, Itália e Índia, produzem entre 3% e 4%; Polônia, França e Irã, entre 2% e 3%; Brasil, Chile e Federação Russa, entre 1,5% e 2% (Tabela 1).

Os maiores produtores não são necessariamente os países que têm os melhores rendimentos. Os maiores ganhos por área cultivada são encontrados nos pomares da Áustria, Suíça, Israel e França. Isso é possível, devido ao uso maior de tecnologia, prática adequada de manejo e investimento em pesquisa.

Nos últimos anos, o consumo mundial de maçã tem sido crescente, embora haja uma enorme variação entre as populações. Enquanto em alguns países praticamente inexistente o hábito de consumo, em outros ultrapassam os 54 kg/hab/ano. Esse comportamento demonstra que ainda há muito o que fazer, haja vista a falta de conhecimento de algumas pessoas quanto ao valor nutritivo da maçã e sua utilidade como fonte complementar de alimento. A Figura 1 apresenta os maiores consumos *per capita* de alguns países. Os últimos dados disponíveis são de 2009.

As vendas de maçã para os principais centros consumidores mundiais têm sido crescentes nos anos mais recentes. Entre os anos de 2005 e 2009 observou-se uma taxa média anual de crescimento de 9,2% no valor comercializado (FAO, julho de 2012).

Em 2009, a soma das exportações mundiais fez um total de 5,5 bilhões de dólares, e a participação dos países ficou assim distribuída: num primeiro bloco, entre 11% e 13%, destacaram os mercados italiano, chinês, americano e francês; num segundo bloco, entre 4% e 5%, aparecem os chilenos e os holandeses e num terceiro bloco, entre 4% e 5%, estão a Polônia, a Nova Zelândia, a Polônia, a África do Sul e a Bélgica (Tabela 2).

No quadro das importações, considerando-se os valores totais desembolsados pelos países na aquisição do produto nos anos de 2006 a 2009, observou-se uma taxa anual de crescimento de 8,4%. O crescimento só não foi maior porque em 2009 constatou-se uma desvalorização nos preços médios nos principais mercados compradores. Mesmo assim o valor atingiu 5,7 bilhões de dólares (Tabela 3).

Tabela 1/I. Maçã – Quantidade produzida total e dos principais países – Safras 2005/06-2009/10

(mil t)

País/mundo	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	64.175	65.508	68.729	70.516	69.570
China	26.065	27.866	29.851	31.684	33.265
Estados Unidos	4.569	4.123	4.370	4.402	4.212
Turquia	2.002	2.458	2.504	2.782	2.600
Itália	2.131	2.230	2.210	2.326	2.205
Índia	1.756	2.001	1.985	1.795	2.163
Polônia	2.305	1.040	2.831	2.626	1.859
França	2.081	2.144	1.702	1.730	1.711
Irã	2.700	2.660	2.719	2.000	1.662
Brasil	863	1.115	1.124	1.223	1.276
Chile	1.350	1.400	1.280	1.090	1.100
Federação Russa	1.619	2.333	1.120	1.435	986

Fonte: FAO (julho de 2012). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Maçã – Valor exportado – Total e dos principais países – 2005-09

(milhão de dólares)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	3.887	4.370	5.500	6.224	5.520
Estados Unidos	500	549	651	749	762
China	322	386	533	724	753
Itália	482	562	747	821	667
França	507	572	681	771	590
Chile	304	382	552	558	497
Holanda	274	304	384	480	356
Brasil	46	32	69	81	56

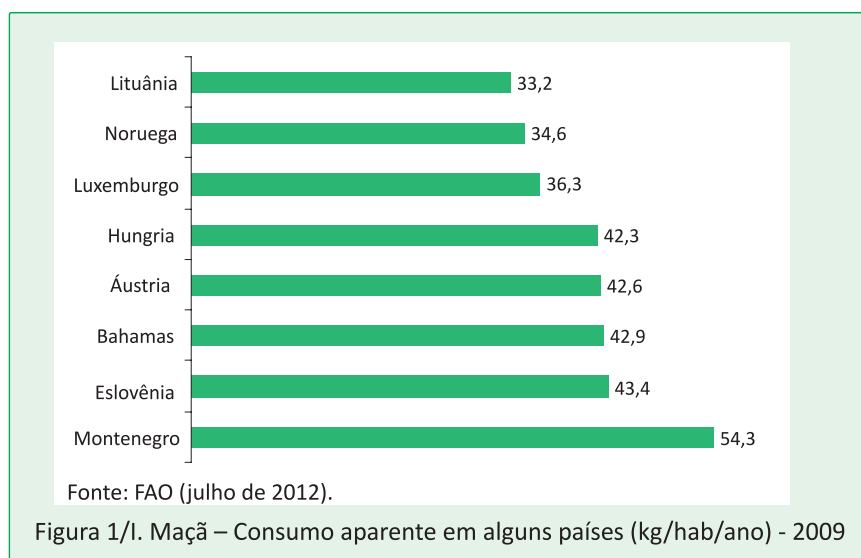
Fonte: FAO (julho de 2012). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Tabela 3/I. Maçã – Valor importado – Total e dos principais países – 2005-09

(milhão de dólares)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	4.108	4.849	5.968	6.601	5.655
Federação Russa	295	351	453	520	548
Alemanha	501	559	623	679	521
Reino Unido	529	566	642	613	511
Holanda	271	347	423	469	382
China	185	186	298	338	276
Espanha	178	165	248	268	201
Brasil	30	48	43	48	46

Fonte: FAO (julho de 2012). Disponível em (<http://www.fao.org>).



Produção e mercado nacionais

Safra 2010/11

A safra nacional 2010/11 de maçã apresenta um volume produzido de 1,33 milhão de toneladas, área colhida de 37,9 mil hectares e rendimento médio de 35,2 toneladas por hectare. Em comparação com os dados da safra passada, constata-se um decréscimo de 2,2% na área, crescimento de 6,7% no rendimento médio e de 4,4% na produção (IBGE, junho de 2012).

Santa Catarina continua liderando o setor como maior produtor, sendo responsável por 53,3% da produção nacional, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 42,1%, e Paraná, com 4,4% (Tabela 4).

Nos pomares de macieira predomina a exploração dos cultivares Gala, Fuji e Golden Delicious, os quais são responsáveis por aproximadamente 98% da produção nacional. Os cultivares Gala começam a ser colhidos em fevereiro e são responsáveis por cerca de 55% da produção; a colheita do Fuji, que contribui com cerca de 41% da safra, se estende de abril até meados de maio; o Golden Delicious, com participação de cerca de 2% da safra, é colhido em março. Os 2% restantes são compostos por outros cultivares.

Durante a safra, foram registrados queda de granizo, frio fora de época, ocorrência de pragas - ataques da mosca da fruta e da grafolita (mariposa) e doenças como a sarna da macieira e a mancha foliar da Gala, bem como o aparecimento do vírus "russeting", influenciando na qualidade e produtividade dos frutos em alguns municípios catarinenses.

Em 2011, os preços da maçã, no produtor, baixaram no início da colheita (janeiro a março) e mantiveram-se valorizados nos demais meses do ano, em comparação com os da safra passada.

No atacado, os dados coletados junto à Companhia de Entrepósitos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) apresentaram médias mensais ponderadas crescentes com valorização anual de 6,41%, subindo em alguns meses do ano um pouco mais, com variação entre 13% e 14%.

Mesmo com os preços superiores aos do ano passado, o produtor catarinense permanece desestimulado e o setor, a cada safra, mais descapitalizado (Figura 2).

Em 2011, em comparação com o ano anterior, as vendas brasileiras de maçãs para o mercado internacional sofreram uma redução de 46,3%, enquanto a entrada do produto, principalmente dos mercados argentino e uruguaio, aumentou 25,6%, favorecida pela valorização da moeda nacional frente ao dólar.

Com a redução das exportações, o aumento das importações e a oferta nacional ampliada, as atenções dos segmentos produtivo e de comercialização se voltaram para o mercado interno que apresenta um consumo de 5,8 quilos/habitante/ano.

As vendas nacionais de maçã para o mercado externo são realizadas praticamente de abril a junho, período de entressafra nos países europeus, que são os principais parceiros comerciais do Brasil, responsáveis por aproximadamente 80% da fruta comercializada.

Em 2011, 31,2% das vendas de maçã destinaram-se para o mercado da Holanda, 12,8% para Bangladesh, 9,2% para Portugal, 8,7% para Irlanda e 6,3% para a Alemanha. O Rio Grande do Sul é o principal exportador, com cerca de 85% das vendas. Essa posição, até alguns anos atrás, pertencia a Santa Catarina.

No ano, os maiores compradores do suco de maçã do Brasil foram os americanos, com 61,1% das compras, seguidos pelos japoneses, com 19,4% e os holandeses, com 13,1%, representando um desembolso total de US\$38,3 milhões (91,4% do montante total). Santa Catarina foi responsável por 75% das vendas, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 25%.

Em 2008, as vendas brasileiras de maçã “in natura” e de sucos perfizeram um montante de US\$117,3 milhões. Em 2010 baixaram para US\$88,4 milhões. Em 2011, continuaram caindo para US\$78,1 milhões, apresentando um decréscimo de 33,4% e 11,7%, respectivamente, em comparação com 2008 e 2010 (Figuras 3 e 4).

Tendo em vista a necessidade de ampliar os negócios da maçã, o setor tem procurado ampliar as operações comerciais com países da Ásia, África e do Oriente Médio (Figura 5).

No quadro das importações, observa-se uma maior entrada da maçã no mercado nacional a partir de 2009. Isso precisa ser avaliado e acompanhado pelo setor nacional. Talvez seja necessário dar mais atenção aos mecanismos de produção e comercialização, tornando a maçã brasileira ainda mais atraente e competitiva frente ao produto importado (Figura 5).

Safra 2011/12

As estimativas para a safra nacional 2011/12 de maçã são de 1,338 milhão toneladas, área colhida de 38,5 mil hectares e rendimento médio de 34,8 toneladas por hectare. Em comparação com os resultados obtidos na safra passada, a área colhida aumentou 1,7% e o rendimento caiu 1,4%, enquanto a produção praticamente se manteve, com apenas 0,3% de crescimento (IBGE/LSPA, junho de 2012-Tabela 4).

No Rio Grande do Sul, embora a área colhida dos pomares continue expandindo-se, com 4,2% de aumento na safra, a diminuição de 6,1% no rendimento médio reflete uma perda de 2,1% no volume produzido.

Em Santa Catarina, a diminuição de 0,4% na área colhida foi compensada pelo aumento de 3,4% no rendimento médio, resultando num incremento de 3,0% na produção obtida.

A produção catarinense de maçã está concentrada na microrregião geográfica de Campos de Lages destacando-se na primeira posição, com 398,3 mil toneladas (58,6%). A microrregião de Joaçaba, com 230,6 mil toneladas (33,9%), vem em segundo lugar.

Por município, São Joaquim é o maior produtor, com 251 mil toneladas, seguido por Fraiburgo, com 115 mil toneladas, Bom Jardim da Serra, com 49 mil toneladas, Bom Retiro e Monte Carlo, com 39 mil toneladas cada e Urubici, com 25 mil toneladas. Esses municípios são responsáveis por 81% da produção estadual.

Com a redução das vendas para o mercado internacional, os segmentos de produção e comercialização se voltaram para o mercado interno. Nos meses de janeiro a julho de 2012, a comercialização da maçã apresentou um desempenho bastante parecido com igual período do ano passado, com as vendas variando entre 55 e 60 mil toneladas mensais.

A partir do mês de agosto, quando ocorre uma maior entrada de maçã argentina e uruguaia, o produto nacional passa a ter maior concorrência, exigindo mais competência e criatividade dos agentes do setor para continuar conquistando o consumidor brasileiro e mantendo o volume das vendas e os preços valorizados.

No primeiro semestre deste ano, os preços da maçã no mercado atacadista nacional foram poucos estimulantes, caindo 4,6%, em comparação a igual período do ano passado. Os preços aviltados refletiram automaticamente numa menor remuneração ao produtor. Para o segundo semestre, quando são comercializados frutos de melhor qualidade e de maior calibre, a expectativa é de uma melhora gradual nas cotações do produto.

Em 2012, com as vendas nacionais de maçãs para o mercado externo praticamente já encerradas e o baixo volume negociado de aproximadamente 48 mil toneladas, representou apenas 3% a mais que no ano passado, quando os números também estiveram abaixo da expectativa (45 mil t). Buscar novos mercados, ampliar aqueles já existentes e tornar o produto brasileiro ainda mais competitivo no exterior é necessário e talvez a melhor alternativa para o setor.

No mercado interno, a saída é criar mecanismos que estimulem o aumento do consumo, disponibilizando um produto com qualidade, sabor atraente, melhor apresentação e preços mais acessíveis. Esse é o caminho para tornar a maçã mais competitiva frente a outras frutas nacionais e importadas.

Tabela 4/I. Maçã – Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2007/08 - 2011/12

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽¹⁾
Área colhida (ha)					
Brasil	38.072	38.205	38.716	37.860	38.491
Santa Catarina	19.638	19.817	20.014	18.785	18.704
Rio Grande do Sul	16.206	16.278	16.293	17.124	17.841
Paraná	1.900	1.800	2.118	1.846	1.800
Quantidade produzida (t)					
Brasil	1.124.155	1.222.885	1.279.026	1.334.897	1.338.270
Santa Catarina	562.988	622.501	680.000	640.676	659.732
Rio Grande do Sul	514.717	556.556	537.507	634.400	620.891
Paraná	41.800	39.600	56.562	58.537	55.800
Rendimento médio (kg/ha)					
Brasil	29.527	32.009	33.036	35.259	34.768
Santa Catarina	28.668	31.412	33.976	34.106	35.272
Rio Grande do Sul	31.761	34.191	32.990	37.047	34.801
Paraná	22.000	22.000	26.705	31.710	31.000

⁽¹⁾ Safras 2010/11 e 2011/12 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2008-2010) e LSPA-junho/2012.

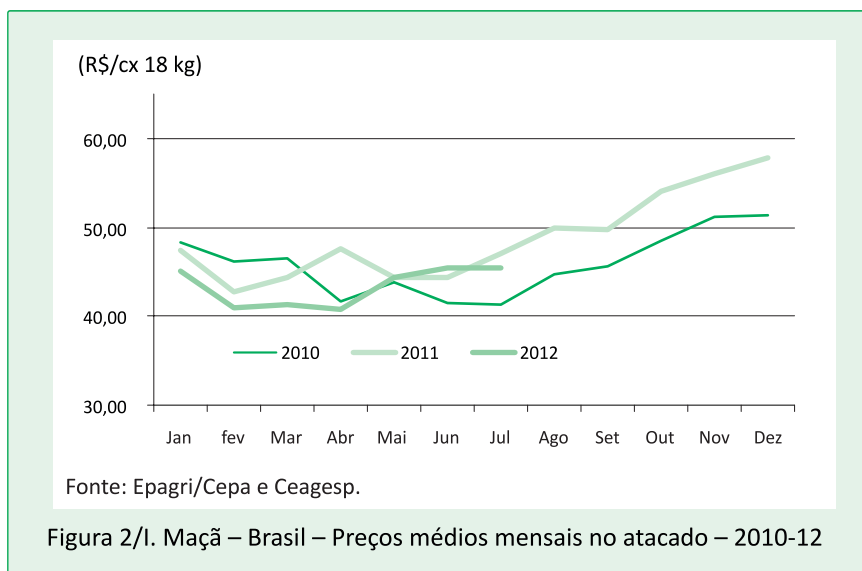


Figura 2/I. Maçã – Brasil – Preços médios mensais no atacado – 2010-12

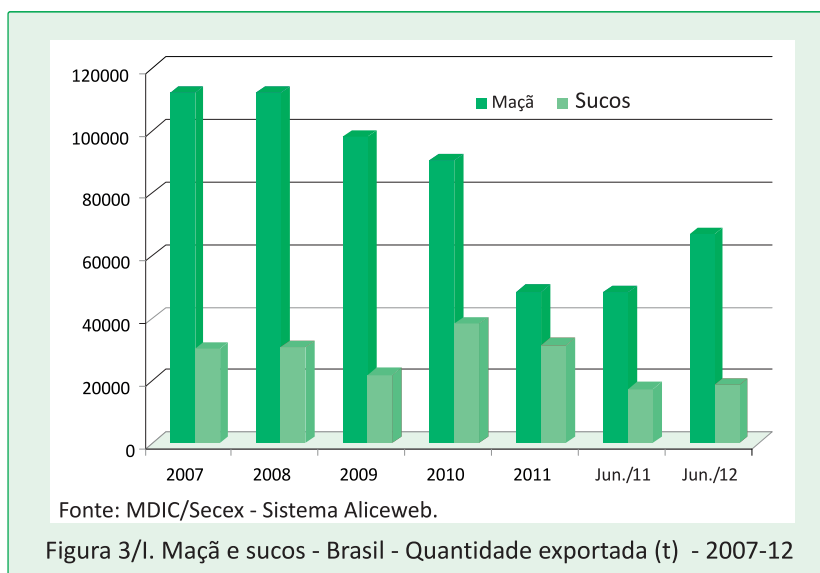


Figura 3/I. Maçã e sucos - Brasil - Quantidade exportada (t) - 2007-12

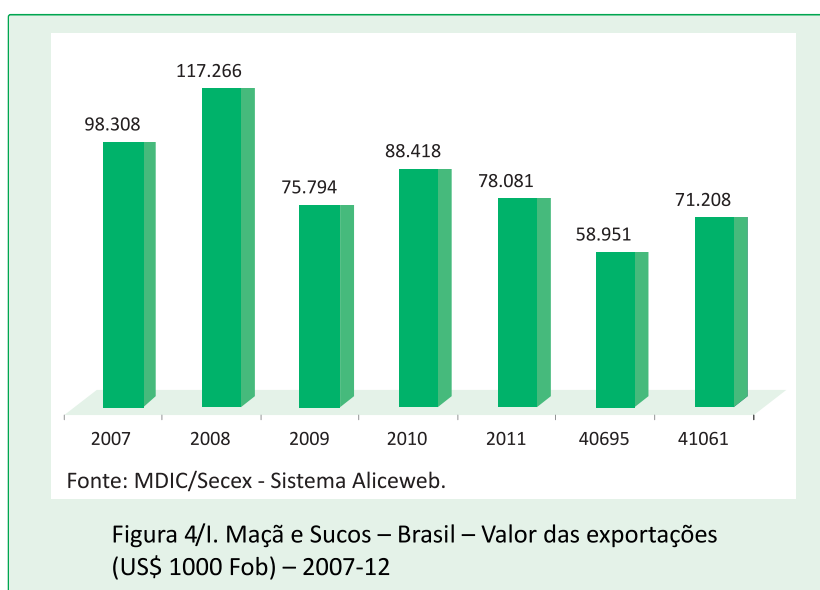


Figura 4/I. Maçã e Sucos – Brasil – Valor das exportações (US\$ 1000 Fob) – 2007-12

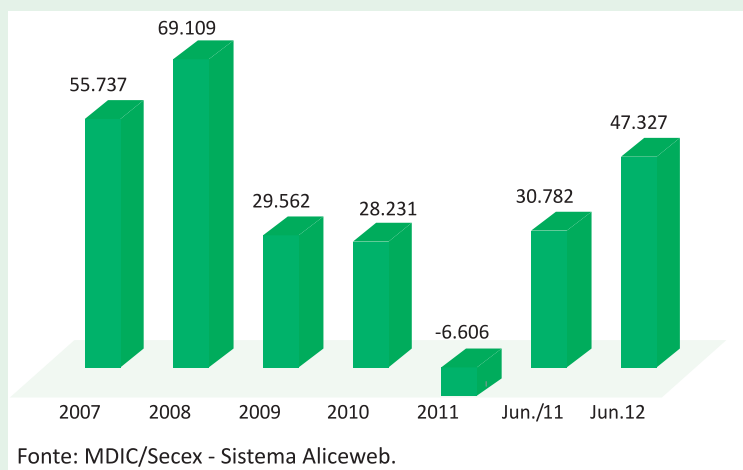
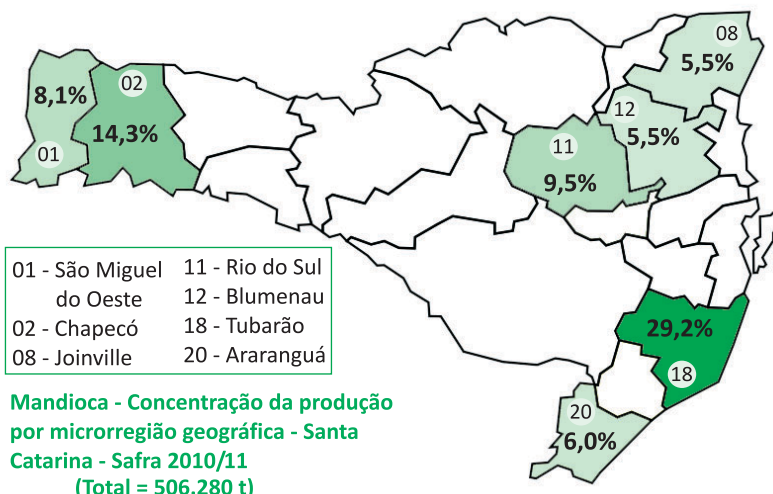


Figura 5/I. Maçã e sucos – Brasil – Saldo da balança comercial (US\$1.000) – 2007-12

MANDIOCA

Luiz Marcelino Vieira
Econ. Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Na safra 2009/10, a área total mundial colhida alcançou 18,5 milhões de hectares e gerou 229,5 milhões de toneladas produzidas, representando um decréscimo de 1,6% e 2,1%, respectivamente, em relação à safra anterior.

O continente africano lidera o cultivo da mandioca, com 52,9% do volume total produzido (a Nigéria é responsável por 30,1% – 121,4 milhões de t), seguido pelo asiático, com 32,6% (a Indonésia produz 32,0% - 29,6 milhões de t e a Tailândia, 29,4% – 22 milhões de t), e o americano, com 14,5% (o Brasil lidera, com 73,4% - 24,5 milhões de t).

Embora a cultura da mandioca seja explorada por uma centena de países, apenas cinco deles são responsáveis por 54% da produção mundial. Sendo poucos os países que exploram a atividade para fins comerciais, predominando, portanto, a atividade de subsistência (Tabela 1).

Por outro lado, observa-se, através dos dados apresentados, que os melhores ganhos por área cultivada nem sempre estão entre os países que possuem as maiores produções (Tabela 1).

O modelo de exploração da mandioca difere de continente para continente. Enquanto no africano parte expressiva do produto é tratada como um alimento básico para suprir a necessidade de parcela expressiva da população, com o uso mínimo de tecnologia, nos continentes asiático e americano, a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização, pelo uso de tecnologia e pelas alternativas de mercado.

Nos últimos anos, as exportações dos subprodutos da mandioca, tais como: raiz seca, farinha, fécula e tapioca movimentaram nos principais mercados mundiais, entre 5,6 e 8,2 milhões de toneladas, representando um montante financeiro de 800 milhões a 1,4 bilhão de dólares. O mercado tailandês permanece liderando, com 96% das vendas de fécula, 89% de farinha e 48% de tapiocas. A participação brasileira nesse tipo de mercado é inexpressiva, com apenas 1% (Tabela 2).

No quadro das importações, a china desembolsa 80,9% das compras mundiais de mandioca seca, 54,7% de fécula e 22,1% de tapioca, os Estados Unidos 24,9% na aquisição de tapioca, o Canadá e Singapura, 22,9% e 18,4%, respectivamente na aquisição de farinha (Tabela 3).

Tabela 1/I. Raiz de mandioca – Área colhida, produção, rendimento mundial e principais países – Safras 2005/06 - 2009/10

País	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Área colhida (1000 ha)					
Mundo	18.561	18.423	18.394	18.756	18.458
Nigéria	3.810	3.875	3.778	3.127	3.125
Brasil	1.897	1.894	1.889	1.761	1.773
Indonésia	1.227	1.201	1.193	1.176	1.183
Tailândia	1.071	1.174	1.184	1.327	1.168
Rep. Dem. do Congo	1.877	1.849	1.851	1.853	1.855
Quantidade produzida (1000 t)					
Mundo	223.853	226.304	232.143	234.550	229.541
Nigéria	45.721	43.410	44.582	36.804	37.504
Brasil	26.639	26.541	26.703	24.404	24.354
Indonésia	19.987	19.988	21.593	22.039	23.909
Tailândia	22.584	26.916	25.156	30.088	22.006
Rep. Dem. do Congo	14.989	15.004	15.014	15.034	15.050
Os cinco maiores rendimentos mundiais (kg/ha)					
Índia	32.113	32.220	33.541	34.343	34.756
Ilhas Cook	26.143	25.000	23.500	27.973	28.000
Suriname	20.000	25.471	25.165	27.683	25.256
Tailândia	21.091	22.922	21.255	22.678	18.833
Camboja	22.653	20.509	20.430	21.814	20.995

Fonte: FAO (julho de 2012). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Raiz e derivados da mandioca – Soma dos principais países exportadores – Quantidade e valor – 2005-09

Discriminação	2005	2006	2007	2008	2009
Quantidade (1000 t)					
Total	5.639	7.380	8.163	5.586	7.340
Mandioca seca	3.936	5.512	6.480	4.152	5.412
Fécula	1.556	1.742	1.572	1.331	1.822
Farinha	57	64	55	56	61
Tapioca	90	62	55	48	46
Valor (US\$ 1000)					
Total	797.725	1.080.915	1.379.609	1.339.212	1.418.832
Mandioca seca	472.114	641.958	880.303	794.383	843.438
Fécula	275.578	390.396	448.508	488.374	520.515
Farinha	16.669	17.016	19.373	23.179	20.851
Tapioca	33.364	31.545	31.425	33.276	34.028

Fonte: FAO (julho de 2012). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 3/I. Raiz e derivados da mandioca – Soma dos principais países importadores - Quantidade e valor – 2005-09

Discriminação	2005	2006	2007	2008	2009
Quantidade (1000 t)					
Total	5.608	7.766	8.817	5.667	9.302
Mandioca seca	4.115	5.594	6.785	4.009	7.178
Fécula	1.429	2.116	1.966	1.572	2.062
Farinha	16	12	13	26	16
Tapioca	49	45	52	59	46
Valor (US\$1000)					
Total	973.046	1.286.170	1.694.355	1.601.547	1.767.957
Mandioca seca	574.582	749.552	1.069.919	923.264	1.099.187
Fécula	366.781	504.503	585.507	626.323	627.708
Farinha	5.392	5.165	5.973	10.742	8.130
Tapioca	26.291	26.950	32.956	41.218	32.932

Fonte: FAO (julho de 2012). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Produção e mercado nacionais

Safra 2010/11

Na safra nacional 2010/11 de mandioca foram colhidos 1,744 milhão de hectares, obtidos 25,330 milhões de toneladas e rendimento médio de 14,5 toneladas por hectare, ocasionando um decréscimo de 2,4% e acréscimo de 3,3% e 5,8% respectivamente, em relação aos resultados da safra passada.

O rendimento médio nacional é considerado baixo, em relação a outros países e não consegue ganhar força devido ao fraco desempenho de algumas lavouras, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do País, as quais, além de terem sido atingidas pelo excesso ou falta de chuvas, caracterizam-se pelo uso inexpressivo de tecnologia e práticas de manejo.

Apenas os Estados do Pará, Paraná, Bahia e Maranhão produzem 54% da safra nacional. A lavoura paraense lidera o ranking brasileiro, participando com 18,3%, seguido pela paranaense, com 16,5% da produção nacional (Tabela 4).

Durante a fase de desenvolvimento e de maturação da cultura, observou-se em alguns estados a ocorrência de fatores climáticos adversos, como falta ou excesso de chuvas, além de algumas doenças e pragas que foram devidamente controladas, sem maiores prejuízos para a atividade.

Em 2011, as vendas de farinha e fécula no mercado nacional continuaram bastante movimentadas nos principais centros consumidores do País, embora os preços atingissem cotações um pouco abaixo das de 2010, considerado um ano de bom desempenho, com os preços tendo um comportamento acima da média histórica.

Além de atender as necessidades da população regional, a produção de farinha nos estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste tem uma fatia expressiva do produto comercializada nos mercados dos estados nordestinos.

No segmento de fécula, o Paraná lidera a produção no ranking nacional. Possui uma estrutura de comercialização que permite que as vendas sejam escalonadas de acordo com a demanda, além de barganhar preços melhores.

Os dados extraídos da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, permitem dizer que durante 2011 a comercialização brasileira de fécula, dextrina, colas e outros amidos modificados para o mercado internacional somaram um montante de 48,8 milhões dólares, com um crescimento de 7,8%, em comparação com o ano de 2010. Lideraram as compras, os mercados da Argentina, Estados Unidos, Angola, Reino Unido e Nigéria. A cada ano, aumenta o interesse dos importadores pela aquisição do produto brasileiro, abrindo espaço para o aumento das vendas, bem como a conquista de novos mercados (Figura 1).

Safra 2011/12

Na safra nacional 2011/12 de mandioca, que na maioria dos estados está sendo colhida, as estimativas do IBGE (junho/2012) apontam para uma produção de 24,618 milhões de toneladas, área a ser colhida de 1,745 milhão de hectares de lavoura e rendimento médio de 14.108 quilos/ha. Quando comparada com a safra passada, embora a área se mantenha praticamente estável, a perda de 2,9% no rendimento refletiu numa diminuição de 2,8% no volume produzido.

Em alguns estados produtores, as condições climáticas adversas, principalmente a falta ou excesso de chuva durante o ciclo vegetativo e na fase de colheita da cultura ocasionaram perdas que refletiram no rendimento da lavoura, bem como na produtividade da indústria processadora.

Os preços aos produtores da raiz de mandioca destinada para processamento de fécula e farinha nos estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste são remunerados de acordo com o teor de amido.

Em alguns estados, a disputa entre as farinheiras e fecularias pela aquisição da matéria-prima torna o produto mais competitivo e melhora a remuneração para o agricultor.

Durante o primeiro semestre de 2012, as agroindústrias nacionais de farinha, fécula e polvilho azedo continuaram processando a matéria-prima, com vistas à produção e, em alguns casos, para a formação de estoques.

No período, o volume de negócios realizados se manteve praticamente constante. O mercado comprou o estritamente necessário, apostando em preços mais acessíveis.

Para o segundo semestre, esse quadro deve permanecer com poucas alterações. Os segmentos de farinha e fécula continuam aumentando a produção, enquanto os preços nos diferentes níveis permanecem estáveis até setembro.

A partir do quarto trimestre, entretanto, o níveis de negócios devem aumentar e os preços tendem a ficar mais remuneradores.

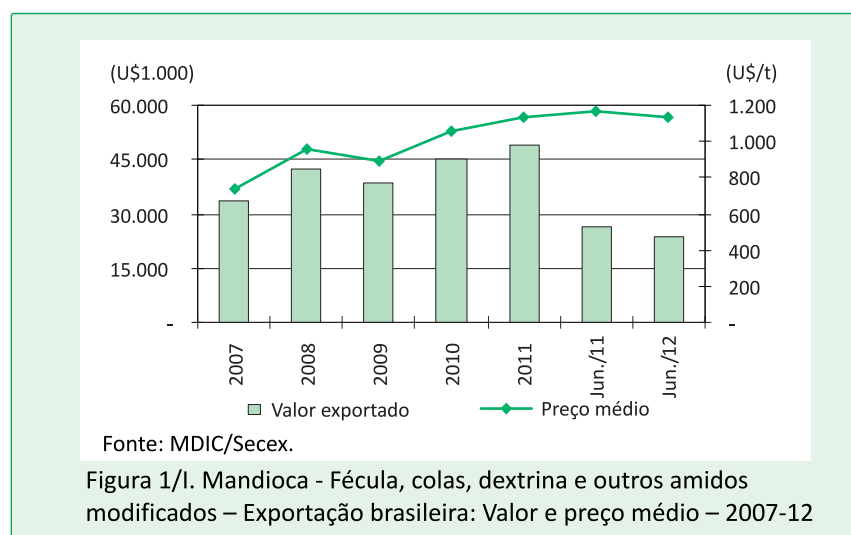
As vendas nacionais de fécula, colas, dextrina e outros amidos para o mercado mundial durante o primeiro semestre deste ano teve um fraco desempenho comparado com igual período de 2011. Caíram 10,4% no montante e 7,8% no volume negociado.

Ainda permanece a política de subsídios adotada por alguns países à produção e comercialização de produtos, dificultando a ampliação dos negócios brasileiros no mercado internacional. Compete aos diversos agentes do setor romper essas barreiras, ampliando e buscando novos negócios no mercado.

Tabela 4/I. Raiz de mandioca – Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados – Safras 2007/08 – 2011/12

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽¹⁾
Área colhida (1000 ha)					
Brasil	1.889	1.761	1.787	1.744	1.745
Pará	305	290	297	294	305
Paraná	141	153	172	184	178
Bahia	337	272	262	253	253
Maranhão	223	182	210	208	204
Rio G. do Sul	85	84	82	80	79
São Paulo	44	41	52	61	52
Quantidade produzida (1000 t)					
Brasil	26.703	24.404	24.524	25.330	24.618
Pará	4.799	4.549	4.596	4.644	4.766
Paraná	3.326	3.655	4.013	4.179	3.774
Bahia	4.359	3.437	3.211	2.977	3.069
Maranhão	1.730	1.216	1.541	1.780	1.736
Rio G. do Sul	1.340	1.282	1.304	1.305	1.196
São Paulo	1.038	982	1.169	1.212	1.287
Os seis maiores rendimentos estaduais (kg/ha)					
São Paulo	23.477	24.007	22.373	20.013	24.623
Paraná	23.526	23.867	23.302	22.681	21.210
Mato G. do Sul	19.730	19.319	20.356	20.775	20.000
Acre	21.707	21.686	20.877	19.652	19.998
Santa Catarina	19.069	18.233	18.064	18.425	18.541
Tocantins	18.854	18.713	18.108	17.927	18.067

⁽¹⁾ Safras 2010/11 e 2011/12 dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2007-10) e LSPA-julho/2012.



Produção e mercado estaduais

Safra catarinense 2010/11

Na safra 2010/11 de mandioca, Santa Catarina possui o 5º maior rendimento do País. É o 10º produtor, com 2,2% de participação na produção. O Estado produziu 506,3 mil toneladas, numa área colhida de 27,5 mil hectares e obteve um rendimento de 18,4 toneladas por hectare.

No Estado, a cada ano, o interesse pela exploração dessa lavoura tem perdido força, diminuindo a área plantada, bem como o número de produtores. Permanece na atividade apenas o produtor melhor estruturado e mais organizado, sendo que nas regiões Sul Catarinense, Vale do Itajaí e em alguns municípios da Grande Florianópolis, a mandioca é explorada para fins comerciais, enquanto, nas demais regiões catarinenses, é cultivada principalmente para atender a alimentação animal e humana (Tabela 5).

Ao contrário da safra passada, em 2011, as condições climáticas favoráveis e a ausência de doenças e pragas contribuíram para que a lavoura seguisse o seu ritmo normal gerando um produto de qualidade e de melhor rendimento.

As agroindústrias processadoras de matéria-prima, quase na sua totalidade, remuneraram o produtor levando em consideração a quantidade de teor de amido. Esse procedimento tem estimulado o produtor a aprimorar as práticas de manejo, melhorando a produtividade no campo para obter uma maior valorização da produção e conseqüente aumento de renda.

Em 2011, o mercado catarinense de farinha, fécula e polvilho azedo teve um comportamento semelhante ao do ano anterior. Os agentes de produção e comercialização mantiveram praticamente o número de negócio e o volume de venda, tanto no mercado interno, quanto para os centros consumidores interestaduais (Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, dentre outros).

Por outro lado, os preços das farinhas mantiveram um ritmo decrescente: caíram 6,5% na farinha fina e 0,8% na farinha grossa. Já no segmento de polvilho azedo aumentaram 2,1% e na raiz de mandioca, 6,5% (Figura 2).

Safra catarinense 2011/12

As estimativas para a safra catarinense 2011/12 indicam uma produção de 521 mil toneladas, área a ser colhida de 28,1 mil hectares e rendimento médio de 18,5 toneladas por hectare (IBGE/LSPA, junho de 2012). A colheita da safra continuará até meados de setembro, com a expectativa de um bom rendimento industrial. A raiz processada entre os meses de maio e julho apresentou uma variação entre 327 e 330 quilos por tonelada de produto. Na Região Sul Catarinense, algumas lavouras apresentaram perdas de rendimento em decorrência da escassez de chuva após o plantio (outubro/novembro) e durante a fase de desenvolvimento vegetativo (março/abril). As lavouras cultivadas em terrenos arenosos foram as mais prejudicadas.

Nos últimos anos vem ocorrendo uma redução da área de mandioca de dois ciclos nas principais regiões produtoras. Este fato tem obrigado as indústrias processadoras a rever o cronograma de suas atividades, iniciando os trabalhos um pouco mais tarde.

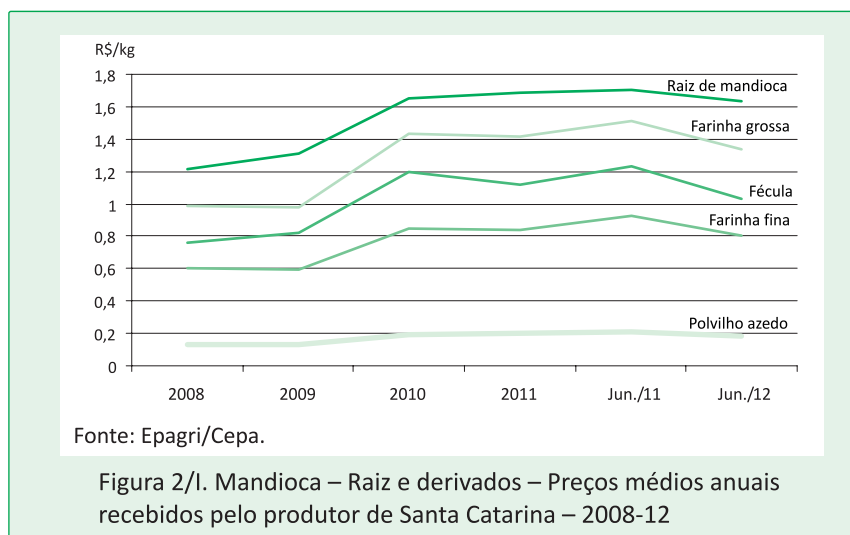
Os preços médios dos derivados da mandioca praticados no primeiro semestre de 2012 apresentaram-se abaixo daqueles remunerados em igual período de 2011. A farinha fina caiu 16,2%, farinha grossa, 13,3%, fécula, 11,3%, polvilho azedo, 3,9% e raiz, 14,3%. Nos meses de julho a setembro devem continuar estáveis, influenciados por uma maior produção e consequente aumento dos estoques. Para o quarto trimestre, voltam a subir, porém num ritmo menor que em igual período de 2011 (Figura 2).

Nos seis primeiros meses deste ano, o mercado catarinense manteve praticamente os mesmos volumes de negócios de 2011. No segundo semestre, a expectativa do setor é de um leve aumento no volume de negócios e de novos mercados para todos os derivados.

Tabela 5/I. Mandioca – Área colhida e quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2007/08-2010/11

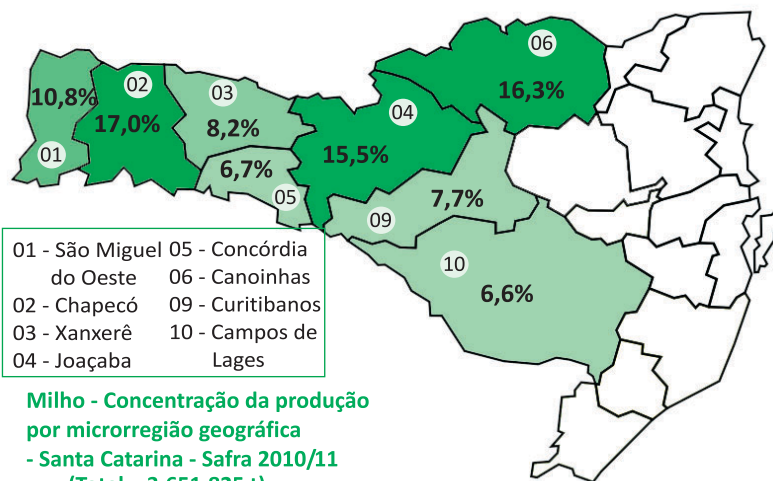
SC/MRG	Área colhida (ha)				Quantidade produzida (t)			
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Santa Catarina	30.546	30.284	29.929	27.478	582.481	552.169	540.626	506.280
São Miguel do Oeste	2.935	2.890	2.890	1.948	61.595	61.405	54.805	41.195
Chapecó	4.904	4.223	4.123	3.773	94.996	80.636	81.076	72.571
Xanxerê	585	591	536	543	10.038	10.175	8.985	10.022
Joaçaba	237	357	607	357	3.938	7.175	10.048	5.998
Concórdia	862	862	689	653	18.003	19.248	15.058	13.390
Canoinhas	200	200	200	200	3.200	3.200	3.200	3.200
São Bento do Sul	90	50	50	65	1.395	775	775	1.020
Joinville	1.279	1.860	1.831	1.763	19.555	24.028	28.289	27.902
Curitibanos	61	66	79	90	765	840	1.100	1.528
Campos de Lages	73	66	66	66	1.024	866	866	866
Rio do Sul	2.485	2.175	2.495	2.030	56.520	47.995	57.595	47.965
Blumenau	2.024	2.699	1.865	1.750	35.402	38.686	26.635	28.000
Itajaí	175	157	305	427	2.895	2.138	4.108	8.235
Ituporanga	680	420	540	540	17.625	10.275	13.975	13.975
Tijucas	1.120	1.120	1.160	1.021	22.150	22.150	19.334	17.425
Florianópolis	1.265	1.265	1.210	1.010	19.315	19.315	14.975	12.450
Tabuleiro	780	780	780	680	15.350	15.350	15.350	13.500
Tubarão	8.715	8.452	8.430	8.130	166.210	154.767	150.527	147.708
Criciúma	580	510	510	515	10.065	8.930	9.380	8.870
Araranguá	1.496	1.541	1.563	1.917	22.440	24.215	24.545	30.460

Fonte: IBGE.



MILHO

Julio Alberto Rodigheri
Eng. Agr. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br



Milho - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2010/11 (Total = 3.651.825 t)

Na safra 2011/12 o Brasil tornou-se o terceiro produtor mundial de milho, ultrapassando a União Europeia. A sua frente estão os Estados Unidos, muito distanciado dos demais, e a China também muito a frente dos seguintes (Tabela 1). A diferença entre a China e a União Europeia com os demais é que aquelas consomem tudo o que produzem ao passo que os outros países são exportadores. Esta posição do Brasil tende a permanecer, pois o Brasil continua aumentando área e produtividade, enquanto a União Europeia tem sua fronteira agrícola esgotada.

O Brasil é o quarto consumidor, pois aí a União Europeia continua a frente. Na exportação prevista para 2012/13 o Brasil, segundo o USDA, o país seria o quarto, pois a Former Soviet Union (FSU-12) estaria à frente e a Ucrânia viria em seguida. A Argentina seria a segunda colocada pois, ao contrário da China, que não exporta, o percentual argentino exportado é muito alto (66%). Nesta previsão o único país a aumentar suas exportações de milho é a Argentina (Tabela 2).

Quanto aos estoques mundiais, a previsão é de que a safra 2012/13, que teria estoque inicial de 136 milhões de toneladas, acabaria o período com 123 milhões de toneladas, mais próximo, portanto, da safra 2010/11 e abaixo dos dois anos anteriores. Este cenário, assim como outros fatores, não colabora com redução dos preços (Tabela 3).

A questão dos estoques é especialmente séria com os EUA, que sempre tiveram os maiores estoques, e que agora vem caindo de 42-43 milhões de toneladas nos anos 2009 e 2010 para 29-26 em 2011 e 2012 e 16,5 milhões de toneladas em 2012/13 (Tabela 4). Essa é a previsão do próprio USDA. Como os EUA são os maiores produtores e maiores exportadores, os problemas deles se transferem para o mundo, como no caso da previsão mais baixa de produção estabelecida em agosto/12 por problemas de estiagem na região produtora daquele país, que passou a prever uma safra 13% abaixo que a anterior, mas muito menor que o previsto inicialmente. Basta destacar que, em relação à campanha passada, a queda seria de 40 milhões de toneladas (Tabela 2), enquanto a produção total do Brasil ficou pouco abaixo de 73 milhões de toneladas na última safra.

As incertezas em relação à produção dos Estados Unidos ficam maiores quando se considera a quantidade de milho que é usado lá para fazer etanol: 136 milhões de toneladas em 2011/12 (Tabela 5), ou seja, quase duas vezes a produção total do Brasil. Mais que isso: esta produção de etanol é feita com subsídio governamental, que voltou a ser questionado pelos produtores de ração e autoridades estaduais, que querem suspê-lo até o fim de 2013. Essa decisão provavelmente não ocorrerá logo, mas poderá acon-

tecer no início de 2013 se mudar o partido no governo. Portanto, até a política partidária interfere no cenário. Caso seja suspensa a produção de etanol de milho, essa quantidade irá para a ração e para exportação, o que agradaria aos criadores, mas desagradaria aos produtores do cereal.

Para a Argentina, país que produz e exporta na mesma época que o Brasil, o USDA prevê que sua produção e exportação crescerão em 2012/13 (a produção 33%, o consumo interno 14% e a exportação 16%) – Tabela 6.

Tabela 1/I. Milho – Principais produtores mundiais – Safras 2008/09-2012/13

(milhões t)

País	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Estados Unidos	307,1	332,5	316,7	313,9	273,8
China	165,9	158,0	173,0	192,8	195,0
União Europeia	61,4	57,3	55,5	65,4	61,5
Brasil	51,0	56,1	55,0	70,0	67,0
Argentina	15,0	22,8	22,0	21,0	28,0
México	24,2	20,4	21,5	18,1	21,5
Subtotal	624,6	647,1	643,7	681,2	646,8
Outros países	173,2	165,9	176,9	195,6	202,2
Total	797,8	813,0	820,6	876,8	849,0

⁽¹⁾ previsão de agosto de 2012.

Fonte: Usda.

Tabela 2/I. Milho – Principais países do mercado – Safras 2011/12-2012/13

(milhões de t)

País	Produtor		Importador		Consumidor		Exportador	
	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13
Estados Unidos	313,9	273,8	0,6	1,9	277,9	252,1	39,4	33,0
China	192,8	200,0	5,0	2,0	188,0	201,0	0,1	0,2
Brasil	72,8	70,0	0,8	0,8	54,0	56,0	14,0	14,0
União Europeia-27	65,4	61,5	6,3	3,0	67,3	65,5	3,2	1,0
Argentina	21,0	28,0	0,0	0,0	7,7	8,8	16,0	18,5
México	18,1	21,5	11,2	8,5	29,7	29,7	0,0	0,0
Sudeste Ásia	25,4	25,6	5,9	6,1	30,7	31,8	0,3	0,2
FSU-12 ⁽¹⁾	33,7	32,1	0,3	0,2	16,8	18,0	17,0	14,4
Canadá	10,7	12,8	0,9	0,5	11,1	12,5	0,4	1,0
África do Sul	11,5	13,5	0,0	0,0	10,7	11,1	1,5	2,5
Ucrânia	22,8	21,0	0,1	0,1	8,3	8,5	14,5	12,5
Egito	5,5	5,8	5,5	5,2	11,0	11,2	0,0	0,0
Japão	0,0	0,0	15,0	15,0	15,0	15,0	0,0	0,0
Coreia do Sul	0,1	0,1	7,5	55,5	7,7	7,6	0,0	0,0
Total mundial	876,8	849,0	95,2	88,5	868,4	861,6	101,3	92,8

⁽¹⁾ Former Soviet Union - 12 – Doze países da ex-União Soviética, excluídos Rússia, Ucrânia e Casaquistão.

Fonte: Usda (agosto de 2012).

Tabela 3/I. Milho – Oferta e demanda mundiais – Safras 2008/09-2012/13

(milhões t)

Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Estoque inicial	131,3	147,2	143,4	127,47	135,97
Produção	797,8	813	820,6	876,84	849,01
Cons. doméstico	781,6	816,8	846,6	868,35	861,64
Exportação	84,4	97	90,6	101,28	92,78
Estoque final	147,5	143,4	127,47	135,97	123,33

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Usda (agosto de 2012).

Tabela 4/I. Milho – Oferta e demanda – Estados Unidos – Safras 2008/09-2012/13

(milhões t)

Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Estoque inicial	41,3	42,5	43,4	28,6	25,9
Produção	307,1	332,5	316,2	313,9	273,8
Cons. doméstico	259,3	281,4	293,4	377,9	252,1
Exportação	47,0	50,5	48,3	39,4	33,0
Estoque final	42,5	43,4	28,6	25,9	16,5

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Usda (agosto de 2012).

Tabela 5/I. Milho – Produção de milho e etanol nos Estados Unidos – Safras 2006/07-2011/12

(milhões de t)

Produção/Safra	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Milho	267,6	331,2	307,4	332,5	316,2	313,9
Etanol ⁽¹⁾	76,9	95,2	104,1	91,4	130,0	136,0
Etanol/milho %	28,7	28,7	33,9	27,5	41,1	43,3

⁽¹⁾ Volume de milho usado para etanol.

Fonte: Usda (junho de 2012).

Tabela 6/I. Milho – Oferta e demanda da Argentina – Safras 2008/09- 2012/13

(milhões de t)

Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Estoque inicial	2,2	0,5	0,6	4,1	1,4
Produção	15,0	22,8	22,9	21,0	28,0
Cons. doméstico	6,4	6,7	7,1	7,7	8,8
Exportação	10,3	16,5	14,5	16,0	18,5
Estoque final	0,5	0,6	4,1	1,4	2,2

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Usda. (agosto de 2012).

Mercado nacional

A evolução da produção de milho no Brasil na safra 2011/12 dividiu os estados em dois grupos bem distintos. O primeiro deles, o dos que têm segunda safra (Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul); e outro, o dos estados que só têm a primeira safra (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e a Bahia, esse último representando o Nordeste). Os primeiros tiveram aumento de safra, alguns muito expressivos, como o do Mato Grosso (105%), Mato Grosso do Sul (79%) e Goiás (40%) e os segundos, com queda na produção, como são os casos do Rio Grande do Sul (40%) e de Santa Catarina (19%) – Tabela 7.

Mesmo com a queda de produção dos dois estados do extremo sul e do nordeste em geral (-33%), a produção nacional cresceu. Isso só pode acontecer por causa do aumento da importância da segunda safra, que neste ano representou 53% do total produzido, enquanto na safra anterior equivalia a 39% da safra brasileira.

A questão dos estoques para o Brasil é mais simples do que para os EUA, já que a safra 2012/13 inicia e termina com os mesmos volumes e a deste ano deverá ficar próxima da média dos últimos quatro anos. Pela previsão do USDA, neste ano o País deve consumir mais e exportar menos (Tabela 8).

As exportações de milho do Brasil em 2011 cresceram em valor e diminuíram em volume, pois os preços recebidos aumentaram 38,1%. Em 2012, os preços se mantiveram até junho. As exportações de Santa Catarina são pouco expressivas e foram feitas pelo mesmo preço que as brasileiras. São pontuais e feitas num momento de alta e prevendo compra futura a preço mais baixo, pois o Estado é deficitário em milho (Tabela 9).

Como o Brasil exporta milho há poucos anos, ainda não tem um quadro de importadores mais consolidado. O Irã, a Espanha e a Holanda são compradores desde 2004. Em 2011 a Espanha diminuiu sua importação, mas os demais aumentaram. Outro país que aumentou foi o Egito. Os demais importaram menos, fazendo com que o total tenha caído 12% (Tabela 10).

Tabela 7/I. Milho – Principais estados produtores – Brasil – Safras 2007/08-2011/12
(milhões t)

Estado	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	(%)12/11
Paraná	15,4	11,1	13,4	12,2	17,1	40,2
Mato Grosso	7,8	8,1	8,1	7,6	15,6	105,3
Minas Gerais	6,6	6,5	6,1	6,5	7,7	18,5
Rio Grande do Sul	5,3	4,2	6	5,8	3,5	-39,7
Goiás	5	4,9	4,8	6	8,4	40,0
São Paulo	4,7	4,3	4,5	4,3	5	16,3
Mato G. do Sul	3,5	2,3	3,7	3,4	6,1	79,4
Santa Catarina	4,1	3,3	3,8	3,6	2,9	-19,4
Bahia	2,0	2,0	2,3	2,3	2,2	-4,3
Subtotal	54,4	46,7	52,7	51,7	68,5	32,5
Outros estados	4,2	4,3	3,3	5,7	4,3	-24,6
Total	58,6	51,0	56,0	57,4	72,8	26,8

Fonte: Conab (agosto de 2012).

Tabela 8/I. Milho – Oferta e demanda – Brasil – Safras 2007/08-2012/13
(milhões de t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Estoque inicial	3,6	12,6	12,1	10,0	10,3	13,1
Produção	58,6	51,0	56,1	57,0	72,8	67,0
Importação	0,7	1,1	0,4	0,8	0,8	0,8
Consumo	42,5	45,5	47,0	49,5	54,0	56,0
Exportação	7,8	7,1	11,6	8,4	14,0	12,0
Estoque final	12,6	12,1	10,0	10,3	15,9	12,9

(¹) Previsão.

Fonte: Usda (junho de 2011).

Tabela 9/I. Milho – Valor, volume e preço das exportações – Brasil e Santa Catarina – 2007-12

Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Brasil						
Valor (milhões US\$)	1.936	1.417	1.313	2.229	2728	537
Volume (milhões t)	10.987	6.463	7.810	10.848	9.507	1.826
Preço (US\$/kg)	0,18	0,22	0,17	0,21	0,29	0,29
Santa Catarina						
Valor (milhões US\$)	43	32	7	4	0,9	9,8
Volume (milhões t)	251	126	34	14	3	38
Preço (US\$/kg)	0,17	0,25	0,21	0,29	0,30	0,26

(¹) Até junho de 2011.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 10/I. Milho – Maiores países importadores do grão – Brasil – 2004-2012

País	2004	2007	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Irã	1.305	2.724	1.491	1.906	186
Taiwan	-	-	1.091	1.174	374
Marrocos	-	-	959	579	173
Malásia	-	-	924	567	191
Espanha	461	2.924	819	402	0
A. Saudita	-	-	816	369	119
Colômbia	-	-	752	426	124
Japão	-	-	607	734	0
Argélia	-	-	-	692	84
Holanda	265	679	324	424	0
Egito	-	-	307	446	0
Subtotal	3.979	8.312	9.146	7.719	1251
Outros países	1.021	2.675	1.702	1.788	575
Total	5.000	10.987	10.848	9.507	1.826

(¹) Até junho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Mercado estadual

A área cultivada de milho no Estado vem decrescendo desde 2003. A menor queda foi na safra 2011/12 (2%), mas como a produtividade caiu 15,7% a produção diminuiu 17,5% (Tabela 11).

Esta produção menor, acompanhada de um consumo crescente, provocou o maior déficit de todos os tempos (2.609 mil toneladas) enquanto as maiores anteriores de 2005 e 2009 ficaram em 2.100 mil toneladas (Tabela 12).

Isso causou sérios problemas, principalmente para a suinocultura, pois a compra de milho de outros estados ou países encarece o produto, por causa do frete, principalmente se a compra tem que ser feita no Centro-Oeste.

Para piorar a situação, esse aumento do custo de produção não foi acompanhado pelo aumento dos preços recebidos pelos produtores pelo animal vivo. No primeiro semestre, o déficit girou em torno de 50 centavos por quilograma. Isso fez com que os produtores apelassem aos governos federal e estadual para tentar amenizar a situação. Como a maioria das reivindicações referem-se ao crédito, são da alçada do governo federal. Algumas dessas medidas foram aceitas pelo Conselho Monetário Nacional, em 2 de agosto de 2012, mas foram regionalizadas.

A distribuição regional da área cultivada de milho tem se alterado, mas não muito. De 2008 para 2010, a única microrregião que não perdeu área foi a de Joaçaba e por isso ganhou uma posição, subindo de terceira para segunda. A microrregião que trocou de posição com Joaçaba foi São Miguel do Oeste, que passou a ser terceira (Tabela 13). As demais microrregiões mantiveram suas posições, pois as quedas de área não foram muito diferenciadas: para uma média estadual de -17%, a maioria variou de 6% a 20%. Foram exceções Joaçaba, que cresceu, e, por outro lado, as que mais caíram (Xanxerê, -37% e Chapecó, -28%).

O rendimento por sua vez, também se diferenciou, dependendo dos fatores climáticos: São Miguel, Joaçaba e Curitiba tiveram aumentos e os demais municípios, quedas (Tabela 13).

Com relação aos produtos da cadeia milho/soja/frangos/suínos, os preços recebidos pelos produtores desde o início de 2008 até julho de 2012, mostram na figura 1 que as maiores oscilações ocorrem com o suíno, que tem um ponto muito baixo em julho de 2011 (R\$ 2,05/kg). Depois disso, os preços sobem e chegam a R\$ 2,58 em jan/12. Então caem até R\$ 2,06/kg em julho último. Nesse período de queda, a crise da suinocultura se instalou, porque a soja sobe de R\$ 0,72/kg em janeiro para R\$ 1,10/kg em julho. O milho não cresceu substancialmente, mas vinha crescendo desde 2010. Os dois principais integrantes da ração tiveram aumentos somados que tornaram os custos de produção maiores que os preços dos animais no caso dos suínos e muito próximos no caso do frango.

As previsões feitas para o milho, seja pelo USDA, seja pela Conab, não são válidas no momento, pois a produção brasileira de 2011/12 foi maior que o previsto e a catarinense muito menor. O déficit de Santa Catarina poderia ser suprido pelo crescimento da safra nacional, mas irá sofrer a concorrência das exportações pela queda da safra americana. A exportação brasileira de 2011 foi de 9,5 milhões de toneladas e as previsões para este ano são de 14 milhões de toneladas.

Para a próxima safra, a área plantada com milho no Brasil poderia aumentar, porque o país ainda tem fronteira agrícola, mas em Santa Catarina o problema do milho tenderia a se agravar, pois os agricultores estão considerando o negócio da soja mais lucrativo, o que levaria a uma nova queda na área do milho, ainda não estimável, mas não desprezível. O que mais entusiasma os agricultores pela soja é o preço e a liquidez até para vendas antecipadas. Os preços do milho e da soja, em 15/08/12 (saco 60 kg), eram R\$ 28,50 e R\$ 72,00, respectivamente.

Tabela 11/I. Milho – Área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 2007/08-2011/12

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	%12/11
Produção (mil t)	4.089	3.265	3.798	3.572	2.947	-17,5
Área (mil ha)	716	649	594	548	537	-2,0
Rendimento (kg/ha)	5.713	5.035	6.400	6.515	5.491	-15,7

⁽¹⁾ Previsão Conab agosto de 2012.

Fonte: Conab.

Tabela 12/I. Milho – Déficit na produção – Santa Catarina – Safra 2004/05-2011/12

Safra	Produção	Safra	Consumo	Déficit anual	
				Quantidade	(%)
2004/05	2.695	2005/06	4.797	2.102	43,8
2005/06	2.886	2006/07	4.864	1.978	40,7
2006/07	3.793	2007/08	5.215	1.421	27,2
2007/08	4.089	2008/09	5.391	1.302	24,2
2008/09	3.265	2009/10	5.369	2.104	39,2
2009/10	3.798	2010/11	5.447	1.649	30,3
2010/11	3.572	2011/12	5.330	1.707	33,3
2011/12	2.947	2012/13	5.556	2.609	47,0
Média	3.381	2005/13	5.246	1.865	35,6

Fonte: Conab e Epagri/Cepa.

Tabela 13/I. Milho – Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2008-2010

MRG/Ano	Área plantada (mil ha)		Quantidade produzida (mil t)		Rendimento (Kg/ha)		2010/2008 (%)	
	2008	2010	2008	2010	2008	2010	Área	Rendimento
Chapecó	152,1	109,5	813,4	616,6	5.348	5.633	-28,0	-24,2
Joaçaba	83,1	86,1	521,5	601,5	6.279	6.987	3,61	15,3
São Miguel Oeste	90,3	72,4	465,2	562,2	5.153	7.762	-19,8	20,9
Canoinhas	77,2	63,8	592,4	537,9	7.673	8.431	-17,4	-9,2
Xanxerê	64,2	40,3	471,8	318,8	7.347	7.907	-37,2	-32,4
Curitibanos	45,1	40,1	271,1	283,3	6.014	7.066	-11,1	4,5
Concórdia	53,3	44,8	257,1	249	4.821	5.564	-15,9	-3,15
Campos de Lages	52,9	46,2	225,9	214	4.273	4.629	-12,7	-5,27
Rio do Sul	26,8	22,9	134,7	115,6	5.025	5.050	-14,6	-14,2
Subtotal	645	526	3753	3.499	5.819	6.652	-18,4	-6,77
Outras MRG	71	67	336	299	4.732	4.463	-5,63	-11,0
Santa Catarina	716	594	4.089	3.798	5.711	6.394	-17,0	-7,12

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal.

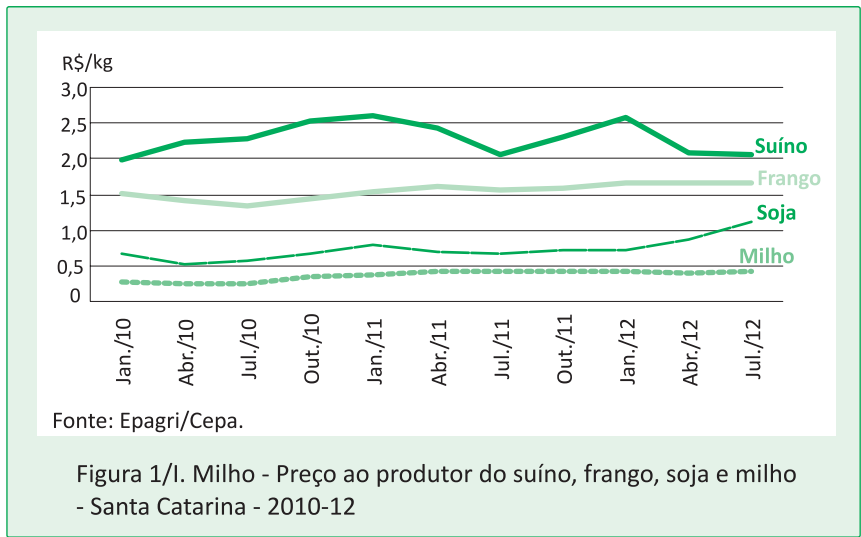
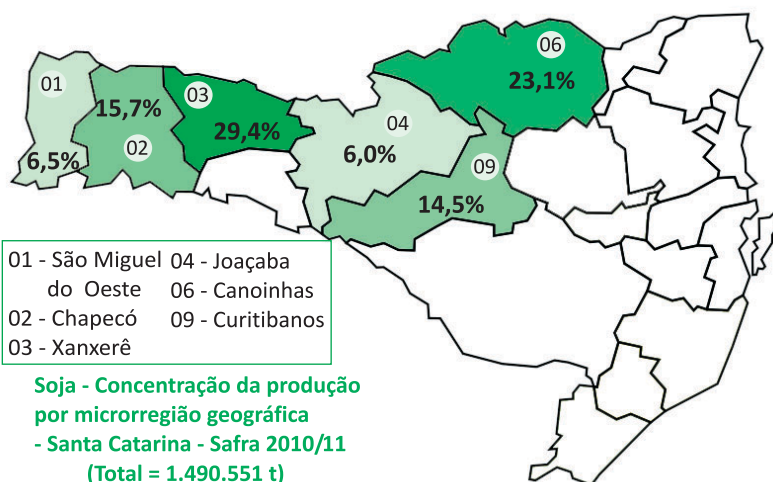


Figura 1/I. Milho - Preço ao produtor do suíno, frango, soja e milho - Santa Catarina - 2010-12

SOJA

Julio Alberto Rodigheri
Eng. Agr. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br



Mercado internacional

Os Estados Unidos têm sido o maior produtor mundial de soja e o foi ainda na safra 2011/12, mas segundo a previsão do próprio USDA na safra 2012/13 o posto será assumido pelo Brasil. O outro país que terá aumento de produção será a Argentina, que manterá a terceira posição. A China, apesar da queda de produção, continuará a ser a quarta. Para uma média de aumento de 10,4% na produção mundial na safra 12/13, a Argentina crescerá 34,1%, o Brasil 23,7%, os Estados Unidos terão queda de 11,9% e a China, de 6,7% (Tabela 1).

Os maiores consumidores são (safra 2011/12) a China, os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina. Os maiores importadores são a China e a União Europeia. Os maiores exportadores, são em 2011/12 os Estados Unidos e o Brasil empatados, mas em 2012/13 o Brasil passa à frente dos Estados Unidos. A Argentina deve permanecer como terceiro maior exportador de soja (Tabela 2).

Os estoques mundiais têm oscilado: foram menores em 2008/09, cresceram nos dois anos seguintes e caíram no último, podendo crescer levemente na próxima safra, ficando na média dos últimos seis anos (Tabela 3).

Os estoques dos Estados Unidos, que são os mais importantes pelo menos até agora, caíram mais do que os estoques mundiais. Eles caem, se recuperam e voltam a cair. A última safra (a que está plantada agora) deverá proporcionar estoques menores que a média do período (2007/08- 2012/13) – Tabela 4.

A Argentina conta com um quadro de estoques anômalo, pois tem um percentual alto da safra estocado: 46,7% em 2010/11 e 36,2% para 2012/13. A queda nos estoques aconteceu porque a produção prevista pelo USDA crescerá 34,1%, mas as exportações 73,1% (Tabela 5).

Tabela 1/I. Soja – Principais produtores mundiais – 2008-13⁽¹⁾

(milhões t)

País	2008	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
EUA	72,9	80,5	91,4	90,6	83,2	73,3
Brasil	61,0	57,0	69,0	74,5	65,5	81,0
Argentina	46,2	32,0	54,5	49,5	41,0	55,0
China	16,0	16,0	15,0	15,2	13,5	12,6
Subtotal	196,1	185,5	229,9	229,8	203,2	221,9
Outros países	25,1	25,1	30,9	33,7	32,8	38,6
Total	221,2	210,6	260,8	263,5	236,0	260,5

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Usda (agosto/12).

Tabela 2/I. Soja – Principais países do mercado – 2011/12-2012/13⁽¹⁾

(milhões de t)

País	Produtor		Importador		Consumidor		Exportador	
	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13
EUA	83,2	73,3	0,4	0,5	48,8	44,4	36,7	30,2
Brasil	65,5	81,0	0,1	0,2	39,4	39,9	36,7	37,6
Argentina	41,0	55,0	0,0	0,0	37,8	39,8	7,8	13,5
China	13,5	12,6	57,5	59,5	70,8	74,5	0,2	0,2
União Europeia-27	1,3	1,1	11,0	10,7	12,4	11,9	0,0	0,0
Japão	0,2	0,2	2,7	2,6	2,9	2,8	0,0	0,0
México	0,2	0,2	3,4	3,2	3,6	3,4	0,0	0,0
Subtotal	204,9	223,4	75,1	76,7	215,7	216,7	81,4	81,5
Outros países	31,1	37,1	15,0	15,2	38,2	40,2	9,1	12,5
Total	236,0	260,5	90,1	91,9	253,8	256,9	90,5	94,0

⁽¹⁾ Previsão (agosto de 2012).

Fonte: Usda.

Tabela 3/I. Soja – Oferta/demanda mundial – 2007/08-2012/13

(milhões t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Estoque inicial	62,5	52,9	42,7	59,3	70,2	52,5
Produção	218,2	212	260,8	263,5	236	267,2
Moagem	203,8	192,7	209,5	225,3	224,6	232,4
Exportação	76,6	77,2	92,6	94,5	90,5	95,8
Cons. doméstico	231	220,8	238,4	255,8	253,8	263,1
Estoque final	52,9	42,7	59,3	70,2	51,9	55,7

⁽¹⁾ Previsão (agosto de 2012).

Fonte: Usda.

Tabela 4/I. Soja – Oferta/demanda – Estados Unidos – 2007/08-2012/13

(milhões t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Estoque inicial	15,6	5,6	3,8	4,1	5,8	3,9
Produção	70,4	80,7	91,4	90,6	83,2	73,3
Moagem	49,8	45,2	47,7	44,9	46,0	41,2
Exportação	31,2	34,8	40,8	41,9	36,7	30,2
Cons. doméstico	51,4	48,1	50,6	48,3	48,7	44,4
Estoque final	5,6	3,8	4,1	4,9	3,9	3,1

⁽¹⁾ Previsão (agosto de 2012).

Fonte: Usda.

Tabela 5/I. Soja – Oferta/demanda – Argentina – 2010/11-2012/13
(milhões t)

Discriminação	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾	% 2013/12
Estoque inicial	22,3	22,9	18,3	-20,1
Produção	49,0	41,0	55,0	34,1
Moagem	37,6	36,2	38,2	5,5
Exportação	9,2	7,8	13,5	73,1
Cons. doméstico	39,2	37,8	39,8	5,3
Estoque final	22,9	18,3	19,9	8,7

⁽¹⁾ Previsão (agosto de 2012).

Fonte: Usda.

Mercado nacional

A cultura da soja tem alterado sua distribuição pelo Brasil. Quanto maior o período examinado maior serão as modificações. Nos últimos seis anos, todavia, os sete principais estados produtores permaneceram os mesmos, mas alguns aumentaram sua participação e outros diminuíram. No primeiro grupo, estão Mato Grosso, Goiás, Bahia e Minas Gerais; no segundo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina. Na safra 2011/12 os estados do Sul foram os mais atingidos pela estiagem, o que explica em parte a queda na produção. Por outro lado, os estados do Centro-Oeste têm crescido constantemente, o que estabelece o contraste entre uns e outros de maneira clara (Tabela 6). Mesmo fora dos estados citados, entre os onze principais produtores há crescimento, pois os “outros” estados também estão crescendo e aumentaram sua participação de 1,8% para 3,5% no período.

Segundo o USDA, o complexo soja (grão, farelo, óleo) brasileiro, entre a última e a próxima safra, comportar-se-á da seguinte maneira: o estoque inicial cai e o final aumenta; a produção aumenta 23,7%, mas a exportação só 2,5%; a moagem aumenta 0,8% e o consumo 1,3%. O estoque final de farelo deve aumentar 13%, mas o de óleo ficará igual (Tabela 7).

Os valores e quantidades das exportações de 2010 para 2011 aumentaram em todos os casos, mas o valor da soja em grão chegou a aumentar 47,9%, sendo superada pelo óleo que cresceu 57,5%. As exportações de farelo subiram 20,7%. Os aumentos das quantidades são menores, o que revela o aumento de preço internacional desses produtos (Tabela 8).

Tabela 6/I. Soja – Principais estados produtores – Brasil – 2006/07-2011/12

Estado	2006/07	Part % 2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	Part% 2011/12
Mato Grosso	15.359	26,3	17.848	17.963	18.767	20.412	21.785	32,8
Paraná	11.916	20,4	11.896	9.510	14.079	15.424	10.949	16,5
Rio G do Sul	9.925	17,0	7.775	7.913	10.219	11.621	6.527	9,8
Goiás	6.114	10,5	6.544	6.836	7.343	8.182	8.251	12,4
Mato G do Sul	4.881	8,4	4.569	4.198	5.308	5.169	4.628	7,0
Bahia	2.297	3,9	2.748	2.418	3.111	3.507	3.183	4,8
Minas Gerais	2.568	4,4	2.537	2.751	2.871	2.914	3.059	4,6
São Paulo	1.438	2,5	1.447	1.307	1.586	1.708	1.598	2,4
Maranhão	1.084	1,9	1.263	975	1.331	1.600	1.676	2,5
Santa Catarina	1.112	1,9	947	975	1.345	1.489	1.085	1,6
Tocantins	647	1,1	911	856	1.071	1.228	1.361	2,0
Subtotal	57.340	98,2	58.483	55.701	67.031	73.254	64.102	96,5
Outros estados	1.052	1,8	1.534	1.465	1.657	2.070	2.297	3,5
Total	58.392	100,0	60.018	57.166	68.688	75.324	66.399	100,0

Fonte: Conab.

Soja

Tabela 7/I. Complexo soja – Brasil – Oferta/demanda – 2011/12-2012/13

(milhão de t)

Discriminação	Grão		Farelo		Óleo		% 2012/13-2011/12		
	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13	2011/12	2012/13	Grão	Farelo	Óleo
Estoque inicial	22,9	12,4	2,5	2,3	0,3	0,2	-45,9	-8,0	-33,3
Produção	65,5	81,0	28,3	28,5	7,0	7,1	23,7	0,7	1,4
Importação	0,1	0,2	-	-	-	-	100,0	-	-
Moagem	36,5	36,8	-	-	-	-	0,8	-	-
Consumo	39,4	39,9	13,9	14,4	5,3	5,4	1,3	3,6	1,9
Exportação	36,7	37,6	14,6	13,8	1,8	1,9	2,5	-5,5	5,6
Estoque final	12,4	16,1	2,3	2,6	0,2	0,2	29,8	13,0	0,0

Fonte: Usda (agosto de 2012).

Tabela 8/I. Exportações de soja e derivados – Brasil – 2007-12

Produto	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	% 2011/10
Volume (mil t)							
Soja - óleo	2.343	2.316	1.594	1.564	1.741	1.178	11,3
Soja - grão	23.734	24.499	28.563	29.073	32.986	27.504	13,5
Soja - farelos	12.477	12.289	12.253	13.669	14.355	8.624	5,0
Valor (milhão US\$)							
Soja - óleo	1.720	2.671	1.234	1.352	2.129	1.379	57,5
Soja - grão	6.709	10.952	11.424	11.043	16.328	14.190	47,9
Soja - farelos	2.959	4.364	4.593	4.719	5.698	3.514	20,7

⁽¹⁾ Até julho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Mercado estadual

Na safra 2011/12 a cultura da soja, como a do milho, voltou a enfrentar a estiagem que frequentemente tem ocorrido no Estado. A área, que vinha crescendo há muitos anos, caiu 2,2%, enquanto a produtividade diminuiu 25,5% por causa do déficit hídrico. Essa produtividade de 2.420 kg/ha foi a única abaixo de 2.500 kg/ha nos últimos anos. Com os dois fatores somados, a produção caiu 27,1% (Tabela 9).

A produção estadual de soja, em relação ao consumo industrial catarinense, era deficitária até a safra 2008/09. Nos dois anos seguintes, com aumento de área e de produtividade (3.120 e 3.250/kg), o Estado se tornou autossuficiente e teve um superávit de 21 e 28%. A queda de produção desta última safra criou um novo déficit, ainda que bem menor (-6,9%) – Tabela 10.

As principais microrregiões de Santa Catarina em relação à produção de soja são: Canoinhas, que é primeira em produtividade e segunda em área e produção; Xanxerê, primeira em área e produção e segunda em produtividade; Chapecó, terceira em área e produção, mas perdendo em produtividade para Curitiba e Joaçaba. Esses números são da safra 2009/10 e podem ter se alterado, pois o ano citado foi de uma boa safra (rendimento do Estado de 3.132kg/ha), embora a estiagem não tenha ocorrido de modo uniforme, alterando produtividade e produção (Tabela 11).

Os preços recebidos pelos produtores de soja e milho são o principal fator a influenciar as intenções de plantio dos dois produtos. Desde o início de 2010 os preços mais baixos do milho foram no segundo e terceiro trimestre daquele ano (R\$15,00/kg), tendo depois crescido até alcançar o preço atual, que é o

maior de todos (R\$ 28,88/saco). A questão fica diferente quando se compara somente o crescimento dos preços da soja. Os menores preços da soja aconteceram nos mesmos trimestres citados para o milho (R\$ 31,33 e 34,23/saco) e o maior preço também é o dos 17 primeiros dias de agosto (R\$ 71,38/saco). A diferença é que, de abril de 2010 para agosto de 2012, o preço do milho cresceu 92,5% e o da soja 127,8%. Se a base for julho de 2011, o preço do milho cresceu 17,6% e o da soja 77,3% (Figura 1).

Na safra passada as condições não variaram tanto e os dois produtos tiveram área reduzida levemente, mas nos dois anos anteriores, quando ocorreu uma situação de preços parecida, houve aumento de área da soja e queda da área de milho.

Na safra 2008/09 para a 2009/10 a área de soja aumentou 14,3% e no ano seguinte, 4%. Nessas mesmas safras a área de milho decresceu 8,5% e 7,7%. Tais dados indicam o que poderá acontecer, pois as outras vantagens da soja consideradas pelos agricultores permanecem: maior liquidez, inclusive de venda antecipada; menor custo de produção e menor sensibilidade ao clima.

Caso as perdas já consolidadas do milho nos Estados Unidos não sejam acompanhadas pela soja, as intenções de plantio podem se encaminhar no sentido oposto, já que as culturas estão em fases diferentes. Uma produção mais próxima do normal para a soja refletiria nos preços da oleaginosa, se ela não ficar tão escassa quanto o milho.

Se for lançado o previsto de produção pelo USDA para 2012/13 (81 milhões de toneladas) sobre o produzido na última safra, haveria um aumento de produção de 22% para a soja. No caso do milho, fazendo-se o mesmo procedimento, ter-se-ia redução da produção brasileira em 4%.

Tabela 9/I. Soja – Área, produção e rendimento – Santa Catarina – 2007/08-2011/12

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	%12/11
Produção (mil t)	946,6	993,9	1.374	1.489,2	1.084,9	-27,1
Área (mil ha)	373,4	385,4	440,4	458,2	448,3	-2,2
Rendimento (kg/ha)	2.535	2.579	3.120	3.250	2.420	-25,5

⁽¹⁾ Dado preliminar de agosto de 2012 – Conab.

Fonte: IBGE e Conab.

Tabela 10/I. Soja – Estimativa de oferta e demanda – Santa Catarina – 2005/06-2011/12
(mil t)

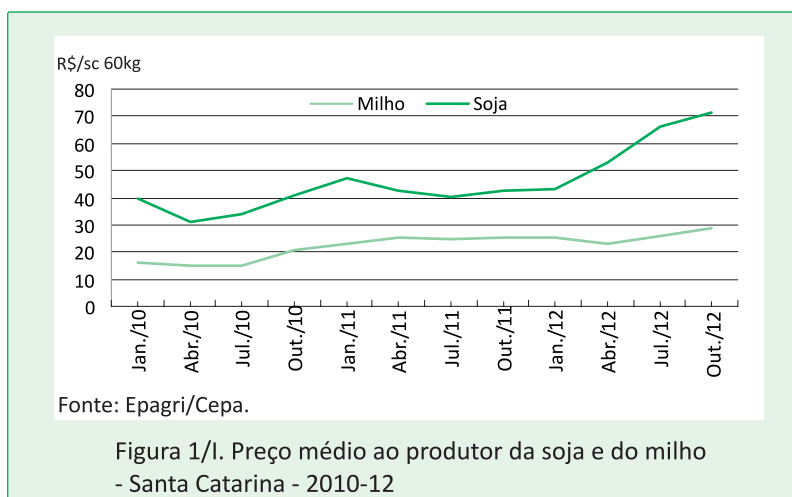
Safra	Oferta	Demanda						Saldo
		Consumo			Reserva para semente	Perdas	Total	
		Animal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial e saídas				
2005/06	799	7	4	1.090	21	19	1.142	-343
2006/07	1.112	7	4	1.090	21	19	1.141	-29
2007/08	947	7	4	1.060	22	20	1.113	-166
2008/09	994	7,1	4,2	1.080	22,3	20,3	1.134	-140
2009/10	1.374	7,3	4,2	1.100	4,5	23	1.139	235
2010/11	1.489	7,6	4,3	1.112	15	23,5	1.162	327
2011/12	1.085	5	4,4	1.115	20	21	1.165	-80

Fonte: IBGE, Conab e Epagri/Cepa.

Tabela 11/I. Soja – Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2008-10

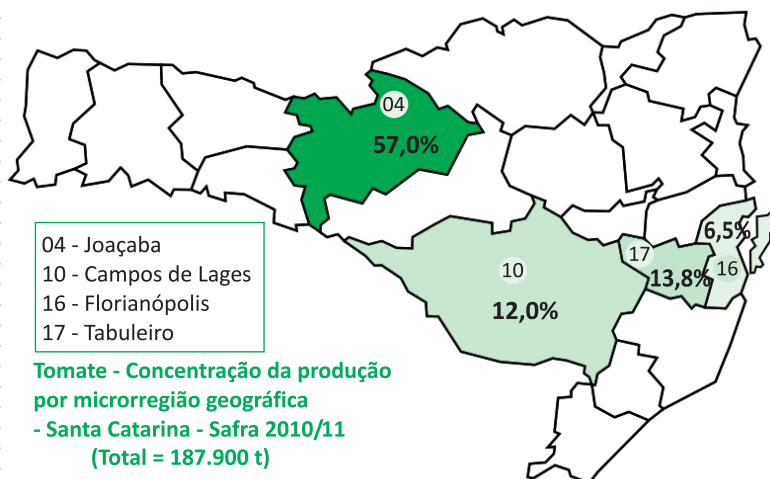
MRG	Área plantada (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2008	2009	2010	2008	2009	2010	2008	2009	2010
Xanxerê	112	112	127	273	326	418	2.445	2.916	3.291
Canoinhas	85	90	98	252	237	329	2.951	2.652	3.357
Chapecó	57	60	71	135	141	208	2.358	2.338	2.930
Curitibanos	56	56	65	135	137	199	2.416	2.443	3.062
São Miguel Oeste	23	24	29	56	50	85	2.389	2.068	2.931
Joaçaba	21	22	25	49	54	76	2.275	2.405	3.040
Campos de Lages	12	12	16	30	26	38	2.526	2.129	2.375
Subtotal	367	377	431	929	972	1.353	2.480	2.421	3.139
Outras MRG	7	9	10	17	22	25			2.500
Santa Catarina	373	385	440	947	994	1.378	2.535	2.579	3.132

Fonte: IBGE.



TOMATE

Evandro Uberdan Anater
Téc.Agrícola - Licenciado em
Estudos Sociais - Epagri/Cepa
anater@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Os números mais atuais sobre a safra mundial de tomates são os da safra 2009/10. A FAO aponta uma produção de 145,8 milhões de toneladas, 5,3% inferior à safra 2008/09 e 3,3% superior à safra 2007/08.

A área plantada, de 4,34 milhões de hectares, também encolheu (-2,2%) em relação à safra 2008/09, mas aumentou (2,2%) em relação à safra 2007/08. Dentre os principais produtores, as diminuições mais significativas da safra 2008/09 para a 2009/10 se registraram no Egito (-14,1%), Irã (-10,1%), Brasil (-10,1%), Estados Unidos (-9,9%), Turquia (6,3%), Espanha (6,3%) e na China (-5,4%).

A produtividade das lavouras na safra 2009/10 apresentou comportamento semelhante aos da área plantada e da produção obtida: redução, se comparado à safra 2008/09, e aumento, se comparada à safra 2007/08.

A concentração da tomaticultura mundial se dá especialmente na Ásia. Apenas China e Índia responderam por 34,4% da área plantada e 37% da produção da safra mundial 2009/10. Na Europa destacam-se Turquia, Itália e Espanha; na África, Egito e Nigéria e na América do Norte, Estados Unidos e México (Tabela 1).

A exemplo da produção, o mercado internacional de tomate é concentrado em poucos países, tanto as exportações quanto as importações, sendo que alguns países aparecem na condição de exportador e de importador, o que pode ser decorrente da eventual sazonalidade da oferta ou da necessidade de diferentes tipos de tomate demandados por esses mercados. Embora concentrado em poucos países, a exemplo do que se observa para a quase totalidade dos alimentos, o mercado internacional de tomate tem uma clara tendência de crescimento (Tabelas 2 e 3).

Um aspecto que chama atenção no contexto internacional é elevadíssimo consumo per capita de alguns países (Tabela 4). Em boa parte dos casos isso está relacionado com uma culinária baseada no consumo de produtos derivados que demandam grande quantidade de tomate in natura.

Tabela 1/I. Tomate - Mundo e principais países - Área, produção e rendimento médio - Safras 2007/08 - 2009/10

País	Área colhida (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2007/08	2008/09	2009/10	2007/08	2008/09	2009/10	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	4.244,8	4.435,8	4.338,8	141.119,9	153.833,4	145.751,5	33,2	34,7	33,6
China	850,9	920,8	871,2	39.938,7	43.365,5	41.879,7	46,9	47,1	48,1
Estados Unidos	162,6	176,7	159,2	12.735,1	14.181,3	12.902,0	78,3	80,3	81,0
Índia	566,0	599,1	619,8	10.303,0	11.148,8	11.979,7	18,2	18,6	19,3
Turquia	300,0	324,6	304,0	10.985,4	10.745,6	10.052,0	36,6	33,1	33,1
Egito	240,2	251,8	216,4	9.204,1	10.278,5	8.545,0	38,3	40,8	39,5
Itália	115,5	123,6	118,8	5.976,9	6.878,2	6.024,8	51,8	55,6	50,7
Irã	132,1	163,5	147,0	4.826,4	5.887,7	5.256,1	36,5	36,0	35,8
Espanha	54,9	62,2	58,3	4.049,8	4.603,6	4.312,7	73,8	74,0	74,0
Brasil	60,9	67,6	60,8	3.867,7	4.310,5	3.691,3	63,5	63,8	60,7
México	101,8	99,1	98,2	2.936,8	2.591,4	2.997,6	28,9	26,2	30,5
Subtotal	2.584,8	2.789,1	2.653,7	104.823,8	113.991,1	107.640,9	40,6	40,9	40,6

Fonte: FAO (junho de 2012).

Tabela 2/I. Tomate - Valor da importação mundial e dos principais países - 2005-09

(US\$ milhão)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Total	5.103	5.607	6.959	7.336	7.135
Estados Unidos	1.126	1.301	1.283	1.501	1.471
Alemanha	925	979	1.229	1.294	1.188
Federação Russa	216	298	535	629	649
Reino Unido	681	676	773	746	634
França	457	444	581	560	542
Países Baixos	195	290	356	285	288
Canadá	201	228	267	276	253
Suécia	132	140	171	165	144
Polônia	73	74	119	136	131
Bélgica	101	91	131	141	124
Subtotal	4.108	4.520	5.444	5.734	5.423

Fonte: FAO (junho de 2012).

Tabela 3/I. Tomate - Valor da exportação mundial e dos principais países - 2005-09

(US\$ milhão)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Total	5.100	5.433	6.842	7.245	6.824
Países Baixos	1.144	1.242	1.528	1.736	1.569
México	983	1.104	1.220	1.205	1.211
Espanha	1.041	995	1.171	1.226	1.079
Turquia	146	139	219	389	407
Estados Unidos	226	173	311	333	317
Marrocos	116	121	204	264	304
França	161	164	271	286	299
Canadá	287	303	271	310	296
Bélgica	263	265	297	287	239
Itália	169	191	241	234	204
Subtotal	4.536	4.697	5.732	6.268	5.924

Fonte: FAO (junho de 2012).

Tabela 4/I. Tomate - Principais consumidores mundiais - 1990-2007

(kg/habitante/ano)

País	1990	1995	2000	2005	2007
Média mundial	12,78	13,56	15,70	17,30	17,97
Egito	66,01	70,93	86,91	88,23	96,75
Grécia	116,99	135,95	139,11	108,26	94,26
Líbia	80,34	83,28	99,55	87,70	93,52
Armênia	-	56,38	42,72	64,83	93,52
Tunísia	58,72	66,08	78,67	81,26	86,41
Turquia	66,79	75,24	83,00	87,68	85,91
Emirados Árabes	57,75	68,51	77,68	52,19	65,69
Irã	25,35	34,65	38,39	58,94	61,13
Uzbequistão	-	41,76	35,06	43,48	57,89
Cuba	13,71	14,60	44,70	65,24	55,36
Brasil	13,96	15,56	15,36	16,71	16,18

Fonte: FAO (junho de 2012).

Produção e mercado nacionais

Na América do Sul, o Brasil é destacadamente o maior produtor, mas com participação pouco significativa mundialmente. Na safra 2009/10 respondeu por apenas 1,4% da área e por 2,5% da produção mundial. Entretanto, está entre os países que alcançam as maiores produtividades (Tabela 1).

Os números do IBGE para a safra nacional de 2011/12 apontam para uma área plantada de 63,1 mil hectares, respectivamente 9,2% e 7,3% menor que as áreas das safras 2010/11 e 2009/10. Da safra 2010/11 para a 2011/12 houve redução de área em todas as regiões brasileiras, o que acabou se repetindo na produção, mesmo nas regiões em que houve aumento no rendimento médio (Tabela 5).

A produção nacional é polarizada nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, representando cerca de 70% da safra 2011/12. O Sul, que nas duas últimas safras suplantou o Nordeste, respondeu por 15,8% da produção brasileira da safra 2011/12. O rendimento médio nacional (63,5 t/ha) foi praticamente idêntico ao da safra 2010/11, mas 5,1% acima do obtido na safra 2009/10. A região Centro-Oeste teve o maior rendimento médio das últimas safras, 79,5 t/ha. As regiões Nordeste e mais ainda a Norte apresentam rendimentos médios bem abaixo aos das demais regiões.

Os números do IBGE mostram que a área cultivada com tomate no País tem oscilado sensivelmente de uma safra para outra, o que é explicado, sobretudo, pelos resultados econômicos do plantio anterior. Mostram também que a produção nacional está concentrada em poucos estados, particularmente Goiás e São Paulo, que responderam por 42,2% da área plantada e por 49,2% da produção da safra 2011/12. As produtividades médias variam bastante entre os estados e a maior delas na safra 2011/12 foi apurada em Goiás (80 t/ha), seguido por Santa Catarina e pelo Rio de Janeiro (Tabela 6).

Tabela 5/I. Tomate - Brasil e regiões - Área plantada, produção e rendimento médio - Safras 2008/09 - 2011/12

País/Região	Área Plantada (mil ha)				Produção (mil t)				Rendimento médio (t/ha)			
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Brasil	67,7	68,1	69,5	63,1	4.310,5	4.114,3	4.425,3	4.008,1	63,7	60,4	63,6	63,5
Sudeste	22,8	23,0	24,0	21,6	1.552,4	1.472,5	1.670,2	1.424,3	68,2	64,1	69,7	66,1
Centro-Oeste	19,1	19,1	19,5	17,3	1.490,9	1.412,4	1.495,8	1.377,4	78,2	73,9	76,5	79,5
Sul	9,9	10,1	10,9	10,3	592,1	603,3	640,6	632,9	59,7	59,8	58,6	61,6
Nordeste	14,5	14,6	14,5	13,4	650,5	604,4	611,8	566,5	44,9	41,4	42,1	42,3
Norte	1,5	1,3	0,6	0,6	24,7	21,7	6,9	7,0	16,8	16,6	12,1	12,5

Fonte: IBGE.

Tabela 6/I. Tomate - Brasil e principais estados - Área plantada e quantidade produzida - Safras 2008/09-2011/12

País/UF	Área Plantada (mil ha)				Produção (mil t)				Rendimento médio (t/ha)			
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Brasil	67,7	68,1	69,5	63,1	4.310,5	4.114,3	4.425,3	4.008,1	63,7	60,4	63,6	63,5
Goiás	18,1	18,4	18,7	16,5	1.427,1	1.377,3	1.441,0	1.317,7	78,8	74,7	77,1	80,0
São Paulo	10,7	10,6	12,1	10,2	730,4	647,8	864,5	656,1	68,0	60,8	71,7	64,6
Minas Gerais	7,3	7,7	7,4	6,8	477,9	492,3	476,1	433,9	65,2	63,6	64,6	64,0
Paraná	4,8	5,0	5,7	5,6	300,7	312,3	347,5	346,2	62,6	62,2	60,8	62,1
Bahia	6,7	7,3	8,0	6,9	315,4	302,8	339,5	300,9	47,1	41,3	42,6	43,5
Rio de Janeiro	2,8	2,7	2,6	2,6	216,3	204,9	195,5	195,6	77,3	76,3	74,5	74,7
Santa Catarina	2,7	2,7	2,9	2,4	182,5	186,9	187,9	178,9	66,7	69,3	65,6	75,3
Espírito Santo	1,9	1,9	1,9	2,0	127,8	127,5	134,0	138,7	67,9	67,6	70,2	69,2
Ceará	2,2	2,3	2,2	2,3	112,1	114,6	114,6	113,4	51,6	50,3	51,2	49,7
Rio G. do Sul	2,4	2,4	2,4	2,3	108,9	104,0	105,2	107,9	45,6	43,9	44,7	46,5
Pernambuco	3,4	3,2	2,8	2,6	157,2	135,5	115,1	106,0	46,1	42,3	41,3	40,3
Outros estados	4,6	3,8	3,0	3,0	154,2	108,3	104,3	112,9	33,3	28,6	35,0	37,9

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Tomate

Produção e mercado estaduais

A safra catarinense de tomates 2010/11 teve uma área plantada de 2.863 hectares, a maior registrada nos últimos anos, significando aumento de 6,2% sobre a área da safra 2009/10. A produção de 187.900 toneladas, embora próxima da alcançada na safra 2009/10, foi um recorde para a safra catarinense, mas poderia ter sido sensivelmente maior não fosse o decréscimo de produtividade em importantes regiões produtoras do Estado (Tabela 7).

As microrregiões geográficas (MRG) pertencentes às mesorregiões Oeste Catarinense, Grande Florianópolis e Serrana concentram a quase totalidade da área plantada e da produção estadual. A microrregião de Joaçaba (mesorregião Oeste) é a maior produtora; na safra 2010/11 respondeu por 48% da área e 57% da produção estadual. Entre a safra 2009/10 e 2010/11, a microrregião Tabuleiro (mesorregião da Grande Florianópolis) aumentou sua participação 15,1% para 18,4%, na área, e de 8,5% para 13,8%, na produção. A microrregião Campos de Lages (mesorregião Serrana), que já tinha a terceira posição em produção, desbancou a microrregião de Florianópolis também em área plantada.

O município de Caçador (MRG Joaçaba) é que tem a maior área plantada e produção do Estado. Os mil hectares plantados e as 85 mil toneladas produzidas corresponderam a 35% da área plantada e 45% da produção da safra catarinense 2010/11. Na safra 2010/11, em ordem decrescente de produção, Rancho Queimado (MRG Tabuleiro), Urubici (MRG Campos de Lages), Lebon Régis (MRG Joaçaba), Bom Retiro (MRG Campos de Lages), Santo Amaro da Imperatriz (MRG Florianópolis) e Anitápolis (MRG Tabuleiro) foram municípios que tiveram participação mais importante na produção do Estado. Por conta de perdas de safra, o município de Águas Mornas (MRG Tabuleiro), embora com os mesmos 200 hectares plantados de Rancho Queimado, segunda maior área do Estado, teve redução de participação na produção estadual (Tabela 8).

Tabela 7/l. Tomate - Safras de Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2008/09 - 2010/11

SC/MRG	Área plantada (ha)			Quantidade produzida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Santa Catarina	2.736	2.696	2.863	182.475	186.802	187.900	66.694	69.289	65.630
Joaçaba	1.389	1.387	1.381	111.624	118.691	107.100	80.363	85.574	77.552
Tabuleiro	406	406	526	15.945	15.945	25.895	39.273	39.273	49.230
Campos de Lages	231	230	295	21.239	21.204	22.604	91.944	92.191	76.624
Florianópolis	306	265	262	14.146	11.418	12.210	46.229	43.087	46.603
Canoinhas	86	86	108	5.070	2.070	6.480	58.953	24.070	60.000
Tubarão	53	60	60	3.289	3.836	3.836	62.057	63.933	63.933
Ituporanga	37	39	42	1.795	1.895	2.095	48.514	48.590	49.881
Rio do Sul	37	44	37	1.870	2.040	1.920	50.541	46.364	51.892
Tijucas	35	35	35	1.680	1.680	1.680	48.000	48.000	48.000
Outras MRG	156	144	117	5.817	8.023	4.080	37.288	55.715	34.872

Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Tomate - SC - Principais municípios produtores - Safras 2008/09 - 2010/11

Estado/Município	Área plantada (ha)			Produção (t)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Santa Catarina	2.736	2.696	2.863	182.475	186.802	187.900
Caçador	1.000	1.000	1.000	85.000	85.000	85.000
Rancho Queimado	80	80	200	6.400	6.400	16.000
Urubici	150	150	150	15.000	15.000	12.000
Lebon Régis	166	190	190	10.790	19.000	10.450
Bom Retiro	60	60	100	4.800	4.800	8.000
Santo Amaro da Imperatriz	150	150	150	6.750	6.750	6.750
Anitápolis	100	100	100	5.500	5.500	5.500
Rio das Antas	90	65	65	7.200	5.200	4.485
Águas Mornas	200	200	200	10.000	10.000	4.000
Macieira	60	65	65	3.960	5.200	3.250
Outros municípios	680	636	643	27.075	23.952	32.465

Fonte IBGE.

Mercado catarinense na safra 2011/12

Em comparação às safras mais recentes, principalmente a 2010/11, a comercialização da safra 2011/12 foi traumática para os produtores catarinenses (Tabela 9).

Na safra 2010/11, as boas condições climáticas associadas à baixa oferta de outros estados, proporcionaram preços remuneradores aos produtores. Na safra 2011/12, além do aumento de concorrência com outros estados produtores, o clima quente e úmido prejudicou, forçou e acelerou a maturação dos tomates nas lavouras, encurtando e antecipando o seu ciclo produtivo, provocando concentração da oferta justamente no momento em que o mercado estava ofertado com produto de outras regiões produtoras.

Com isso, deteriorou-se a qualidade do produto, os preços foram diminuindo a cada dia e os compradores foram negociando em outras praças com menor custo logístico de frete e com mercadoria de melhor qualidade. Neste cenário, com produção de baixa qualidade, sem preço e compradores, muitos produtores optaram por abandonar suas lavouras, já que o clima adverso exige maiores e mais intensos tratamentos culturais, que encareceriam a produção, já sem valor.

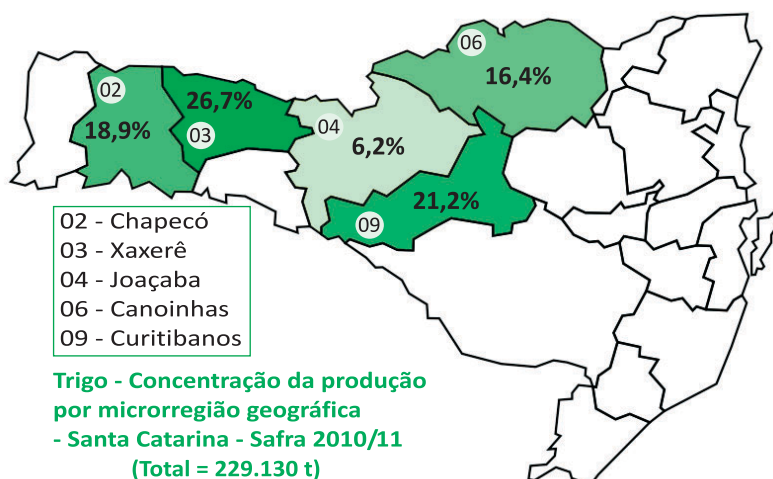
Tabela 9/I. Tomate - Preço recebido pelo produtor na Microrregião de Joaçaba - 2008-12 (R\$/caixa de 20 a 23 kg)

Tomate tipo	Ano/mês	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Ago.	Nov.	Dez.
Longa vida extra "A"	2008	9,82	25,50	...	19,98	25,39	...
Longa vida extra "AA"	2008	15,62	39,06	...	29,00	33,16	...
Longa vida extra "A"	2009	14,36	12,90	12,35
Longa vida extra "AA"	2009	23,09	18,58	20,24
Longa vida extra "A"	2010
Longa vida extra "AA"	2010	17,89	12,50
Longa vida extra "A"	2011	9,38	14,10	8,26
Longa vida extra "AA"	2011	22,58	26,33	17,95	30,41	45,00
Longa vida extra "A"	2012	5,78	5,82	4,00
Longa vida extra "AA"	2012	14,94	14,75	14,05	22,47

Fonte: Epagri/Cepa.

TRIGO¹

Márcia J. F. da Cunha Varaschin
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A produção mundial na safra 2011/12 bateu o recorde anterior (safra 2009/10), alcançando o volume de 695,2 milhões de toneladas (Tabela 1). A principal razão para este resultado foi a recuperação da produção de importantes produtores, como Rússia, Ucrânia e Cazaquistão, países que haviam sofrido com uma estiagem severa no período anterior. A Índia também obteve um resultado significativo em sua produção, aumentando 7,5% entre 2010/11 e 2011/12.

Esse volume veio em boa hora, visto que a safra atual (2012/13) tem tudo para ser bem menor – cerca de -4,7% – resultado da seca que vem afetando países como a Rússia, Ucrânia, Cazaquistão e Austrália. Há também a expectativa de uma safra menor na Argentina, pois a área plantada com o cereal foi reduzida em 10%.

Desse modo, o nível de estoques mundiais deve apresentar um declínio de 20,4 milhões de toneladas, ou seja, 10,3% menor do que os estoques da temporada anterior (2011/12) (Tabela 2). A queda só não foi maior porque há uma projeção de queda do consumo para essa safra de 12,3 milhões de toneladas.

A China é, de longe, o maior consumidor mundial de trigo, seguido da Índia e dos Estados Unidos. Os dez maiores consumidores de trigo respondem por 64% do consumo mundial do cereal (Tabela 3).

O Brasil é o nono maior consumidor mundial de trigo, com um consumo *per capita* anual de 53,5 quilos, contra 207,5 quilos no Azerbaijão, campeão nesse quesito (Tabela 4). No mundo, em média, o consumo é de 66 quilos por ano, acima do consumo nacional.

O trigo, diferentemente de outras *commodities*, tem sua oferta no comércio mundial menos concentrada. Em 2009, por exemplo, os cinco maiores exportadores, totalizaram 61,9% do total negociado no mun-

⁽¹⁾ Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:

Conab
IBGE
Boletins diários Zoonews
www.fao.org
www.usda.gov
Jornais diversos e internet.

do, sendo que nenhum deles possui *market share* superior a 15%, individualmente. Já no caso de soja, a participação relativa dos cinco maiores chega a 98% do mercado, com predominância de dois exportadores (Brasil e EUA). Assim como no milho, o grupo dos cinco maiores detém 93% do comércio total, com predomínio dos Estados Unidos. A dispersão na oferta representa outro fator de redução da volatilidade de preço nos mercados.

O volume exportado no mundo chegou a 149 milhões de toneladas em 2009, um crescimento de 13,9% em relação ao ano anterior. Dentre os principais exportadores, os Estados Unidos e a Argentina tiveram as maiores quedas em suas exportações, (-27,1%) e (-41,7%), respectivamente. A maioria, entretanto, viu seu comércio internacional crescer, com destaque para: Austrália (+111,7%), Ucrânia (+71,5%), e Rússia (+43,5%) (Tabela 5).

O Brasil saiu da primeira posição (em 2007) para a sexta (em 2009) entre os maiores importadores mundiais de trigo. São muitos os países que importam o cereal. Os dez maiores importadores, em 2009, foram responsáveis por 37,5% do total importado (Tabela 6). Essa pulverização na demanda é mais um fator que dificulta preços abusivos no mercado.

Houve uma queda significativa nas importações do Egito (-51,2%). Por outro lado, os países onde ocorreu maior crescimento nas importações foram: Alemanha (+57,5%), Espanha (+37,7%) e Itália (+19%).

Tabela 1/I. Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2008/09-2012/13

	(milhões t)				
Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12⁽¹⁾	2012/13⁽²⁾
União Europeia	151,12	138,82	135,86	137,40	132,90
China	112,46	115,12	115,18	117,92	118,00
Índia	78,57	80,68	80,80	86,87	93,90
Estados Unidos	68,02	60,37	60,06	54,41	61,73
Rússia	63,70	61,77	41,51	56,23	43,00
Canadá	28,61	26,85	23,17	25,26	27,00
Austrália	21,42	21,83	27,89	29,50	26,00
Paquistão	20,96	24,00	23,90	24,20	23,00
Ucrânia	25,90	20,87	16,84	22,12	15,00
Argentina	10,10	12,00	16,70	15,00	11,50
Cazaquistão	12,55	17,05	9,64	22,73	11,00
Outros países	89,86	106,08	100,35	103,54	99,80
Mundo	683,27	685,44	651,90	695,18	662,83

⁽¹⁾ Estimado.

⁽²⁾ Projetado em agosto/12.

Fonte: Usda (dezembro/11 e agosto/12).

Tabela 2/I. Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2008/09-2012/13

	(milhões t)				
Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12⁽¹⁾	2012/13⁽²⁾
Estoque inicial	124,67	167,04	200,55	197,97	197,59
Produção	683,27	685,44	651,90	695,18	662,83
Consumo	641,75	650,34	654,48	695,56	683,25
Estoque final	167,04	200,55	197,97	197,59	177,17

⁽¹⁾ Estimado.

⁽²⁾ Projetado em agosto/12.

Fonte: Usda (Dezembro/2010, Dezembro/11, Agosto/12).

Tabela 3/I. Trigo - Principais países consumidores - 2005-09

(mil t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
China	91.034	91.159	90.128	90.959	90.714
India	64.978	70.248	70.086	61.846	69.679
Estados Unidos	24.842	25.250	25.793	25.301	24.958
Rússia	16.858	17.738	17.679	18.194	18.781
Paquistão	19.222	18.963	19.015	18.859	18.712
Turquia	13.047	13.942	13.946	13.969	14.358
Irã	10.722	10.800	10.936	11.412	11.574
Egito	11.134	10.865	11.002	11.478	11.489
Brasil	9.636	9.823	10.169	10.285	10.335
Itália	8.703	8.631	8.644	8.785	8.686
Subtotal	270.178	277.420	277.398	271.087	279.285
Mundo	425.853	433.372	433.619	428.372	439.418

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 3 August 2012.

Tabela 4/I. Trigo - Consumo per capita no mundo - 2005-09

(kg/per capita/ano)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Azerbaijão	222,3	221,9	222,6	211,3	207,5
Tunísia	206,6	196,1	200,6	198,4	206,0
Argélia	196,2	187,3	183,7	194,8	199,9
Turquia	191,5	201,9	199,3	197,0	199,8
Turquemenistão	197,2	197,3	195,8	194,4	194,1
Líbia	174,0	181,2	174,0	178,5	177,8
Marrocos	177,7	175,8	175,0	175,3	175,4
Uzbequistão	173,0	171,2	171,8	172,3	172,7
Tajiquistão	173,3	165,2	165,9	161,8	166,3
Síria	156,7	157,6	163,3	166,1	162,8
Brasil	51,8	52,3	53,6	53,7	53,5
Mundo	66,9	67,3	66,6	65,1	66,0

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 3 August 2012.

Tabela 5/I. Trigo e seus derivados⁽¹⁾ - Principais países exportadores - 2005-09
(mil toneladas)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Estados Unidos	27.179	23.377	32.947	30.093	21.942
Canadá	13.925	18.498	17.552	15.781	19.279
Austrália	13.915	14.976	14.684	8.278	17.528
França	16.023	16.581	14.386	16.293	16.872
Rússia	10.320	9.705	14.444	11.720	16.821
Ucrânia	6.009	4.671	1.056	7.511	12.883
Alemanha	4.627	6.106	4.646	7.038	9.688
Argentina	10.431	9.697	9.645	8.772	5.118
Cazaquistão	1.899	4.195	6.178	4.951	3.229
Reino Unido	2.495	2.117	1.912	2.766	2.533
Subtotal	106.822	109.922	117.450	113.203	125.894
Mundo	120.468	126.440	132.230	131.130	149.325

⁽¹⁾ inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 3 August 2012.

Tabela 6/I - Trigo e seus derivados⁽¹⁾ - Principais países importadores - 2005-09
(mil t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Itália	6.752	7.162	6.258	5.443	6.479
Espanha	7.492	5.180	3.441	4.656	6.413
Argélia	5.683	4.966	4.851	6.914	5.720
Japão	5.472	5.337	5.275	5.781	5.476
Irã	117	438	153	5.197	5.460
Brasil	4.988	6.531	6.638	6.033	5.446
Países Baixos	3.177	3.987	4.838	4.305	4.985
Indonésia	4.429	4.584	4.649	4.497	4.655
Alemanha	1.441	1.664	2.055	2.583	4.068
Egito	5.688	5.817	5.911	8.328	4.060
Subtotal	45.239	45.666	44.069	53.736	52.762
Mundo	120.309	124.453	127.131	127.612	140.714

⁽¹⁾ Inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 3 August 2012.

Produção e mercado nacionais

Em 2011/12, no Brasil, foram plantados 2.173,5 mil hectares de trigo, uma área praticamente igual à da safra anterior. A principal razão para esse comportamento foram os baixos preços de comercialização do produto e os altos custos de implantação das lavouras (Tabela 7).

A produção, por sua vez, foi prejudicada pelo excesso de chuvas nos meses de julho e agosto nas principais regiões produtoras, fazendo com que a produtividade média caísse de 2.773 para 2.666 kg/ha. Assim, a produção acabou ficando 5,7% menor do que a da safra 2010/2011, alcançando 5.695,5 mil toneladas.

A maior concentração de cultivo está localizada na Região Sul e o Paraná sempre foi o principal produtor. Contudo, na safra 2011/12, o Rio Grande do Sul passou a liderar a produção brasileira do cereal. O produtor paranaense, em virtude dos baixos preços recebidos, bem como da dificuldade que enfrenta na comercialização de sua produção, reduziu significativamente a área semeada com trigo. Assim, o Rio Grande do Sul passou a liderar a produção nacional com 51% da área e 50,8% do total produzido no Brasil (Tabela 8).

De acordo com informações da Conab, no período 2011/12, em função da queda na produção e de um estoque inicial menor, fez-se necessário um aumento nas importações brasileiras, a fim de poder suprir a demanda doméstica, a qual permaneceu praticamente inalterada (10,5 milhões de toneladas). Assim, os estoques de passagem da safra 2011/12 ficaram em 1.267,8 mil toneladas, o segundo menor da última década (Tabela 9).

Entre as *commodities*, o trigo é o segundo item de maior participação na pauta de importações brasileiras, sendo menor apenas que a importação de petróleo. O Brasil importa entre 50 e 60% do trigo que consome. Em termos de comércio externo, as importações brasileiras na temporada 2011/12 chegaram a 6,7 milhões de toneladas (trigo e seus derivados), volume 3,2% acima do adquirido na temporada anterior (Tabelas 10 e 11).

Tradicionalmente a Argentina é o principal fornecedor de trigo, respondendo por 60% do total importado pelo Brasil. Isso acontece por conta de sua proximidade geográfica e pelo fato de integrar o Mercosul, condição que lhe assegura vantagem fiscal em relação a outros países fornecedores, os quais devem

pagar 10% de Tarifa Externa Comum (TEC). Na última temporada os argentinos foram responsáveis por 80% das importações brasileiras de trigo em grão (Tabela 10).

A Argentina também é o país que mais vende farinha de trigo para o Brasil. Na última temporada (2011/12) o Brasil importou 677,3 mil toneladas, das quais 632 mil (93,3%) vieram da Argentina (Tabela 11).

Historicamente o Brasil só exporta o cereal quando a qualidade não atende aos padrões mínimos de moagem para consumo humano. Como o “cereal-ração” já tem um forte concorrente no mercado interno (o milho), a alternativa é exportar. Nessa temporada, apesar do câmbio desfavorável pela valorização do real, as exportações voltaram a ocorrer (como na anterior), chegando a 1,907 milhão de toneladas. Os Emirados Árabes, a África do Sul e a Espanha foram os principais compradores.

Tabela 7/I. Trigo - Comparativo das safras do Brasil - 2008/09 - 2012/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2008/09	2.395.121	5.886.009	2.480
2009/10	2.441.930	4.964.665	2.040
2010/11	2.178.078	6.036.790	2.773
2011/12 ⁽¹⁾	2.173.528	5.695.468	2.666
2012/13 ⁽¹⁾	1.991.620	5.239.961	2.631

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores do Brasil - 2010/11 - 2012/13

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2012/13 ⁽¹⁾	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2012/13 ⁽¹⁾	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2012/13 ⁽¹⁾
Paraná	1.172.820	1.053.924	872.469	3.442.660	2.427.721	2.453.258	2.935	2.304	2.812
Rio Grande do Sul	793.100	932.390	976.000	1.974.800	2.741.716	2.343.100	2.490	2.941	2.401
Santa Catarina	87.401	76.279	66.810	241.093	229.130	205.251	2.758	3.004	3.072
Brasil	2.052.321	2.062.593	1.915.279	5.658.553	5.398.567	5.001.609	2.756	2.617	2.611

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I - Trigo - Oferta e demanda brasileiras - Safras 2008/09 - 2012/13

Discriminação	(1000 t)				
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2012/13 ⁽¹⁾
Estoque inicial (1/8)	895,7	2.706,7	2.870,5	1.766,1	1.228,2
Produção	5.884,0	5.026,2	5.881,6	5.788,6	5.323,6
Importação	5.676,4	5.922,2	5.771,9	6.000,0	6.700,0
Suprimento	12.456,1	13.655,1	14.524,0	13.554,7	13.251,8
Consumo	9.398,0	9.614,2	10.242,0	10.444,9	10.484,0
Exportação	351,4	1.170,4	2.515,9	1.881,6	1.500,0
Estoque final (31/7)	2.706,7	2.870,5	1.766,1	1.228,2	1.267,8

⁽¹⁾ Dados sujeitos à alterações.

Fonte: Conab (agosto/12 - 11º Levantamento).

Tabela 10/I. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2007/08-2011/12

Origem	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Argentina	4.040.633	4.038.752	3.548.265	3.515.742	4.811.352
Paraguai	92.680	559.072	843.966	1.134.071	589.575
Uruguai	450.821	581.491	704.044	535.734	498.049
Canadá	864.895	419.228	319.426	382.442	4.243
EUA	477.929	78.111	450.970	230.373	108.504
Outros países	9	14	64.916	65	38
Total	5.926.967	5.676.668	5.931.588	5.798.427	6.011.762

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 11/I. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2007/08 - 2011/12

Origem	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Argentina	694.187	589.344	573.405	635.418	631.970
Uruguai	27.174	38.618	34.535	36.011	30.938
Paraguai	953	4.912	4.519	10.145	11.584
Estados Unidos	1	0	-	84	258
Itália	106	84	105	277	570
Canadá	5	1	1.189	1.634	1.734
Reino Unido	614	960	700	546	128
Outros países	22	124	17	85	108
Total	723.062	634.043	614.470	684.199	677.290

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb

Produção e mercado estaduais

A safra 2011/12 em Santa Catarina foi ainda menor do que a safra anterior. A área plantada teve redução de 12,7% e a produção de 5%, graças ao bom resultado alcançado pelas lavouras, cujo rendimento médio foi de 3.004 kg/ha, um recorde. As razões para a essa nova redução na área plantada foram os baixos preços, as dificuldades de comercialização do cereal (sem a intervenção do Governo) e o aumento nos custos de produção. Para agravar ainda mais, durante quase todo o período de comercialização da safra, o real esteve muito valorizado e, assim, os preços internos estavam pressionados pela paridade de importação – sobretudo dos países vizinhos, como a Argentina – situando-se abaixo do preço mínimo oficial estipulado pelo governo brasileiro. Muitas vezes a queda nas cotações nos países do Mercosul tornou o cereal estrangeiro mais barato para os moinhos brasileiros do que o produto nacional (Tabela 12).

As principais microrregiões produtoras no Estado foram Xanxerê, Chapecó, Curitibanos e Canoinhas. A maior produtividade foi em Canoinhas, 3.445 kg/ha, um recorde para o Estado. Em todas as microrregiões, praticamente, houve queda na área semeada, refletindo o desânimo dos produtores com os baixos preços, além dos outros problemas já mencionados (Tabela 13).

Com relação ao mercado, o preço do cereal para o produtor catarinense, em 2011, esteve na maior parte dos meses ligeiramente acima dos praticados no ano anterior. Os valores oscilaram entre R\$ 24,00 e

R\$ 26,36 a saca de 60 quilos, ou seja, valores menores do que os praticados em 2009 e bastante aquém dos preços de 2008, acompanhando o movimento no mercado nacional (Tabela 14).

Tabela 12/I - Trigo - Comparativo das safras de Santa Catarina - 2008/09 - 2012/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2008/09	122.937	323.620	2.641
2009/10	117.146	275.195	2.419
2010/11	87.401	241.093	2.758
2011/12	76.279	229.130	3.004
2012/13 ⁽¹⁾	66.810	205.251	3.072

⁽¹⁾ Dados preliminares sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE/GCEA.

Tabela 13/I - Trigo - Comparativo da produção, segundo as microrregiões de Santa Catarina - Safras 2009/10 - 2011/12

Microrregião geográfica	(t)								
	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Blumenau	30	81	2.700
Campos de Lages	3.700	2.280	2.120	10.675	6.985	6.460	2.885	3.064	3.047
Canoinhas	19.280	11.680	9.900	47.470	37.480	32.670	2.462	3.209	3.300
Chapecó	20.488	15.853	14.045	40.392	43.316	38.657	1.971	2.732	2.752
Concórdia	1.417	825	775	2.310	1.683	1.644	1.630	2.040	2.121
Curitibanos	23.288	14.100	11.145	58.235	48.578	37.872	2.501	3.445	3.398
Ituporanga	70	40	40	123	80	80	1.757	2.000	2.000
Joaçaba	7.357	5.532	4.965	17.704	14.184	14.369	2.406	2.564	2.894
Rio do Sul	15	38	...	15	40	...	1.000	1.053	...
Sao Bento do Sul	700	700	700	1.378	1.545	1.545	1.969	2.207	2.207
Sao Miguel do Oeste	6.251	4.921	4.920	14.036	14.219	13.674	2.245	2.889	2.779
Xanxerê	34.550	20.350	18.400	82.774	61.100	58.880	2.396	3.002	3.200
Santa Catarina	117.146	76.319	67.010	275.193	229.210	205.851	2.349	3.003	3.072

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 14/I. Trigo - Preços médios aos produtores de Santa Catarina - 2008-12

Mês/ano	R\$/sc ⁽¹⁾				
	2008	2009	2010	2011	2012
Janeiro	29,63	26,66	24,50	24,00	24,00
Fevereiro	30,67	27,52	24,50	25,79	24,00
Março	34,07	27,61	24,36	26,36	24,00
Abril	37,07	27,50	24,12	26,25	24,79
Maio	36,30	28,58	24,17	25,76	25,95
Junho	36,19	28,84	24,17	25,75	26,47
Julho	35,44	27,78	24,32	25,75	27,50
Agosto	32,20	27,00	25,04	25,75	...
Setembro	29,27	26,39	26,17	25,89	...
Outubro	27,62	26,12	25,82	25,42	...
Novembro	26,10	26,05	25,60	24,48	-
Dezembro	25,82	24,89	25,33	24,13	-
Média	31,70	27,08	24,84	25,44	25,24

⁽¹⁾ Sacca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78 (trigo superior)

Fonte: Epagri/Cepa.

Perspectivas para a próxima safra 2012/13

O USDA estima que a safra 2012/13 será menor que a atual em razão da seca que atinge boa parte da região do Mar Negro – que envolve a Rússia, a Ucrânia e o Cazaquistão – além da Austrália. A produção da Argentina também será menor, em razão da redução na área semeada. Assim, a produção mundial deve cair em torno de 4,7% em relação à temporada anterior (Tabela 1).

Por outro lado, também se prevê um aumento do consumo, uma vez que em virtude da redução na produção de milho, o trigo será usado como substituto na alimentação animal. Assim, as estimativas são de redução dos estoques mundiais, que devem cair 10,3% (Tabela 2).

A produção brasileira de trigo deve cair ainda mais na safra 2012/13. A área inicialmente estimada indica uma queda de 8,4% em relação à temporada anterior, enquanto a produção é reduzida em 8% (IBGE, junho/2012). O Rio Grande do Sul, que tomou a dianteira na produção nacional, deve ter sua produção reduzida sensivelmente (Tabelas 7 e 8), mantendo o rendimento médio normal alcançado.

Estes números refletem o desânimo dos produtores com os preços recebidos, que sequer cobrem os custos de produção do cereal, além da dificuldade em comercializar o produto, que, ao que tudo indica, nesta safra deve mudar. Contudo, quando esta tendência se inverteu, a maioria das lavouras já estava plantada. Os estoques brasileiros, ao contrário, por conta de um aumento nas importações, devem permanecer praticamente inalterados (Tabela 9).

Desse modo, para suprir a demanda interna, o País terá que importar mais. As estimativas iniciais apontam para a importação de 6,7 milhões de toneladas do grão contra 6 milhões do período anterior, segundo previsão da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). É o maior volume desde o ano-safra 2006/07.

Em Santa Catarina, a safra 2012/13 está em andamento e deve ter uma redução de 12,4% na área e de 10,4% na produção (Tabela 12). É a menor área semeada desde a safra 2006/07.

HORTIFRUTIGRANJEIROS

Diogo Campello da Pieva
Assessoria de TI/Ceasa/SC
diogo@ceasa.sc.gov.br

Comercialização de produtos hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José

Numa análise dos dados acompanhados pela CEASA/SC, em São José, observou-se que durante o ano de 2011 foram comercializadas, aproximadamente, 125 variedades de produtos, representando um volume total de 304 mil toneladas e um montante financeiro de R\$ 341 milhões.

Em comparação com os dados do ano anterior, em 2011 constatou-se um acréscimo de 3,6% no volume de produtos transacionados, de 7,7% no movimento financeiro e de 3,7% nos preços médios comercializados (Tabela 1).

Por grupo de produto, as hortaliças participaram com 54,9% do volume comercializado e representaram uma movimentação financeira de 154,6 milhões de reais, enquanto as frutas, com 42,6% do volume negociado, movimentaram um total de 170,2 milhões de reais, atingindo praticamente a metade das transações financeiras com hortifrutigranjeiros na Instituição (Tabela 1).

Quanto à origem dos produtos hortifrutigranjeiros catarinenses comercializados na Ceasa/SC, alguns municípios se destacaram: Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, Urubici, Rancho Queimado, Bom Retiro, Anitápolis, Angelina, Alfredo Wagner, Antônio Carlos, Biguaçu, São Joaquim e Bom Jardim da Serra.

No ano, por estado da Federação, a participação catarinense no total das vendas foi de 34,5%, seguida por São Paulo, com 22,6%, Rio Grande do Sul, com 12,3%, Paraná, com 11,2%, e Bahia, com 5,9% (Figura 1).

Considerando-se os dez produtos mais negociados no mercado atacadista da Ceasa, observa-se que a batata-inglesa lidera o volume de negócios realizados, com 22,8%, seguida pelo tomate, com 15,8%, laranja, com 12,4%, mamão, com 9,9%, cebola, com 8,5%, cenoura, com 6,8%, maçã, com 6,3% e banana, com 4,6%. A soma dos dez produtos movimentou um total de 195 mil toneladas e gerou um montante financeiro da ordem de 190 milhões de reais (Tabela 2).

Em 2011, por mesorregião geográfica, a Grande Florianópolis comercializou 83,7 mil toneladas, propiciando um volume financeiro de 79,8 milhões de reais nas operações comerciais; a Serrana ofertou 15,6 mil toneladas e movimentou 18,0 milhões de reais; a do Vale do Itajaí foi responsável pela oferta de 2,7 mil toneladas e movimentou 3,5 milhões de reais; a Norte Catarinense ofertou 2,3 mil toneladas e movimentou 3,5 milhões de reais e, finalmente, a Sul Catarinense negociou 3,0 mil toneladas e movimentou 3,4 milhões de reais.

Durante todo o ano de 2011, a Ceasa/SC acompanhou e monitorou um total de doze produtos hortifrutigranjeiros. Isso representou um volume total de 108,9 mil toneladas. Na análise dos dados coletados, foram levados em consideração o estado de origem, bem como a importância socioeconômica de cada produto para Santa Catarina (Tabela 3).

Tabela 1/I. Hortifrutigranjeiros – Quantidade e valor, por grupo de produtos comercializados, no atacado, na Ceasa/SC – 2011

Grupo de produto	Oferta		Valor		Preço médio
	Tonelada	Participação (%)	R\$ 1.000,00	Participação (%)	R\$/Kg
Hortaliças	166.890	54,90	154.604	45,38	0,93
Folha, flor, e haste	19.082	6,28	17.058	5,01	0,89
Fruto	57.926	19,05	62.816	18,44	1,08
Raiz, bulbo, tub., rizoma	88.792	29,21	69.893	20,51	0,79
Importadas	1.090	0,36	4.838	1,42	4,44
Frutas	129.566	42,62	170.151	49,94	1,31
Nacionais	125.618	41,32	157.018	46,09	1,25
Importadas	3.949	1,30	13.133	3,85	3,33
Aves e ovos	6.393	2,10	13.749	4,04	2,15
Atípicos alimentícios	1.134	0,37	2.174	0,64	1,92
Atípicos não alimentícios	33	0,01	18	0,01	0,56
Total	304.015	100,00	340.697	100,00	1,12

Fonte: Ceasa/SC-Unidade de São José.

Tabela 2/I. Hortigranjeiros - Produtos mais comercializados, no atacado da Ceasa/SC– 2010-11

Produto	Volume (t)		Varição (%)
	2010	2011	2010/2011
Batata-inglesa	39.623	44.558	12,45
Tomate longa vida	31.500	30.834	- 2,11
Laranja	23.658	24.205	2,31
Mamão	18.825	19.344	2,76
Cebola	16.257	16.601	2,12
Melancia	12.046	13.874	15,18
Cenoura	12.303	13.291	8,03
Maçã	12.935	12.371	- 4,36
Banana	12.068	11.067	- 8,29
Tangerina	9.271	8.928	- 3,70
Total	188.486	195.073	3,49

Fonte: Ceasa/SC.

Tabela 3/I. Hortifrutigranjeiros – Produtos monitorados pela Ceasa/SC – Quantidade comercializada e local de origem – 2011

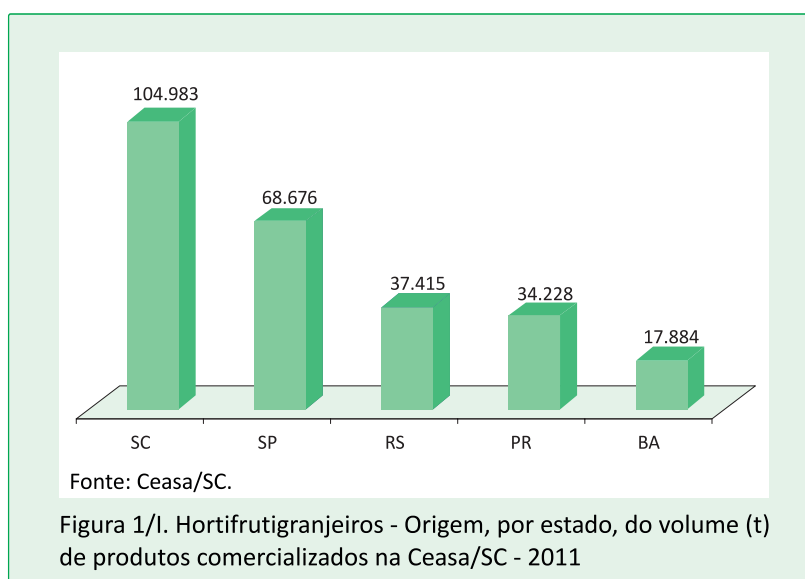
Produto/Estado	(tonelada)					
	BA	ES	GO	MG	PR	RJ
Batata-doce	-	-	-	16,08	371,62	-
Beterraba	-	32,52	33,35	105,29	283,25	-
Cebola	860,02	32,00	69,60	212,30	160,64	-
Cenoura	-	-	22,50	4.827,58	917,15	-
Chuchu	-	1.132,03	-	1,10	184,67	-
Couve-flor	-	-	-	-	-	-
Maçã	-	-	-	-	378,28	-
Maracujá	-	-	-	-	2,63	-
Morango	-	-	-	836,70	-	-
Pimentão	-	275,00	-	1,30	16,93	68,97
Repolho	-	-	-	-	1,28	-
Tomate longa vida	10,00	2.190,68	409,35	531,83	420,37	1.538,38
Total	870,02	3.662,23	534,80	6.532,17	2.736,80	1.607,34

(Continua)

(Continuação)



Produto/Estado	RS	SC	SP	Argentina	Total
Batata-doce	-	2.464,66	1.707,43	-	4.559,79
Beterraba	798,47	2.969,27	360,89	-	4.583,04
Cebola	273,96	13.187,87	1.661,68	115,18	16.600,75
Cenoura	2.488,78	3.020,01	2.015,20	-	13.291,22
Chuchu	-	3.754,19	384,10	-	5.456,09
Couve-flor	0,39	5.757,84	1,08	-	5.759,31
Maçã	2.393,83	9.000,28	503,96	94,54	12.370,89
Maracujá	29,13	546,72	191,22	-	769,70
Morango	565,18	1.463,68	51,67	-	2.917,23
Pimentão	-	2.508,58	1.108,54	-	3.979,32
Repolho	-	7.737,33	-	-	7.738,61
Tomate longa vida	22,38	19.681,52	5.984,55	-	30.789,06
Total	6.572,11	72.091,94	13.970,31	209,72	108.815,00

Fonte: Ceasa/SC.



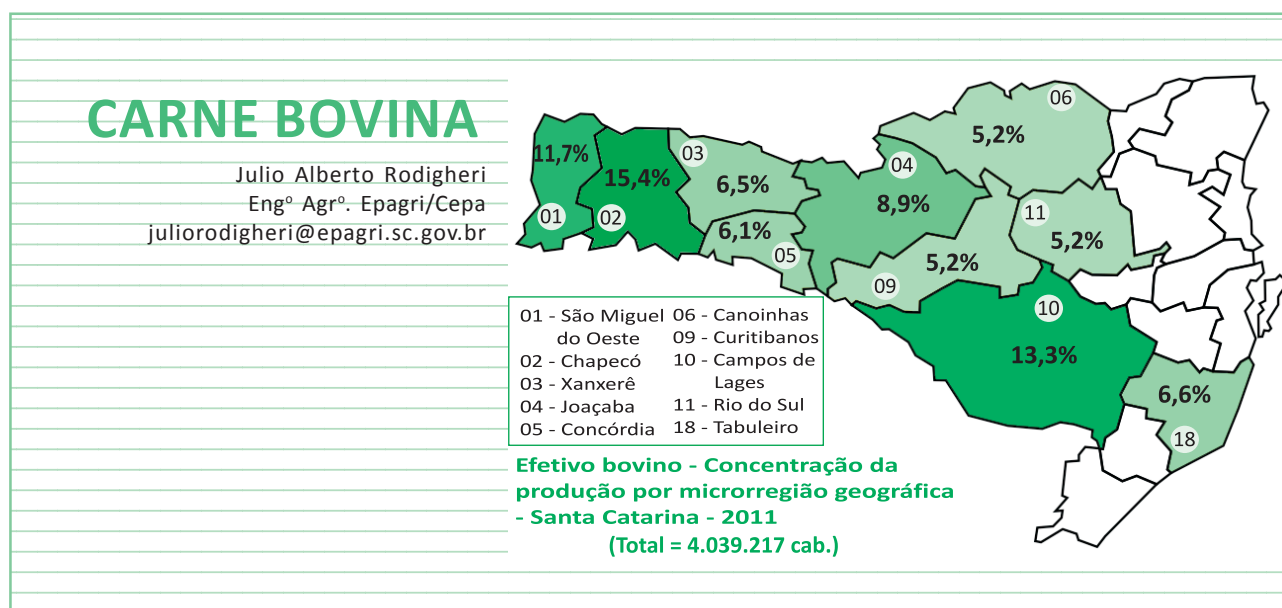
Calendário Agrícola

Produto	Fase	Mês											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

 Maior concentração.
 Menor concentração.

Fonte: Epagri/Cepa.

Desempenho da produção animal



Mercado internacional

A previsão do United States Department of Agriculture (USDA) para os principais países produtores e exportadores de carne bovina em 2012 é diferenciada. Os Estados Unidos devem diminuir suas exportações e mais ainda a sua produção. O Brasil aumenta sua produção, mas as exportações não acompanham e os dois crescimentos são pequenos (2% e 0,7%). A Índia, que se tornou terceiro, e está muito abaixo do Brasil, foi o país que mais cresceu. Esses três países somados crescem mais em exportação do que os demais (Tabela 1).

O Brasil em 2012 deverá ser o segundo produtor, segundo consumidor e terceiro exportador, porque a Índia e a Austrália passariam a ocupar as duas primeiras posições, ficando os Estados Unidos em quarto e a Nova Zelândia em quinto. A diferença está nos grandes percentuais que Índia, Austrália e Nova Zelândia exportam em relação a sua produção, enquanto Estados Unidos e Brasil destacam-se como grandes consumidores, exportando percentuais menores (Tabela 2).

Tabela 1/I. Carne bovina – Principais países produtores e exportadores – 2011-12
(mil t)⁽¹⁾

País	Produtor			Exportador		
	2011	2012	%2012/11	2011	2012	%2012/11
Estados Unidos	11.997	11.469	-4,4	1.265	1.236	-2,3
Brasil	9.030	9.210	2,0	1.340	1.350	0,7
Índia	3.170	3.505	10,6	1.220	1.525	25,0
Subtotal	24.197	24.184	-0,1	3.825	4.111	7,5
Outros países	32.691	32.817	0,4	4.330	4.617	6,6
Total	56.888	57.001	0,2	8.155	8.728	7,0

⁽¹⁾ Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda (abril/2012).

Tabela 2/I. Carne bovina – Principais países do mercado – 2011-12

(mil t)⁽¹⁾

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Estados Unidos	11.997	11.469	11.658	11.359	933	1.114	1.265	1.236
Brasil	9.030	9.210	7.730	7.920	1.340	1.350
U.E.	8.030	7.995	7.948	7.910	366	360	448	445
China	5.550	5.544	5.523	5.513
Argentina	2.530	2.600	2.279	2.322	254	280
Índia	3.170	3.505	1.950	1.980	1.220	1.525
Austrália	2.150	2.200	1.410	1.425
México	1.825	1.830	1.942	1.880	265	300	148	250
Canadá	1.170	1.200	1.021	1.030	282	280	426	450
Rússia	1.360	1.340	2.486	2.481	1.130	1.145
Paquistão	1.435	1.400	1.397	1.357
Nova Zelândia	503	544
Japão	1.238	1.256	745	756
Coreia do Sul	431	390
Egito	217	230
Uruguai	305	315
Arábia Saudita	180	195
Vietnã	350	400
Venezuela	200	200
Subtotal	48.247	48.293	45.172	45.008	5.099	5.370	7.319	7.820
Outros países	8.641	8.708	10.526	10.598	1.891	1.980	836	908
Total	56.888	57.001	55.698	55.606	6.990	7.350	8.155	8.728

⁽¹⁾ Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda (abril/2012).

Mercado nacional

O rebanho brasileiro vem crescendo, mas não continuamente. O efetivo de 2006 foi maior do que o de 2009, mas 2010 superou os anos anteriores e o crescimento se mantém desde 2007.

Atualmente, dos seis maiores rebanhos, três são do Centro-Oeste e ocupam a primeira, terceira e quarta posição. Sudeste, Norte e Sul têm cada região um representante, mas há uma tendência de que Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás ocupem as primeiras posições, pela disponibilidade de espaço, custos de produção e alimento disponível, inclusive para confinamento.

Os dados dos rebanhos levantados pelo IBGE não distinguem a finalidade ou a raça dos animais. Os dados de abate são o que identificam a pecuária de corte, mas como Santa Catarina é o único Estado que não recebe animais vivos dos outros estados, há um trânsito de animais que faz com que o abate às vezes não seja condizente com o rebanho. Os dados de abate estão relacionados ao rebanho geral, para todos os propósitos, portanto os percentuais a seguir não são de desfrute.

Esse é o caso de São Paulo, oitavo produtor, mas terceiro em abate e, assim, teria abatido em 2010, 26% do seu rebanho geral, enquanto a média brasileira é 10,4% e a dos estados do Centro-Oeste é 14,7% (Tabelas 3 e 4). São Paulo, por ser o Estado mais populoso do país e mais bem aquinhado em termos de indústrias, importa muitos animais tanto do Mato Grosso quanto do Mato Grosso do Sul. Rondônia tem abate próximo ao dos estados do Centro-Oeste e o Pará fica abaixo (9,1%), mas a explicação está no parque industrial insuficiente. Minas Gerais e o Rio Grande do Sul têm o menor percentual (6,6% e 6,2%), mas isso decorre de uma grande participação do gado de leite no rebanho, que diminui o abate, agravado no Rio Grande pela baixa produtividade dos campos.

Santa Catarina tem o mesmo percentual de rebanho e de abate (1,9%) o que é coerente, mas como o Estado é deficitário na produção de carne bovina e, por ser livre de aftosa sem vacinação, não recebe animais vivos, compra carne.

O balanço de oferta e demanda no Brasil mostra que em 2011 o aumento maior foi para a disponibilidade interna, já que tanto a produção, quanto a exportação caíram. Com o aumento da população, não houve também grande aumento do consumo *per capita*, que cresceu só 100 gramas no ano (Tabela 5).

No ano de 2011, a Rússia continuou sendo o maior importador da carne bovina brasileira, com o Irã e Hong Kong se aproximando, pois o crescimento desses dois mercados foi extraordinário. A Venezuela também teve grande crescimento, mas a partir de uma base bem menor. Os países europeus e os Estados Unidos tiveram quedas expressivas nas suas importações. O Irã passou de sétimo importador em 2007 para segundo em 2009 e terceiro em 2010 (Tabela 6).

Tabela 3/I. Efetivo do rebanho bovino por Estado - 2006-10

Brasil e Unidade da Federação						(mil cabeças)
	2006	2007	2008	2009	2010	Participação % 2010
Mato Grosso	26.064	25.683	26.018	27.357	28.757	13,7
Minas Gerais	22.203	22.575	22.370	22.470	22.698	10,8
Mato Grosso do Sul	23.726	21.832	22.365	22.326	22.354	10,7
Goiás	20.647	20.471	20.466	20.875	21.348	10,2
Pará	17.502	15.354	16.241	16.857	17.633	8,4
Rio Grande do Sul	13.975	13.516	14.116	14.366	14.469	6,9
Rondônia	11.484	11.008	11.176	11.533	11.842	5,7
São Paulo	12.790	11.791	11.186	11.198	11.198	5,3
Bahia	10.765	11.386	11.100	10.230	10.528	5,0
Paraná	9.765	9.495	9.586	9.562	9.411	4,5
Tocantins	7.761	7.395	7.393	7.605	7.994	3,8
Maranhão	6.613	6.609	6.816	6.885	6.980	3,3
Santa Catarina	3.461	3.489	3.884	3.966	3.986	1,9
Subtotal	186.755	180.605	182.716	185.230	189.198	90,3
Outros estados	19.131	19.147	19.591	20.030	20.343	9,7
Brasil	205.886	199.752	202.307	205.260	209.541	100,0

Fonte: IBGE.

Tabela 4/I. Abate de bovinos - Brasil e estados - 2007-11

Estado						(mil cabeças)
	2007	2008	2009	2010	2011	% 2011/2007
Mato Grosso	4.488,5	3.664,4	3.739,0	3.810,1	4.309,1	-4,0
Mato Grosso do Sul	3.513,4	2.996,7	3.045,9	3.105,7	3.091,5	-12,0
São Paulo	4.022,5	3.461,8	3.250,6	3.171,9	2.916,7	-27,5
Goiás	2.711,4	2.649,5	2.315,0	2.292,7	2.360,6	-12,9
Rondônia	1.980,9	1.641,2	1.734,4	1.908,1	1.852,4	-6,5
Pará	1.915,3	1.590,9	1.655,0	1.604,6	1.608,5	-16,0
Minas Gerais	1.901,9	2.129,9	2.029,3	1.685,4	1.493,5	-21,5
Tocantins	1.037,8	812,1	778,0	781,6	915,7	-11,8
Rio Grande do Sul	677,1	705,3	736,0	968,1	895,5	32,3
Paraná	1.095,8	977,4	875,8	1.058,4	887,1	-19,0
Santa Catarina	104,4	100,1	97,8	94,3	92,3	-11,6
Outros estados	1.702,0	1.641,3	1.371,8	1.406,3	1.348,6	-20,8
Total	25.150,8	22.370,5	21.628,5	21.887,0	21.771,5	-13,4

Fonte: Mapa/SIPAs/DFAs.

Tabela 5/I. Carne bovina - Balanço de oferta e demanda – Brasil - 2007-11
(mil t)

Situação	2007	2008	2009	2010	2011
Produção	9.368,4	8.862,0	8.474,1	8.916,5	8.863,0
Exportação	1.695,9	1.400,4	1.280,0	1.291,1	1.156,9
Importação	100,0	8,2	48,0	36,5	42,7
Disponibilidade	7.573,0	7.453,4	7.242,1	7.661,9	7.748,8
Kg/habitante/ano	39,7	37,9	37,8	39,7	39,8

Fonte: IBGE, Conab, CNPC e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 6/I. Carne bovina - Principais países importadores - Brasil - 2007-11
(milhão US\$)

País	2007	2008	2009	2010	2011	%2011/2007
Rússia	1.000	1.476	953	1.073	1.060	6,0
Irã	145	323	335	807	688	374,5
Hong Kong	201	488	612	503	691	243,8
Egito	348	236	217	434	440	26,4
Venezuela	125	418	165	186	376	200,8
Reino Unido	282	221	168	168	197	-30,1
Holanda	353	170	129	130	212	-39,9
Arábia Saudita	99	139	97	127	136	37,4
Chile	19	17	22,3	104	209	1.000,0
Estados Unidos	330	304	232	80	167	-49,4
Subtotal	2.839	3.617	2.833	3.617	4.176	47,1
Outros países	1.585	1.708	1.285	1.178	1.281	-19,2
Total	4.424	5.325	4.118	4.795	5.457	23,3

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Mercado estadual

No período que vai de 2005 a 2010 o rebanho bovino catarinense cresceu 18%, mas o desempenho microrregional foi muito diferenciado. Varia de 49% em Chapecó e -3,2% em Rio do Sul. Como houve queda na produção de carne bovina e grande crescimento na produção de leite, fica claro que o crescimento ocorreu em maior proporção nas regiões do gado leiteiro. A exploração do leite prepondera nas microrregiões de Chapecó, São Miguel do Oeste, Xanxerê, Joaçaba, Tubarão e Concórdia. Araranguá, Criciúma e Curitiba, por sua vez, tiveram grandes taxas de crescimento, mas ainda a partir de uma base pequena. A microrregião em que o gado de corte se sobressai é Campos de Lages (5,5%). Rio do Sul teve queda no rebanho, porque as terras foram destinadas a outras finalidades, inclusive não agrícolas (Tabela 7).

Com o crescimento da população e a queda da produção, o déficit no suprimento do Estado tem aumentado apesar de alguma oscilação: de 36% em 2007 para 42% em 2011. Por isso, a Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca lançou um programa de incentivo à pecuária de corte em outubro de 2011. A ampliação do rebanho só poderá ocorrer após três anos do aumento das matrizes, mas as melhorias de raça e alimentação poderão vir antes, antecipando o abate, melhorando as taxas de abate e outros índices de produtividade.

As exportações para Santa Catarina não são relevantes e mostram-se condizentes com o fato de que o Estado produz 1,9% da produção nacional. Para o Brasil a situação é diferente, pois o País é um dos maiores produtores e exportadores mundiais. Em 2011 as quantidades exportadas diminuíram, mas o valor

aumentou pela majoração dos preços internacionais. Os preços aumentaram de US\$ 3,79/kg em 2010 para US\$ 4,72 em 2011. O ruim é que esses preços não se mantiveram nos primeiros cinco meses de 2012, caíram para US\$ 4,54/kg (Tabela 9).

Os produtores de Santa Catarina receberam pelo boi gordo desde 2008 preços que variaram muito, indo de R\$ 70,85/arroba em fevereiro de 2008 a R\$ 98,50/arroba em maio de 2012, mas o ponto máximo foi R\$ 101,13/arroba em novembro de 2010 (Figura 1). Deste ponto em diante o preço do bezerro, considerado o maior insumo da bovinocultura de corte, dispara a frente e a linha na figura 1 se eleva muito. No início do período a relação entre o preço do bezerro e a arroba do boi era de 6,8 vezes e, mais recentemente, de 8,6 vezes (8,6 arrobas de boi para comprar um bezerro). Isso se deve à escassez de bezerro para a terminação, pois a perspectivas de venda de bezerras vivos para a Itália não se concretizaram.

As perspectivas do desempenho brasileiro para 2012, segundo o USDA, são de que a produção brasileira de carne bovina aumente 2%, as exportações 0,7% e o consumo interno 2%. As estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) são menos otimistas, pois estimam aumento de produção de 0,2%, que se transferiria para o consumo interno, ficando as exportações iguais às do ano anterior. Os dados anteriores referem-se ao volume exportado, mas a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), que coordena as exportações de carne bovina brasileira, é também otimista, mas se refere ao valor das exportações e prevê que as exportações poderão crescer 11% em 2012. Isso aconteceria com a retomada dos embarques para Rússia, Europa e Irã.

Tabela 7/I. Efetivo bovino por microrregião – Santa Catarina – 2005-10

	(mil cab.)						
Microrregião geográfica	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2010/05%
Campos de Lages	492	490	507	532	579	519	5,5
Chapecó	417	460	585	564	576	622	49,2
São Miguel do Oeste	377	399	396	441	450	489	29,7
Joaçaba	290	291	241	318	335	351	21,0
Tubarão	225	241	216	279	274	266	18,2
Concórdia	219	237	225	242	247	247	12,8
Xanxerê	193	211	219	227	219	238	23,3
Rio do Sul	216	197	198	224	217	209	-3,2
Curitibanos	177	172	178	211	209	210	18,6
Canoinhas	165	167	161	205	204	182	10,3
Araranguá	57	57	62	85	87	89	56,1
Criciúma	61	74	57	81	85	85	39,3
Subtotal	2.890	2.997	3.046	3.409	3.482	3.507	21,3
Outras MRG	487	464	443	475	484	479	-1,6
Santa Catarina	3.377	3.461	3.489	3.884	3.966	3.986	18,0

(¹) Foram excluídas as microrregiões com menos de 85 mil cabeças em 2010.

Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Carne bovina – Oferta e demanda – Santa Catarina – 2007-11

	(mil t)				
Situação	2007	2008	2009	2010	2011
Produção	122,1	113,0	111,6	108,8	108,2
Importação	68,9	68,2	67,5	72,6	78,8
Disponibilidade interna	182	181,1	180,7	181,3	186,9
Kg/habitante/ano	31,0	30,7	30,5	30,3	30,0

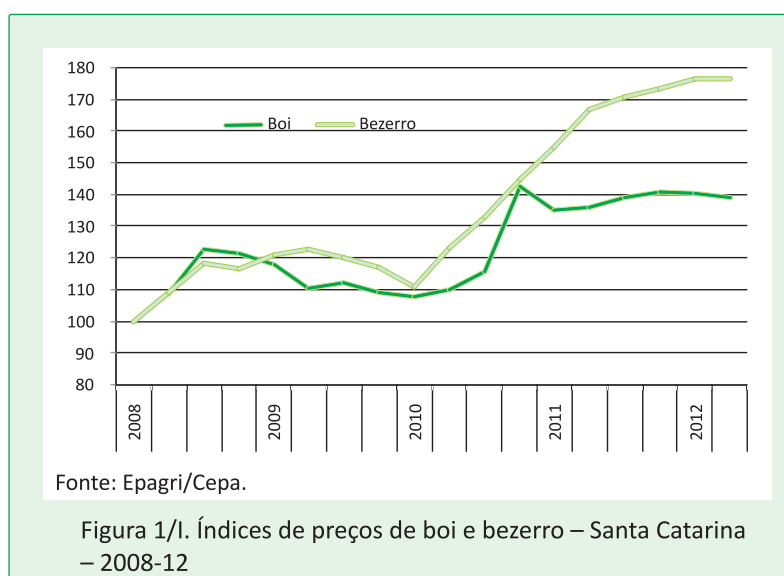
Fonte: Sindicarnes, MDIC/Secex - Sistema Aliceweb e IBGE.

Tabela 9. Carne bovina – Valor, volume e preço das exportações – Brasil e Santa Catarina - 2007-12

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Brasil						
Valor (milhões US\$)	4.556	5.369	4.189	4.887	5.457	2.245
Volume (mil t)	1.696	1.400	1.280	1.291	1157	494
Preço (US\$/kg)	2,69	3,83	3,27	3,79	4,72	4,54
Santa Catarina						
Valor (milhões US\$)	6,2	13,1	23,5	38,1	43,4	20,0
Volume (mil t)	3,2	4,0	11,3	22,6	24,0	10,7
Preço (US\$/kg)	1,94	3,28	2,08	1,69	1,81	1,86

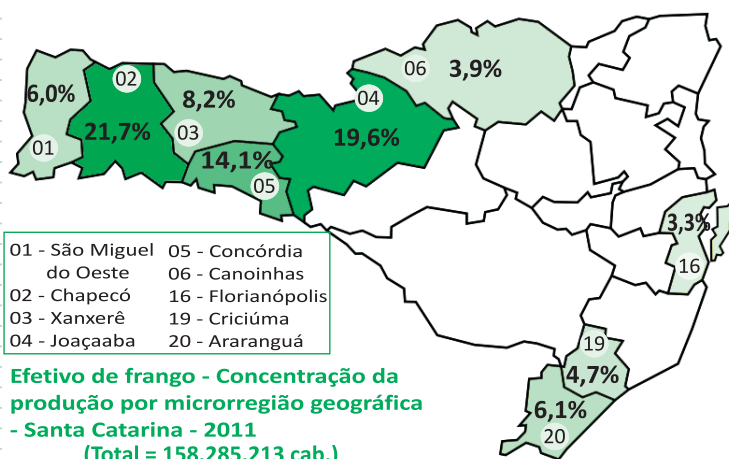
⁽¹⁾ Até maio/12.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.



CARNE DE FRANGO

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrº. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br



Efetivo de frango - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2011
(Total = 158.285.213 cab.)

Mercado internacional

Desde que o Brasil ultrapassou os Estados Unidos, em 2004, tem se mantido como maior exportador mundial de carne de frango, com apenas alguns reveses menores como do ano de 2009 (Tabela 1). O que fica claro é que a capacidade de crescimento destes dois países desde 2008 ficou pequena (0,2% para os Estados Unidos e 2,2% para o Brasil, de 2008 para 2012). Os maiores crescimentos nesse período foram da China, que exporta pequeno percentual de sua produção, devido ao seu imenso consumo, da União Europeia e da Tailândia, que se tornou o quarto país exportador.

O Brasil foi, em 2011, o segundo produtor, terceiro consumidor e primeiro exportador. A previsão do USDA para 2012 é que a exportação entre os quatro maiores seja de 5,2% para a China, 2,98% para o Brasil, 2,32% para a União Europeia e que no caso dos Estados Unidos elas caiam 0,22%. Isso manteria o Brasil à frente com mais folga que nos últimos anos. O revés previsto na produção mundial é que a China suplantaria o Brasil, que ficaria em terceiro lugar, mesmo assim o Brasil aumentaria seu consumo e sua exportação (Tabela 2).

Os grandes importadores continuariam sendo o Japão, a Arábia Saudita, a União Europeia, o México e a Rússia, que são mercados que devem ser buscados ou ampliados.

Tabela 1/I. Carne de frango – Principais países exportadores – 2008-12

País	(mil t)				
	2008	2009	2010	2011	2012
USA	3.157	3.093	3.069	3.171	3.164
China	285	291	379	423	445
Brasil	3.242	2.992	3.181	3.219	3.315
U.E - 27	727	765	929	1.036	1.060
Tailândia	383	379	432	467	500
Total	8.417	8.772	8.848	9.367	9.643

Fonte: Usda - abril/2012.

Tabela 2/I. Carne de frango – Principais países do mercado – 2011-12

(mil t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012	2011	2012
USA	16.694	16.401	13.665	13.269	49	47	3.171	3.164
China	13.200	13.730	13.015	13.518	423	445
Brasil	13.602	13.250	9.645	9.936	3.219	3.315
U.E - 27	9.420	9.600	9.102	9.280	718	740	1.036	1.060
México	2.900	2.925	3.470	3.546	578	630
Índia	2.900	3.200	2.890	3.190
Argentina	1.770	1.850	1.570	1.610	210	250
Rússia	2.575	2.725	3.040	3.185	500	510
Turquia	1.614	1.687	206	230
Indonésia	1.515	1.540	1.515	1.540
Tailândia	1.350	1.420	467	500
África do Sul	1.633	1.632
Japão	2.087	2.115	895	840
Canadá	155	155
Arábia Saudita	788	832
Iraque	419	440
Emir. Árabes	314	342
Hong Kong	410	430
Chile	90	100
Kuwait	70	70
Vietnã	317	350
Angola	288	300
Subtotal	67.540	68.328	61.632	62.821	5.276	5.461	9.047	9.289
Outros países	12.880	13.865	17.959	18.461	3.237	3.297	320	354
Total	80.420	82.193	79.591	81.282	8.513	8.758	9.367	9.643

Fonte: Usda - abril/2012.

Mercado nacional

A participação dos estados brasileiros vai se modificando com o tempo. De 2005 para 2011 os estados que mais cresceram foram Goiás, Paraná e Minas Gerais, mas de 2010 para 2011 os maiores crescimentos foram de Goiás, Paraná e São Paulo. Isso faz com que o Paraná fique muito à frente dos demais em produção; Santa Catarina permanece em segundo, mas conseguindo ainda se manter como maior exportador em valor; Rio Grande do Sul em terceiro e São Paulo em quarto. Dentre os novos produtores, quem se destaca é Goiás, que está se aproximando de Minas Gerais, quinto colocado (Tabela 3).

Quanto à participação na produção nacional, tem-se como melhor desempenho o do Paraná, que de 2005 para 2011 aumentou sua participação em 5,3%; Goiás foi segundo, com 1,5% a mais, e Minas Gerais, que ganhou mais 1,4% (Tabela 4).

A evolução tecnológica fica evidente quando se examina o horizonte de tempo maior, o alojamento de matrizes, de pintos e a produção de carne. De 2007 para 2011, as matrizes aumentaram 16,2%, os pintos 21,2% e a carne 25,9%, ou seja, cada matriz passou a produzir mais pintos que, crescendo, produziram frangos mais pesados (Tabela 5).

Em 2011, o Brasil produziu 6,0% a mais carne de frango do que em 2010, exportou 2,1% a mais, a disponibilidade interna aumentou 7,8% e o consumo *per capita* cresceu 6,0% (Tabela 6).

A lista de países importadores do frango brasileiro tem se mantido bastante estável, à exceção da Alemanha que, da sexta posição, caiu para nona. No mais, as posições se mantêm, com algumas oscilações, desde 2007: Japão, Arábia Saudita, Holanda, Hong Kong, Emirados Árabes, Venezuela e Kuwait. Esses países participam com 16% até 3%, ou seja, são necessários sete países para atingir 61% das exportações em valor (Tabela 7).

Tabela 3/I. Abate de aves – Principais estados – 2005, 2010 e 2011

(milhões de cab.)

Estado	2005	2010	2011	2011/05(%)	2011/10 (%)
Paraná	1.011	1.300	1.455	43,9	11,9
Santa Catarina	742	896	938	26,4	4,7
Rio Grande do Sul	653	756	781	19,6	3,3
São Paulo	639	668	740	15,8	10,8
Minas Gerais	271	348	353	30,3	1,4
Goiás	173	261	314	81,5	20,3
Mato Grosso do Sul	123	143	146	18,7	2,1
Subtotal	3.612	4.372	4.727	30,9	8,1
Outros estados	815	359	405	-50,3	12,8
Brasil	4.427	4.731	5.132	15,9	8,5

Fonte: Aincadesc e Sindicarnes.

Tabela 4/I. Carne de frango – Participação dos estados nos abates – Brasil - 2007-11

(%)

Estado	2007	2008	2009	2010	2011
Paraná	23,0	23,6	26,0	27,5	28,3
Santa Catarina	20,6	16,6	18,2	18,9	18,3
Rio Grande do Sul	14,7	14,0	15,9	16,0	15,2
São Paulo	14,1	14,1	13,8	14,1	14,4
Minas Gerais	5,5	6,2	7,6	7,4	6,9
Goiás	4,6	4,8	5,7	5,5	6,1
Mato Grosso do Sul	2,5	2,5	3,1	3,8	2,8
Subtotal	26,7	27,6	90,4	93,2	92,0
Outros estados	73,3	72,4	9,6	6,8	8,0
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Ubabef.

Tabela 5/I. Carne de frango – Matrizes alojadas, pintos alojados e produção – Brasil – 2007-11

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011
Matrizes alojadas (milhões cab)	42,5	48,5	44,4	46,8	49,4
Pintos alojados (milhões cab)	5.151,8	5.466,1	5.560,0	5.998,0	6.244,9
Produção de carne (mil t)	10.305,1	11.022,0	11.023,0	12.241,5	12.976,0

Fonte: UBA, Apinco, Ubabef.

Tabela 6/I. Carne de frango – Oferta e demanda – Brasil – 2007-11

(mil t)

Situação	2007	2008	2009	2010	2011
Produção	10.305	11.022	11.023	12.241	12.976
Exportação	3.162	3.437	3.634	3.820	3.900
Disponibilidade nacional	7.143	7.595	7.389	8.421	9.076
Kg per capita	38,1	39,6	38,2	43,2	45,80

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 7/I. Principais países importadores do frango brasileiro – 2007-11

(mil US\$FOB)

País	2007	2008	2009	2010	Part.% 10	2011	Part.% 11
Japão	579	1.168	619	908	13,3	1.327	16,3
Arábia Saudita	524	741	751	924	13,6	1.212	14,9
Holanda	568	746	704	652	9,6	770	9,5
Hong Kong	431	564	588	498	7,3	552	6,8
Emirados Árabes	284	378	320	352	5,2	429	5,3
Venezuela	196	531	291	283	4,2	356	4,4
Kuwait	161	288	282	284	4,2	276	3,4
Iraque	-	-	199	159	2,3	231	2,8
Alemanha	228	301	231	220	3,2	217	2,7
Reino Unido	126	165	144	176	2,6	203	2,5
Rússia	-	-	114	250	3,7	124	1,5
Subtotal	3.097	4.882	4.243	4.705	69,1	5.698	70,1
Outros	1.879	2.067	1.571	2.103	30,9	2.430	29,9
Total países	4.976	6.949	5.814	6.808	100,0	8.129	100,0

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Mercado estadual

A participação de Santa Catarina na produção e exportação de frango pelo Brasil praticamente não se alterou no ano de 2011, pois a produção aumentou de 14,1% para 14,5% e a exportação se manteve em 26,7%, pois o crescimento maior foi de outros estados (Tabela 8).

Em 2011, a produção catarinense de frango cresceu 4,9%, a exportação 2,3%, a venda nacional e disponibilidade no Estado aumentaram 8,7%, o que confirma que esse foi um ano mais do mercado interno do que das exportações. Quanto ao consumo per capita, o estadual continua acima do nacional, mas não tão distante como na carne suína (Tabela 9).

Quanto ao valor exportado, a participação de Santa Catarina é maior (29,6%) e mantém-se mais ou menos fixa (Tabela 10), pois deriva de uma produção mais elaborada, vendendo mais partes (e menos carcaças inteiras), produtos desossados, temperados e outros requintes, que acabam sendo mais bem remunerados no mercado internacional. Isso permite ao Estado ser o maior exportador em valor, ainda que em alguns meses não seja em volume.

Os preços podem ser verificados comparando-se o que recebe o País e o Estado em dólares. Em 2011, por exemplo, o preço nacional foi de US\$ 2,08/kg contra US\$ 2,31/kg.

A participação do Brasil e de Santa Catarina no mercado internacional caiu levemente em 2011 (Tabela 10) em decorrência do aumento das exportações dos países asiáticos (China, Tailândia e Indonésia) e também de outros estados brasileiros.

O rol de importadores de Santa Catarina contém algumas diferenças que devem ser consideradas em comparação com as exportações brasileiras do mesmo produto. Os sete primeiros países também somam 61% das exportações, mas a lista é diferente: o Japão concentra um pouco mais a importação (26%); Holanda é o segundo; Hong Kong, o terceiro; e a Arábia Saudita é o quarto. Mais importante que essa pequena inversão de ordem é que para Santa Catarina, a China se tornou o quinto importador em 2011, enquanto que para o Brasil ela não aparece nem entre os onze primeiros. A subida foi repentina, pois em 2010 a China estava em décimo primeiro. Há aí um grande potencial a ser explorado (Tabela 11).

As alterações na participação no rebanho avícola foram diferenciadas por microrregião. De 2006 para 2010, os maiores crescimentos foram de Canoinhas, Florianópolis, Araranguá e Concórdia, mas no último ano Canoinhas, Concórdia, Araranguá e também as microrregiões de menor importância (outras na Tabela 12) tiveram os melhores desempenhos na evolução.

Os maiores rebanhos em 2011 foram das microrregiões de Joaçaba, Chapecó, Concórdia, Xanxerê e Araranguá, que ultrapassou São Miguel do Oeste.

Os preços recebidos pelos avicultores no período de 2008 a maio de 2012 tiveram um mínimo em maio de 2010 e um máximo em fevereiro de 2012, o mesmo acontecendo com o milho. O farelo de soja, segundo item mais importante da alimentação e do custo de produção, teve um mínimo também em maio de 2010 e um máximo em maio do ano anterior, mas o preço de maio de 2012 ficou próximo do máximo, pois apenas dois trimestres do período tiveram preços maiores. Há uma coerência no sobe e desce dos preços, como se constata na Figura 1, que apresenta as três linhas com certo paralelismo, com o ponto mais baixo em maio de 2010 para as três linhas e no final do período o frango e o milho estarem caindo e o do farelo de soja estar subindo, o que eleva o custo de produção.

A comparação dos preços recebidos pelos produtores e dos custos calculados pelo Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA-Embrapa) é de que o superávit para o avicultor seria de R\$ 0,09/kg em fevereiro e de R\$ 0,06/kg em março. Decrescente, portanto, mas em melhor situação que o suinocultor que tem déficit médio de R\$ 0,20/kg nos quatro meses iniciais de 2012.

As perspectivas para 2012, segundo o USDA, é que a carne de frango cresça 3% em produção, consumo interno e exportação. A Conab prevê que a produção cresça 3%, o consumo interno 3,4% e a exportação 2,2%, ou seja, o USDA previu em abril de 2012 que a evolução seria equilibrada e a Conab, no mesmo mês, previu que o consumo interno cresceria mais que a exportação. A coincidência está nos 3% de aumento da produção.

Tabela 8/I. Carne de frango – Produção e exportação – Brasil e Santa Catarina – 2007-11

(mil t)

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2007	10.305	3.162	1.546	889	15	28,1
2008	11.032	3.436	1.623	903	14,7	26,3
2009	11.023	3.634	1.621	986	14,7	27,1
2010	12.241	3.820	1.723	1.020	14,1	26,7
2011	12.476	3.900	1.807	1.043	14,5	26,7

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 9/I. Carne de frango – Oferta e demanda – Santa Catarina – 2007-11

Situação	(mil t)				
	2007	2008	2009	2010	2011
Produção	1.546	1.623	1.621	1.723	1.807
Exportação	889	903	986	1.020	1.043
Venda nacional	411	472	469	438	476
Disponib. estadual	246	248	249	265	288
Kg/hab/ano	41,5	42,1	42	43,5	46,2

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 10/I. Carne de frango – Exportações – Brasil e Santa Catarina – 2009-11

Discriminação	2009		2010		2011	
	Volume (mil t)	Valor (milhões US\$)	Volume (mil t)	Valor (milhões US\$)	Volume (mil t)	Valor (milhões US\$)
Brasil	3.634	5.814	3.820	6.808	3.900	8.129
SC	986	1.721	1.020	2.020	1.043	2.406
SC/BR (%)	27,1	29,6	26,7	29,7	26,7	29,6
Mundo	8.272	-	8.848	-	9.367	-
BR/Mundo	43	-	43,4	-	41,6	-
SC/Mundo	11,7	-	11,6	-	11,1	-
Preço de venda		US\$/kg		US\$/kg		US\$/kg
Brasil		1,60		1,78		2,08
SC		1,74		1,98		2,31

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 11 /I. Carne de frango – Destino das exportações catarinenses – 2004-11

País	(mil US\$FOB)					
	2004	2006	2008	2010	2011	Part %
Japão	209.454	200.608	507.343	428.158	618.244	25,7
Holanda	103.337	156.860	362.386	373.848	359.289	14,9
Hong Kong	39.633	56.007	143.192	115.309	138.851	5,8
Arábia Saudita	69.636	69.261	88.234	119.299	130.517	5,4
China	9.458	2.843	-	56.603	118.856	4,9
Reino Unido	43.069	43.484	87.515	83.721	114.741	4,8
África do Sul	32.181	54.855	53.805	69.960	91.335	3,8
Alemanha	69.846	62.808	85.467	85.703	83.299	3,5
Emirados Árabes	16.812	20.672	56.741	55.869	82.980	3,4
Cingapura	46.060	50.911	77.052	73.523	61.881	2,6
Rússia	46.240	90.724	115.284	82.082	60.027	2,5
Kuwait	11.014	14.354	30.579	42.220	27.170	1,1
Espanha	17.254	18.637	32.836	30.472	25.709	1,1
Subtotal	713.994	817.795	1.640.433	1.616.767	1.912.898	79,5
Outros países	130.616	148.635	401.939	403.036	493.311	20,5
Total	844.610	966.458	2.042.372	2.019.803	2.406.209	100,0

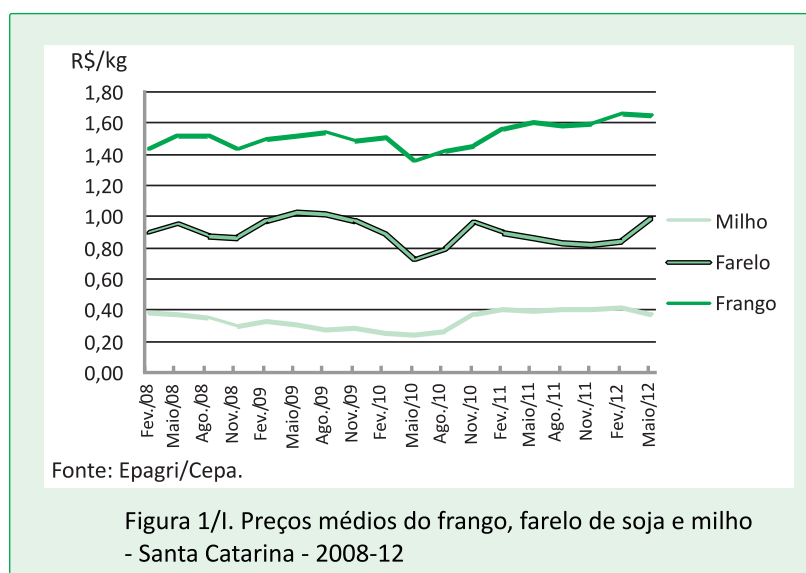
Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 12. Efetivo de aves – Santa Catarina – 2006-10

(milhões de cabeças)

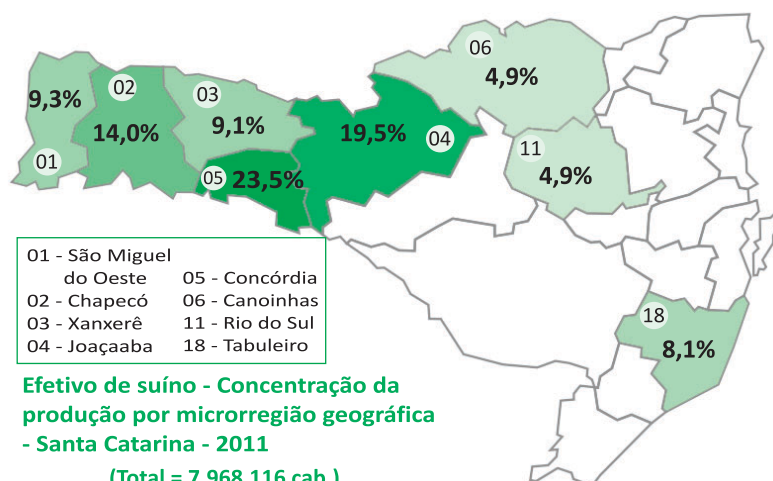
Microrregião	2006	2007	2008	2009	2010	%2010/2005	%2010/2009
Joaçaba	31	39,1	37,9	37,5	34,3	10,6	-8,5
Chapecó	31,2	38	35	35,9	34,2	9,6	-4,7
Concórdia	20	21,4	22,2	23,8	24,8	24,0	4,2
Xanxerê	15,6	16,7	16,8	16,4	15,1	-3,2	-7,9
São Miguel do Oeste	13,8	11,7	11,2	11,5	9,5	-31,2	-17,4
Araranguá	6,2	8,2	8,6	10,3	10,7	72,6	3,9
Florianópolis	2,1	2,3	8,8	6,2	5,3	152,4	-14,5
Tubarão	4,9	6,9	5,6	5,6	4,5	-8,2	-19,6
Criciúma	5,5	6,3	6	5,5	4,8	-12,7	-12,7
Canoinhas	1,9	3,5	4	4,4	7,7	305,3	75,0
Subtotal	132,3	154,1	156,1	156,9	150,9	14,1	-3,8
Outras MRG	19,9	21,1	21,6	20,6	22,9	15,1	11,2
Santa Catarina	152,3	175,2	177,7	177,5	173,8	14,1	-2,1

Fonte: IBGE.



CARNE SUÍNA

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrº. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br



Mercado internacional

Pela previsão do USDA para 2012, o Brasil continuará sendo, como nos últimos anos, o quarto produtor (depois de China, União Europeia e Estados Unidos) e o quarto exportador (depois de Estados Unidos, União Europeia e Canadá). Se o USDA separasse os países da UE o Brasil seria terceiro produtor e exportador (Tabelas 1 e 2).

Nas exportações será difícil mudar a posição do Brasil, embora o Canadá, que é grande produtor, grande exportador e não é grande consumidor, deva apresentar neste ano queda na exportação, enquanto a exportação brasileira deva ser equivalente a 52% da canadense (foi de 49% no ano de 2011) – Tabela 2.

O Brasil deverá ter o maior crescimento de exportação entre os grandes exportadores (5,3%) e a União Europeia terá a maior queda (-3,6%). A China aparece como exportadora, mas importa três vezes mais do que exporta. O Canadá faz o mesmo, só que importa numa proporção menor.

Tabela 1/I. Países maiores exportadores mundiais – 2008-12

País	Exportador (mil t) ⁽¹⁾				
	2008	2009	2010	2011	2012
China	223	232	278	244	255
U E -27	1.727	1.415	1.755	2.204	2.125
USA	2.110	1.857	1.916	2.356	2.404
Brasil	625	707	619	584	615
Canadá	1.129	1.123	1.159	1.197	1.175
Subtotal	5.814	5.334	5.727	6.585	6.574
Outros países	381	339	350	397	411
Total	6.195	5.673	6.077	6.982	6.985

⁽¹⁾ Em equivalente carcaça.
Fonte: Usda - abril/ 2011.

Tabela 2/I. Carne suína - Maiores países do mercado – 2011-12

(mil t)⁽¹⁾

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012	2011	2012
China	49.500	51.600	50.004	51.995	758	650	244	255
U E -27	22.750	22.615	20.564	20.505			2.204	2.125
USA	10.332	10.562	8.339	8.481	379	374	2.356	2.309
Brasil	3.227	3.311	2.644	2.696	-	-	584	615
Rússia	1.995	2.100	2.940	2.999	946	900	-	-
Vietnã	1.960	2.000	1.995	2.035	-	-	8	10
Canadá	1.770	1.775	-	-	204	215	1.197	1.175
Japão	1.255	1.275	2.522	2.528	1.254	1.250	-	-
Filipinas	1.260	1.265	1.358	1.364	-	-	-	-
México	1.182	1.215	1.690	1.775	594	650	86	75
Coreia do Sul	837	982	1.487	15.030	640	550	-	-
Hong Kong	-	-	-	-	432	400	-	-
Austrália	-	-	-	-	175	180	41	42
Ucrânia	-	-	-	-	119	120	17	15
Subtotal	96.068	98.700	93.543	109.408	5.501	5.289	6.737	6.621
Outros países	5.594	5.657	7.743	-5.628	1.094	1.157	245	364
Total	101.662	104.357	101.286	103.780	6.595	6.446	6.982	6.985

⁽¹⁾ Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda - abril/ 2011.

Mercado nacional

O alojamento de matrizes estimado pela Abipecs para 2011 teve crescimento de 1%, nada impactante, portanto. Visto por estado, fica ainda mais limitado: nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul, o crescimento foi zero. Mato Grosso teria o maior crescimento (3,7%), mas ainda sobre uma base muito pequena (Tabela 3), ainda que crescendo 35% desde 2007. Entre os grandes, só Santa Catarina (2,6%) e Minas Gerais (2,2%) cresceram. São Paulo continuou caindo e Goiás decresceu neste ano (Tabela 3).

A produção industrial de suínos no Brasil cresceu em número de cabeças um pouco mais (2,2%) do que as matrizes (1%), o que significa que houve um pequeno acréscimo aos terminados/matriz/ano. A média nacional foi de 22,2 e Santa Catarina chegou a 22,7, igual ao Mato Grosso, estado mais expressivo entre os produtores não tradicionais.

O número de animais produzidos é importante, mas é o somatório de animais diferentes (em idade, peso e outras características) – Tabela 4. O dado mais importante é o peso dos animais abatidos. No caso não houve praticamente diferença, pois a tonelagem aumentou, em 2011, 2,3%. Santa Catarina segue este padrão, cresceu 3,5%, assim como Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Acréscimo de produtividade tiveram o Rio Grande do Sul que, com as mesmas matrizes, produziu mais carne (1,7%) e Minas Gerais que, com um aumento de matrizes de 2,2%, aumentou a produção de carne em 7,3%. São Paulo teve decréscimo quase igual para matrizes e produção, ou seja, caem as matrizes alojadas, mas mantém-se o padrão técnico (Tabela 5).

O leve crescimento da produção nacional (1,8%) e a queda no volume exportado (-4,4%) proporcionaram um acréscimo na disponibilidade interna de 3,1% e um acréscimo *per capita* de 1,3%, chegando este a 14,700 kg/hab/ano (Tabela 6). O mercado interno foi mais importante do que a exportação em 2011.

Incluindo-se o valor das exportações, o quadro é diferente, porque, apesar da queda do volume (-4,4%), o valor aumentou 7,1% devido ao aumento do preço por quilograma que passou de US\$2,47 para US\$2,77, ou seja, um aumento de 12% (Tabela 7).

Nos quatro primeiros meses de 2012, no entanto, os preços voltaram a cair, como em 2009, ficando em US\$2,58, acima de 2010, mas abaixo de 2011.

Quanto ao destino das exportações brasileiras de carne suína, têm havido modificações. Até 2010, a ordem era Rússia, Hong Kong e Ucrânia. Em 2011 esses dados começaram a se modificar e, nos primeiros quatro meses de 2012, a ordem passou a ser Hong Kong, Ucrânia e Rússia. A Argentina, que era o quarto maior importador, passou para a sétima posição, por conta da proibição das importações de carne suína do Brasil e de outros reveses frequentes no Mercosul.

Os países que demandam a carne suína brasileira tiveram comportamento diferenciado. Salientam-se a queda das importações da Rússia, que foi de quase 40% de 2010 para 2011, e os crescimentos de Ucrânia, Angola e Hong Kong. Apesar das diferentes evoluções, a ordem dos primeiros continuou sendo Rússia, Hong Kong, Ucrânia e Argentina (Tabela 8)

Tabela 3/I. Matrizes alojadas – Brasil – 2007-11

Estado/ano	(mil cabeças)					
	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	%2011/2010
Rio G. Sul	270	296	310	315	315	0,0
Santa Catarina	389	392	393	386	396	2,6
Paraná	236	235	256	247	247	0,0
São Paulo	110	95	92	88	86	-2,3
Minas Gerais	195	210	218	223	228	2,2
Mato G. Sul	42	43	45	57	57	0,0
Mato Grosso	63	75	80	82	85	3,7
Goiás	64	68	73	78	76	-2,6
Subtotal	1.370	1.414	1.467	1.475	1.490	1,0
Outros estados	106	111	111	113	116	2,7
Total industrial	1.476	1.526	1.578	1.589	1.606	1,1
Subsistência	887	895	870	869	853	-1,8
Brasil	2.362	2.421	2.448	2.458	2.459	0,0

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Abipecs, SIPRS, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Tabela 4/I. Produção de suínos para abate – Brasil – 2007-11

Estado/ano	(mil cabeças)					
	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	%2011/2010
Rio G. Sul	5.800	6.366	6.749	6.926	7.052	1,8
Santa Catarina	8.670	8.422	8.561	8.685	8.989	3,5
Paraná	5.084	5.166	5.494	5.563	5.563	0,0
São Paulo	2.207	1.909	1.887	1.902	1.859	-2,3
Minas Gerais	4.193	4.521	4.682	4.784	5.073	6,0
Mato G. Sul	867	886	927	1.215	1.215	0,0
Mato Grosso	1.417	1.687	1.835	1.858	1.926	3,7
Goiás	1.459	1.548	1.668	1.758	1.729	-1,6
Subtotal	29.697	30.505	31.803	32.691	33.405	2,2
Outros estados	2.108	2.188	2.188	2.278	2.324	2,0
Total industrial	31.806	32.693	33.991	34.969	35.729	2,2
Subsistência	5.036	5.045	4.694	4.686	4.545	-3,0
Brasil	36.842	37.738	38.684	39.655	40.274	1,6

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sipsr, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Tabela 5/I. Produção de carne suína – Brasil – 2007-11

(mil t)

Estado/ano	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	%2011/2010
Rio G. Sul	481	528	586	589	599	1,7
Santa Catarina	754	724	752	747	773	3,5
Paraná	437	444	488	478	478	0,0
São Paulo	177	147	147	156	152	-2,6
Minas Gerais	336	348	375	397	426	7,3
Mato G. Sul	70	71	80	102	102	0,0
Mato Grosso	116	140	152	156	162	3,8
Goiás	121	127	138	148	145	-2,0
Subtotal	2.492	2.530	2.718	2.773	2.838	2,3
Outros estados	151	154	154	173	175	1,2
Total industrial	2.644	2.684	2.873	2.945	3.014	2,3
Subsistência	354	342	317	317	308	-2,8
Brasil	2.998	3.026	3.190	3.263	3.322	1,8

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Abipecs, Siprs, Sindicatos do RS e PR, Embrapa.

Tabela 6/I. Carne suína – Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2007-11

(mil t)

Variável	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Produção	2.998	3.026	3.190	3.263	3322
Exportação	609	531	610	544	520
Disponibilidade interna	2.389	2.495	2.580	2.719	2.802
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)	12,456	12,671	13,149	14,510	14,700

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Abipecs, Embrapa e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 7/I. Carne suína – Valor, volume e preço de exportação – Brasil – 2007-12

Variável	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Valor (US\$/mil)	1.232.555	1.481.508	1.229.756	1.344.484	1.439.569	577.657
Volume (tonelada)	609.743	531.404	610.379	543.779	520.447	224.259
Preço (US\$/kg)	2,02	2,79	2,01	2,47	2,77	2,58

⁽¹⁾ Até abril.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 8/I. Carne suína – Destinos das exportações – Brasil – 2007-11

(milhão de US\$)

País	2007	2008	2009	2010	2011	%2011/10	Part% 2011
Rússia	667,5	741,5	566,8	649,2	393,5	-39,4	27,3
Hong Kong	169,1	236,1	225,1	200,1	323,8	61,8	22,5
Ucrânia	93,9	135,8	106,6	105,2	182,9	73,9	12,7
Argentina	55,0	67,9	61,2	100,9	129,4	28,2	9,0
Angola	22,1	42,3	52,8	45,3	77,0	69,7	5,3
Cingapura	68,9	63,9	69,6	72,1	74,4	3,2	5,2
Venezuela	6,6	10,2	8,8	16,0	48,4	203,1	3,4
Uruguai	19,4	26,1	24,9	34,0	46,7	37,4	3,2
Moldávia	21,8	49,2	15,9	13,9	10,0	-28,0	0,7
Cazaquistão	11,0	9,1	10,8	18,9	2,2	-88,6	0,1
Subtotal	1.135,3	1.382,1	1.142,6	1.255,6	1.288,3	-	89,5
Outros países	97,3	99,3	87,1	174,8	150,9	-	10,5
Total	1.232,6	1.481,5	1.229,8	1.344,5	1.439,1	7,0	100,0

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Mercado estadual

Com a queda nas exportações brasileiras de carne suína e o aumento das catarinenses, em 2011, a participação de Santa Catarina aumentou e voltou aos mesmos níveis de 2006, representando, em volume, 35,4% do total exportado pelo País. Com relação à produção, a participação do Estado (25,5%) permaneceu próxima à do ano anterior (Tabela 9).

A participação catarinense no valor das exportações foi de 35,2% em 2011 e de 35,8% até maio de 2012, ou seja, a recuperação do percentual de 2011 continua neste ano (Tabela 10).

O balanço de oferta e demanda de carne suína em 2011 revela que houve um aumento de produção e também de exportação e um pequeno aumento na venda para outros estados, mesmo assim a disponibilidade estadual cresceu e permitiu que o consumo per capita subisse para 24,610 kg/hab/ano, caindo a diferença de consumo entre Santa Catarina e o Brasil de 10,400 para 9,910 kg/hab/ano (Tabela 11). O que é bom, pois evidencia o aumento de consumo da carne suína no território nacional.

Os preços internacionais do produto exportado por Santa Catarina em 2011 cresceram substancialmente (18,6%) o mesmo acontecendo com o volume exportado (26,5%) por isso o valor foi muito majorado (50,1%), que é a melhor situação, pois se só um aumenta, a evolução é menor. Só que esse quadro não se manteve nos cinco primeiros meses de 2012, quando a quantidade aumentou, mas o preço caiu de US\$ 2,75/kg para US\$ 2,61/kg, equivalente a 5,2% (Tabela 12)

Os países que importam o a carne suína catarinense são basicamente os mesmos que importam do Brasil, mas a proporção é diferente. As quedas e crescimentos são os mesmos já mencionados, mas, mesmo tendo a Rússia e Hong Kong como primeiro e segundo, o terceiro para Santa Catarina foi a Argentina, invertendo sua posição com a Ucrânia. A grande concentração das exportações de carne suína para Rússia em 2011 não se caracterizou. Os quatro primeiros países somaram 72% para o Brasil e 66% para Santa Catarina, ou seja no Estado a concentração é ainda menor (Tabela 13).

A distribuição geográfica do rebanho suíno no território catarinense se altera praticamente todos os anos. No conjunto das dez microrregiões de maior rebanho, por exemplo, de 2006 para 2010, tem-se um grupo de microrregiões que aumentaram seus rebanhos (Joaçaba, Chapeco, São Miguel do Oeste, Rio do Sul,

Canoninhas, Curitiba e Ituporanga), mas o conjunto das que aumentaram mais recentemente, de 2009 para 2010, é diferente: Joaçaba, Chapeco, São Miguel, Rio do Sul, Canoninhas, e Curitiba (Tabela 14).

Algumas microrregiões tiveram queda nos dois períodos: Concórdia, Xanxerê, e Tubarão. A média das dez micros e Ituporanga tiveram queda de 2009 para 2010. O conjunto das outras, isto é as que não são principais, teve de 2006 para 2010 uma queda de 30%, isto quer dizer que a exploração se concentrou nas microrregiões mais importantes e diminuiu nas menos significativas (Tabela 14).

Sabe-se também que dentro das microrregiões houve concentração para os maiores criatórios.

Os preços recebidos pelos suinocultores têm variado muito nos últimos anos. Na figura 1 verifica-se que o maior valor recebido pelo quilo de suíno vivo no período 2008 até maio de 2012 foi de R\$3,05 em outubro de 2008 e o mais baixo foi R\$1,76 em abril de 2009.

Mais importante que isso é se analisar a relação do suíno com o alimento principal que é o milho. A média da relação neste período entre o valor de um saco de milho e um quilo de suíno é 9,45, mas no ano de 2008 foi de 9,38 e em 2009, 9,44, ou seja, próximo da média do período. Em 2010 a relação cai para 7,39, ou seja, a situação foi bem melhor para o suinocultor, pois 7,39 quilos de suíno vivo compravam um saco de milho. Em 2011 esta situação piora sensivelmente, pois a relação passa a ser 10,75 quilos para um saco de milho e nestes primeiros cinco meses de 2012 a relação é 10,58, o que parece uma leve melhora, mas que não é porque os preços do farelo de soja cresceram muito.

Os custos de produção do CNPSA da EMBRAPA para suíno de ciclo completo foram de R\$ 2,41/kg em 2011 e R\$ 2,51/kg em 2012. O preço recebido pelos suinocultores em maio de 2012 foi R\$ 2,08/kg e o custo citado acima de R\$ 2,58/kg. Este déficit de 50 centavos foi o maior do período e o mês anterior foi o segundo pior, o que coloca o momento atual (junho de 2012) como muito grave.

As perspectivas da produção de carne suína em 2012 são diferentes conforme a fonte de informação. O USDA prevê que a produção aumentará 2,6%, o consumo interno 1,2% e as exportações 5,3%. A Conab coloca aumento de 1% na produção, 2,3% no consumo interno e queda nas exportações de 6%. Verifica-se que há maior otimismo no USDA do que na Conab. Esta prevê maior consumo interno, o que repetiria a situação do ano passado, enquanto os americanos acham possível a melhoria das exportações brasileiras pelo menos no volume.

A visão mais otimista consideraria não só o aumento das exportações em volume, mas também em valor, com a entrada do produto brasileiro em mercados mais exigentes e que pagam melhor, cujo exemplo maior é o Japão. Considere-se aí também a Coreia do Sul e o aumento das vendas para a China. A cautela asiática se contrapõe a ideia de que isso possa ocorrer repentinamente.

Tabela 9/I. Carne suína - Produção total e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2007-11

(mil t)

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2007	2.998	609	773	189	25,8	31,0
2008	3.026	531	784	170	25,9	32,0
2009	3.190	610	804	173	25,2	28,4
2010	3.263	544	825	146	25,3	26,8
2011	3.322	520	846	184	25,5	35,4

Fonte: Abipecs e MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 10/I. Carne Suína - Valor das exportações - Brasil e Santa Catarina –2007-12
(US\$ milhões)

Ano	Brasil	Santa Catarina	SC/BR (%)
2007	1.233	331	26,9
2008	1.482	431	29,1
2009	1.230	331	26,9
2010	1.344	338	25,1
2011	1.440	507	35,2
2012 ⁽¹⁾	578	207	35,8

⁽¹⁾ Até maio.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 11/I. Carne suína - Oferta e demanda - Santa Catarina - 2007-11
(mil t)

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011
Produção industrial	754	724	752	745	773
Exportação	189	170	173	146	184
Venda nacional	448	415	437	435	436
Disponib. estadual	136	139	142	149	153
Kg/hab/ano	23,169	23,500	24,000	24,500	24,610

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex - Sistema Aliceweb e Epagri/Cepa.

Tabela 12/I. Carne suína - Valor, volume e preços de exportação - Santa Catarina - 2007-12

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Valor (US\$ mil)	330.985	430.806	330.992	337.891	507.286	206.617
Volume (t)	189.376	170.250	173.512	145.790	184.373	79.188
Preço (US\$/kg)	1,75	2,53	1,91	2,32	2,75	2,61

⁽¹⁾ Até maio.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Tabela 13/I. Carne suína - Destino das exportações catarinenses - 2007-11

País	2007		2008		2009		2010		2011	
	Valor	Part.%	Valor	Part.%	Valor	Part.%	Valor	Part.%	Valor	Part.%
Rússia	29.417	9,5	35.140	8,2	36.819	11,1	58.469	17,3	119.222	23,5
Honk Kong	41.824	13,5	61.001	14,2	71.593	0	59.337	17,6	103.138	20,3
Argentina	43.567	14,0	35.835	8,3	39.736	0	38.230	11,3	61.851	12,2
Ucrânia	87.678	28,3	106.427	24,7	64.991	19,6	63.460	18,8	50.016	9,9
Cingapura	36.113	11,6	39.802	9,2	39.676	0	37.461	11,1	39.555	7,8
Angola	8.170	2,6	16.280	3,8	21.937	6,6	19.066	5,6	32.415	6,4
Uruguai	15.931	5,1	15.471	3,6	12.667	3,8	13.209	3,9	16.201	3,2
Emirados Árabes	9.445	3,0	11.646	2,7	8.599	2,6	8.591	2,5	10.155	2,0
Moldávia	20.666	6,7	38.863	9,0	6.757	2,0	4.643	1,4	1.953	0,4
Subtotal	272.145	87,7	321.602	74,7	296.018	89,4	297.823	88,1	432.553	85,3
Outros países	38.174	12,3	70.341	16,3	34.974	10,6	40.068	11,9	74.733	14,7
Total	310.319	100,0	430.806	100,0	330.992	100,0	337.891	100,0	507.286	100,0

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Carne suína

Tabela 14/I. Efetivo de suínos por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2006-10

(mil cab.)

Microrregião Geográfica	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	35.174	35.945	36.819	38.045	38.957
Santa Catarina	7.159	7.156	7.846	7.989	7.818
Concórdia	2.099	1.979	2.174	2.129	1.990
Joaçaba	1.150	1.047	1.133	1.372	1.443
Chapecó	955	1.041	1.060	1.052	1.093
São Miguel do Oeste	591	706	744	703	746
Xanxerê	697	727	841	813	674
Tubarão	680	571	717	707	612
Rio do Sul	283	343	349	364	368
Canoinhas	197	235	299	315	344
Curitibanos	84	161	185	209	218
Ituporanga	68	67	73	86	81
Subtotal	6.804	6.876	7.576	7.749	7569
Outras MRG	355	280	271	240	249

Fonte: IBGE - Produção Pecuária Municipal.

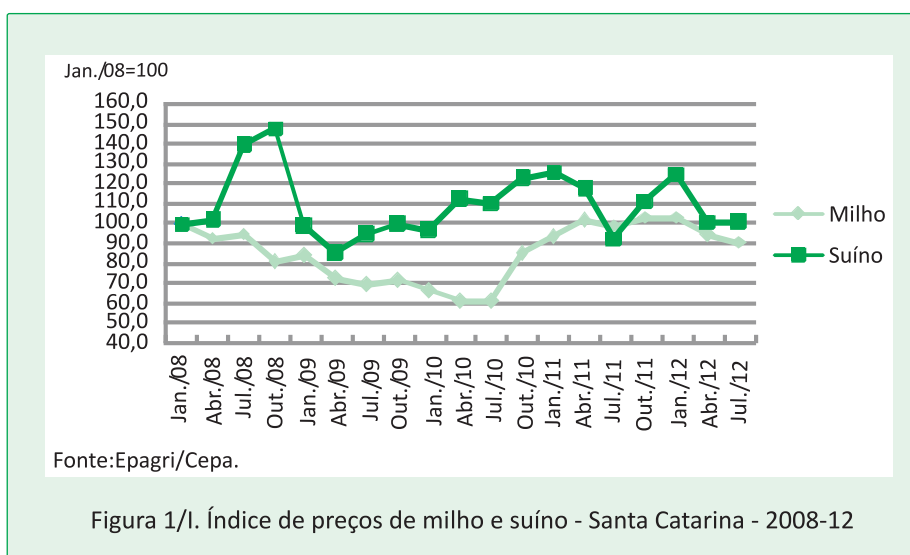
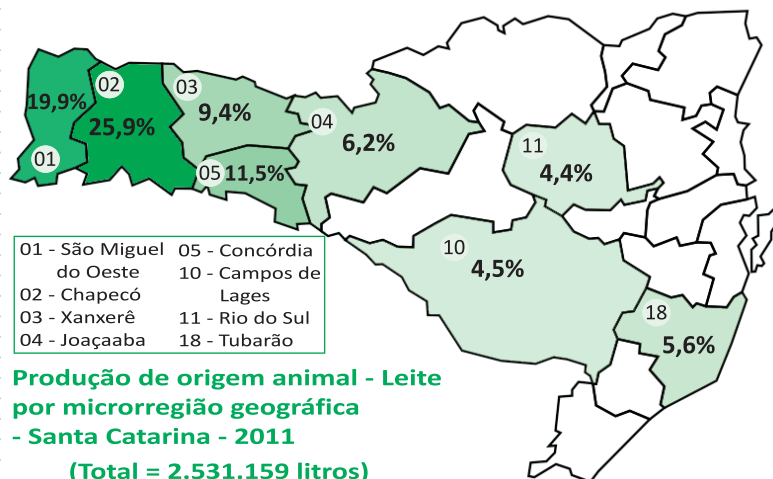


Figura 1/I. Índice de preços de milho e suíno - Santa Catarina - 2008-12

LEITE

Francisco Carlos Heiden
Téc. Agr. e Sociólogo - Epagri/Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A produção mundial de leite de vaca, búfala, cabra, ovelha e camela, em 2011, segundo a FAO – Perspectivas Alimentarias de maio de 2012 – foi estimada em 730,1 milhões de toneladas, crescimento de 2,3% em relação à produção de 2010. Para 2012, a FAO projeta um crescimento de 2,7%, elevando a produção para 750,1 milhões de toneladas. Os países em desenvolvimento são os principais responsáveis por esse crescimento. Nos últimos quatro anos a produção desses países cresceu mais de 10% acima do crescimento dos países desenvolvidos (Figura 1).

Nos últimos anos o comércio mundial esteve bastante aquecido. O crescimento anual, segundo estimativa da FAO de maio de 2012, foi de 7,4 %, 9,9% e 6,1%, respectivamente, em 2009, 2010 e 2011. Para 2012, no entanto, a projeção indica uma queda mais significativa no volume comercializado que a ocorrida no ano anterior. O volume total de lácteos comercializados deverá situar-se ao redor de 52,7 milhões de toneladas, em equivalente leite fluido, o que implica um crescimento ao redor de apenas 4,0% sobre o volume de 2011.

Os países asiáticos foram os grandes compradores mundiais de lácteos, sendo responsáveis em 2011 por, aproximadamente, 54,0% das importações. Os principais países importadores foram a China (11,3%), Arábia Saudita (4,0%), Indonésia (3,2%), Singapura (3,0%) e Japão (2,6%). O restante das importações foram efetuadas por países da África (19,4%), América Central (7,7%), América do Sul (4,0%), com destaque para a Argélia (6,3%), México (4,7%) e Egito (4,4%). O restante das importações foram efetuadas por países da Europa, América do Norte e Oceania (somando 14,9%) com destaque para a Federação Russa (6,1%).

As exportações mundiais de lácteos estão concentradas na Nova Zelândia (30,1%), União Europeia (25,3%), Estados Unidos (10,1), Austrália (6,5%), Belarus (5,2%) e Argentina (4,0%).

O consumo mundial médio per capita de 2011, segundo dados da FAO de maio de 2012, foi estimado em 104,5 quilos de leite, apresentando um acréscimo de 1,2% sobre o consumo médio de 2010. Para 2012, a expectativa é de que haja um crescimento de 1,6%, elevando o consumo médio para 106,1 quilos per capita.

O mercado internacional de lácteos apresentou sucessivas quedas de preços nos leilões da Fonterra realizados a partir de 17 de abril/2012, apresentando valores abaixo de US\$3.000,00 a tonelada do leite em pó integral, posto na Nova Zelândia (Figura 2).

A queda dos preços se deve ao aumento da produção e da oferta de lácteos no mercado mundial e também à desvalorização do Euro, em relação ao dólar americano, porque viabiliza a exportação do leite europeu a preços mais baixos. Para o segundo semestre de 2012, a expectativa é de que a oferta de lácteos se mantenha acima da demanda e esse cenário deve fazer pressão para manter baixos os preços internacionais.

Produção e mercado nacionais

A produção leiteira no Brasil, em 2010, foi de 30,7 bilhões de litros de leite, 78% desse volume foi produzido nos sete principais estados produtores. Nos últimos quatro anos, o crescimento médio da produção nacional foi de 4,9%. Entre os principais estados produtores, na média, Santa Catarina foi onde a produção mais cresceu (8,6%), seguido pelo Rio Grande do Sul (8,5%), Bahia (8,1%), Paraná (7,4%), Goiás (5,1%) e Minas Gerais (4,3%). No Estado de São Paulo decresceu 2,0% no mesmo período (Tabela 1). Estima-se, com base na captação brasileira de leite, que a produção no Brasil deva situar-se ao redor de 31,6 bilhões de litros em 2011, crescimento de cerca de 3% sobre a produção do ano anterior.

Nos últimos quatro anos o volume de leite entregue à indústria brasileira de lácteos cresceu, em média, 5,1% ao ano. Nos principais estados produtores, o volume de leite produzido manteve-se de acordo com as expectativas, crescendo 13,4% em Santa Catarina, 13,3 no Paraná, 6,2% no Rio Grande do Sul, 3,1% em São Paulo, 2,6% em Minas Gerais e 1,7% em Goiás.

Em 2011, o volume de leite entregue à indústria foi de 21,8 bilhões de litros, 3,9% acima do volume de leite captado em 2010. Entre os principais estados produtores destacaram-se os Estados de Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul com crescimento na captação de leite de 13,6%, 9,1% e 7,3% respectivamente (Tabela 2).

Em 2011, a balança comercial brasileira de lácteos apresentou um saldo negativo de 507,6 milhões de dólares, déficit superior ao apresentado em 1998 (Figura 3). O valor total das importações foi de 604,9 milhões de dólares, cerca de 85% superior ao volume importado em 2010. Em contrapartida, o valor das exportações foi de apenas 97,3 milhões de dólares, apresentando queda de aproximadamente 26%, em relação ao ano anterior.

Os produtos leite e nata concentrados (pó) e os queijos e requeijão representaram, respectivamente, 55,4% e 34,0% do valor total das importações brasileiras em 2011. Em relação a 2010, os uruguaios aumentaram as vendas de leite e nata para o Brasil em 174% e os argentinos em 62%; para os queijos e requeijão, no entanto, os uruguaios aumentaram a venda em 23% e os argentinos em 170%.

Estima-se que o volume de lácteos importado pelo Brasil, em 2011, seja equivalente a cerca de um bilhão de litros de leite, aproximadamente 5% do volume de leite captado pela indústria brasileira. No primeiro semestre de 2012, estima-se que o volume importado se situe ao redor de 550 milhões de litros de leite, em torno de 9% a mais que o importado no mesmo período do ano passado (Figura 4).

O excesso de oferta mundial de leite em 2012 pressiona os preços internacionais para baixo, enquanto os custos de produção aumentam, de modo geral, puxados pelos preços dos grãos. Na Argentina, aumentou a oferta e a demanda é menor; já o Uruguai vem batendo recordes de produção e de exportação nos últimos meses. Esses fatos deverão aumentar ainda mais a competição pelas vendas no mercado brasileiro no segundo semestre.

O preço médio anual recebido pelos produtores brasileiros em 2011 foi o melhor preço alcançado, desconsiderando a inflação, desde o início dos levantamentos realizados pelo Cepea, em janeiro de 2000 (Tabela 3).

Tabela 1/I. Leite – Produção no Brasil e nos principais estados produtores – 2006-10
(mil de litros)

Abrangência Geográfica	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	25.398.219	26.137.266	27.585.346	29.085.495	30.715.460
Minas Gerais	7.094.111	7.275.242	7.657.305	7.931.115	8.388.039
Rio Grande do Sul	2.625.132	2.943.684	3.314.573	3.400.179	3.633.834
Paraná	2.703.577	2.700.993	2.827.931	3.339.306	3.595.775
Goiás	2.613.622	2.638.568	2.873.541	3.003.182	3.193.731
Santa Catarina	1.709.812	1.865.568	2.125.856	2.217.800	2.381.130
São Paulo	1.744.008	1.627.419	1.588.943	1.583.882	1.605.657
Bahia	905.752	965.799	952.414	1.182.019	1.238.547

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal.

Tabela 2/I. Leite - Quantidade adquirida pelas indústrias, no Brasil e nos principais estados produtores – 2007-11

(mil de litros)

Abrangência Geográfica	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil	17.888.640	19.285.080	19.601.655	20.975.503	21.793.473
Minas Gerais	5.027.320	5.339.420	5.242.961	5.605.830	5.572.249
Rio Grande do Sul	2.512.730	2.785.990	2.762.434	2.977.976	3.196.155
Paraná	1.473.890	1.751.840	1.966.262	2.350.265	2.429.652
São Paulo	2.226.380	2.294.280	2.113.818	2.316.078	2.515.106
Goiás	2.164.500	2.301.850	2.415.026	2.303.954	2.312.092
Santa Catarina	1.086.460	1.289.190	1.389.848	1.580.265	1.795.887
Outros estados	3.397.360	3.522.510	3.711.306	3.841.135	3.972.332

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

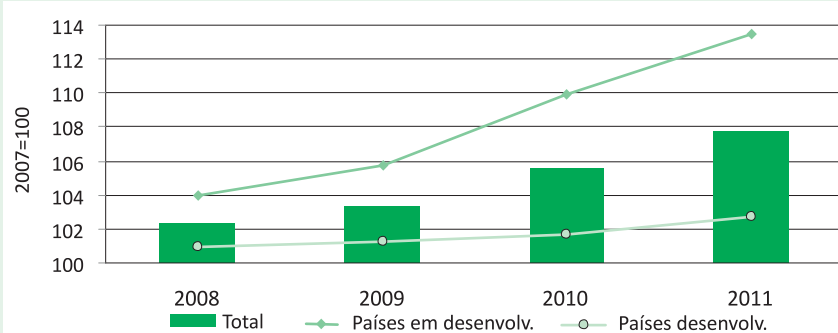
Tabela 3/I. Leite – Preço médio anual bruto recebido pelos produtores brasileiros – 2000-11

(R\$/litro)

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Preço	0,67	0,61	0,65	0,74	0,75	0,73	0,65	0,83	0,85	0,79	0,79	0,87

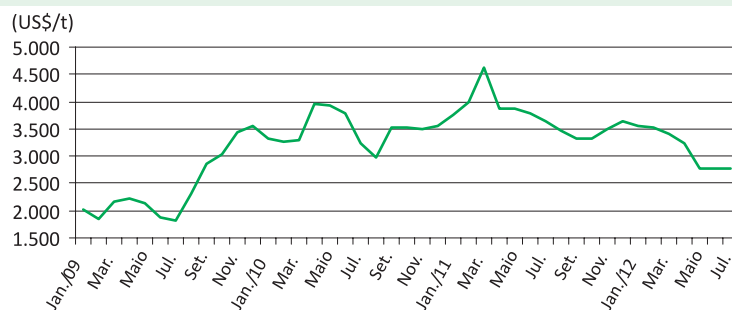
Média aritmética dos valores mensais corrigidos pelo IPCA-maio/12.

Fonte: Cepea.



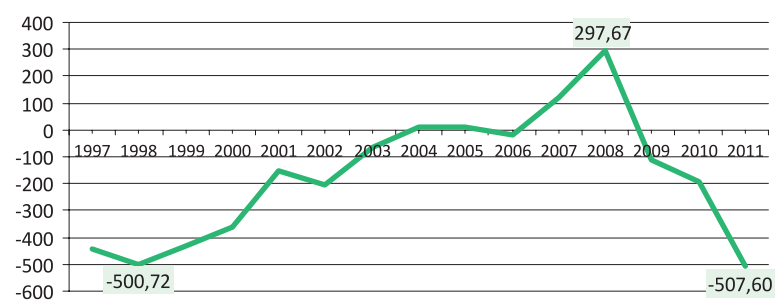
Fonte: FAO (Perspectivas alimentarias Dez/09, nov/10 e nov/11).

Figura 1/I. Leite - Crescimento da produção total, dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento - 2008-11



Refere-se ao preço do leilão realizado no início no mês.
Fonte: GlobalDairyTrade. Elaboração Epagri/Cepa.

Figura 2/I. Leite - Preço médio de leite em pó integral posto na Nova Zelândia - 2009-12



Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Figura 3/I. Leite - Saldo da balança comercial brasileira de laticínios - 1997-11

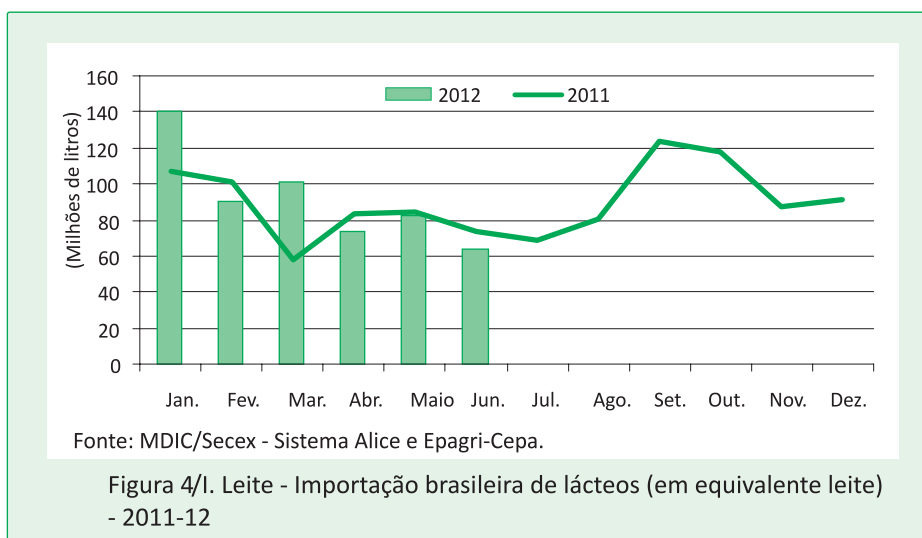


Figura 4/I. Leite - Importação brasileira de lácteos (em equivalente leite) - 2011-12

Produção e mercado estaduais

Em 2011 estima-se que Santa Catarina produziu 2,6 bilhões de litros de leite e a indústria catarinense captou 1,8 bilhões de litros, apresentando crescimento de 7,9% na produção e 13,6% na captação, em relação a 2010 (Tabela 4). A estiagem prolongada que ocorreu no final de 2011 e início de 2012 prejudicou o desenvolvimento das pastagens, porém os prejuízos são difíceis de mensurar, porque os bons preços do leite permitiram manter a produção com o fornecimento de silagem e alimentos concentrados. Dessa forma, eventuais prejuízos são atribuídos somente à elevação do custo de produção.

A captação de leite pelas indústrias catarinenses tem um ritmo de crescimento bem mais expressivo que a captação nacional, especialmente nos últimos anos. De 2005 em diante (sete anos), o volume de leite captado no Brasil cresceu 50,5%, enquanto em Santa Catarina o crescimento, no mesmo período, foi de 162,8% (Figura 5).

Segundo o IBGE – Produção Pecuária Municipal –, as mesorregiões Serrana e do Oeste Catarinense foram onde a produção leiteira mais cresceu, com 24,3% e 9,0%, respectivamente. As mesorregiões Norte Catarinense e do Vale do Itajaí tiveram leve crescimento e a do Sul Catarinense teve redução da produção de 1,1% (Tabela 5).

O preço médio recebido pelos produtores catarinenses em 2011 acompanhou a mesma tendência dos preços em nível nacional, com aumento real de preço em redor de 10% em relação ao preço médio de 2010. Entre os principais estados produtores, que respondem por 78% da produção nacional, o preço médio registrado em Santa Catarina ficou um centavo abaixo da média nacional. O melhor preço ocorreu no Estado de São Paulo e o pior foi registrado no Rio Grande do Sul. No primeiro semestre de 2012, o preço em Santa Catarina ficou três centavos abaixo da média nacional (Tabela 6).

Em 2011, os preços médios corrigidos, recebidos pelos produtores em Santa Catarina ficaram abaixo dos valores praticados em 2010 somente nos meses de abril e maio. Em maio/12, no entanto, o valor já se equiparou ao preço do ano anterior, indicando a tendência de redução dos preços, seguindo a tradicional curva, cujo declínio ocorre em função do aumento da oferta da matéria-prima no Estado (Figura 6).

Os preços praticados nas diversas regiões do Estado tiveram comportamento diferenciado, principalmente devido à concorrência pela aquisição de matéria-prima. Com uma capacidade instalada de processamento maior que a oferta de leite, os laticínios pagam mais para garantir o abastecimento. Os menores preços, geralmente, são praticados nas regiões onde o número de indústrias é menor. Além disso, o maior valor pago pelo frete até a indústria reduz o valor efetivamente recebido pelo produtor de regiões mais distantes (Tabela 7).

Os preços médios nominais, recebidos pelos produtores catarinenses em 2011, foram superiores aos preços de referência do Conseleite/SC, exceto no mês de abril, quando o preço de referência foi um centavo maior que o preço médio do mercado, registrado pelo levantamento da Epagri/Cepa. Na média do ano, os preços efetivamente recebidos pelos produtores (preço bruto) foi 10% superior ao preço de referência do leite padrão. No primeiro semestre de 2012, a procura pela matéria-prima manteve o mercado aquecido; o preço médio praticado foi 17% superior ao preço de referência.

Os preços dos insumos e fatores de produção utilizados na produção também foram muito favoráveis aos produtores em 2011 e no primeiro semestre de 2012. Em média, a margem de lucro do produtor de leite de Santa Catarina foi de 18% em 2011 e 15% no primeiro semestre de 2012. Os cálculos foram efetuados segundo as planilhas de custos de produção do Conseleite/SC e atualizados trimestralmente com os preços levantados pela Epagri/Cepa (Figura 7).

Esse cenário, até agora muito positivo para o setor lácteo brasileiro, poderá se modificar no segundo semestre de 2012 e no próximo ano. A nova crise econômica instalada em 2011 se ampliou em 2012, especialmente nos países da zona do Euro, com reflexo negativo para a economia do mundo todo.

Em nível mundial, as condições de clima favorável nas principais regiões produtoras proporcionaram um aumento excessivo da produção de leite, num quadro de estagnação econômica. O excesso de oferta, aliado à redução do consumo de lácteos, deve manter os preços do leite em pó integral abaixo dos três mil dólares a tonelada. Além disso, para piorar a situação, o custo de produção deverá aumentar puxado pelo aumento dos preços do milho e soja no mercado internacional.

No Brasil a situação é semelhante: a oferta de leite é alta e crescente no segundo semestre; na economia os indicadores de crescimento estão sendo constantemente revistos para baixo; pesquisas mostram que cresce o endividamento e a inadimplência da população; com isso o consumo interno de lácteos deverá, pelo menos, diminuir o ritmo de crescimento.

Além disso, a desvalorização do real frente ao dólar não foi suficiente para incentivar a exportação, nem para inibir a importação de lácteos. A propósito, com o aumento da oferta de leite no mercado mundial, o assédio dos exportadores, principalmente argentinos e uruguaios, deverá se intensificar, o que certamente pressionará para baixo os preços pagos pelo leite resfriado aos produtores brasileiros.

Se a expectativa de curto prazo é pouco motivadora para o setor, no prazo mais longo a expectativa é positiva. Com a recuperação da economia e a retomada do crescimento, especialmente dos países emergentes, além da tendência de redução da pobreza nas regiões menos desenvolvidas, é provável que o mercado de lácteos encontre condições favoráveis para se expandir rapidamente.

Tabela 4/I. Leite – Produção total e volume destinado à indústria catarinense – 2005-11

(mil litros)

Ano	Produção total ⁽¹⁾	Volume recebido pela indústria ⁽²⁾
2005	1.555.622	817.053
2006	1.709.812	976.463
2007	1.865.568	1.086.463
2008	2.125.856	1.289.194
2009	2.217.800	1.389.848
2010	2.381.130	1.580.265
2011	2.570.000	1.795.330

⁽¹⁾ IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal.

⁽²⁾ Fonte IBGE – Pesquisa trimestral do leite.

A produção total de 2011 é estimativa da Epagri/Cepa.

Tabela 5/l. Produção de leite nas mesorregiões geográficas de Santa Catarina – 2006-10
(mil litros)

Abrangência	2006	2007	2008	2009	2010
Santa Catarina	1.709.812	1.865.568	2.125.856	2.217.800	2.381.130
Oeste Catarinense	1.241.172	1.348.291	1.539.527	1.598.968	1.742.254
Norte Catarinense	69.236	65.410	75.830	81.588	81.625
Serrana	59.696	72.086	82.147	100.445	124.819
Vale do Itajaí	193.745	197.043	204.011	205.580	217.259
Grande Florianópolis	43.675	46.588	49.289	52.206	51.637
Sul Catarinense	102.288	136.150	175.051	179.014	163.537

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal.

Tabela 6/l. Leite – Preço médio anual recebido pelos produtores, no Brasil e nos principais estados produtores – 2010-12

Ano	(R\$/litro)							
	GO	MG	RS	SP	PR	BA	SC	Brasil
2010	0,79	0,81	0,72	0,82	0,79	0,73	0,78	0,79
2011	0,89	0,87	0,81	0,91	0,87	0,75	0,86	0,87
2012 ⁽¹⁾	0,89	0,87	0,84	0,88	0,84	0,79	0,83	0,86

⁽¹⁾ Até junho.

Fonte: Cepea.

Média aritmética dos valores mensais corrigidos pelo IPCA-maio/12.

Tabela 7/l. Preço mensal mais comum do leite resfriado em nível de produtor, nas principais regiões produtoras de Santa Catarina – janeiro/11 a julho/12

Mês	(R\$/litro)				
	Chapecó	Joaçaba	Rio do Sul	Sul Catarinense	São Miguel do Oeste
Jan./11	0,74	0,65	0,60	0,69	0,68
Fev./11	0,73	0,66	0,60	0,69	0,68
Mar./11	0,74	0,66	0,61	0,72	0,70
Abr./11	0,80	0,69	0,63	0,74	0,75
Mai./11	0,84	0,74	0,82	0,78	0,78
Jun./11	0,88	0,80	0,82	0,78	0,78
Jul./11	0,87	0,77	0,69	0,75	0,75
Ago./11	0,88	0,79	0,74	0,74	0,81
Set./11	0,88	0,79	0,75	0,78	0,81
Out./11	0,93	0,83	0,77	0,80	0,81
Nov./11	0,84	0,78	0,73	0,78	0,76
Dez./11	0,88	0,75	0,71	0,78	0,76
Jan./12	0,85	0,72	0,72	0,82	0,77
Fev./12	0,86	0,72	0,77	0,82	0,77
Mar./12	0,84	0,70	0,77	0,82	0,75
Abr./12	0,84	0,70	0,77	0,82	0,75
Mai./12	0,84	0,70	0,78	0,82	0,75
Jun./12	0,82	0,69	0,71	0,82	0,73
Jul./12	0,81	0,69	0,70	0,82	0,73
Média	0,84	0,73	0,72	0,78	0,75

Fonte: Epagri/Cepa.

Nota: Leite posto na indústria e com INSS incluso. O preço do mês remunera a produção entregue no mês anterior.

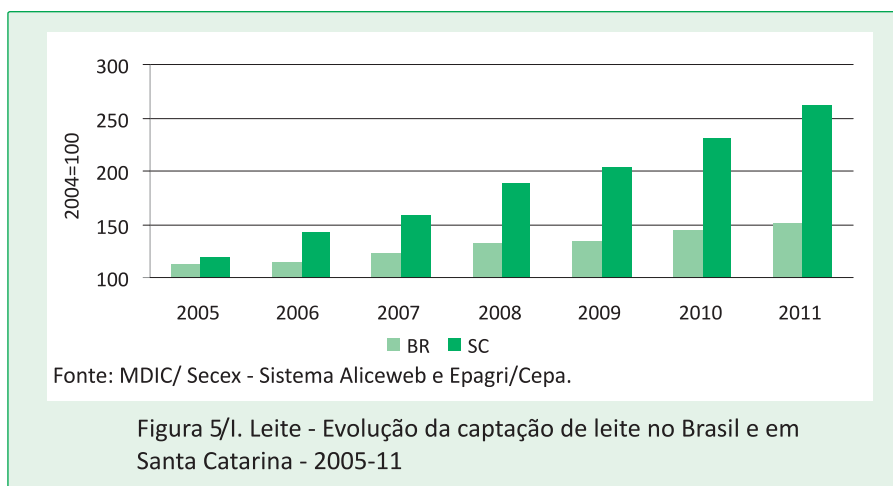


Figura 5/I. Leite - Evolução da captação de leite no Brasil e em Santa Catarina - 2005-11

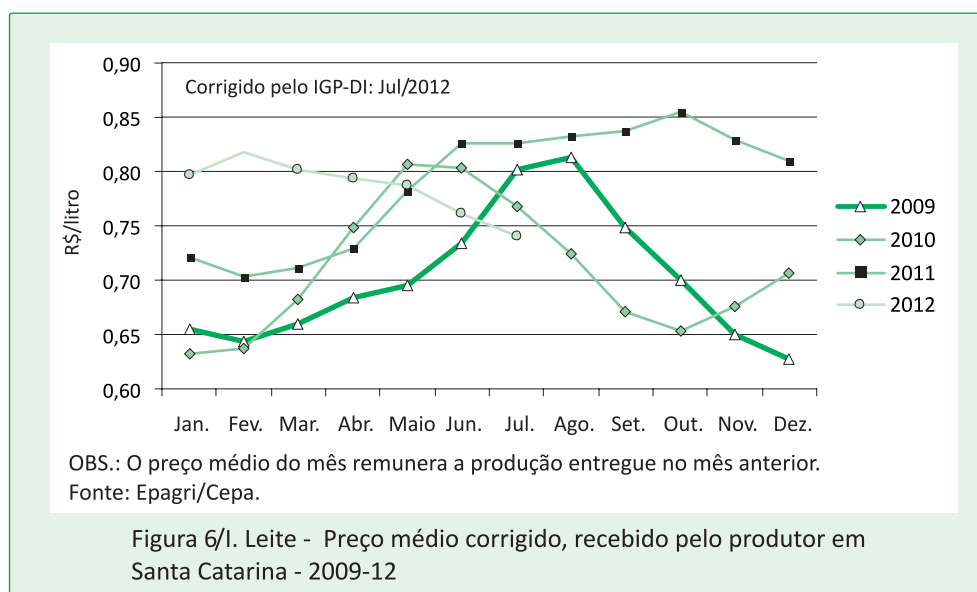


Figura 6/I. Leite - Preço médio corrigido, recebido pelo produtor em Santa Catarina - 2009-12

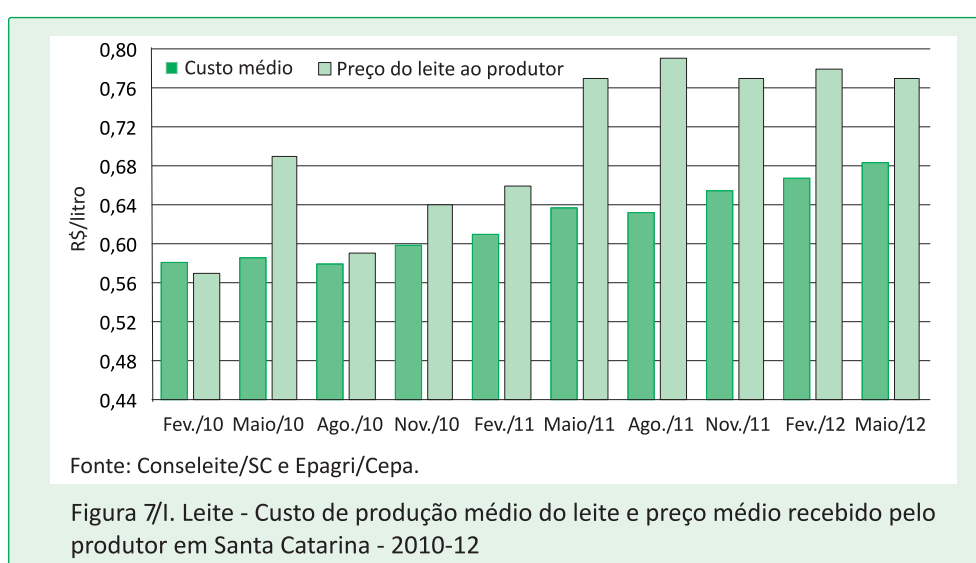


Figura 7/I. Leite - Custo de produção médio do leite e preço médio recebido pelo produtor em Santa Catarina - 2010-12

DESEMPENHO DA PESCA E AQUICULTURA

Produção mundial e brasileira na pesca e na aquicultura

Fernando Soares Silveira - Oceanógrafo - Epagri/Cedap
fernando@epagri.sc.gov.br

Fabiano Müller Silva - Eng. Agrônomo - Epagri/Cedap
Fabiano@epagri.sc.gov.br

Álvaro Graeff - Med. Veterinário - Epagri/Unipis
agraeff@epagri.sc.gov.br

Conforme dados da FAO, a produção mundial do conjunto pesca e aquicultura (peixes, crustáceos e moluscos) vem aumentando e alcançou 148,5 milhões de toneladas em 2010, contra 145,1 milhões de toneladas em 2009. Para 2011 a estimativa da produção é de 154 milhões de toneladas. Como os dados de 2011 são preliminares, este texto utiliza apenas os números já confirmados de 2010.

Esse crescimento da produção do conjunto pesca e aquicultura decorre fundamentalmente da segunda. Enquanto a produção da pesca de captura (extrativismo) se mantém em torno de 90 milhões de toneladas desde 2001, a produção da aquicultura (cultivos) aumentou a uma taxa média anual de 6,3%, passando de 34,6 milhões de toneladas em 2001 para 59,9 milhões de toneladas em 2010 (55,1 milhões de toneladas em 2009). Com isso, a aquicultura representou 47% da produção mundial do conjunto pesca e aquicultura de 2010. Em termos financeiros, as estimativas indicam que a produção da aquicultura atingiu 119,4 milhões de dólares em 2010.

Os maiores produtores mundiais de pescado (englobando a pesca extrativa e a aquicultura) são a China, a Índia e a Indonésia. Na América do Sul, o principal produtor é o Peru, ficando em 7º lugar mundial, seguido pelo Chile, com o 11º lugar mundial. O Brasil ocupa a 3ª posição na América do Sul e a 18ª mundial (Tabela 1).

A FAO estima que o consumo de pescado passou de 18,4 kg per capita em 2009 para 18,6 kg per capita em 2010. Embora aparentemente pouco, é um acréscimo importante para a saúde humana, pois este valor representa 16,5% de todo o consumo per capita de proteína animal utilizada pela humanidade e 6,4% de todos os tipos de proteínas consumidas.

Tabela 1/I. Pesca e aquicultura - Mundo e América do Sul – Produção e posição dos principais países - 2010

País	Posição		Produção (t)		
	Mundo	América do Sul	Pesca	Aquicultura	Total
China	1º		15.418.967	36.734.215	52.153.182
Índia	2º		4.694.968	4.648.851	9.343.819
Indonésia	3º		5.380.266	2.304.828	7.685.094
Peru	7º	1º	4.261.091	89.021	4.350.112
Chile	11º	2º	2.679.736	701.062	3.380.798
Brasil	18º	3º	785.369	479.399	1.264.768

Fonte: FAO (setembro de 2012).

*Desempenho da
pesca e aquicultura*

Produção pesqueira industrial¹ em Santa Catarina (Univali CTTMar)²

No ano de 2010, a pesca extrativa industrial no Estado de Santa Catarina foi responsável por uma produção total desembarcada igual a 113.925 toneladas, representando um decréscimo de 16,3% em relação a 2009, quando foram registradas 136.189 toneladas.

A produção em cada um dos municípios analisados seguiu o padrão já observado nos anos anteriores, quando Itajaí e Navegantes apresentaram os maiores volumes desembarcados, seguidos por Laguna, Porto Belo e Florianópolis. Em 2010, Itajaí e Navegantes responderam por 81,8% da produção industrial, com totais de 63.473 e 29.794 toneladas, respectivamente. Dos municípios monitorados, apenas Porto Belo apresentou incremento (2,7%) na produção na comparação com o ano anterior, sendo observados declínios importantes em Florianópolis (-53,3%), Navegantes (-24,1%) e Itajaí (-14,8%). Em Laguna o decréscimo foi de menos de 1%.

Como nos últimos anos, a frota de rede de "cerco" foi a responsável por grande parte dos desembarques da frota industrial catarinense. Com um total de 35.105 toneladas, respondeu por 30,8% da produção no período. Entretanto, mostrou uma queda de 32,3% em relação ao ano de 2009, quando foram registradas 51.873 toneladas produzidas por meio dessa modalidade. As frotas de emalhe de fundo (22.215 t), arrasto duplo (21.373 t) e vara e isca-viva (13.041 t) também merecem destaque devido aos valores expressivos de produção. As demais modalidades de pesca foram responsáveis por apenas 19,5% do total produzido e a modalidade potes para polvo foi a que apresentou o menor volume, com 61 toneladas.

O grupo dos "peixes" contribuiu com 15.286 toneladas desembarcadas, atingindo 72% do volume total de pescado (peixes, crustáceos e moluscos) produzido pela modalidade arrasto duplo. Na comparação com o ano anterior, o declínio foi de 17%. Assim como ocorreu em 2009, os peixes que mais se destacaram foram a abrótea-de-fundo (3.848 t), a cabra (1.282 t) e a merluza (1.513 t) que, em conjunto, responderam por 31% de toda a produção desembarcada pela frota. Porém, comparando-se com o ano anterior, as três espécies mostraram quedas de 19%, 9% e 33%, respectivamente.

Os "moluscos" totalizaram 441 toneladas, contribuindo com 2% de toda a produção da frota e demonstrando um incremento de 47% em relação a 2009. A lula, com 370 toneladas e 84% de todo o volume desembarcado, registrou um incremento de 225%, tornando-se, conseqüentemente, a espécie mais importante do grupo. De forma inversa, o polvo (29 t) registrou novamente o padrão de queda apresentado no ano anterior, reduzindo em 80% a sua produção.

Produção da piscicultura de água doce de Santa Catarina em 2011

A piscicultura continental - a criação de peixes de água-doce - é uma atividade aquícola praticada em todo o território catarinense. Os dois sistemas de produção utilizados no Estado são o "policultivo integrado" (várias espécies juntas e integradas basicamente com suínos) e o "arraçoado" (só com ração), ambos com modelos variados. Esses modelos são decorrentes de fatores estruturais, pois para o sistema integrado prevalecer é preciso que exista a cadeia produtiva da suinocultura. Nas regiões onde não existe a suinocultura o sistema mais adotado é o arraçoado.

¹ No caso da pesca artesanal, atualmente não existe nenhuma entidade fazendo o levantamento anual da produção.

² Esse item foi extraído da seguinte fonte: UNIVALI/CTTMar, 2010. Boletim Estatístico da Pesca Industrial de Santa Catarina - Ano 2010 e Panorama 2000 - 2010. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, Itajaí, SC. 69 p. (<http://siaiacad04.univali.br>).

No levantamento da produção é feita uma separação dos dados da piscicultura amadora e da piscicultura comercial (Tabela 2)³. Dessa forma, é possível melhorar a qualidade da informação, pois a piscicultura comercial pressupõe regularidade de produção e altas produtividades por unidade de área em função do uso de tecnologias avançadas, enquanto a piscicultura amadora normalmente cria peixes de forma extensiva com produção baixa e irregular.

O predomínio da produção da piscicultura comercial é um fato recente em Santa Catarina. Mesmo tendo o número de produtores relativamente estável, e bastante inferior aos de amadores, a produção da piscicultura comercial tem aumentado em percentual bem mais significativo que o da amadora. De 2010 para 2011, por exemplo, aumentou 16%, contra 6% da piscicultura amadora.

No Estado, são aproximadamente 20 as espécies de peixes criadas em cativeiro, umas com maior intensidade do que outras. Entre as mais comuns, destacam-se as tilápias e as quatro espécies de carpas (comum, cabeça-grande, capim e prateada, nesta ordem), seguidas pelas trutas e os jundiás.

Na Figura 1 é possível observar a diferença de produção das tilápias em relação aos outros peixes. Em 2011, essa espécie respondeu por 61% da produção das espécies cultivadas em cativeiro em Santa Catarina. É a espécie de maior incremento desde 2007, quando ultrapassou as carpas, até então os peixes mais produzidos no Estado (segundo a FAO 2010, as carpas são os peixes mais produzidos no mundo, principalmente na Ásia). A explicação para o crescente aumento da produção das tilápias pelos produtores comerciais é a enorme aceitação do consumidor. Suas excelentes qualidades (sabor suave, filé branco, baixos níveis de gordura, a ausência de espinhos no filé etc.) juntamente com a "facilidade" de cultivo pelos produtores, fizeram aumentar a procura e a oferta de forma acentuada.

Outro peixe que desponta pelo crescimento acelerado da produção é o nativo jundiá. Embora seja uma espécie importante, não foi incluído no grupo dos bagres (catfish e africano), justamente para se destacar o crescimento da sua produção, de 50,3% de 2010 para 2011. O jundiá vem se destacando em relação a muitos peixes tradicionais. É uma espécie cuja produção com base tecnológica avançada iniciou somente em 2007 e que também apresenta excelentes qualidades nutricionais e sensoriais, o que vem conquistando pouco a pouco a preferência dos consumidores, substituindo o catfish e o bagre africano na produção.

A produção de truta também continua em franco crescimento. Suas consagradas qualidades, que envolvem tanto fatores nutricionais (bons índices de ômega 3, baixos níveis de gordura, etc.), quanto aspectos relacionados ao sabor (suave e delicado), fazem dela um dos pratos preferidos em restaurantes que servem pescados de qualidade. Em 2011, a sua produção deu um salto de 22% em relação ao ano de 2010, o que demonstra a aptidão dos produtores e a boa receptividade do mercado consumidor.

O crescimento de cerca de 11,5% da produção total de 2011 superou a média dos últimos anos, o que repassa segurança para investimentos na cadeia produtiva (Figura 2).

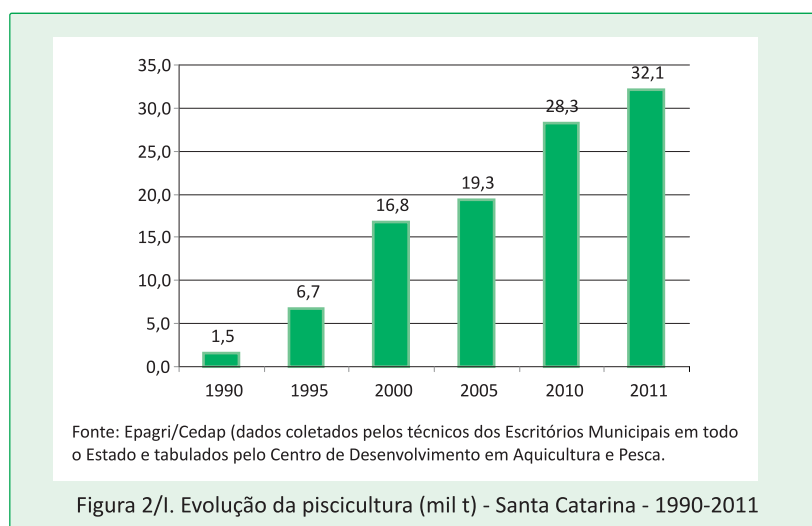
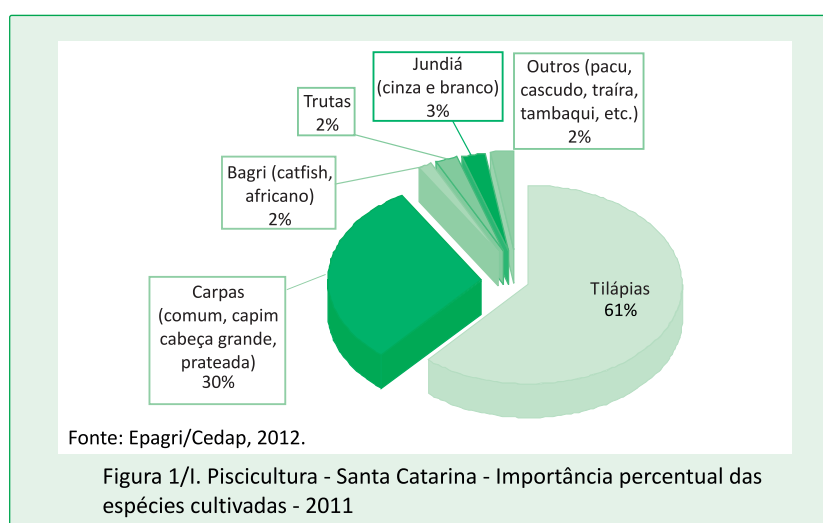
Os preços pagos ao produtor comercial catarinense por indústrias e pesque-pagues são relativamente baixos, se comparados aos dos estados do sudeste e nordeste. Tomando como exemplo a tilápia vendida para as indústrias, enquanto nestas regiões o produtor recebe valores em torno de R\$ 4,00 a 5,00 o quilo, em Santa Catarina os valores variam entre R\$ 2,70 e R\$ 3,20 o quilo. Mesmo assim, é uma das atividades agropecuárias mais rentáveis nos dias de hoje.

³ Para levantar os dados, a Epagri/Cedap somou todos os resultados obtidos nos modelos adotados no Estado. Os dados de produção de algumas espécies de peixes foram aglutinados para simplificar a apresentação. Para maiores detalhes sobre cada espécie em particular acessar www.epagri.sc.gov.br > aquicultura e pesca > estatísticas da aquicultura > 2011 - Planilhas com dados estatísticos da piscicultura por espécie.

Tabela 2/I. Número de produtor, área alagada e produção de peixes cultivados em Santa Catarina – 2010-11

Tipo de piscicultura	Ano	Nº de produtores	Área alagada (ha)	Produção (t)						Total
				Tilápia variedades da nilótica	Carpas (quatro espécies)	Trutas	Jundiá	Bagres (catfish, e africano)	Outros (pacu, cascudo, traíra, etc.)	
Amadora	2010	21.623	9.514	5.412	6.804	39	196	602	607	13.660
Comercial		2.350	3.184	9.945	3.099	550	345	871	391	15.201
Total		23.973	12.698	15.357	9.903	589	541	1.473	998	28.861
Amadora	2011	23.098	10.998	6.981	6.434	11	419	177	441	14.463
Comercial		2.298	2.913	12.899	3.172	708	393	315	356	17.843
Total		25.396	13.911	19.880	9.606	719	812	492	797	32.306

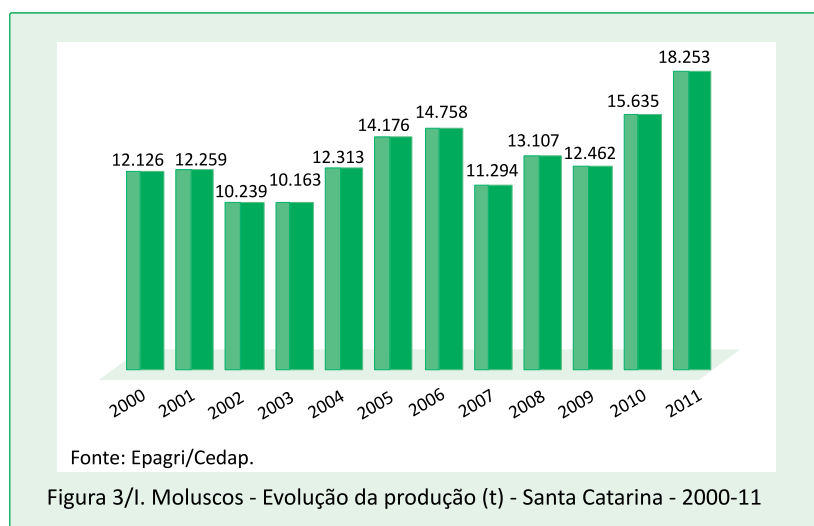
Fonte: Epagri/Cedap, 2012.



Maricultura⁴

Alex Alves dos Santos - Eng. Agr., Epagri/Cedap
alex@epagri.sc.gov.br
André Luis Tortato Novaes - Eng. Agr., Epagri/Cedap
novaes@epagri.sc.gov.br
Fabiano Müller Silva - Eng. Agr., Epagri/Cedap
fabiano@epagri.sc.gov.br
Robson Ventura de Souza - Médico Veterinário, Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br
Sérgio Winckler da Costa - Oceanógrafo, Epagri/Cedap
winckler@epagri.sc.gov.br

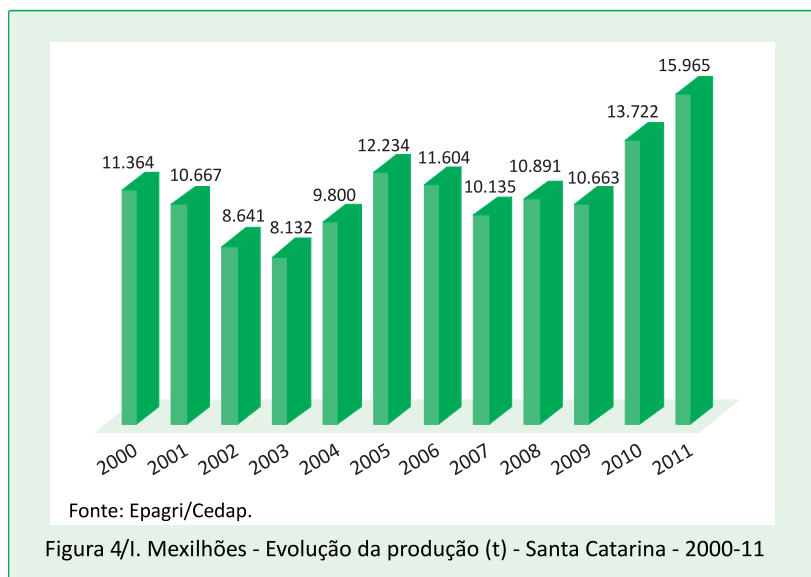
A produção total de moluscos (mexilhões, ostras e vieiras) comercializados em 2011 por Santa Catarina foi de 18.253 toneladas, representando um aumento de 16,8% em relação à de 2010 (Figura 3). Atuaram diretamente na produção 695 maricultores, representados por 28 associações municipais e uma estadual, duas cooperativas e duas federações, distribuídas em 12 municípios do litoral, situados entre Palhoça e São Francisco do Sul.



Mexilhões

A comercialização de mexilhões (*Perna perna*) na safra 2011 foi de 15.965 toneladas, representando um aumento de 16,3% em relação à safra 2010 (Figura 4). Dos 599 mitilicultores envolvidos na produção, a maior parte está concentrada nos municípios de Palhoça (213), Governador Celso Ramos (109) e Bombinhas (93). Os municípios que mais contribuíram para a produção foram Palhoça, com 9.700 toneladas (aumento de 24% sobre 2010); Penha, com 2.616 toneladas (decréscimo de 3,82% sobre 2010); Bombinhas, com 1.493 toneladas (aumento de 59,51% sobre 2010); e Florianópolis, com uma produção de 802 toneladas (aumento de 23,57% sobre 2010).

⁴ As informações quantitativas apresentadas neste texto foram coletadas pelos extensionistas dos Escritórios Municipais da Epagri, como segue: Palhoça (Osman Gomes Santos Junior e Milton Francisco de Quadros); Florianópolis (Sérgio Stedile); São José (Irineu Antônio Merini); Biguaçu (Marcelino das Neves Teodoro); Governador Celso Ramos (Rafael Marçal); Porto Belo (Romildo Poluceno); Itapema (Wilmar Benjamin Schimitt); Bombinhas (Ricardo Arno da Silva); Balneário Camboriú (José Eduardo Manozzo Barros); Penha (Everton Dellagiustina); Balneário Barra do Sul (José Eduardo Calcinoni); São Francisco do Sul (Edir Tedesco) e Laguna (Joel Gaspar de Souza).



Ostras⁵

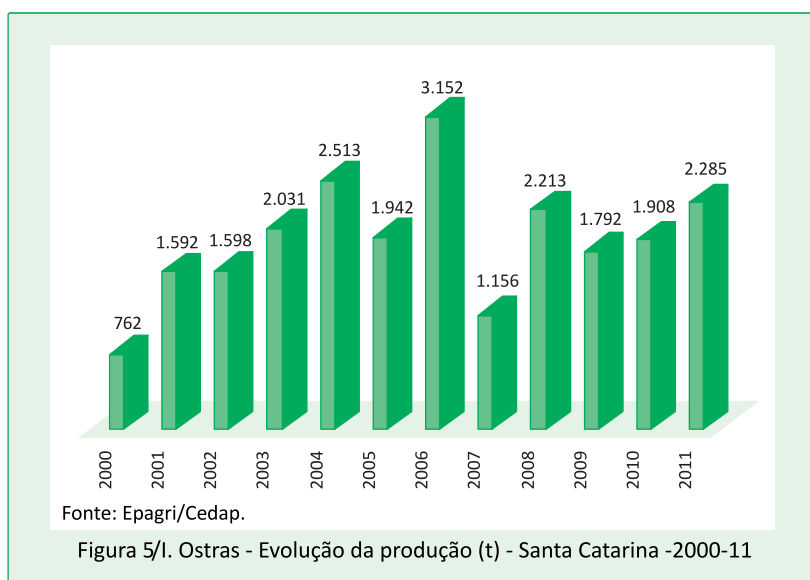
A comercialização de ostras (*Crassostrea gigas*) na safra 2011 foi de 2.285 toneladas, representando um aumento de 19,8% em relação à safra 2010 (1.908 t) (Figura 5).

O número total de produtores de ostras no Estado passou de 121, em 2010, para 127, em 2011. Esse aumento foi provocado pela falta do produto na safra anterior, que reaqueceu o comércio de ostras em 2011.

Os municípios que mais contribuíram para a produção total do Estado foram Florianópolis, com 1.747 toneladas (aumento 18,3% sobre 2010); São José, com 235 toneladas (aumento de 86,5% sobre 2010); Palhoça, com 186 toneladas (aumento de 3,3% sobre 2010); Biguaçu, com 13 toneladas (decréscimo de 50% sobre 2010); e Governador Celso Ramos, com 15 toneladas (decréscimo de 11,8% sobre 2010).

Como os cultivos desses municípios estão localizados nas baías Norte e Sul da Grande Florianópolis, essas baías são responsáveis por 96,1% da produção estadual de ostras cultivadas. A comunidade do Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, destaca-se como a maior produtora, com 1.411 toneladas, representando 61,8% da produção estadual, seguida pelas comunidades de Santo Antônio de Lisboa, Cacupé e Sambaqui, que, juntas, produzem 336 toneladas, representando 14,7% da produção estadual.

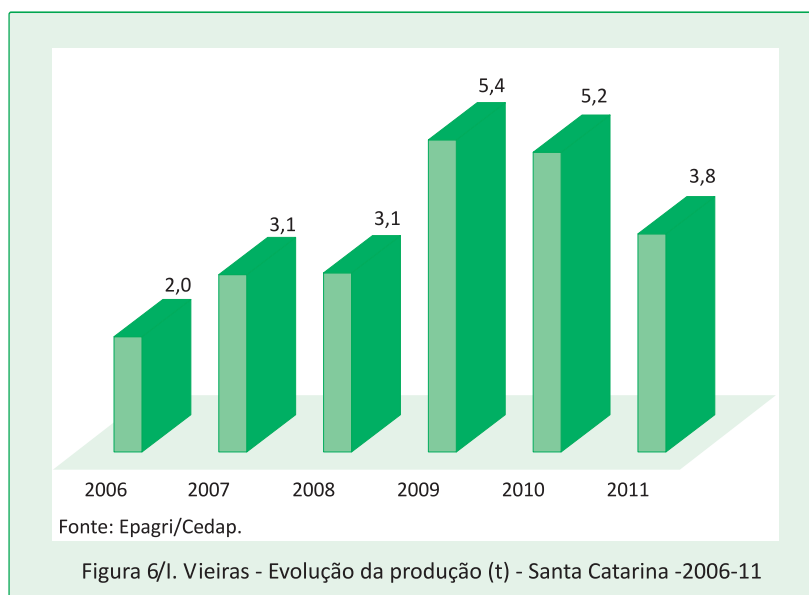
⁵A conversão da quantidade de ostras de dúzias para toneladas tem como base de cálculo a relação uma dúzia = um quilograma.



Vieiras⁶

A comercialização de vieiras (*Nodipecten nodosus*) na safra 2011 foi de 3,8 toneladas, representando uma redução de 26,9% em relação à safra 2010 (Figura 6).

O município de Penha liderou a produção, com 3,1 toneladas, representando 81,5% da produção estadual, seguido por Florianópolis, com 18,4%. O principal fator limitante para a consolidação dessa atividade produtiva é a indisponibilidade de áreas aquícolas com condições ambientais adequadas para o cultivo da espécie.



⁶ A conversão da quantidade de ostras de dúzias para toneladas tem como base de cálculo a relação uma dúzia = um quilograma.

Estimativa do valor da maricultura catarinense

Entre 2006 e 2009, os valores foram estimados a partir dos preços médios praticados no Estado, tomando por base uma complexa rede de comercialização de moluscos na concha não inspecionados. Foram considerados os diferentes tamanhos comerciais e as vendas no varejo e no atacado, mas somente as realizadas de forma direta pelo produtor (a primeira venda). A partir de 2010, a estimativa está baseada nos preços médios praticados em Santa Catarina para o comércio de moluscos inspecionados e não inspecionados, fato que elevou significativamente o preço médio de ostras e mexilhões de 2009 para 2010 e 2011 e se constitui na principal explicação para o crescimento do valor da produção em proporção bem maior do que a produção entre esses anos (Tabela 3).

Tabela 3/I. Estimativa do valor da produção da maricultura de Santa Catarina - 2006-11

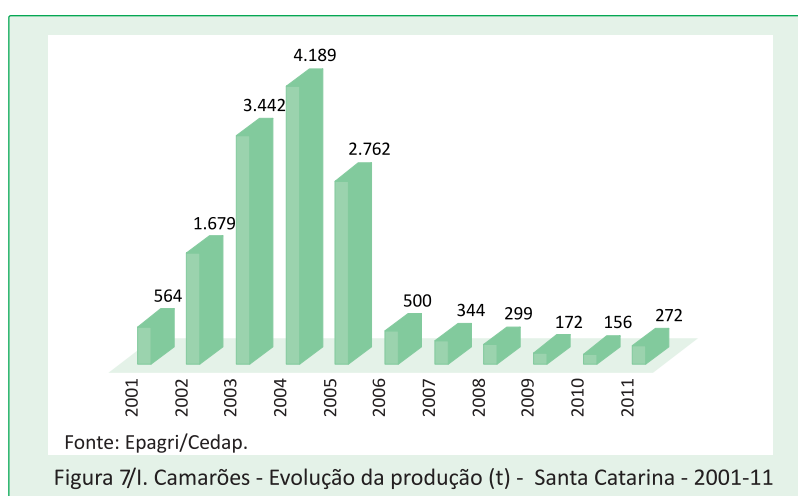
Safra	Ostras			Mexilhões			Vieiras			Total (mil R\$)
	Dúzias	R\$/dz	Mil R\$	Quilos	R\$/kg	Mil R\$	Dúzias	R\$/dz	Mil R\$	
2006	3.152.000	3,50	11.032,00	11.604.000	0,80	9.283,20	1.920	12,00	23,04	20.338,24
2007	1.155.000	4,00	4.620,00	10.135.000	1,00	10.135,00	2.956	24,00	70,94	14.825,94
2008	2.213.000	4,50	9.958,50	10.891.000	1,00	10.891,00	2.995	24,00	71,88	20.921,38
2009	1.792.240	4,50	8.065,08	10.663.500	1,30	13.329,38	5.583	38,00	212,15	21.606,61
2010	1.907.891	7,40	14.156,55	13.722.300	1,60	22.504,57	5.365	41,00	222,65	36.883,77
2011	2.285.025	7,40	16.954,89	15.965.000	1,60	26.182,60	3.867	42,00	160,48	43.297,97

Fonte: Epagri/Cedap.

Camarões

Em 2011, a produção estadual de camarões (*Litopenaeus vannamei*) cultivados atingiu um volume de 272 toneladas, apresentando um aumento de 74,4% em relação a 2010 (Figura 7). Essa produção envolveu 18 produtores e 56 pessoas nas rotinas operacionais de 86 viveiros, que totalizaram 195,6 hectares. Esse aumento é uma exceção em relação aos últimos anos, quando a produção decresceu por consequência do surgimento da enfermidade conhecida como mancha branca, que atingiu drasticamente o cultivo do camarão nos principais municípios produtores.

Entre os municípios produtores, São Francisco do Sul apresentou a maior produção, com 125 toneladas, representando 46% da produção total, seguido por Balneário Barra do Sul, com 62 toneladas (22,8%), Imbituba, com 45 toneladas (16,5%) e Laguna, com 26,9 toneladas (9,9%).



DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL

Luiz Toresan
Engº Agrº Epagri/Cepa
toresan@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

China troca posição com EUA e se torna o país que mais importa produtos florestais

Os Estados Unidos e a China são os países que mais geram valor econômico com suas florestas. No entanto, a Finlândia, a Suécia, o Brasil e o Canadá são os países dentre os grandes produtores que obtêm dos recursos florestais as maiores contribuições relativas à geração de empregos e à composição do valor adicionado bruto de suas economias (Tabela 1).

Vários países vêm apresentando um forte crescimento da área plantada com florestas nos últimos anos, especialmente de florestas comerciais. A China tem expandido sua área de forma impressionante e em 2010 detinha cerca de 30% de toda a área plantada com florestas no mundo, cerca de 264 milhões de hectares (Tabela 2).

A produção e o consumo mundial de madeira vêm se recuperando da forte queda ocorrida em 2008 e 2009, resultado da crise econômica iniciada nos EUA em 2008. Em 2010 a produção total de madeira no mundo cresceu 3,4% em relação a 2009 (Tabela 3). O consumo industrial de madeira em 2010 foi de 1,5 bilhão de m³, um crescimento de 7,2% em relação a 2009, mas ainda bem inferior ao pico alcançado em 2007, quando atingiu quase 1,7 bilhão de metros cúbicos (Tabela 4). O Brasil, com cerca de 8% da produção mundial, ocupa a quarta posição dentre os países maiores produtores tanto para a madeira de uso industrial quanto para a madeira de uso geral.

Na indústria de celulose de mercado, os EUA, a China e o Canadá são os grandes produtores mundiais, somando quase a metade da produção (Tabela 5). O Brasil vem expandindo rapidamente sua produção de celulose e também neste segmento ocupa a quarta posição dentre os principais países produtores, tendo ultrapassado no ranking mundial a Suécia e a Finlândia, tradicionais produtores e exportadores do produto. Projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) apontam o Brasil como o segundo maior produtor mundial de celulose a partir de 2020, alcançando uma produção de mais de 22 milhões de toneladas.

No segmento de papéis, a China e os EUA são os grandes produtores e consumidores mundiais, com destaque para a produção chinesa, que nos últimos anos vem apresentando um forte crescimento (Tabela 6). O Brasil é apenas o 11º no ranking mundial da produção de papel e tem participação inexpressiva no mercado global de papéis.

O comércio mundial de produtos florestais apresentou uma boa recuperação em 2010, tendo crescido 20% em valor em relação a 2009, quando sofreu uma forte queda devido à crise mundial de 2008 (Tabelas 7 e 8). No grupo dos países exportadores líquidos, se destacam, pelo maior volume de superávit comercial, Canadá, Suécia, Finlândia, Rússia e Brasil. Neste grupo, o Canadá vem reduzindo sistemática-

mente o valor das exportações nos últimos anos, enquanto o Brasil vem mostrando um crescimento consistente do valor exportado ao longo do tempo.

Do ponto de vista das importações, a China, o Japão, a Itália e o Reino Unido se destacam como os países com os maiores valores de saldos negativos em suas balanças comerciais de produtos florestais. A China apresenta movimento inverso ao dos EUA, e tende a importar cada vez mais produtos florestais, especialmente madeira e celulose, para satisfazer seu crescente consumo doméstico. Os EUA, por sua vez, passaram de um saldo negativo de cerca de 13 bilhões de dólares em 2006 para um superávit de quase quatro bilhões de dólares em 2010.

Nos últimos anos verifica-se uma clara redução da participação de alguns países do Hemisfério Norte no montante das exportações florestais, especialmente dos exportadores líquidos. Por outro lado, constata-se um crescimento da participação no mercado por parte de um numeroso grupo de países localizados no Hemisfério Sul, onde se destacam cada vez mais atores como Brasil, Chile, Uruguai, África do Sul, Nova Zelândia e diversos outros países com pequena, mas crescente presença no mercado.

Observa-se assim uma clara tendência de redução da participação no mercado dos grandes e tradicionais países exportadores de produtos florestais, com a entrada no mercado e aumento da participação no comércio internacional de muitos outros países com menor ou pouca tradição no mercado. Enquanto a oferta se expande para um maior número de países, a demanda fica ainda mais concentrada, tendo a China como a grande compradora das produções excedentes.

A celulose, principal *commodity* florestal, tem apresentado preços bastante voláteis nos últimos anos, sem que se possa vislumbrar uma clara tendência de médio e longo prazos, como mostra a Figura 1. Os preços da fibra longa, tipo NBSK (de coníferas), que vinham se valorizando até meados de 2008, sofreram uma forte queda com a deflagração da crise norte-americana no segundo semestre, fechando aquele ano com valores pouco superiores a 600 dólares por tonelada na Europa.

A partir de 2009 os preços da celulose no mercado internacional voltaram a se recuperar. A intensificação das compras pela China em 2010 e o terremoto ocorrido no Chile naquele ano, que interrompeu as exportações daquele país, fizeram com que os preços seguissem em ascensão, alcançando US\$ 1.000,00/t no mês de julho de 2010. No segundo semestre, os preços começaram a ceder e se reduziram ainda mais ao longo de 2011, prosseguindo em queda no primeiro semestre de 2012. Em julho, na Europa, estavam na casa dos 810 dólares por tonelada (www.foex.fi).

A celulose de fibra curta tipo BHKP (de eucalipto), produto em que o Brasil detém a liderança no comércio mundial, seguiu uma trajetória de preços semelhante. Após atingir o patamar de 880/890 dólares por tonelada em junho e julho de 2010 e encerrar 2011 cotada a 650 dólares por tonelada na Europa. Ao longo do primeiro semestre de 2012 sua evolução teve comportamento bastante diferente daquela dos preços da celulose de fibra longa, tendo apresentado um crescimento de 20% em relação ao início do ano. O maior crescimento do mercado para esse tipo de celulose tem dado sustentação aos seus preços.

A perspectiva para o segundo semestre de 2012 é de que os preços apresentem uma leve redução e fechem o ano em patamares ligeiramente abaixo daqueles do mês de julho. As incertezas em relação à persistência da crise econômica na Europa e à manutenção das altas taxas de crescimento da China têm adiado a entrada em operação e também a implantação de novas plantas de produção de celulose no Brasil e em diversas partes do mundo. Essa é uma forma de evitar quedas mais bruscas nos preços internacionais da celulose e dos papéis.

Tabela 1/I. Importância da indústria florestal no mundo e principais países – 2010

País	Valor Adicionado Bruto (milhões de dólares)	% do Produto Interno Bruto	Nº de Empregos Formais Diretos	% da Força de Trabalho Total
Estados Unidos da América	108.428	0.8	1.109	0.7
China	41.208	1.3	3.518	0.4
Japão	32.904	0.7	393	0.6
Canadá	32.000	2.7	275	1.6
Brasil	28.206	2.8	1.010	1.2
Alemanha	23.898	0.9	342	0.8
França	14.907	0.7	191	0.7
Itália	13.265	0.8	278	1.1
Suécia	12.753	3.8	95	2.0
Finlândia	10.329	5.7	90	3.6
Demais países	150.010	-	6.408	-
Total mundial	467.908	1.0	13.709	0.4

Fonte: FAO, State of the World's Forests, 2011.

Tabela 2/I. Evolução da área com florestas plantadas no mundo e principais países com plantios florestais – 1990-2000 e 2010

País	Área do território (1000 ha)	Área com floresta (1.000 ha)	Área com florestas plantadas (1.000 ha)		
			2010	1990	2000
China	942.530	206.861	41.950	54.394	77.157
Estados Unidos	916.193	304.022	17.938	22.560	25.363
Rússia	1.638.139	809.090	12.651	15.360	16.991
Coreia do Sul	12.041	24.979	10.287	10.331	10.326
Índia	297.319	68.434	5.716	7.167	10.211
Canadá	909.351	310.134	1.357	5.820	8.963
Polônia	30.633	9.337	8.511	8.645	8.889
Brasil	832.512	519.522	4.984	5.176	7.418
Sudão	237.600	69.949	5.424	5.639	6.068
Finlândia	30.409	22.157	4.393	4.956	5.904
Demais países	7.186.680	1.695.508	58.221	74.571	86.711
Mundo	13.033.407	4.039.993	171.432	214.619	264.001

Fonte: FAO. FAOSTAT-PopSTAT (<http://faostat.fao.org/site/550/default.aspx#ancor>)

Tabela 3/I. Produção mundial de madeira ⁽¹⁾ segundo os principais países – 2006-10

País	2006	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	457.048	425.129	380.509	332.528	340.655
Índia	329.444	330.210	330.975	331.737	332.499
China	298.178	290.665	296.871	292.939	291.251
Brasil	257.537	261.351	256.306	264.149	271.501
Rússia	190.600	207.000	181.400	151.400	173.000
Canadá	183.931	160.792	134.947	118.255	132.461
Indonésia	118.170	115.276	119.338	110.147	113.849
Etiópia	98.631	100.059	101.417	102.805	104.209
Congo	76.498	77.801	78.907	80.038	81.194
Nigéria	71.047	71.418	71.807	72.211	72.633
Demais países	1.467.470	1.528.076	1.498.156	1.454.479	1.511.622
Total mundial	3.548.554	3.567.777	3.450.633	3.310.689	3.424.872

⁽¹⁾ Refere-se a toda a produção de madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2012.

Tabela 4/I. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial⁽¹⁾ segundo os principais países - 2006-10

País	2006	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	412.134	378.771	336.895	292.091	300.218
Rússia	144.600	162.000	136.700	112.900	132.800
Canadá	181.010	157.609	132.232	115.353	129.558
Brasil	118.754	121.520	115.390	122.160	128.400
China	94.665	90.931	100.843	100.548	102.428
Suécia	58.700	72.300	64.900	59.200	64.300
Indonésia	47.451	47.451	54.304	47.806	54.106
Finlândia	45.521	51.406	45.965	36.701	45.977
Alemanha	54.000	68.029	46.806	38.987	45.388
Chile	33.217	38.417	39.878	36.402	34.560
Demais países	486.740	501.563	495.851	471.074	499.480
Total mundial	1.678.798	1.692.004	1.571.772	1.435.231	1.539.225

⁽¹⁾ Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2012.

Tabela 5/I. Produção mundial de celulose ⁽¹⁾ segundo os principais países – 2006-10

País	2006	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	53.074	54.981	52.244	48.391	49.355
China	18.530	19.440	20.060	17.652	20.438
Canadá	23.481	22.421	20.405	17.137	18.576
Brasil	11.243	11.998	12.697	13.315	14.164
Finlândia	13.115	12.856	11.624	8.815	10.508
Suécia	12.240	12.402	12.070	11.280	11.714
Japão	10.840	10.850	10.706	8.535	9.423
Rússia	6.882	6.826	7.003	6.615	5.790
Indonésia	3.682	5.282	5.753	5.069	5.820
Chile	3.484	4.675	4.981	4.993	4.102
Demais países	34.304	34.632	35.150	32.605	33.281
Total mundial	190.876	196.363	192.694	174.407	183.171

⁽¹⁾ Refere-se à celulose de mercado.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2012.

Tabela 6/I. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2006-10

(mil t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
China	69.394	77.965	83.685	90.117	96.501
Estados Unidos	84.317	83.916	80.178	71.355	75.786
Japão	31.097	31.268	30.628	26.268	27.364
Alemanha	22.656	23.317	22.828	20.870	23.202
Canadá	18.189	17.367	15.789	12.823	12.733
Finlândia	14.189	14.334	13.126	10.602	11.759
Suécia	12.066	11.511	11.663	10.932	11.410
Coreia do Sul	10.703	10.932	10.642	10.481	11.106
Brasil	8.738	9.008	9.154	9.428	9.844
Itália	10.008	10.112	9.467	8.404	8.988
França	10.006	9.871	9.404	8.332	8.830
Demais países	89.349	89.170	98.275	95.773	102.272
Total mundial	380.713	388.771	394.839	375.385	399.795

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2012.

Tabela 7/I. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2006-10

(US\$ milhões)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	18.482	20.859	22.460	17.612	24.000
Canadá	28.223	27.774	24.005	17.103	21.387
Alemanha	18.179	23.766	24.220	18.507	20.468
Suécia	14.553	16.592	17.180	14.122	15.483
Finlândia	14.343	15.896	15.204	11.095	13.161
China	7.754	9.850	9.652	8.486	10.659
Rússia	8.740	11.231	10.619	7.699	9.214
Brasil	5.598	6.448	7.227	5.744	7.591
França	7.699	8.624	8.752	6.702	7.524
Áustria	6.649	8.172	8.303	6.407	6.991
Demais países	73.579	84.297	89.680	72.097	87.796
Total mundial	203.798	233.508	237.303	185.572	224.273

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2012.

Tabela 8/I. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2006-10

(US\$ milhões)

País	2006	2007	2008	2009	2010
China	20.368	24.528	25.510	22.436	31.364
Estados Unidos	31.697	27.659	24.422	17.216	20.145
Alemanha	16.012	20.794	21.480	15.801	17.944
Japão	12.778	12.335	12.360	9.919	11.869
Itália	10.456	12.069	11.430	8.797	10.839
Reino Unido	11.343	13.646	11.789	9.094	10.452
França	9.628	11.561	11.783	8.705	9.830
Bélgica	5.858	7.391	7.270	5.757	6.368
Holanda	6.248	7.414	7.847	5.762	6.254
Coreia	4.300	4.998	5.418	4.057	5.304
Demais países	79.355	94.909	103.573	82.808	97.058
Total mundial	208.042	237.305	242.882	190.353	227.426

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2012.

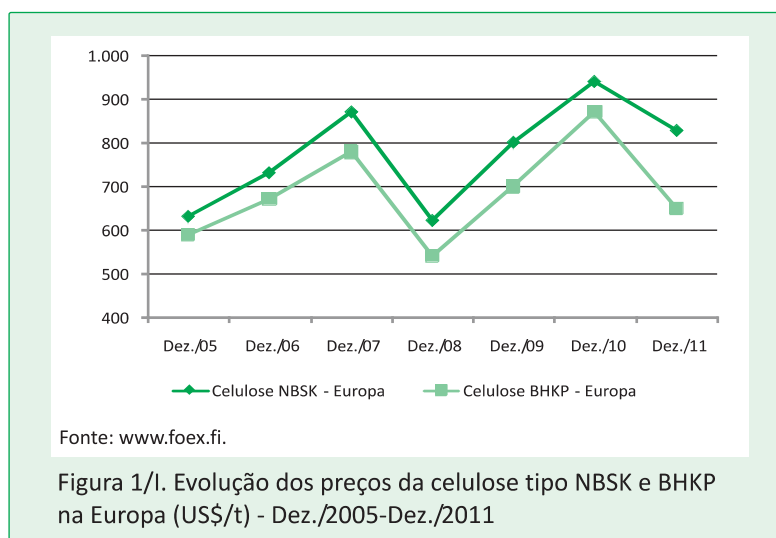


Figura 1/I. Evolução dos preços da celulose tipo NBSK e BHKP na Europa (US\$/t) - Dez./2005-Dez./2011

Produção e mercado nacionais

O mercado externo é favorável à celulose brasileira, mas as exportações de madeira e de móveis continuam se encolhendo

O Brasil possui cerca de 7,0 milhões de hectares de florestas plantadas para fins comerciais, sendo o eucalipto a principal espécie cultivada (Figura 2). As áreas plantadas são responsáveis pela totalidade do fornecimento de madeira ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria da madeira e de móveis.

Em 2011 foram processados 115 milhões de metros cúbicos de madeira pela indústria brasileira. O valor total da produção anual do setor foi estimado em mais de 50 bilhões de reais e as exportações somaram 9,6 bilhões de dólares, um crescimento de 3,5% em relação a 2010. O segmento de celulose e papel, com crescimento de 6,1%, respondeu por 75% do valor exportado. Os móveis, as madeiras e seus produtos vêm passando por uma redução do valor exportado desde 2008 (Figura 3). Para esses segmentos, o crescimento do mercado interno nos últimos anos tem compensado as quedas das exportações, especialmente para indústria do mobiliário.

Os cinco principais estados exportadores, liderados por São Paulo, responderam por 74% do valor total exportado de produtos florestais pelo País em 2011 (Figura 4). Nas exportações, Bahia e Espírito Santo se destacam na celulose, São Paulo no segmento de papéis, Paraná nas madeiras e suas obras e Santa Catarina nos móveis.

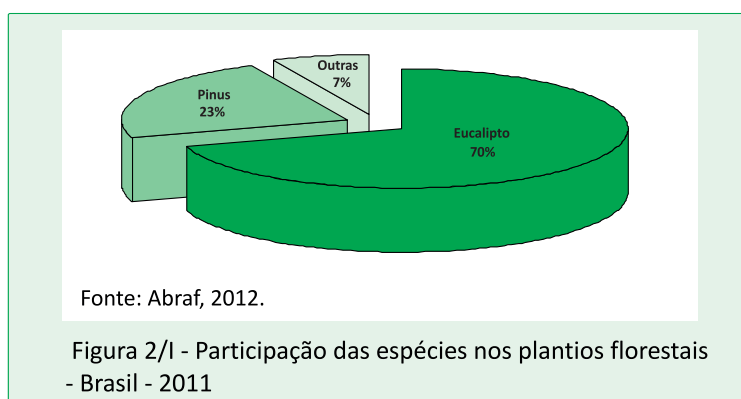
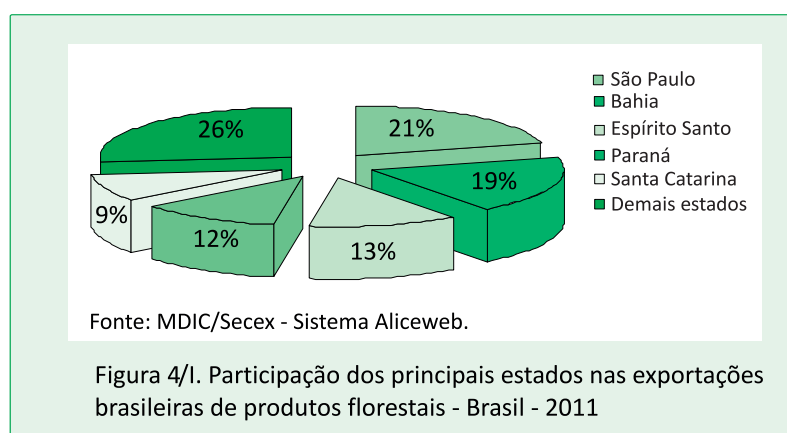
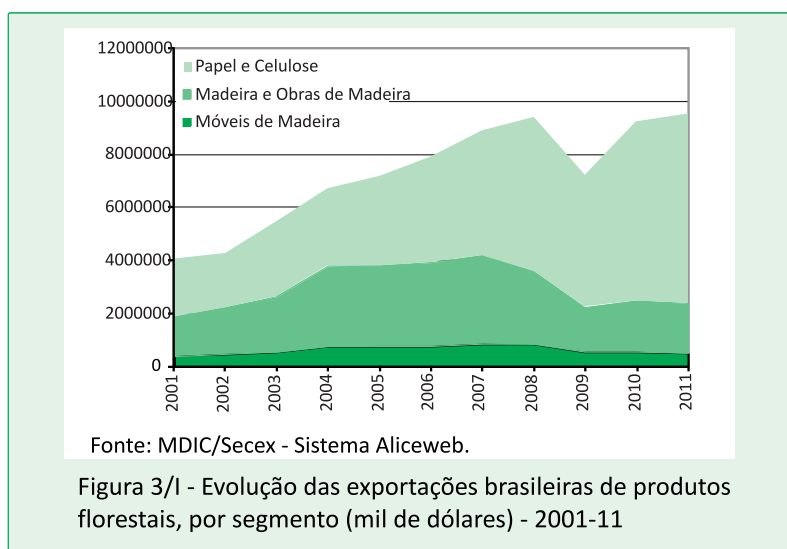


Figura 2/I - Participação das espécies nos plantios florestais - Brasil - 2011



Produção e consumo de matéria-prima florestal

Seguem crescendo os plantios de eucalipto no Brasil enquanto o pínus vê reduzida sua área ocupada a cada ano

O eucalipto e o pínus dominam os plantios de florestas comerciais no Brasil. As áreas plantadas com os dois gêneros em 2011 somavam 6,5 milhões de hectares. Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Bahia e Santa Catarina são os estados com as maiores áreas cultivadas, detendo mais de 70% da área plantada com esses dois gêneros (Tabela 9). Os novos plantios crescem mais nos estados do Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Tocantins e Rio Grande do Sul, que constituem as novas frentes de expansão da silvicultura e da indústria florestal brasileira.

Nos últimos anos observa-se uma redução gradativa da área plantada com o gênero pínus, enquanto os plantios de eucalipto crescem a taxas expressivas (Figura 5). Ao final de 2011, a Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas (Abraf) estimou uma redução de 100 mil hectares na área ocupada com pínus no País, enquanto a área de eucalipto aumentou no mesmo montante naquele ano.

Segundo a Abraf, as restrições impostas pelo governo brasileiro à aquisição de terras no Brasil por estrangeiros deve frear a expansão dos investimentos externos na silvicultura feitos pelas empresas de capital estrangeiro ou pelos fundos conhecidos como *Timberland Investment Manager Organization* (TIMO), que aplicam recursos em projetos de produção de madeira.

Por outro lado, o Programa ABC, lançado pelo governo federal em 2011, ao ampliar os limites e prazos dos financiamentos aos plantios florestais em relação aos estipulados no Propflora e reduzir as taxas de juros para 5,5% ao ano, representa um importante incentivo ao plantio de florestas comerciais, especialmente para as pequenas empresas do setor e produtores independentes.

A produção de madeira de florestas plantadas para transformação industrial teve um aumento em 2010 de mais de 8%, comparada à produção de 2009 (Tabela 10). O maior crescimento ocorreu na produção de madeira para processamento mecânico, alcançando o maior patamar de produção anterior, ocorrido em 2005.

No período de 2000 a 2010, a produção de madeira para uso industrial da silvicultura brasileira aumentou em mais de 60% (Figura 6). Nesse período, o crescimento da produção de madeira para serraria foi maior que o crescimento da produção de madeira destinada a processo.

O setor de papel e celulose é o maior consumidor de madeira em toras no Brasil, tendo processado 61,3 milhões de metros cúbicos em 2011, um decréscimo de 3,2% em relação ao ano anterior (Abraf, 2012). A indústria de painéis reconstituídos, que utiliza a mesma matéria-prima, e a indústria madeireira, que consome toras mais grossas, também apresentaram uma redução no consumo de madeira em 2011 em relação a 2010, com quedas de 5,9% e 1,8%, respectivamente (Tabela 11). Isso demonstra ter havido um recuo das atividades industriais do setor florestal em 2011, um comportamento bem diferente do ocorrido no ano anterior, quando essas atividades tiveram uma expansão bastante expressiva.

A participação das florestas plantadas no fornecimento de matéria-prima para a indústria de processamento mecânico da madeira tem se mostrado crescente ao longo do tempo. Em 1997 a contribuição da silvicultura para a produção de madeira para esse segmento era de 57% e, em 2010, esse percentual subiu para 78% (Figura 7). As florestas nativas também estão perdendo importância para a silvicultura no fornecimento de lenha, aproximando-se da situação da produção de carvão, em que predomina a matéria-prima de origem cultivada, com 70% do volume consumido.

Tabela 9/I. Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil - 2011

Estado	Área plantada (ha)		
	Pinus	Eucalipto	Total
Minas Gerais	75.408	1.401.787	1.477.195
São Paulo	156.726	1.031.677	1.188.403
Paraná	658.707	188.153	846.860
Santa Catarina	538.254	104.686	642.940
Bahia	21.520	607.440	628.960
Mato Grosso do Sul	11.871	475.528	487.399
Rio Grande do Sul	164.806	280.193	444.999
Espírito Santo	2.546	197.512	200.058
Maranhão	0	165.717	165.717
Pará	0	151.378	151.378
Goiás	10.760	59.624	70.384
Tocantins	850	65.502	66.352
Mato Grosso	0	58.843	58.843
Amapá	445	50.099	50.544
Piauí	0	26.493	26.493
Outros estados	0	9.314	9.314
Total	1.641.892	4.873.952	6.515.844

Fonte: Abraf - Anuário Estatístico da Abraf – 2012, ano base 2011.

Tabela 10/I. Produção das principais matérias-primas de origem florestal – Brasil – 2006-10

Produto	Unidade	2006	2007	2008	2009	2010
Extração vegetal						
Carvão vegetal	mil t	2.506	2.530	2.222	1.640	1.503
Ervamate	t	233.360	225.957	219.773	218.102	227.462
Lenha	mil m ³	45.160	43.910	42.118	41.440	38.207
Madeira em tora	mil m ³	17.986	16.389	14.127	15.248	12.658
Palmito ⁽¹⁾	t	6.524	6.037	5.873	5.076	4.920
Pinhão	t	5.203	4.887	4.768	5.066	5.715
Silvicultura						
Carvão vegetal	mil t	2.609	3.806	3.975	3.378	3.448
Ervamate	t	434.483	438.474	434.727	443.126	425.641
Lenha	mil m ³	36.110	39.089	42.038	41.411	49.058
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	55.115	60.964	58.182	65.346	69.779
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	45.652	44.167	43.080	41.566	45.963
Palmito ⁽²⁾	t	73.411	61.429	84.006	70.784	116.495

⁽¹⁾ Inclui Palmito Juçara, Açai e Pupunha.

⁽²⁾ Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açai e Pupunha.

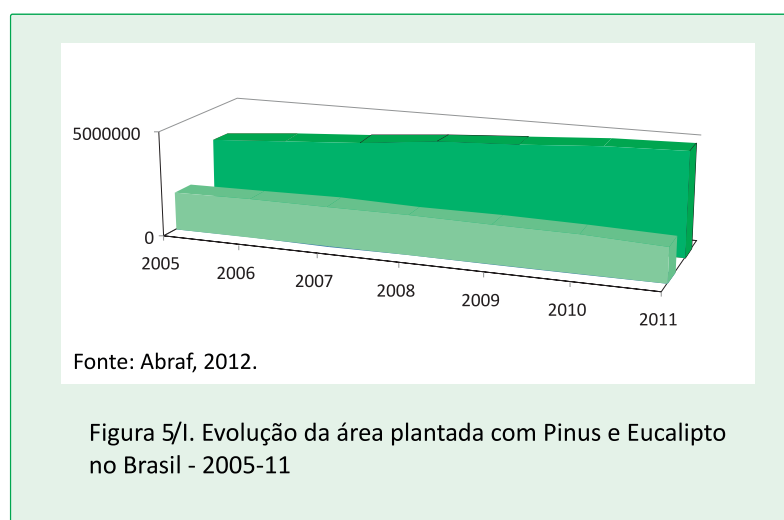
Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em julho 2012.

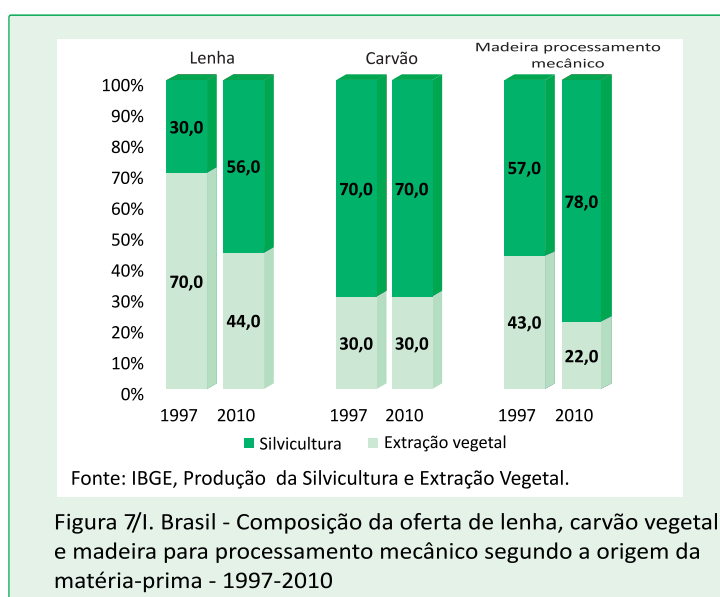
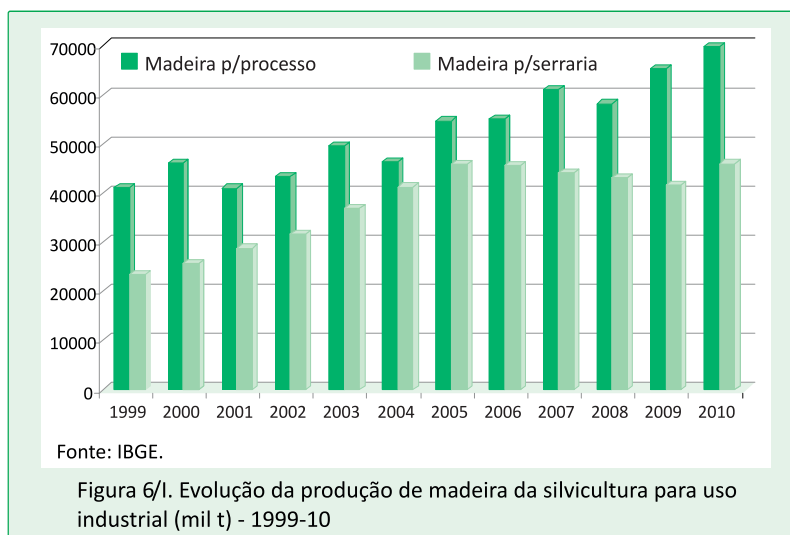
Tabela 11/I. Consumo de madeira em toras para uso industrial no Brasil por espécie, segundo os principais segmentos industriais – 2009-11

(1.000 m³)

Segmento industrial	Pinus			Eucalipto			Total		
	2009	2010	2011	2009	2010	2011	2009	2010	2011
Celulose e papel	8.086	8.594	8.103	52.545	54.784	53.239	60.631	63.378	61.342
Painéis reconstituídos	6.520	8.759	7.752	2.872	4.424	4.658	9.392	13.183	12.410
Indústria madeireira	27.463	29.134	27.288	3.093	3.515	4.760	30.556	32.649	32.048
Carvão	-	-	-	19.388	15.401	16.987	19.388	15.401	16.987
Lenha industrial	9.347	9.399	6.382	32.363	33.157	35.709	41.710	42.556	42.091
Outros	7	285	286	895	1.674	774	902	1.959	1.060
Brasil	51.423	56.170	49.811	111.156	112.955	116.127	162.580	169.126	165.938

Fonte: Abraf – Anuário Estatístico da Abraf – 2012.





Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

O mercado interno vem compensando o fraco desempenho exportador dos últimos anos

Em 2011, a indústria brasileira de produtos sólidos da madeira apresentou fraco desempenho em seus principais indicadores. E a tendência é continuar perdendo espaço para a indústria de painéis de madeira reconstituída devido à substituição de seus produtos por chapas de aglomerado, MDF e OSB.

A produção de serrados no Brasil consome atualmente cerca de 15% da madeira utilizada pela indústria florestal. Nos últimos anos o volume produzido tem se mantido na casa dos nove milhões de metros cúbicos por ano. O consumo interno, que em 2006 era de 80%, alcança 90% da produção (Tabela 12).

A indústria de compensados consome menos de 4% da madeira processada no Brasil. A produção de compensados vem se reduzindo ao longo do tempo e o mercado interno tem aumentado sua participação no consumo do volume produzido, tendo absorvido 56% da produção em 2011 (Tabela 12).

O valor das exportações brasileiras de madeira e suas obras¹ (exceto móveis) em 2011 ficou abaixo de 1,9 bilhão de dólares, um ligeiro decréscimo em relação ao ano anterior (em 2006 foi 60% superior - Figura 8). Paraná, Pará e Santa Catarina são os maiores exportadores, tendo respondido, juntos, por mais de 75% do total exportado em 2011.

De janeiro a maio de 2012 as exportações de madeira atingiram 790 milhões de dólares, desempenho muito semelhante ao obtido no mesmo período de 2011. Os volumes embarcados nesse período foram ligeiramente inferiores, mas essa perda foi compensada por um correspondente aumento nos preços obtidos. O Brasil busca diversificar mais seus mercados para a madeira, de modo a compensar a perda de mercado nos EUA e na Europa com um crescimento do volume exportado para os mercados emergentes da América Latina, Ásia e África.

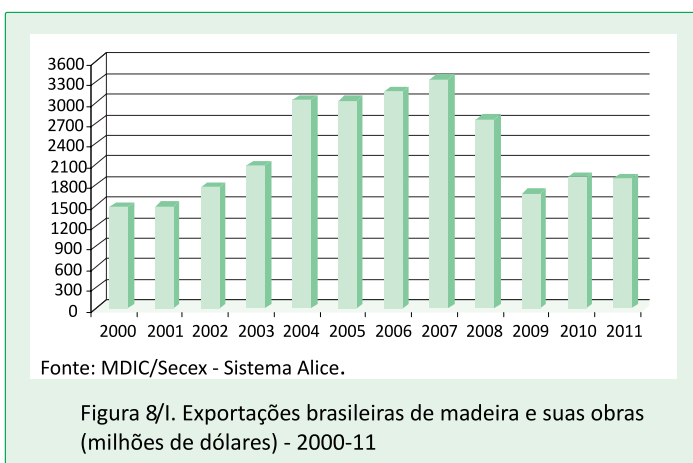
Nos últimos anos observa-se que empresas brasileiras têm buscado reprocessar a madeira serrada (remanufatura) com vistas à agregação de valor. A continuidade do crescimento do mercado interno, esperada para os próximos anos, deverá sustentar a produção da indústria no País.

Tabela 12/I. Produção e consumo de madeira serrada e compensados no Brasil - 2006-11

(mil m³)

Ano	Madeira Serrada		Compensados	
	Produção	Consumo	Produção	Consumo
2006	9.100	7.300	2.400	600
2007	9.300	7.400	2.000	600
2008	8.800	7.500	1.900	600
2009	8.500	7.500	1.600	600
2010	9.000	8.100	2.000	1.000
2011	9.100	8.100	1.800	1.000

Fonte: Abraf – Anuário Estatístico da Abraf – 2012.



¹ Inclui madeira processada mecanicamente e painéis da madeira reconstituída.

Desempenho da indústria de painéis de madeira reconstituída

O mercado interno tem conseguido absorver a expansão da capacidade produtiva

A indústria de painéis de madeira reconstituída é formada por poucas e grandes empresas e apresentam grande dinamismo no Brasil, com crescimento expressivo de sua capacidade instalada e da produção nos últimos anos. A capacidade total de produção anual de painéis de madeira industrializada passou de 5,1 milhões de metros cúbicos em 2005 para mais de dez milhões de metros cúbicos em 2010.

Utilizando matéria-prima de florestas plantadas (pínus e eucalipto), essa indústria consumiu mais de 7% de toda a produção brasileira de matéria-prima florestal em 2011 (Abraf, 2012). No Brasil, o crescimento desse segmento da indústria florestal está bastante associado à expansão da produção de móveis, que consome mais de 70% da produção de painéis de madeira industrializada.

A produção brasileira de painéis reconstituídos (MDP, MDF e Chapas de fibra dura) foi de 6,5 milhões de metros cúbicos em 2011, um crescimento de apenas 0,6% em relação a 2010 (Tabela 13). A capacidade instalada, no entanto, foi ampliada significativamente, especialmente na produção de MDF, devido à entrada em operação de novas plantas de produção. Com isso, o nível médio de ociosidade das plantas industriais, embora tenha diminuído, manteve-se superior a 20% em 2011.

As perspectivas para o setor são de continuidade no crescimento. A Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira (Abipa) projeta, para os próximos anos, um crescimento na demanda de MDP e de MDF da ordem de 15% ao ano, o que deve elevar a utilização da capacidade instalada da indústria para patamares próximos aos 90%. O sentido inverso deve ser seguido pelo segmento de produção de chapas de fibra, que deverá prosseguir com crescimento negativo da demanda e aumento da ociosidade das plantas industriais.

A desoneração da folha de pagamento das empresas e a redução temporária do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), promovidas pelo Governo em 2012, devem contribuir para manter altos os níveis de produção e vendas do setor. No entanto, permanecem dúvidas sobre a capacidade de o mercado interno absorver as produções adicionais previstas para o período 2012-13, em razão da agregação de capacidade instalada em algumas empresas.

Tabela 13/I. Capacidade nominal instalada, produção, importação, exportação e consumo interno de painéis de madeira – 2005-11

Ano	Capacidade Nominal Instalada	Produção	Importação	Exportação	Consumo Interno
MDP					
2005	2.800.000	2.048.957	78.400	25.750	2.101.607
2006	2.900.000	2.198.216	64.700	76.670	2.186.246
2007	3.085.000	2.557.141	28.080	37.390	2.547.831
2008	3.265.000	2.617.066	42.520	26.640	2.632.946
2009	4.020.000	2.488.915	36.271	25.761	2.499.425
2010	4.544.000	3.017.902	15.388	16.235	3.017.055
2011	4.790.000	3.069.718	1.470	23.993	3.047.195
MDF					
2005	1.700.000	1.407.730	165.600	159.810	1.413.520
2006	1.800.000	1.695.359	238.800	73.300	1.860.859
2007	2.357.000	1.879.072	200.300	42.190	2.037.182
2008	2.547.000	2.073.796	215.900	26.800	2.262.896
2009	3.685.000	2.394.677	121.542	32.838	2.483.381
2010	4.193.000	3.036.337	152.660	24.445	3.164.552
2011	4.860.000	3.039.644	181.675	49.513	3.171.806

(Continua)

(Continuação)

Ano	Capacidade Nominal Instalada	Produção	Importação	Exportação	Consumo Interno
Chapa de fibra					
2005	600.000	505.059	18.670	231.760	291.969
2006	600.000	532.896	22.250	228.940	326.206
2007	600.000	526.869	14.500	212.660	328.709
2008	600.000	510.660	7.160	156.430	361.390
2009	440.000	399.862	1.957	120.481	281.338
2010	440.000	380.070	4.972	85.994	299.048
2011	440.000	362.453	8.711	90.140	281.024

Fonte: Abipa/Secex - Sistema Aliceweb.

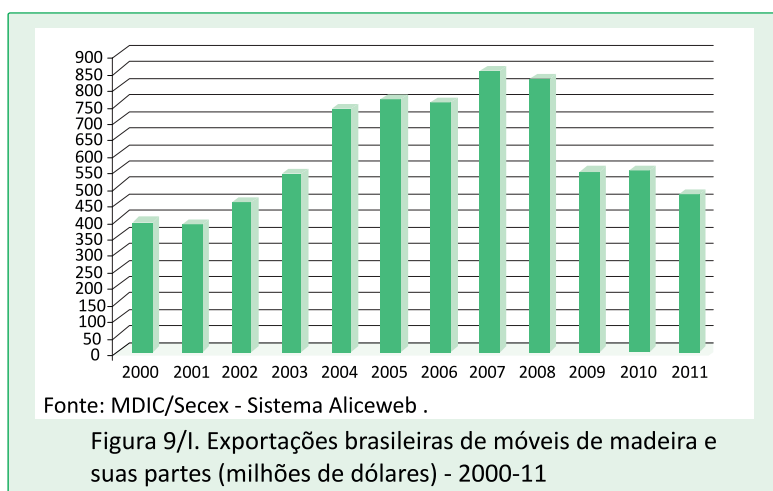
Desempenho da indústria de móveis de madeira

As vendas no mercado interno seguem em expansão enquanto as exportações se retraem ainda mais

A indústria brasileira de móveis de madeira apresentou um bom desempenho nos últimos anos devido ao crescimento do mercado interno. A redução da alíquota do IPI sobre móveis e painéis de madeira, a queda das taxas de juros, os incentivos do Governo Federal ao Projeto Minha Casa, Minha Vida e, mais recentemente, a desoneração da folha de pagamento das empresas, manteve aquecidas as vendas de móveis no mercado doméstico.

Nas exportações, o desempenho foi muito fraco em 2011, com uma queda de 13% no valor embarcado ao exterior em relação ao valor exportado pelo País em 2010 (Figura 9). Em 2011, O Brasil exportou somente 477 milhões de dólares em móveis de madeira, o pior desempenho desde 2003. Os estados da Região Sul foram responsáveis por 88% do valor exportado, cabendo a Santa Catarina 39% do valor total. O real valorizado durante todo o ano de 2011 dificultou as exportações de móveis e levou empresas tradicionalmente exportadoras a enxergar o mercado interno como válvula de escape.

Nos primeiros cinco meses de 2012, o valor das exportações brasileiras de móveis foi 10% inferior em relação ao mesmo período do ano anterior. A expectativa é terminar 2012 com desempenho exportador ainda pior que o obtido em 2011, embora o câmbio esteja mais favorável e os exportadores estejam se esforçando para conquistar novos mercados na América Latina e na África em substituição ao mercado tradicional dos EUA e da Europa.



Desempenho da indústria de celulose e papel

A produção brasileira de celulose apresenta ligeira diminuição após longo período de crescimento

O Brasil é o quarto maior produtor mundial de celulose e o terceiro maior exportador, sendo líder na produção e exportação de celulose de fibra curta, que utiliza o eucalipto como matéria-prima. Toda a produção brasileira de celulose, assim como a de papel, provém de florestas plantadas de eucalipto e pinus.

Em 2011, foram produzidas pelo País 14 milhões de toneladas de celulose, 1,2% a menos que em 2010 (Tabela 14). Cerca de 60% da produção é exportada, tendo a Europa e a China como principais destinos. O volume exportado em 2011 foi 1,2% maior que o de 2010.

O valor das exportações brasileiras de celulose e papel em 2011 foi de 7,2 bilhões de dólares, um crescimento de 6,1% em relação a 2010 (Figura 10). Esse valor foi influenciado pelos bons preços alcançados no período de maio a setembro, o que elevou o preço médio anual, já que os preços praticados nos primeiros e últimos meses do ano foram considerados baixos.

No primeiro semestre de 2012, o volume de produção e de exportação de celulose foi semelhante ao do mesmo período de 2011. O valor exportado, no entanto, teve um decréscimo de mais de 5% no primeiro semestre de 2012 devido aos baixos preços dos embarques dos primeiros meses do ano. A expectativa quanto ao desempenho da produção e das exportações é de que a indústria de celulose em 2012 tenha um ano semelhante ao de 2011.

No segmento de papel, que tem a maior parte da produção consumida pelo mercado interno, os volumes de produção e consumo em 2011 foram semelhantes àqueles de 2010. Os maiores volumes de produção são de papéis para embalagens e de papéis de imprimir e escrever.

As exportações brasileiras de papéis em 2011 tiveram um ligeiro recuo de 1,1% no volume e um acréscimo de 1,1% no valor em relação a 2010, indicando uma pequena melhora dos preços médios. Para satisfazer seu consumo doméstico o Brasil é bastante dependente das importações de papel de imprensa e de alguns papéis especiais.

De janeiro a junho de 2012, a produção total de papel foi de 4,9 milhões de toneladas, um ligeiro acréscimo em relação ao volume produzido no primeiro semestre do ano anterior. Neste mesmo período de comparação, o volume das vendas domésticas de papéis cresceram 1,5%, enquanto as exportações recuaram 4,5%.

O setor de papel e celulose no Brasil vem apresentando sucessivos movimentos de expansão de sua capacidade produtiva. Projeções da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) apontam uma produção de 22 milhões de toneladas de celulose em 2020, tornando o País o segundo produtor mundial da *commodity*. Para os papéis, as projeções indicam um crescimento menor da produção no período, elevando-a para a casa de 12 a 13 milhões de toneladas.

Tabela 14/I. Produção brasileira de papel e celulose – 2007-11

							(mil t)
Produto	Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011	Varição 2011/2010 (%)
Papel	Produção	9.008	9.409	9.428	9.844	9.887	0,4
	Importação	1.097	1.328	1.085	1.502	1.455	-3,1
	Exportação	2.006	1.982	2.008	2.074	2.052	-1,1
	Consumo aparente	8.099	8.755	8.505	9.272	9.290	0,2
Celulose	Produção	11.998	12.697	13.315	14.164	13.999	-1,2
	Importação	292	325	359	412	392	-4,9
	Exportação	6.484	7.040	8.229	8.375	8.478	1,2
	Consumo aparente	5.806	5.982	5.445	6.201	5.913	-4,6

Fonte: Bracelpa, Relatório Bracelpa 2011.

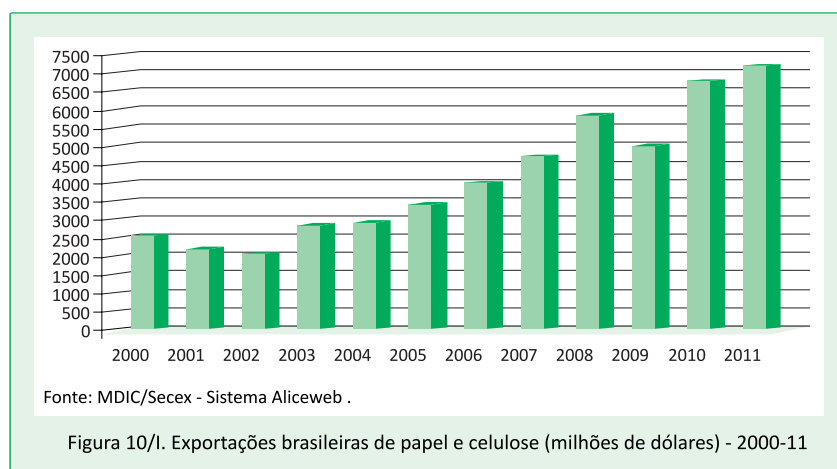


Figura 10/I. Exportações brasileiras de papel e celulose (milhões de dólares) - 2000-11

Desempenho da produção de biomassa florestal para energia

Estimativas da Abraf apontam que mais de uma terça parte da produção de matéria-prima florestal em 2011 tenha sido consumida sob a forma de carvão vegetal (10%) e de lenha (26,3%). A produção brasileira de lenha em 2010 foi de 87,3 milhões de metros cúbicos segundo o IBGE, tendo o consumo residencial absorvido mais da metade deste montante. A silvicultura tem aumentado sua participação no fornecimento de lenha ao longo do tempo frente às florestas nativas, tendo fornecido 56% da lenha consumida no País em 2010 (Figura 7).

O Brasil é o maior produtor e consumidor mundial de carvão vegetal, com quase 80% da produção oriunda de florestas plantadas, sendo o eucalipto a principal espécie fornecedora da madeira transformada em carvão. Em 2010 foram produzidas quase cinco milhões de toneladas de carvão vegetal no País. Seu principal uso é na indústria siderúrgica, tanto nas grandes plantas de produção integrada quanto nos produtores independentes de ferro gusa.

Outra forma de oferta de energia com base na biomassa florestal é através da indústria de *pellets*. Os *pellets* são formados por partículas desidratadas e prensadas de madeira moída que, devido à pouca umidade e à forte compactação, possuem alto poder calorífico. No mundo, a produção está entre 12 e 15 milhões de toneladas por ano, a maior parte na Europa, e é utilizada para produção de energia elétrica, para aquecimento residencial e em caldeiras industriais.

Por ser recurso renovável, seu uso vem sendo incentivado pelos governos. O Brasil está apenas despertando para esse potencial de produção e de mercado. Já se encontram em funcionamento no País diversas pequenas plantas industriais de produção de *pellets*, que utilizam resíduos da indústria madeireira e moveleira, a maioria localizada na Região Sul.

Visando ao mercado internacional, uma grande empresa brasileira do setor de papel e celulose projeta produzir até três milhões de toneladas de *pellets* por ano nos Estados do Piauí e Maranhão. Há estimativas de um crescimento superior a 20% no consumo mundial desse produto até 2020, o que deve gerar grandes oportunidades de mercado nas próximas décadas.

Outra janela de oportunidades que pode se abrir ao setor é a produção de energia elétrica com base na biomassa florestal. Até o momento a produção de eletricidade com biomassa florestal no Brasil tem se restringido a projetos de cogeração em plantas integradas com aproveitamento de resíduos da indústria de base florestal.

A recente decisão do BNDES de financiar uma unidade de cogeração de vapor e energia elétrica (capacidade de 125 MWh) para operar em Candeias na Bahia, utilizando cavaco de eucalipto como fonte de biomassa, indica que as principais variáveis envolvidas (produtividade e custos da biomassa florestal, preços da energia gerada, etc.) estão se aproximando do ponto de tornar competitiva a produção de energia elétrica pela transformação de toda a biomassa de um plantio florestal e não apenas de seus resíduos industriais.

Produção e mercado estaduais

Exportações de produtos florestais voltam a recuar em 2011

Santa Catarina é um dos estados de maior destaque no setor florestal brasileiro. Com 10% da área plantada no País com pínus e eucalipto, o Estado foi o quinto maior exportador de produtos florestais em valor em 2011 (39% dos móveis de madeira, 21% da madeira e suas obras e 10% dos papéis). São cerca de seis mil empresas atuando no setor, as quais geram mais de 80 mil empregos formais diretos.

Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais primários

A indústria de papel foi o único segmento que ampliou de forma significativa a demanda de matéria prima

Toda a madeira produzida em Santa Catarina e consumida pela indústria de papel e de processamento mecânico provém de florestas plantadas. A área ocupada com florestas comerciais em 2011 no Estado era de 643 mil hectares, sendo 85% com pínus e 16% com eucalipto. Observa-se nos últimos anos uma redução gradativa da área de pínus, enquanto a área de eucalipto segue em expansão (Figura 11). Nas pequenas propriedades agrícolas os novos plantios florestais têm priorizado o eucalipto.

Os dados oficiais do IBGE mostram que a silvicultura catarinense, após ter passado por dois anos fracos em produção, produziu em 2010 mais de 18 milhões de metros cúbicos de toras que foram transformados pela indústria. A indústria do papel e celulose ampliou em 30% seu consumo de matéria-prima, enquanto a produção de madeira para processamento mecânico aumentou 11% em relação a 2009 (Tabela 15). As estimativas iniciais para 2011 apontam uma redução do volume de madeira transformado pela indústria florestal catarinense.

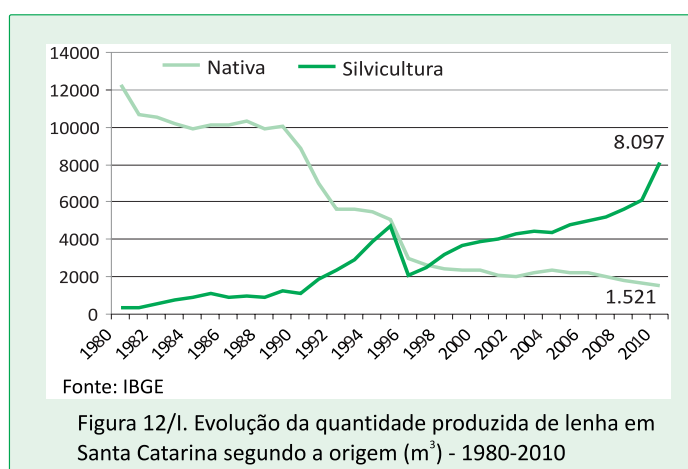
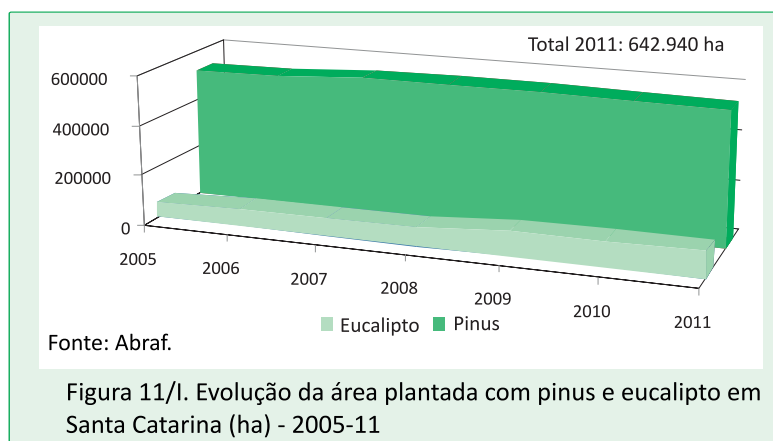
As florestas plantadas também vêm aos poucos substituindo as florestas nativas no fornecimento de lenha e de madeira para carvão vegetal (Figuras 12 e 13). Em 2010, 68% da madeira utilizada na produção de carvão vegetal e 84% da produção de lenha em Santa Catarina originaram-se de áreas plantadas.

Tabela 15/I. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2006-10

Produto	Unidade medida	2006	2007	2008	2009	2010
Extração vegetal						
Carvão vegetal	t	7.884	6.874	4.885	4.386	3.719
Erva-mate	t	41.833	40.559	39.637	36.493	36.274
Lenha	mil m3	2.220	2.017	1.803	1.667	1.521
Madeira em tora	mil m3	99	143	126	120	61
Araucária (toras)	mil m3	6	16	13	8	19
Palmito	t	129	140	10	9	-
Pinhão	t	2.488	2.137	1.788	1.790	1.799
Silvicultura						
Carvão vegetal	t	8.922	8.538	7.459	6.613	7.792
Erva-mate	t	35.292	37.909	41.890	46.254	38.602
Lenha	mil m3	4.958	5.222	5.602	6.128	8.097
Madeira p/papel e celulose	mil m3	6.414	6.677	6.525	7.427	9.665
Madeira p/outras finalidades	mil m3	9.904	8.745	7.955	8.097	8.966
Palmito ⁽¹⁾	t	3.254	1.786	5.378	4.251	6.571

⁽¹⁾ Inclui Juçara e Palmeira Real.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em julho 2012.



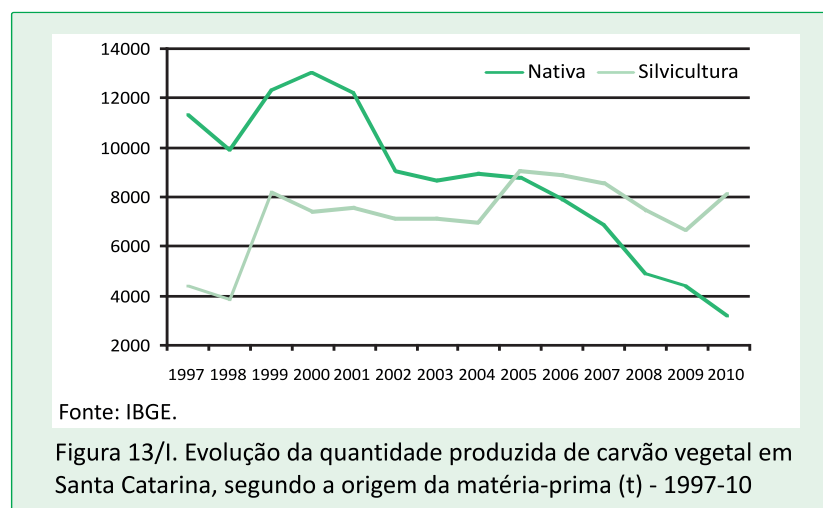


Figura 13/I. Evolução da quantidade produzida de carvão vegetal em Santa Catarina, segundo a origem da matéria-prima (t) - 1997-10

Preços dos insumos e dos produtos florestais

Preços de toras de pinus e de eucalipto têm comportamentos divergentes

Os preços dos insumos para a produção florestal se mostraram relativamente estáveis nos últimos anos (Tabela 16). Apenas as mudas de erva-mate tiveram aumentos reais de preços ao longo dos cinco últimos anos. Em 2011, as mudas de pinus foram vendidas pelos viveiristas a um preço médio 4,5% superior à média do ano anterior, enquanto as mudas de erva-mate tiveram seus preços majorados em 20% naquele ano.

As áreas mais utilizadas para o plantio de pinus e de eucalipto – terras de segunda e de campo nativo – vêm apresentando crescimentos expressivos de preços nos últimos anos. Em 2011, as terras de campo ficaram 13,8% mais caras em relação a 2010 e as terras de segunda tiveram seus preços médios majorados em mais de 10% na mesma base de comparação.

A evolução dos preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais apresentou comportamento diferenciado nos últimos anos. Enquanto produtos para energia, como lenha e carvão, têm apresentado crescimento real em seus preços, as madeiras roliças para uso em construções, como linhas e escoras, vêm apresentando pouca variação nos preços (Tabela 17). Pode-se constatar também certa estabilidade na variação dos preços pagos ao produtor pela madeira de pinus para celulose e para MDF e MDP.

Os preços recentes das toras de madeira para uso industrial também evoluíram de forma diferenciada entre as diversas matérias-primas. Nos últimos 12 meses, as toras de eucalipto tiveram queda de preços para o produtor (Tabela 18). Nesse período, as toras de pinus para processamento mecânico, especialmente a madeira mais grossa, com mais de 40cm de diâmetro, foi mais valorizada pelo mercado, conforme mostra a Tabela 18.

A expectativa para os próximos anos é de que os preços sigam trajetórias que diferenciem ainda mais o valor das toras segundo a espessura da madeira. No caso do pinus, para a bitola de até 20cm de diâmetro, onde se projeta uma oferta abundante, é esperada uma queda nos preços pagos pela madeira, ainda que a demanda siga a tendência de crescimento. Já para a madeira grossa com bitolas superiores a 35cm e 40cm, devido a uma expectativa de redução da oferta no médio prazo, a projeção é de que os preços venham a subir.

Tendências intermediárias podem ser traçadas para as toras finas e médias usadas para processamento mecânico. Como a oferta tende a ser mais abundante, os preços das toras finas devem ser pressionados para baixo, em comparação com as toras de bitola média (25 a 35cm).

Tabela 16/I. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2006-12⁽¹⁾

(R\$)

Produto	Unidade	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Muda de eucalipto	milheiro	170,00	180,00	190,00	210,00	210,00	210,00	215,00
Muda de pinus	milheiro	190,00	200,00	210,00	220,00	220,00	230,00	235,00
Muda de erva-mate	milheiro	260,00	310,00	410,00	520,00	570,00	690,00	765,00
Formicida granulado	500 g	4,04	4,06	4,15	4,45	4,63	4,59	4,96
Muda de palmeira real	milheiro	270,00	250,00	220,00	210,00	190,00	190,00	195,00
Muda de palmito jussara	milheiro	270,00	250,00	230,00	250,00	280,00	270,00	280,00
Terra de campo nativo	ha	2.541,15	3.934,80	4.231,71	5.203,09	7.300,00	8.310,11	10.330,33
Terra de segunda	ha	5.281,33	6.821,25	7.591,29	8.820,39	8.963,72	9.931,28	12.011,07
Terra de primeira	ha	10.297,07	14.533,17	15.712,38	14.520,62	16.279,89	20.115,68	22.870,90

⁽¹⁾ Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 17/I. Preço médio de produtos e matérias-primas florestais - Santa Catarina - 2009-12

(R\$)

Produto	Unidade	2009 ⁽¹⁾	2010	2011	2012 ⁽²⁾
Carvão vegetal	m3	60,54	73,53	84,83	...
Erva mate verde nativa (no pé)	arroba	5,74	5,79	5,89	6,13
Erva mate verde plantada (no pé)	arroba	3,44	3,51	3,66	4,13
Lenha de eucalipto (em pé)	estéreo	16,67	20,13	22,84	24,01
Lenha de eucalipto (posto indústria)	estéreo	41,71	44,04	46,79	48,53
Madeira pinus p/celulose (em pé)	t	25,50	26,55	28,66	33,41
Madeira pinus p/celulose (posto indústria)	t	57,24	56,63	59,64	61,56
Madeira roliça p/construção (estaleirada na propriedade)	m	1,74	1,63	1,66	1,94
Madeira roliça p/escora (estaleirada na propriedade)	unidade	2,87	2,78	2,86	2,90

⁽¹⁾ Média de jun. a dez.⁽²⁾ Média de jan. a jun.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 18/I. Preços médios da madeira de pinus e eucalipto para processamento mecânico jul/11-jun/12

(R\$)

Produto ⁽¹⁾	Jul./11	Set./11	Dez./11	Fev./12	Abr./12	Jun./12
Madeira tora eucalipto - até 30 cm de diâmetro (em pé)	58,48	55,94	55,47	54,60	52,93	53,07
Madeira tora eucalipto - mais de 30 cm de diâmetro (em pé)	79,70	84,40	85,11	85,86	84,64	73,00
Madeira tora eucalipto - até 30 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	84,25	90,98	94,18	94,71	94,49	81,21
Madeira tora eucalipto - mais de 30 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	101,25	98,06	100,21	100,54	100,54	100,71
Madeira tora pinus - 20 a 30 cm de diâmetro (em pé)	56,67	58,40	56,05	55,45	54,58	57,98
Madeira tora pinus - 30 a 40 cm de diâmetro (em pé)	77,98	76,11	75,33	76,17	77,15	80,80
Madeira tora pinus - mais de 40 cm de diâmetro (em pé)	90,45	99,17	100,81	100,81	100,67	104,68
Madeira tora pinus - 20 a 30 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	69,17	83,75	82,50	82,21	81,46	82,29
Madeira tora pinus - 30 a 40 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	101,00	108,45	108,27	109,88	112,30	108,13
Madeira tora pinus - mais de 40 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	112,32	127,26	129,01	128,23	127,54	129,21
Madeira tora pinus - 20 a 30 cm de diâmetro (posto indústria)	97,57	103,61	102,43	103,68	108,17	107,35
Madeira tora pinus - 30 a 40 cm de diâmetro (posto indústria)	121,60	130,60	130,86	130,54	132,56	125,22
Madeira tora pinus - mais de 40 cm de diâmetro (posto indústria)	139,38	148,89	148,57	147,07	150,26	151,24

⁽¹⁾ Em m³.

Fonte: Epagri/Cepa.

Desempenho do
setor florestal

Exportações catarinenses de produtos florestais

O valor exportado de móveis de madeira por Santa Catarina em 2011 foi menos da metade do alcançado em 2005

As exportações da indústria catarinense de base florestal voltaram a se encolher em 2011. Foi exportado no ano passado pelo setor 803 milhões de dólares, uma retração de 3,4% em relação a 2010 (Tabela 19).

De 1993 a 2004, a participação da indústria florestal nas exportações catarinenses passou de 14,6% para quase 24%. Em 2011 os produtos de origem florestal contribuíram com menos de 10% do valor exportado pelo Estado (Figura 14). No segmento de madeiras, os itens que mais contribuíram para a queda nas exportações em 2011 foram os compensados e as portas e janelas, enquanto os móveis para escritório compuseram o item de maior retração no segmento de móveis de madeira.

Após um longo período de crescimento das exportações de madeiras maciças e de móveis, a crise da construção civil nos Estados Unidos instalada em 2007 iniciou um ciclo de baixo desempenho exportador para esses dois segmentos do setor florestal de Santa Catarina (Figura 15). A crise econômica nos países europeus e a lenta retomada do crescimento econômico nos Estados Unidos estão contribuindo para retardar a esperada retomada das exportações brasileiras de madeira e móveis.

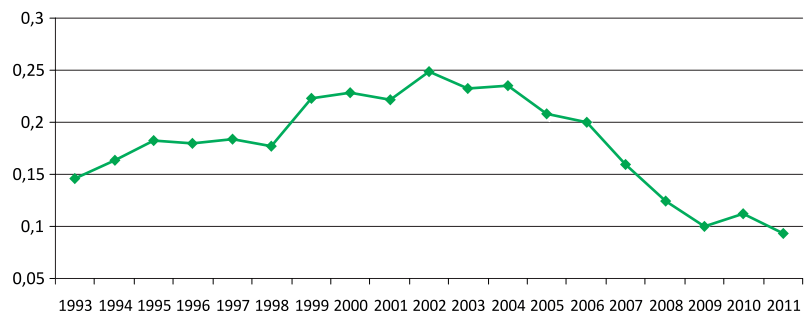
Nos próximos anos o mercado interno deverá continuar representando a tábua de salvação para as atividades produtivas da indústria catarinense de madeira e móveis.

Tabela 19/I. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 2006-11

(US\$ 1.000,00 - FOB)

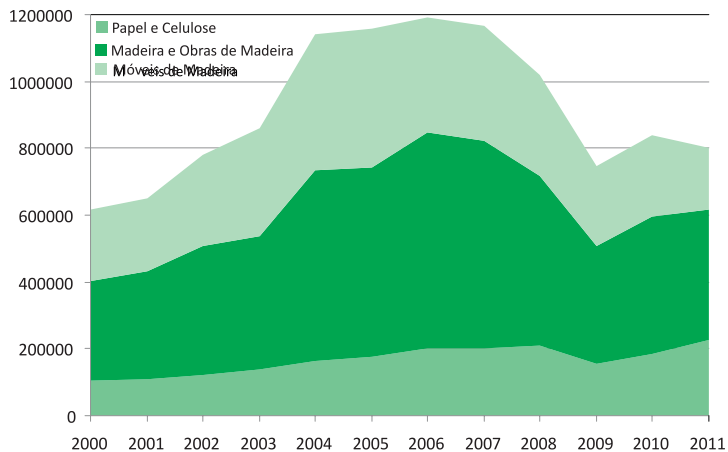
Item	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Erva-mate e derivados	3.487	8.625	14.207	14.034	17.728	15.706
Madeira e obras de madeira	646.717	620.319	507.511	349.382	410.139	390.124
Madeira serrada	89.761	91.806	75.709	58.203	68.952	76.118
Madeira laminada	1.500	8.082	3.124	497	676	2.615
Madeira perfilada	55.806	36.722	21.793	9.950	17.353	18.293
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	18.090	16.294	12.693	9.053	7.289	4.990
Painéis de madeira compensada	126.650	144.916	140.104	95.973	112.693	91.652
Molduras de madeira	25.192	11.369	10.005	10.613	14.079	13.516
Caixas, engradados e pallets	1.051	1.931	3.418	5.550	9.088	8.798
Ferramentas, armações e cabos	32.794	29.104	31.417	20.102	25.436	30.537
Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	245.780	233.166	178.846	122.283	137.669	126.410
Outras madeiras e obras de madeira	48.184	38.698	22.473	13.342	14.123	13.900
Papel e celulose	200.907	202.166	208.047	150.153	173.835	226.517
Pasta de celulose e papel sanitário	16.655	3.498	2.856	1.662	2.573	3.156
Embalagens e pasta "quate"	34.036	42.976	40.101	37.355	40.314	50.032
Papel e cartão kraft, kraftliner	143.527	148.109	157.104	111.120	130.946	163.551
Outras pastas e papéis	6.689	7.293	7.986	16	2	-
Móveis de madeira	345.352	342.486	303.800	240.680	245.155	185.988
Móveis de madeira p/escritório	14.972	14.950	9.937	5.698	5.121	3.031
Móveis de madeira p/cozinha	22.791	24.659	18.537	13.718	12.785	9.270
Móveis de madeira p/quartos	139.632	130.063	126.410	106.964	107.599	94.698
Outros móveis de madeira	137.079	140.098	117.074	90.921	96.017	62.735
Componentes p/móveis de madeira	30.665	31.562	30.954	22.381	23.235	16.263
Outros		1.018	888	999	398	-
Total produtos florestais - Santa Catarina	1.196.932	1.173.366	1.033.565	754.250	846.857	818.335
Total exportações - Santa Catarina	5.982.112	7.381.839	8.310.528	6.427.614	7.582.027	9.051.047

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Aliceweb.



Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Figura 14/I. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses (%) 1993-2011



Fonte: MDIC/Secex - Sistema Aliceweb.

Figura 15/I. Evolução da composição das exportações catarinenses de produtos florestais, por segmento (mil de dólares) - 2000-11

CRÉDITO RURAL

Tabajara Marcondes
Engº Agrº Epagri/Cepa
Tabajara@epagri.sc.gov.br

Crédito geral

A cada lançamento dos Planos Agrícola e Pecuário e do Plano Safra da Agricultura Familiar, o governo federal tem anunciado ampliação da disponibilidade de recursos e alterações nas linhas de crédito, normalmente com o objetivo de reduzir eventuais dificuldades de acesso para os agricultores em geral e agricultores familiares em particular.

Embora ano a ano se observe que os recursos tomados pelos agricultores não alcançam os totais anunciados, e que nem sempre o número de contratos seja crescente, o fato é que os valores do crédito rural brasileiro têm aumentado sensivelmente ao longo dos anos recentes.

Em 2011, mesmo com uma pequena redução no número de contratos, houve crescimento de quase 15% no valor total aplicado, que ficou acima de R\$94 bilhões. Em relação ao que ocorreu em 2010, esse crescimento não significou alteração sensível na distribuição entre as atividades agrícola e pecuária (Tabela 1).

Em relação às finalidades dos financiamentos (custeio, investimento e comercialização), mais do que o predomínio do crédito de custeio e de um pequeno aumento na participação do crédito de investimento nos anos recentes, o que chama a atenção é que o valor médio dos contratos de custeio e investimento tem aumentado significativamente ao longo dos anos. A partir da relação entre o valor e o número de contratos, constata-se que, de 2007 para 2011, o valor médio dos contratos de custeio saltou de R\$21,6 mil para R\$46 mil e o de investimento, de R\$7,2 mil para R\$23,1 mil (Tabela 2).

Em 2011, repetiu-se em Santa Catarina o que se observou no território nacional: redução no número de contratos e ampliação no valor aplicado. A diferença é que no Estado a queda no número de contratos foi mais significativa (11%) e o crescimento do valor (9,9%) mais discreto que o do País. Além disso, na distribuição entre as atividades, constata-se novamente a ampliação da participação da pecuária (Tabela 3).

No que diz respeito às finalidades dos financiamentos (custeio, investimento e comercialização), no caso de Santa Catarina, o ano de 2011 não apresentou mudanças distributivas significativas, além do que manteve a tendência dos últimos anos de crescimento do valor médio dos contratos de custeio e investimento, que, respectivamente, passaram de R\$13,6 mil e R\$17,3 mil, em 2007, para R\$27,8 mil e R\$38,7 mil, em 2011 (Tabela 4).

Uma comparação entre as tabelas acima mostra que no período de 2007 a 2011 os produtores e cooperativas catarinenses responderam, em média, por 8,3% dos contratos e por 7% do valor do crédito rural brasileiro.

Tabela 1/I. Crédito rural – Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade – Brasil – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2007	1.533	1.432	2.965	37.375	13.790	51.165
2008	1.475	960	2.435	49.782	16.390	66.172
2009	1.480	1.025	2.506	54.316	20.870	75.186
2010	1.291	1.046	2.336	56.932	25.145	82.077
2011	1.237	1.081	2.318	64.945	29.167	94.113

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 2/I. Crédito rural – Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade – Brasil – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)				Valor dos contratos (em milhões de R\$)			
	Custeio	Investimento	Comercialização	Total	Custeio	Investimento	Comercialização	Total
2007	1.415	1.505	45	2.965	30.603	10.909	9.653	51.165
2008	1.388	998	50	2.435	39.341	14.268	12.563	66.172
2009	1.414	1.025	67	2.506	42.839	17.549	14.798	75.186
2010	1.232	1.038	66	2.336	45.809	20.926	15.341	82.077
2011	1.154	1.066	97	2.318	53.077	24.642	16.394	94.113

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 3/I. Crédito rural – Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade – SC – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2007	174	29	203	2.543	994	3.538
2008	188	28	216	3.512	1.125	4.638
2009	187	44	231	3.771	1.770	5.541
2010	164	42	206	3.622	2.154	5.776
2011	138	45	183	3.594	2.756	6.350

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 4/I. Crédito rural – Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade – SC – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)				Valor dos contratos (em milhões de R\$)			
	Custeio	Investimento	Comercialização	Total	Custeio	Investimento	Comercialização	Total
2007	168	32	3	203	2.290	558	690	3.538
2008	177	36	3	216	2.762	911	965	4.638
2009	176	51	4	231	3.017	1.399	1.125	5.541
2010	155	48	4	206	3.277	1.451	1.049	5.776
2011	138	42	3	183	3.836	1.623	891	6.350

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Crédito via Pronaf

No que diz respeito especificamente ao crédito concedido no País aos agricultores familiares, via Pronaf (Tabela 5), de 2010 para 2011 repete-se o observado no crédito em geral: redução do número de contratos (-2,8%) e aumento no valor aplicado (11%). Com isso, praticamente não se alterou a participação do Pronaf no total do crédito. No período de 2007 a 2011, o Pronaf representou 66,2% do número de contratos e 14,1% do valor do crédito rural concedido à agricultura brasileira (comparativo entre as tabelas 5 e 1).

Em relação às finalidades (Tabela 6), ao contrário do que ocorre no crédito rural em geral, o Pronaf¹ tem sido mais utilizado para investimento do que para custeio da agricultura familiar brasileira, mas, tanto num como em outro caso, tem havido aumento no valor médio dos contratos: de 2007 para 2011, o valor médio dos contratos de custeio passou de R\$ 4,6 mil para R\$ 9,6 mil; e o de investimento, de R\$ 3,0 mil para R\$ 7,9 mil.

Em Santa Catarina (Tabela 7), a redução do número de contratos foi mais significativa (-7%) e aumento no valor aplicado (6,9%) mais discreto que o observado no País. Uma diferença importante do Estado em relação ao País é a participação do Pronaf no valor total do crédito rural (comparativo entre as tabelas 7 e 3): no período de 2007 a 2011, o Pronaf representou em média 25,3% do valor total do crédito rural catarinense; no País, representou 14,1%.

Outro aspecto que chama atenção na aplicação do Pronaf em Santa Catarina é a grande predominância de número de contratos no crédito de custeio: no período de 2007 a 2011, essa finalidade respondeu, em média, por 75,7% do número total de contratos do Pronaf no Estado (Tabela 8).

A importância do Pronaf fica bem caracterizada quando se constata que no período de 2007 a 2011 o programa respondeu por 57,7% do total dos contratos realizados pelos agricultores catarinenses, o que fica ainda mais evidente no caso da pecuária, cujo percentual alcança 69%. Nesse período o Estado participou, em média, com 7,2% do número de contratos e 12,5% do valor aplicado na agricultura brasileira via Pronaf.

Seguindo a trajetória de ampliação e facilitação do acesso aos recursos do crédito rural, o governo federal anunciou que o Plano Agrícola e Pecuário 2012/13 disponibilizará R\$115,2 bilhões, 7,5% acima dos R\$107,21 bilhões anunciados no Plano 2011/2012. Para o Plano Safra da Agricultura Familiar 2012/13 foram anunciados R\$ 18 bilhões para o crédito via Pronaf, valor 12,5% acima dos R\$16 bilhões anunciados nos planos 2010/11 e 2011/2012. Tanto para a agricultura em geral quanto para os agricultores familiares foram anunciadas também reduções nas taxas de juros para as diferentes finalidades do crédito rural.

⁽¹⁾ O Pronaf não financia operações de comercialização.

Tabela 5/l. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores, por atividade – Brasil – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2007	950	973	1.923	4.532	2.591	7.123
2008	857	693	1.551	5.909	2.755	8.665
2009	899	806	1.705	6.979	4.240	11.219
2010	770	815	1.585	7.048	4.940	11.989
2011	703	836	1.540	7.736	5.568	13.305

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 6/l. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores por finalidade – Brasil – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Custeio	Investimento	Total	Custeio	Investimento	Total
2007	862	1.061	1.923	3.976	3.147	7.123
2008	795	756	1.551	4.917	3.748	8.665
2009	836	869	1.705	5.458	5.761	11.219
2010	714	871	1.585	5.716	6.273	11.989
2011	661	879	1.540	6.365	6.939	13.305

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 7/l. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores, por atividade – SC – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2007	95,8	18,3	114,1	643,54	147,64	791,18
2008	95,6	17,8	113,4	895,56	174,18	1.069,74
2009	104,6	31,9	136,6	1.105,23	373,02	1.478,25
2010	91,1	30,2	121,3	1.162,68	428,64	1.591,31
2011	79,1	33,7	112,8	1.169,42	532,02	1.701,45

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 8/l. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores, por finalidade – SC – 2007-11

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Custeio	Investimento	Total	Custeio	Investimento	Total
2007	92,3	21,8	114,1	538,1	253,1	791,2
2008	90,5	22,9	113,4	621,0	448,8	1.069,7
2009	98,4	38,2	136,6	777,8	700,4	1.478,2
2010	87,4	33,9	121,3	848,4	742,9	1.591,3
2011	83,3	29,5	112,8	980,6	720,9	1.701,4

Fonte: Banco Central do Brasil – Anuário Estatístico do Crédito Rural.

DIVISÃO DO TERRITÓRIO CATARINENSE E POPULAÇÃO

Tabela 1/II. Área territorial, população residente total, urbana e rural - 2010
(nº pessoas)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População		
		Total	Urbana	Rural
Santa Catarina	95.346,18	6.248.436	5.247.913	1.000.523
Mesorregião: Oeste Catarinense	27.365,70	1.200.712	860.563	340.149
MRG: São Miguel do Oeste	4.241,99	174.732	101.195	73.537
Anchieta	228,58	6.380	2.586	3.794
Bandeirante	146,26	2.906	931	1.975
Barra Bonita	93,47	1.878	279	1.599
Belmonte	93,6	2.635	1.273	1.362
Descanso	285,57	8.634	4.297	4.337
Dionísio Cerqueira	377,7	14.811	10.191	4.620
Guaraciaba	330,65	10.498	4.924	5.574
Guarujá do Sul	100,55	4.908	2.655	2.253
Iporã do Oeste	202,37	8.409	4.122	4.287
Itapiranga	280,12	15.409	7.616	7.793
Mondáí	200,98	10.231	6.305	3.926
Palma Sola	331,78	7.765	4.468	3.297
Paraíso	178,61	4.080	1.451	2.629
Princesa	86,22	2.758	1.004	1.754
Riqueza	190,28	4.838	2.154	2.684
Romelândia	223,75	5.551	2.008	3.543
Santa Helena	80,98	2.382	882	1.500
São João do Oeste	163,65	6.036	2.119	3.917
São José do Cedro	279,58	13.684	8.447	5.237
São Miguel do Oeste	234,4	36.306	32.065	4.241
Tunápolis	132,91	4.633	1.418	3.215
MRG: Chapecó	6.045,92	405.066	298.985	106.081
Águas de Chapecó	139,13	6.110	3.236	2.874
Águas Frias	75,16	2.424	981	1.443
Bom Jesus do Oeste	67,9	2.132	647	1.485
Caibi	171,71	6.219	3.578	2.641
Campo Erê	478,73	9.370	6.252	3.118
Caxambu do Sul	140,58	4.411	2.155	2.256
Chapecó	624,31	183.530	168.113	15.417
Cordilheira Alta	83,77	3.767	1.448	2.319
Coronel Freitas	234,16	10.213	6.067	4.146
Cunha Porã	220,29	10.613	6.519	4.094
Cunhataí	54,51	1.882	569	1.313
Flor do Sertão	58,71	1.588	328	1.260
Formosa do Sul	99,58	2.601	1.084	1.517
Guatambú	204,76	4.679	1.749	2.930
Iraceminha	164,38	4.253	1.468	2.785
Irati	69,8	2.096	449	1.647
Jardinópolis	68,1	1.766	799	967
Maravilha	169,45	22.101	18.087	4.014
Modelo	92,72	4.045	2.692	1.353
Nova Erechim	64,4	4.275	3.211	1.064
Nova Itaberaba	137,58	4.267	1.530	2.737
Novo Horizonte	151,67	2.750	921	1.829
Palmitos	350,69	16.020	9.871	6.149
Pinhalzinho	128,3	16.332	13.615	2.717
Planalto Alegre	62,63	2.654	1.067	1.587
Quilombo	279,28	10.248	5.746	4.502

(Continua)

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Chapecó (continuação)				
Saltinho	156,53	3.961	1.255	2.706
Santa Terezinha do Progresso	119	2.896	539	2.357
Santiago do Sul	73,56	1.465	650	815
São Bernardino	144,96	2.677	719	1.958
São Carlos	158,99	10.291	6.902	3.389
São Lourenço do Oeste	369,48	21.792	16.880	4.912
São Miguel da Boa Vista	71,92	1.904	439	1.465
Saudades	205,55	9.016	5.123	3.893
Serra Alta	90,44	3.285	1.835	1.450
Sul Brasil	112,7	2.766	1.011	1.755
Tigrinhos	57,44	1.757	343	1.414
União do Oeste	93,06	2.910	1.107	1.803
MRG: Xanxerê	4.805,76	152.465	104.253	48.212
Abelardo Luz	955,37	17.100	9.570	7.530
Bom Jesus	63,55	2.526	1.495	1.031
Coronel Martins	107,41	2.458	685	1.773
Entre Rios	105,17	3.018	928	2.090
Faxinal dos Guedes	339,64	10.661	7.718	2.943
Galvão	121,9	3.472	2.347	1.125
Iguaçu	261,39	6.798	1.377	5.421
Jupia	91,71	2.148	1.044	1.104
Lajeado Grande	65,93	1.490	648	842
Marema	103,62	2.203	760	1.443
Ouro Verde	189,27	2.271	715	1.556
Passos Maia	614,43	4.425	1.099	3.326
Ponte Serrada	564,01	11.031	7.624	3.407
São Domingos	383,65	9.491	6.313	3.178
Vargeão	166,45	3.532	1.820	1.712
Xanxerê	377,55	44.128	39.143	4.985
Xaxim	294,72	25.713	20.967	4.746
MRG: Joaçaba	9.136,38	326.459	262.747	63.712
Água Doce	1.313,01	6.961	3.433	3.528
Arroio Trinta	94,33	3.502	2.397	1.105
Caçador	981,9	70.762	64.457	6.305
Calmon	639,53	3.387	2.115	1.272
Capinzal	333,98	20.769	17.754	3.015
Catanduvas	198,03	9.555	8.094	1.461
Erval Velho	207,69	4.352	2.842	1.510
Fraiburgo	546,25	34.553	30.291	4.262
Herval d'Oeste	222,41	21.239	18.851	2.388
Ibiam	147,33	1.945	695	1.250
Ibicare	150,51	3.373	1.557	1.816
Iomerê	114,74	2.739	907	1.832
Jaborá	191,12	4.041	1.605	2.436
Joaçaba	232,35	27.020	24.924	2.096
Lacerdópolis	68,45	2.199	1.160	1.039
Lebon Régis	940,66	11.838	7.522	4.316
Luzerna	116,83	5.600	4.259	1.341
Macieira	260,07	1.826	501	1.325
Matos Costa	432,18	2.839	1.465	1.374
Ouro	206,23	7.372	4.844	2.528

(Continua)

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Joaçaba (continuação)				
Pinheiro Preto	65,71	3.147	1.700	1.447
Rio das Antas	317,19	6.143	2.740	3.403
Salto Veloso	105,04	4.301	3.402	899
Tangará	389,18	8.674	4.984	3.690
Treze Tílias	185,21	6.341	4.715	1.626
Vargem Bonita	298,61	4.793	2.677	2.116
Videira	377,85	47.188	42.856	4.332
MRG: Concórdia	3.135,66	141.990	93.383	48.607
Alto Bela Vista	103,59	2.005	605	1.400
Arabutã	132,23	4.193	1.307	2.886
Arvoredo	90,71	2.260	501	1.759
Concórdia	797,26	68.621	54.865	13.756
Ipira	150,3	4.752	2.521	2.231
Ipumirim	247,07	7.220	3.148	4.072
Irani	321,56	9.531	6.520	3.011
Itá	165,46	6.426	4.057	2.369
Lindóia do Sul	195	4.642	1.930	2.712
Paial	85,76	1.763	336	1.427
Peritiba	96,41	2.988	1.481	1.507
Piratuba	145,7	4.786	2.855	1.931
Presidente Castello Branco	76,94	1.725	553	1.172
Seara	312,54	16.936	11.586	5.350
Xavantina	215,07	4.142	1.118	3.024
Mesorregião: Norte Catarinense	15.937,77	1.212.843	1.063.909	148.934
MRG: Canoinhas				
Bela Vista do Toldo	534,62	6.004	847	5.157
Canoinhas	1.144,84	52.765	39.273	13.492
Irineópolis	591,29	10.448	3.519	6.929
Itaiópolis	1.295,32	20.301	10.737	9.564
Mafra	1.404,21	52.912	41.318	11.594
Major Vieira	525,99	7.479	2.961	4.518
Monte Castelo	561,73	8.346	4.849	3.497
Papanduva	759,83	17.928	9.184	8.744
Porto União	851,24	33.493	28.266	5.227
Santa Terezinha	716,25	8.767	1.513	7.254
Timbó Grande	596,94	7.167	4.083	3.084
Três Barras	438,07	18.129	15.365	2.764
MRG: São Bento do Sul	1.900,12	126.395	114.819	11.576
Campo Alegre	496,15	11.748	7.237	4.511
Rio Negrinho	908,39	39.846	36.348	3.498
São Bento do Sul	495,58	74.801	71.234	3.567
MRG: Joinville	4.617,33	842.709	787.175	55.534
Araquari	401,83	24.810	23.353	1.457
Balneário Barra do Sul	110,43	8.430	8.035	395
Corupá	405	13.852	10.669	3.183
Garuva	501,39	14.761	11.451	3.310
Guaramirim	268,12	35.172	28.046	7.126
Itapoá	257,16	14.763	14.172	591
Jaraguá do Sul	532,59	143.123	132.800	10.323
Joinville	1.130,88	515.288	497.850	17.438
Massaranduba	373,3	14.674	7.606	7.068
São Francisco do Sul	492,82	42.520	39.490	3.030
Schroeder	143,82	15.316	13.703	1.613

(Continua)

Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População		
		Total	Urbana	Rural
Mesorregião: Serrana	22.231,94	406.741	332.431	74.310
MRG: Curitibaanos	6.505,93	122.626	99.324	23.302
Abdon Batista	235,6	2.653	724	1.929
Brunópolis	335,51	2.850	705	2.145
Campos Novos	1.659,63	32.824	27.064	5.760
Curitibaanos	952,28	37.748	34.769	2.979
Frei Rogério	157,85	2.474	706	1.768
Monte Carlo	162,79	9.312	8.076	1.236
Ponte Alta	566,75	4.894	3.578	1.316
Ponte Alta do Norte	400,97	3.303	3.007	296
Santa Cecília	1,145,32	15.757	13.663	2.094
São Cristovão do Sul	348,96	5.012	3.800	1.212
Vargem	350,12	2.808	896	1.912
Zortéa	190,15	2.991	2.336	655
MRG: Campos de Lages	15.726,01	284.115	233.107	51.008
Anita Garibaldi	588,61	8.623	4.551	4.072
Bocaina do Sul	496,25	3.290	967	2.323
Bom Jardim da Serra	935,18	4.395	2.397	1.998
Bom Retiro	1.055,50	8.942	6.417	2.525
Campo Belo do Sul	1.027,41	7.483	4.406	3.077
Capão Alto	1.335,28	2.753	962	1.791
Celso Ramos	207,41	2.771	872	1.899
Cerro Negro	416,77	3.581	764	2.817
Correia Pinto	651,61	14.785	12.022	2.763
Lages	2.644,31	156.727	153.937	2.790
Otacílio Costa	846,58	16.337	14.891	1.446
Painel	742,1	2.353	945	1.408
Palmeira	292,22	2.373	925	1.448
Rio Rufino	282,57	2.436	688	1.748
São Joaquim	1.885,61	24.812	17.573	7.239
São José do Cerrito	946,24	9.273	2.492	6.781
Urubici	1.019,23	10.699	7.066	3.633
Urupema	353,13	2.482	1.232	1.250
Mesorregião: Vale do Itajaí	13.102,09	1.508.980	1.321.993	186.987
MRG: Rio do Sul	5.267,57	204.894	141.085	63.809
Agronômica	135,92	4.904	1.858	3.046
Aurora	206,95	5.549	1.931	3.618
Braço do Trombudo	89,68	3.457	1.898	1.559
Dona Emma	181,02	3.721	1.868	1.853
Ibirama	246,71	17.330	14.813	2.517
José Boiteux	405,52	4.721	1.611	3.110
Laurentino	79,51	6.004	4.374	1.630
Lontras	198,4	10.244	7.014	3.230
Mirim Doce	336,31	2.513	1.202	1.311
Pouso Redondo	359,52	14.810	9.024	5.786
Presidente Getúlio	295,65	14.887	10.535	4.352
Presidente Nereu	224,67	2.284	808	1.476
Rio do Campo	506,2	6.192	2.632	3.560
Rio do Oeste	245,63	7.090	3.390	3.700
Rio do Sul	258,4	61.198	56.785	4.413
Salete	179,31	7.370	4.987	2.383
Taió	693,03	17.260	9.964	7.296
Trombudo Central	102,8	6.553	4.101	2.452
Vitor Meireles	371,56	5.207	1.445	3.762
Witmarsum	150,8	3.600	845	2.755

(Continua)

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Blumenau	4.752,98	677.376	609.704	67.672
Apiúna	493,53	9.600	4.288	5.312
Ascurra	111,67	7.412	6.457	955
Benedito Novo	385,4	10.336	5.804	4.532
Blumenau	519,84	309.011	294.773	14.238
Botuverá	303,02	4.468	1.310	3.158
Brusque	283,45	105.503	102.025	3.478
Doutor Pedrinho	375,76	3.604	2.019	1.585
Gaspar	386,35	57.981	47.126	10.855
Guabiruba	173,59	18.430	17.066	1.364
Indaial	430,53	54.854	52.927	1.927
Luiz Alves	260,08	10.438	3.256	7.182
Pomerode	215,9	27.759	23.823	3.936
Rio dos Cedros	555,65	10.284	5.110	5.174
Rodeio	130,94	10.922	9.424	1.498
Timbó	127,25	36.774	34.296	2.478
MRG: Itajaí	1.551,36	570.947	542.000	28.947
Balneário Camboriú	46,49	-	108.089	-
Balneário Piçarras	99,07	17.078	15.500	1.578
Barra Velha	140,16	22.386	21.320	1.066
Bombinhas	34,49	-	14.293	-
Camboriú	214,5	62.361	59.231	3.130
Ilhota	253,44	12.355	7.898	4.457
Itajaí	289,26	183.373	173.452	9.921
Itapema	59,02	45.797	44.659	1.138
Navegantes	111,46	60.556	57.402	3.154
Penha	58,78	25.141	23.064	2.077
Porto Belo	92,76	16.083	15.167	916
São João do Itaperiú	151,93	3.435	1.925	1.510
MRG: Ituporanga	1.530,19	55.763	29.204	26.559
Agrolândia	207,12	9.323	5.959	3.364
Atalanta	94,53	3.300	1.368	1.932
Chapadão do Lageado	124,47	2.762	513	2.249
Imbuia	121,89	5.707	2.515	3.192
Ituporanga	336,96	22.250	14.832	7.418
Petrolândia	306,15	6.131	2.225	3.906
Vidal Ramos	339,07	6.290	1.792	4.498
Mesorregião: Grande Florianópolis	6.999,43	994.095	915.864	78.231
MRG: Tijucas	2.127,69	91.907	68.600	23.307
Angelina	499,95	5.250	1.123	4.127
Canelinha	151,41	10.603	6.726	3.877
Leoberto Leal	291,19	3.365	820	2.545
Major Gercino	285,68	3.279	1.249	2.030
Nova Trento	402,12	12.190	9.129	3.061
São João Batista	220,73	26.260	23.551	2.709
Tijucas	276,62	30.960	26.002	4.958
MRG: Florianópolis	2.488,59	878.260	838.779	39.481
Antônio Carlos	229,12	7.458	2.341	5.117
Biguaçu	324,52	58.206	52.758	5.448
Florianópolis	433,32	421.240	405.286	15.954
Governador Celso Ramos	93,06	12.999	12.252	747
Palhoça	394,66	137.334	135.311	2.023
Paulo Lopes	450,37	6.692	4.820	1.872
Santo Amaro da Imperatriz	310,74	19.823	14.970	4.853
São José	113,17	209.804	207.312	2.492
São Pedro de Alcântara	139,64	4.704	3.729	975

(Continuação)

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: MRG: Tabuleiro	2.383,15	23.928	8.485	15.443
Águas Mornas	360,76	5.548	2.327	3.221
Alfredo Wagner	732,28	9.410	2.868	6.542
Anitápolis	542,38	3.214	1.315	1.899
Rancho Queimado	286,43	2.748	1.290	1.458
São Bonifácio	461,3	3.008	685	2.323
Mesorregião: Sul Catarinense	9.709,25	925.065	753.153	171.912
MRG: Tubarão	4.657,66	374.859	295.724	79.135
Armazém	173,48	7.753	4.884	2.869
Braço do Norte	221,31	29.018	23.383	5.635
Capivari de Baixo	53,17	21.674	19.816	1.858
Garopaba	114,67	18.138	15.320	2.818
Grão Pará	328,1	6.223	3.019	3.204
Gravatal	188,47	10.635	4.443	6.192
Imaruí	542,24	11.672	4.005	7.667
Imbituba	184,79	-	40.170	-
Jaguaruna	329,46	17.290	13.198	4.092
Laguna	440,53	51.562	40.655	10.907
Orleans	549,82	21.393	16.084	5.309
Pedras Grandes	171,82	4.107	1.261	2.846
Rio Fortuna	300,32	4.446	1.523	2.923
Sangão	83,06	10.400	4.856	5.544
Santa Rosa de Lima	202,98	2.065	518	1.547
São Ludgero	107,57	10.993	9.863	1.130
São Martinho	224,53	3.209	1.231	1.978
Treze de Maio	161,08	6.876	3.401	3.475
Tubarão	300,27	97.235	88.094	9.141
MRG: Criciúma	2.089,38	369.398	331.850	37.548
Cocal do Sul	71,21	15.159	12.696	2.463
Criciúma	235,53	192.308	189.630	2.678
Forquilha	181,92	22.548	18.426	4.122
Içara	292,78	58.833	53.913	4.920
Lauro Muller	270,51	14.367	11.106	3.261
Morro da Fumaça	82,94	16.126	13.863	2.263
Nova Veneza	293,56	13.309	8.927	4.382
Siderópolis	262,7	12.998	10.051	2.947
Treviso	157,67	3.527	1.833	1.694
Urussanga	240,48	20.223	11.405	8.818
MRG: Araranguá	2.962,21	180.808	125.579	55.229
Araranguá	303,8	61.310	50.526	10.784
Balneário Arroio do Silva	93,82	9.586	9.391	195
Balneário Gaivotas	147,71	8.234	6.363	1.871
Ermo	63,87	2.050	619	1.431
Jacinto Machado	428,65	10.609	5.133	5.476
Maracajá	63,4	6.404	4.256	2.148
Meleiro	186,62	7.000	3.649	3.351
Morro Grande	256,47	2.890	756	2.134
Passo de Torres	95,05	6.627	5.873	754
Praia Grande	278,58	7.267	4.297	2.970
Santa Rosa do Sul	151,44	8.054	3.746	4.308
São João do Sul	182,7	7.002	1.572	5.430
Sombrio	142,75	26.613	19.638	6.975
Timbé do Sul	333,43	5.308	1.845	3.463
Turvo	233,94	11.854	7.915	3.939

Fonte: IBGE - Censo Demográfico.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA

Tabela 2/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-11

Discriminação	(nº)						
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Cultivadores	909	751	405	546	437	535	237
Tratores de rodas (em cv)	1.614	1.372	2.206	3.474	5.013	4.724	3.048
Tratores de esteiras	25	7	8	24	40	40	39
Colheitadeiras	84	63	140	201	103	157	149
Retroescavadeiras	62	66	70	110	125	193	138
Total geral	2.694	2.259	2.829	4.355	5.718	5.649	3.611

Fonte: Anfavea.

Tabela 3/II. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-11

Discriminação	(t)			
	2005	2007	2009	2011
Fertilizantes	612.376	662.237	705.656	658.528
Nutrientes				
N	100.415	117.190	125.050	116.720
P2O5	72.844	83.788	99.983	80.082
K2O	78.696	83.643	76.532	71.210

Fonte: Anda.

Tabela 4/II - Oferta e demanda de carnes - Santa Catarina - 2010-11

Discriminação	(mil t)					
	Carne suína		Carne de frango		Carne bovina	
	2010	2011	2010	2011	2010	2011
Produção	747	773	1.723	1.807	109	108
Importação de outras U F	73	79
Exportação	146	184	1.020	1.043
Venda nacional	435	436	438	476
Disponibilidade estadual	149	153	265	288	181	187

Fonte: IBGE, Conab, MDIC/Secex - Sistema Aliceweb, Sindicarnes, ABIPECS, UBABEF e ABIEC.

Tabela 5/II . Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras 2010/11 - 2011/12

(mil t)

Produto	Oferta	Safrá 2010/11						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	16,4	-	3,5	3,5	2,0	0,4	9,4	7,0
Arroz	980,5	-	425,0	-	34,0	5,0	464,0	516,5
Banana	650,5	-	165,0	100,0	-	135,0	400,0	250,5
Batata	107,5	-	105,5	-	14,5	1,5	121,5	-14,0
Cebola	537,5	-	47,8	-	-	148,0	195,8	341,7
Feijão	156,7	-	72,2	1,0	3,0	8,0	84,2	72,5
Mandioca	506,3	152,0	32,0	304,0	-	10,0	498,0	8,3
Milho	3.539,0	5.075,0	70,0	40,0	-	50,0	5.235,0	-1.696,0
Soja	1.491,0	7,6	4,3	1.112,0	15,0	23,5	1.162,4	328,6
Trigo	241,1	-	-	324,5	16,9	2,0	343,4	-102,3

Fonte: Epagri/Cepa.

(mil t)

Produto	Oferta	Safrá 2011/12						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	18,8	-	4,0	4,0	2,3	0,5	10,8	8,0
Arroz	1.097,0	-	476,0	-	38,4	5,6	520,0	577,0
Banana	646,6	-	165,0	99,4	-	134,0	398,4	248,2
Batata	121,6	-	119,2	-	16,4	1,7	137,3	-15,7
Cebola	395,1	-	35,2	-	-	108,9	144,1	251,0
Feijão	115,6	-	53,3	1,0	2,2	6,0	62,5	53,1
Mandioca	520,7	156,0	33,0	312,0	-	11,0	512,0	8,7
Milho	2.947,0	5.398,5	71,5	42,3	2,0	41,7	5.556,0	-2.609,0
Soja	1.085,0	9,1	4,8	1.105,4	17,0	28,7	1.165,0	-80,0
Trigo	229,1	-	-	308,3	16,1	2,0	326,4	-97,3

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 6/II. Exportações do agronegócio catarinense - 2007-12

(US\$ FOB 1.000)

Produtos exportados	2007	2008	2009	2010	2011	2012⁽¹⁾
Produção animal e derivados	1.748.683	1.410.512	2.047.890	2.681.645	2.242.879	2.598.978
Carne suína	504.677	311.317	330.985	430.806	330.992	337.891
Carnes de frangos	1.063.008	966.458	1.552.912	2.042.372	1.721.412	2.019.803
Outras carnes de aves	74.970	60.507	67.279	87.170	69.245	96.106
Carne bovina	16.562	7.225	6.176	13.100	23.494	38.120
Outras carnes	45.909	24.380	39.151	56.055	50.538	58.059
Pescados e crustáceos	32.242	27.598	38.305	35.164	26.247	26.798
Mel natural	2.926	3.110	2.222	3.523	7.910	4.215
Outros produtos de origem animal	8.389	9.917	10.859	13.456	13.042	17.987
Produção vegetal e derivados	383.364	658.600	1.063.590	1.237.504	1.102.926	1.257.834
Soja - óleo	34.837	39.393	59.226	107.030	60.875	72.746
Soja - em grão, para semeadura e outros	32.498	47.110	306.139	186.547	97.863	141.006
Soja - farelos e farinhas	6.201	10.394	58	72	1.244	16.107
Milho	1.302	6.383	43.211	31.681	7.089	4.183
Arroz	282	356	1.282	5.868	17.388	1.665
Banana	12.111	9.051	11.669	13.099	16.522	16.253
Maçã	29.207	20.526	38.591	37.722	15.508	19.173
Outras frutas frescas ou secas	2.040	1.465	2.144	2.851	3.190	1.684
Frutas em conserva e doces	2.045	1.980	1.672	1.206	905	807
Sucos de frutas	19.656	17.788	23.652	37.429	26.065	33.217
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	5.921	7.384	6.235	3.463	2.201	1.626
Produtos hortícolas	1.137	365	1.502	189	437	410
Fécula de mandioca	698	623	315	1.024	542	1.164
Erva mate	1.100	3.487	8.625	14.207	14.034	17.728
Plantas ornamentais	174	288	449	527	492	401
Gomas e resinas	1.079	1.353	2.261	1.311	2.305	1.726
Fumo	213.366	465.898	534.483	758.662	813.660	873.880
Bebidas fermentadas e destiladas	731	1.116	1.348	1.587	1.443	2.153
Outros prod. vegetais e da agroindústria	18.978	23.641	20.728	33.029	21.163	51.908
Indústria da madeira, papel e papelão	1.157.663	1.192.464	1.163.937	1.017.591	746.248	838.886
Madeira e obras de madeiras	566.358	646.717	620.319	507.131	349.382	410.139
Móveis de madeira	414.919	344.967	341.389	302.466	239.539	244.697
Papel e papelão	176.386	200.779	202.230	207.994	157.326	184.051
Total geral do agronegócio	3.289.710	3.261.576	4.275.417	4.936.740	4.092.053	4.695.699
Total de Santa Catarina	5.584.125	5.965.687	7.381.839	8.310.528	6.427.614	7.582.027

⁽¹⁾ Até setembro de 2012.

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Aliceweb.

Tabela 7/II. Importações do agronegócio catarinenses - 2007-12

(US\$ FOB 1.000)

Produtos exportados	2007	2008	2009	2010	2011	2012⁽¹⁾
Produção animal e derivados	69.161	93.141	151.028	197.924	299.114	245.507
Animais vivos	231	187	0	0	220	450
Carnes de animais	4.104	7.363	9.233	15.094	19.800	12.553
Pescados e crustáceos	44.109	56.400	99.742	125.883	204.859	166.350
Laticínios e ovos	2.455	4.248	9.875	14.247	22.568	14.492
Preparações e conservas de carnes e pescados	4.187	4.060	6.614	20.802	29.255	33.591
Outros produtos de origem animal não comestíveis	14.076	20.883	25.564	21.898	22.413	18.072
Produção vegetal e derivados	482.112	731.927	671.967	721.795	933.965	674.229
Soja e derivados	35.678	52.518	34.543	18.804	7.051	8.872
Milho	42.398	50.849	18.665	20.296	37.171	16.997
Trigo	86.414	98.701	60.400	100.224	117.205	73.430
Arroz	934	1.989	4.460	6.964	3.464	4.467
Malte	40.899	77.976	99.268	35.009	1.343	1.008
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	33.454	72.005	89.110	40.375	56.625	20.670
Óleos e gorduras vegetais	59.309	73.792	76.147	80.964	123.423	82.375
Fumo	1.069	2.086	2.267	3.021	8.018	7.623
Uva	7.735	14.421	11.542	14.469	19.443	15.709
Maçã	7.148	7.444	6.567	8.211	15.345	7.185
Pera	12.965	21.460	22.399	26.131	27.935	123
Ameixa	9.542	11.645	9.234	8.993	10.977	8.230
Outras frutas frescas ou secas	9.552	19.980	10.155	21.800	33.253	53.870
Gomas e resinas	4.336	21.902	20.110	7.469	2.435	2.056
Cebola	1.534	6.725	4.282	11.108	9.867	6.044
Alho	6.125	7.683	12.721	38.545	60.287	30.750
Outros produtos hortícolas	9.992	42.352	25.273	48.942	60.315	62.978
Batatas preparadas ou conservadas	8.665	18.434	27.454	43.709	64.464	52.568
Leveduras	2.273	2.189	1.690	2.838	5.333	3.681
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	1.882	3.354	3.055	5.243	7.636	17.611
Outros prod. vegetais e da agroindústria	100.209	124.423	132.626	178.681	262.374	197.982
Indústria da madeira, papel e papelão	65.759	92.701	88.370	115.767	146.725	94.442
Madeira e obras de madeiras	16.274	18.128	16.010	18.860	22.941	17.381
Papel e papelão	49.484	74.574	72.360	96.906	123.784	77.061
Total geral do agronegócio	617.032	917.769	911.365	1.035.485	1.379.804	1.014.178
Total de Santa Catarina	5.001.944	7.940.724	7.283.252	11.974.291	14.847.049	10.794.391

⁽¹⁾ Até setembro de 2012.

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Aliceweb.

PREÇOS AGRÍCOLAS

Tabela 8/II. Preços mínimos do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF) - Período de vigência: 10/01/2011 a 09/01/2013

Produto	Regiões e Estados	Unidade de Medida	Vigência	Preço Garantidor (R\$)
Alho tipo 5 - Extra	Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste	kg	10/01/2011 e 9/07/2012	2,45
Leite	Sul, Sudeste	litro	10/07/2011 e 9/07/2012	0,64
Trigo (exceto PR)	RS/SC	sc (60Kg)	10/07/2011 e 9/07/2012	23,81
Triticale	Centro-Oeste, Sudeste e Sul	sc (60kg)	10/07/2011 e 9/07/2012	17,10
Arroz longo fino em casca	Sul (exceto PR)	sc (50 kg)	10/01/2012 e 9/01/2013	25,80
Banana	Brasil	20 kg	10/01/2012 e 9/01/2013	8,00
Cebola	Brasil	kg	10/01/2012 e 9/01/2013	0,56
Feijão	Brasil	sc (60kg)	10/01/2012 e 9/01/2013	76,00
Maçã	Sul	cx (18 kg)	10/01/2012 e 9/01/2013	8,00
Milho	Sul, Sudeste, Centro-Oeste (exceto MT e RO) e TO	sc (60kg)	10/01/2012 e 9/01/2013	18,02
Raiz de Mandioca	Centro-Oeste, Sudeste e Sul	t	10/01/2012 e 9/01/2013	134,10
Soja	Brasil (exceto MT, RO, AM, PA e AC)	sc (60kg)	10/01/2012 e 9/01/2013	25,11
Tomate	Brasil	kg	10/01/2012 e 9/01/2013	0,73

Fonte: Banco Central do Brasil - Resolução n. 3990, de 30 de junho de 2011.

Tabela 9/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Principais produtos agropecuários - Santa Catarina - 2009-12

Ano	Mês	Cebola pera	Batata	Alho	Farinha de	Mandioca	Banana	Banana	Fumo
		(pagamento 35 dias)	não lavada especial e primeira	Tipo 5	mandioca grossa		caturra	prata	TO2
		(sc 20 kg) Rio do Sul	(sc 50 kg) SC	(kg) Joaçaba	(sc 50 kg) Reg. Sul	(t) SC	(cx 20 e 22 kg) Reg.Norte	(cx 20 e 22 kg) Reg. Sul	(kg) SC
2009	Jan.	10,60	23,96	2,00	30,00	...	3,00	10,00	5,02
	Fev.	10,41	28,88	2,00	28,00	...	3,23	10,00	5,34
	Mar.	9,59	29,82	2,00	28,95	...	3,92	10,00	5,34
	Abr.	8,00	29,23	2,10	28,28	125,00	7,68	10,61	5,34
	Maio	8,95	36,59	2,85	28,00	136,10	7,25	12,00	5,67
	Jun.	...	43,38	4,20	28,00	139,88	6,03	12,00	5,67
	Jul.	...	41,75	4,20	28,00	135,42	6,90	12,07	5,67
	Ago.	28,00	129,44	8,86	12,35	5,67
	Set.	28,00	130,85	8,68	11,48	5,65
	Out.	24,50	31,90	125,00	9,00	10,15	5,68
	Nov.	27,60	35,20	...	7,66	10,00	5,68
	Dez.	14,75	39,06	...	34,00	...	4,20	9,96	5,67
2010	Jan.	14,00	...	4,50	5,67
	Fev.	14,71	40,96	4,68	38,71	...	3,29	5,14	5,67
	Mar.	18,04	44,00	4,81	40,00	...	6,36	10,43	5,68
	Abr.	21,05	41,97	4,95	...	190,00	7,56	...	5,68
	Maio	...	51,82	4,78	...	180,28	6,17	...	5,68
	Jun.	...	55,36	5,52	44,06	188,76	6,81	12,17	5,93
	Jul.	6,00	44,00	198,20	7,03	12,24	5,93
	Ago.	44,00	196,36	7,00	11,90	6,21
	Set.	40,70	189,00	7,55	11,93	6,21
	Out.	43,33	...	8,85	10,69	6,21
	Nov.	5,41	46,00	...	7,29	9,18	6,21
	Dez.	4,85	24,38	...	47,33	...	7,00	8,29	6,21
2011	Jan.
	Fev.	5,10	19,72	4,00	50,00	...	4,29	10,20	6,18
	Mar.	10,03	...	4,20	49,81	...	5,08	11,14	6,18
	Abr.	9,50	...	4,70	45,68	230,00	7,42	12,00	6,18
	Maio	9,42	31,79	5,21	43,63	209,74	6,83	12,50	6,18
	Jun.	...	26,69	6,22	40,00	198,83	6,40	12,62	6,18
	Jul.	6,25	38,00	192,18	6,84	13,00	6,18
	Ago.	37,03	192,16	8,35	11,97	6,18
	Set.	36,50	183,50	9,00	10,48	6,18
	Out.	36,50	205,00	9,00	10,00	6,18
	Nov.	10,06	38,08	...	6,97	9,60	6,18
	Dez.	8,13	16,00	...	41,00	...	6,50	9,38	6,18
2012	Jan.	12,00	16,63	1,65	8,89	...	6,18
	Fev.	15,94	19,00	1,55	41,05	...	8,92	13,68	6,37
	Mar.	14,95	...	2,20	42,00	...	8,84	14,07	6,37
	Abr.	16,94	...	2,50	39,53	...	12,07	14,90	6,37
	Maio	21,73	...	1,90	39,00	184,29	13,00	15,16	6,37
	Jun.	1,00	38,42	180,63	11,74	14,00	6,37
	Jul.	37,00	181,09	...	14,91	6,37
	Ago.	37,39	178,41	...	16,00	6,37
	Set.	42,89	181,63	...	16,00	6,37
	Out.	48,95	180,00	4,15	14,11	...

(Continua)

(Continuação)

(sc 60 kg)

Ano	Mês	Milho	Soja	Feijão preto		Feijão carioca		Arroz irrigado SC	Trigo intermediário SC	Trigo superior SC
		Chapecó	Chapecó	Chapecó	Canoinhas	Chapecó	Joaçaba			
2009	Jan.	20,70	47,38	138,00	140,00	109,50	90,00	32,00	24,71	26,66
	Fev.	20,09	46,81	107,19	113,53	77,19	84,23	32,00	25,87	27,52
	Mar.	18,39	43,59	72,95	74,09	70,00	...	30,23	25,98	27,61
	Abr.	17,92	45,36	70,00	70,00	70,00	...	29,34	25,83	27,50
	Mai	18,93	47,25	67,45	66,67	67,45	...	27,87	25,94	28,58
	Jun.	19,16	46,34	65,63	65,29	65,63	...	26,25	26,50	28,84
	Jul.	17,18	43,13	70,00	68,33	70,00	...	26,37	25,82	27,78
	Ago.	17,00	44,00	63,25	62,38	63,25	...	27,15	24,86	27,00
	Set.	17,00	43,31	61,90	60,00	60,00	...	27,21	24,33	26,39
	Out.	17,64	42,52	65,00	65,00	60,00	...	27,33	24,25	26,12
	Nov.	17,68	42,25	63,44	65,00	58,44	...	26,95	24,08	26,05
	Dez.	16,90	41,69	54,22	62,19	51,56	...	26,33	23,23	24,89
2010	Jan.	16,33	39,72	65,00	...	55,67	...	30,00	23,00	24,50
	Fev.	15,44	34,50	61,47	60,00	55,00	61,07	29,26	23,08	24,50
	Mar.	15,40	32,52	68,65	63,48	67,35	99,29	28,48	22,86	24,36
	Abr.	15,00	31,33	79,21	76,79	85,79	114,29	28,00	22,67	24,12
	Mai	14,90	32,21	74,76	79,00	84,76	115,56	28,00	22,67	24,17
	Jun.	15,45	32,32	71,00	73,50	84,00	100,00	27,32	22,27	24,17
	Jul.	15,00	34,23	70,00	69,09	80,23	100,00	26,55	22,33	24,32
	Ago.	16,23	37,02	70,00	70,44	80,00	95,00	26,19	22,89	25,04
	Set.	19,65	38,33	82,50	73,75	90,00	95,00	26,33	23,80	26,17
	Out.	21,00	40,71	90,00	88,64	100,00	95,00	26,25	23,51	25,82
	Nov.	22,45	43,74	86,00	85,26	96,00	...	26,12	23,43	25,60
	Dez.	21,21	44,96	70,00	76,25	71,67	...	26,07	23,25	25,33
2011	Jan.	23,00	47,33	65,00	...	65,00	22,25	24,00
	Fev.	24,68	47,10	60,50	60,63	59,00	...	20,67	23,34	25,79
	Mar.	24,21	44,52	67,71	68,56	67,71	105,00	20,50	24,63	26,36
	Abr.	25,09	42,39	74,83	75,00	72,00	105,00	19,85	24,60	26,25
	Mai	24,21	40,88	73,33	72,78	69,33	92,65	19,18	24,29	25,76
	Jun.	24,38	40,68	72,50	67,97	70,50	84,00	19,17	24,20	25,75
	Jul.	24,55	40,26	70,00	66,21	70,00	75,00	19,73	24,20	25,75
	Ago.	24,33	41,11	65,43	67,87	65,43	75,00	21,33	24,06	25,75
	Set.	25,26	43,93	65,00	67,71	65,00	75,00	21,53	24,24	25,89
	Out.	25,47	42,66	68,68	67,71	68,68	75,00	21,56	23,82	25,42
	Nov.	24,53	41,48	70,00	67,10	70,00	75,00	22,39	22,50	24,48
	Dez.	23,63	40,63	73,13	65,00	85,00	75,00	23,29	22,30	24,13
2012	Jan.	25,46	42,92	105,83	97,08	139,17	108,33	23,91	22,25	24,00
	Fev.	25,28	43,86	93,89	96,67	126,11	138,33	25,58	22,25	24,00
	Mar.	24,27	48,75	86,59	90,00	127,27	160,45	24,85	22,25	24,00
	Abr.	23,21	52,68	90,00	92,86	160,00	183,00	25,35	22,86	24,79
	Mai	22,38	55,36	98,33	94,77	146,67	185,00	26,02	24,40	25,95
	Jun.	22,05	58,11	115,79	106,32	142,11	140,00	26,34	24,97	26,47
	Jul.	25,73	66,25	110,45	110,00	100,00	109,09	26,97	26,00	27,50
	Ago.	28,72	72,57	110,00	110,00	100,00	100,00	28,84	27,33	28,83
	Set.	27,55	75,16	110,00	110,00	100,00	140,00	33,09	28,87	30,25
	Out.	27,95	70,85	110,00	110,00	100,00	140,00	34,64	29,83	31,38

Nota: Os preços referem-se a média aritmética simples, dos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

Tabela 10/II. Valor bruto da produção dos principais produtos agropecuários de Santa Catarina - 2005-12
(mil reais)

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Lavoura temporária								
Alho	43.914	38.067	34.595	41.081	59.151	83.793	33.824	68.765
Arroz	439.768	370.845	428.044	562.077	602.696	587.705	389.730	562.276
Batata-inglesa	58.248	62.817	32.008	81.459	78.098	87.122	47.415	41.840
Cebola	158.052	152.574	365.454	177.093	417.054	207.217	281.534	336.556
Feijão	125.938	174.675	150.862	344.677	272.135	200.783	197.544	211.833
Fumo em folha	1.257.402	1.139.531	1.162.900	1.157.818	1.370.928	1.501.670	1.617.776	1.511.047
Mandioca	65.270	48.748	67.569	73.479	74.177	103.000	98.867	94.350
Milho em grão	769.408	626.052	1.040.752	1.564.920	1.006.426	925.529	1.492.379	1.185.799
Soja	317.728	317.826	505.805	682.834	756.013	737.400	1.046.305	966.772
Tomate	112.840	85.631	122.443	127.966	194.252	188.738	242.880	257.900
Trigo	34.084	66.271	102.101	144.236	114.022	103.187	92.118	92.405
Lavoura permanente								
Banana	93.201	163.412	160.230	202.525	194.978	218.867	220.879	314.400
Maçã	338.346	387.399	359.208	365.942	286.350	408.000	410.033	461.812
Pecuária								
Leite	719.475	698.173	937.448	1.151.505	1.269.691	1.456.458	1.868.839	2.079.813
Bovino de corte	414.422	420.924	489.832	611.007	589.338	606.321	699.894	700.718
Frango	2.333.772	1.885.533	2.349.948	3.015.416	3.102.837	3.111.738	3.608.760	3.665.887
Suíno	1.884.614	1.500.218	1.746.277	2.392.833	1.925.413	2.371.875	2.416.388	2.439.548

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Epagri/Cepa.

ANEXO I

Conceitos

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O Estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

Fontes consultadas

Abipecs – Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína - <http://www.abipecs.com.br/>
Abiec – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne - <http://www.abiec.com.br/>
Apinco – Associação Brasileira de Produtores de Pinto de Corte
Afubra – Associação dos Fumicultores do Brasil - <http://www.afubra.com.br/>
Abraf – Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas - <http://www.abraflor.org.br/>
Anda – Associação Nacional para Difusão de Adubos - <http://www.anda.org.br>
Anfavea – Associação Nacional do Fabricantes de Veículos Automotores - <http://www.anfavea.com.br>
Bracelpa – Associação Brasileira de Celulose e Papel - <http://www.bracelpa.org.br>
BCB - Banco Central do Brasil - <http://www.bcb.gov.br/>
Ceasa/SC – Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina
Cepea – Centro de Pesquisas Econômicas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - www.cepea.esalq.usp.br
Conab – Companhia Nacional de Abastecimento - <http://www.conab.gov.br/>
Epagri/Cepa – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br>
Epagri/Cedap – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Desenvolvimento em aquicultura e pesca - <http://www.epagri.sc.gov.br/>
FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - www.fao.org
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - <http://www.ibge.gov.br/home/>
MDIC/Secex – Sistema Aliceweb – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>
Ubabef - União Brasileira de Avicultura - <http://www.abef.com.br/>
Usda – United States Department of Agriculture - <http://www.usdabrazil.org.br/home/>

Lista de figuras - Parte I

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Consumo aparente no Brasil, conforme a origem em percentagem - 2011 11
2. Alho (classes 5, 6 e 7) - Preços médios nominais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - jan./05-jun./12 14

Arroz

1. Os ciclos de preço entre 1972 e 2002, a preços de abril/2012 20

Banana

1. As maiores produções mundiais de frutas (mil t) - 2010 23
2. Quantidade e valor das exportações brasileiras - 2007-12 26
3. Principais mercados compradores - 2011 26

Cebola

1. Deempenho da produção brasileira (mil t) - Safras 2007/11 32
2. Evolução da produtividade no Brasil - Safras 2007/11 32
3. Brasil - (%) de produção por região e época de abastecimento - 2011 32
4. Evolução da área plantada em Santa Catarina - Safras 2007/11 34
5. Desempenho da produção catarinense - Saras 2007/11 34
6. Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - Safras 2009/10-2011/12 35

Maçã

1. Consumo aparente em alguns países (kg/hab/ano) - 2009 53
2. Brasil - Preços médios mensais no atacado - 2010-12 56
3. Maçã e sucos - Brasil - Quantidade exportada (t) - 2007-12 56
4. Maçã e sucos - Brasil - Valor das exportações (US\$ 1000 fob) - 2007-12 56
5. Maçã e sucos - Brasil - Saldo da balança comercial (US\$ 1.000) - 2007-12 57

Mandioca

1. Fécula, calas, dextrinas e outros amidos modificados - Exportação brasileira: Valor e preço médio - 2007-12 62
2. Raiz e derivados - Preços médios anuais recebidos pelo produtor de Santa Catarina - 2008-12 64

Milho

1. Preço ao produtor do suíno, frango, soja e milho - Santa Catarina - 2010-12 72

Soja

1. Preço médio ao produtor da soja e do milho - Santa Catarina - 2010-12 78

Hortifrutigranjeiros

1. Origem, por estado, do volume (t) de produtos comercializados na Ceasa/SC - 2011 94

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Índice de preços de boi e bezerro - Santa Catarina - 2008-12	101
---	-----

Carne de frango

1. Preços médios do frango, farelo de soja e milho - Santa Catarina - 2008-12	108
---	-----

Carne suína

1. Índice de preços de milho e suíno - Santa Catarina - 2009-12	116
---	-----

Leite

1. Crescimento da produção total, dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento - 2008-11	120
2. Preço médio de leite em pó integral posto na Nova Zelândia - 2009-12	120
3. Saldo da balança comercial brasileira de lácteos - 1997-11	120
4. Importação brasileira de lácteos (em equivalente leite) - 2011-12	121
5. Evolução da captação de leite no Brasil e em Santa Catarina - 2005-11	124
6. Preço médio corrigido, recebido pelo produtor em Santa Catarina - 2009-12	124
7. Custo de produção médio do leite e preço médio recebido pelo produtor em Santa Catarina - 2010-12	124

Desempenho da pesca e aquicultura

1. Piscicultura - Santa Catarina - Importância percentual das espécies cultivadas - 2111	128
2. Evolução da piscicultura (mil t) - Santa Catarina - 1990-2011	128
3. Moluscos - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2000-11	129
4. Mexilhões - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2000-11	130
5. Ostras - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2000-11	131
6. Vieiras - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2006-11	131
7. Camarões - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2001-11	132

Desempenho do setor florestal

1. Evolução dos preços de celulose tipo NBSK e BHKP na Europa (US\$/t) - Dez./2005-Dez./2011	138
2. Participação das espécies nos plantios florestais - Brasil - 2011	138
3. Evolução das exportações brasileiras de produtos florestais, por segmento (mil dólares) - 2001-11	139
4. Participação dos principais estados nas exportações brasileiras de produtos florestais - Brasil - 2011	139
5. Evolução da área plantada com Pinus e Eucalipto no Brasil - 2005-11	141
6. Evolução da produção de madeira da silvicultura para uso industrial (mil t) - 1999-10	142
7. Brasil - Composição da oferta de lenha, carvão vegetal e madeira para processamento mecânico segundo a origem da matéria-prima - 1997-2010	142
8. Exportações brasileiras de madeira e suas obras (milhões de dólares) - 2000-11	143
9. Exportações brasileiras de móveis de madeira e suas partes (milhões de dólares) - 2000-11	145
10. Exportações brasileiras de papel e celulose (milhões de dólares) - 2000-11	147
11. Evolução da área plantada com pinus e eucalipto em Santa Catarina (ha) - 2005-11	149
12. Evolução da quantidade produzida de lenha em Santa Catarina segundo a origem (m ³) - 1980-2010	149
13. Evolução da quantidade produzida de carvão vegetal em Santa Catarina, segundo a origem da matéria-prima (t) - 1997-10	150
14. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses (%) - 1993-2011	153
15. Evolução da composição das exportações catarinenses de produtos florestais, por segmento (mil dólares) - 2000-11	153

Lista de tabelas - Parte I

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Mundo e principais países – Área colhida e produção – Safras de 2006/10	9
2. América do Sul - Área colhida e produção obtida - Safras 2006/10	9
3. Brasil e por estado - Área plantada e produção - Safras 2008/12	11
4. Santa Catarina e principais municípios - Área plantada e produção - Safras 2008/12	13
5. Importação brasileira por país de origem - Quantidade e valor - 2007-12	13

Arroz

1. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2007/08-2012/13	16
2. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundiais – Safras 2006/07-2012/13	16
3. Arroz em casca – Área plantada, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2007/08 -2011/12	17
4. Arroz em casca – Balanço da oferta e demanda – Brasil – Safras 2007/08 -2011/12	17
5. Área plantada e produção, por Microrregião Geográfica de Santa Catarina – Safras 2007/08 – 2011/12	18
6. Preços pagos ao produtor em Santa Catarina – 20001-12 - corrigidos para abr./2012	19

Banana

1. Mundo e principais países – Área colhida, quantidade e rendimento – Safras 2006/10	22
2. Valor das exportações mundiais e dos principais países – 2005-09	23
3. Valor das importações mundiais e dos principais países – 2005-09	23
4. Brasil e principais estados produtores – Área colhida, produção e rendimento – Safras 2008/12	25
5. Santa Catarina – Preço mensal no produtor – 2007-12	28
6. Santa Catarina – Preço mensal no atacado – 2007-12	29

Cebola

1. Produção total e dos principais países – 2006-10	30
2. Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2009/11	31

Feijão

1. Produção mundial - 2006-10	36
2. Brasil - Área plantada, produção e rendimento médio - Safras 2007/08 - 2011/12	37
3. Principais estados produtores - Safras 2007/08-2011/12	38
4. Produção catarinense - Safras 2007/08-2011/12	39
5. Santa Catarina - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Safras 2008/09 - 2011/12	39
6. Principais países exportadores e total mundial - 2005-09	40
7. Principais países importadores e total mundial - 2005-09	40
8. Maiores países consumidores - 2005-09	41
9. Importação brasileira por país de origem - 2008-12	41
10. Brasil - Balanço de oferta/demanda - Safras 2007/08-2011/12	41
11. Feijão-preto - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2008-12	42
12. Feijão-carioca - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2008-12	42

Fumo

1. Principais países produtores e total mundial - 2006-10	43
2. Principais países exportadores - 2005-09	44
3. Principais países importadores - 2005-09	44
4. Brasil - Área, produção e rendimento - Safras 2007/08-2011/12	45
5. Brasil - Número de fumicultores - Safras 2007/08-2011/12	46
6. Distribuição fundiária dos fumicultores sul-brasileiros - Safra 2010/11	46
7. Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - Safras 2009/10-2011/12	46
8. Brasil - Quantidade produzida e exportada - 2007-12	46
9. Comparativo das safras de Santa Catarina - 2007/08-2011/12	48
10. Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - 2009/10-2011/12	48
11. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - Safras 2007/08 - 2011/12	49
12. Preço médio recebido pelos produtores, por estado da Região Sul do Brasil - Safras 2007/08 - 2011/12	49
13. Exportações brasileira e catarinense - 2007-12	49
14. Exportações catarinenses, por país de destino - 2008-12	50

Maçã

1. Quantidade produzida total e dos principais países – Safras 2005/06-2009/10	52
2. Valor exportado – Total e dos principais países – 2005-09	52
3. Valor importado – Total e dos principais países – 2005-09	52
4. Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2007/08 - 2011/12	55

Mandioca

1. Raiz de mandioca – Área colhida, produção, rendimento mundial e principais países – Safras 2005/06 - 2009/10	59
2. Raiz e derivados da mandioca – Soma dos principais países exportadores – Quantidade e valor – 2005-09	59
3. Raiz e derivados da mandioca – Soma dos principais países importadores - Quantidade e valor – 2005-09	59
4. Raiz de mandioca – Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados – Safras 2007/08 – 2011/12	61
5. Área colhida e quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2007/08-2010/11	63

Milho

1. Principais produtores mundiais – Safras 2008/09-2012/13	66
2. Principais países do mercado – Safras 2011/12-2012/13	66
3. Oferta e demanda mundiais – Safras 2008/09-2012/13	67
4. Oferta e demanda – Estados Unidos – Safras 2008/09-2012/13	67
5. Produção de milho e etanol nos Estados Unidos – Safras 2006/07-2011/12	67
6. Oferta e demanda da Argentina – Safras 2008/09- 2012/13	67
7. Principais estados produtores – Brasil – Safras 2007/08-2011/12	68
8. Oferta e demanda – Brasil – Safras 2008/09-2012/13	69
9. Valor, volume e preço das exportações – Brasil e Santa Catarina – 2007-12	69
10. Maiores países importadores do grão – Brasil – 2004-2012	69
11. Área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 2007/08-2011/12	71
12. Déficit na produção – Santa Catarina – 2004/05-2011/12	71
13. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2008-2010	71

Soja

1. Principais produtores mundiais – 2008-13	74
2. Principais países do mercado – 2011/12-2012/13	74
3. Oferta/demanda mundial – 2007/08-2012/13	74

4. Oferta/demanda – Estados Unidos – 2007/08-2012/13	74
5. Oferta/demanda – Argentina – 2010/11-2012/13	75
6. Principais estados produtores – Brasil – 2006/07-2011/12	75
7. Complexo soja – Brasil – Oferta/demanda – 2011/12-2012/13	76
8. Exportações de soja e derivados – Brasil – 2007-12	76
9. Área, produção e rendimento – Santa Catarina – 2007/08-2011/12	77
10. Estimativa de oferta e demanda – Santa Catarina – 2005/06-2011/12	77
11. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2008-10	78

Tomate

1. Mundo e principais países - Área, produção e rendimento médio - Safras 2007/08 - 2009/10	80
2. Valor da importação mundial e dos principais países - 2005-09	80
3. Valor da exportação mundial e dos principais países - 2005-09	80
4. Principais consumidores mundiais - 1990-2007	80
5. Brasil e regiões - Área plantada, produção e rendimento médio - Safras 2008/09 - 2011/12	81
6. Brasil e principais estados - Área plantada e quantidade produzida - Safras 2008/09-2011/12	81
7. Safras de Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2008/09 - 2010/11	82
8. SC - Principais municípios produtores - Safras 2008/09 - 2010/11	83
9. Preço recebido pelo produtor na Microrregião de Joaçaba - 2008-12	83

Trigo

1. Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2008/09-2012/13	85
2. Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2008/09-2012/13	85
3. Principais países consumidores - 2005-09	86
4. Consumo <i>per capita</i> no mundo - 2005-09	86
5. Trigo e seus derivados - Principais países exportadores - 2005-09	86
6. Trigo e seus derivados - Principais países importadores - 2005-09	87
7. Comparativo das safras do Brasil - 2008/09-2012/13	88
8. Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores do Brasil - 2010/11-2012/13	88
9. Oferta e demanda brasileiras - Safras 2008/09-2012/13	88
10. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2007/08-2011/12	89
11. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2007/08-2011/12	89
12. Comparativo das safras de Santa Catarina - 2008/09-2012/13	90
13. Comparativo de produção, segundo as microrregiões de Santa Catarina - Safras 2009/10-2011/12	90
14. Preços médios aos produtores de Santa Catarina - 2008-12	90

Hortifrutigranjeiros

1. Quantidade e valor, por grupo de produtos comercializados, no atacado, na Ceasa/SC – 2011	93
2. Produtos mais comercializados, no atacado da Ceasa/SC– 2010-11	93
3. Produtos monitorados pela Ceasa/SC – Quantidade comercializada e local de origem – 2011	94

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Principais países produtores e exportadores – 2011-12	96
2. Principais países do mercado – 2011-12	97
3. Efetivo do rebanho bovino por Estado - 2006-10	98
4. Abate de bovinos - Brasil e estados - 2007-11	98
5. Balanço de oferta e demanda – Brasil - 2007-11	99
6. Principais países importadores - Brasil - 2007-11	99

7. Efetivo bovino por microrregião – Santa Catarina – 2005-10	100
8. Oferta e demanda – Santa Catarina – 2007-11	100
9. Valor, volume e preço das exportações – Brasil e Santa Catarina - 2007-12	101

Carne de frango

1. Principais países exportadores – 2008-12	102
2. Principais países do mercado – 2011-12	103
3. Abate de aves – Principais estados – 2005, 2010 e 2011	104
4. Participação dos estados nos abates – Brasil - 2007-11	104
5. Matrizes alojadas, pintos alojados e produção – Brasil – 2007-11	104
6. Oferta e demanda – Brasil – 2007-11	105
7. Principais países importadores do frango brasileiro – 2007-11	105
8. Produção e exportação – Brasil e Santa Catarina –2007-11	106
9. Oferta e demanda – Santa Catarina – 2007-11	107
10. Exportações – Brasil e Santa Catarina – 2009-11	107
11. Destino das exportações catarinenses – 2004-11	107
12. Efetivo de aves – Santa Catarina – 2006-10	108

Carne suína

1. Países maiores exportadores mundiais – 2008-12	109
2. Maiores países do mercado – 2011-12	110
3. Matrizes alojadas – Brasil – 2007-11	111
4. Produção de suínos para abate – Brasil – 2007-11	111
5. Produção de carne suína – Brasil – 2007-11	112
6. Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2007-11	112
7. Valor, volume e preço de exportação – Brasil – 2007-12	112
8. Destinos das exportações – Brasil – 2007-11	113
9. Produção total e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2007-11	114
10. Valor das exportações - Brasil e Santa Catarina –2007-12	115
11. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2007-11	115
12. Valor, volume e preços de exportação - Santa Catarina - 2007-12	115
13. Destino das exportações catarinenses - 2007-11	115
14. Efetivo de suínos por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2006-10	116

Leite

1. Produção no Brasil e nos principais estados produtores – 2006-10	119
2. Quantidade adquirida pelas indústrias, no Brasil e nos principais estados produtores – 2007-11	119
3. Preço médio anual bruto recebido pelos produtores brasileiros – 2000-11	119
4. Produção total e volume destinado à indústria catarinense – 2005-11	122
5. Produção de leite nas mesorregiões geográficas de Santa Catarina – 2006-10	123
6. Preço médio anual recebido pelos produtores, no Brasil e nos principais estados produtores – 2010-12	123
7. Preço mensal mais comum do leite resfriado em nível de produtor, nas principais regiões produtoras de Santa Catarina – janeiro/11 a julho/12	123

Desempenho da pesca e da aquicultura

1. Pesca e aquicultura - Mundo e América do Sul - Produção e posição dos principais países - 2010	125
2. Número de produtor, área alagada e produção de peixes cultivados em Santa Catarina - 2010-11	128
3. Estimativa do valor da produção da maricultura de Santa Catarina - 2006-11	132

Desempenho do setor florestal

1. Importância da indústria florestal no mundo e principais países – 2010	135
2. Evolução da área com florestas plantadas no mundo e principais países com plantios florestais – 1990-2000 e 2010	135
3. Produção mundial de madeira segundo os principais países – 2006-10	136
4. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial segundo os principais países - 2006-10	136
5. Produção mundial de celulose segundo os principais países – 2006-10	136
6. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2006-10	137
7. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2006-10	137
8. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2006-10	137
9. Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil - 2011	140
10. Produção das principais matérias-primas de origem florestal – Brasil - 2006-10	141
11. Consumo de madeira em toras para uso industrial no Brasil por espécie, segundo os principais segmentos industriais – 2009-11	141
12. Produção e consumo de madeira serrada e compensados no Brasil - 2006-11	143
13. Capacidade nominal instalada, produção, importação, exportação e consumo interno de painéis de madeira – 2005-11	144
14. Produção brasileira de papel e celulose – 2007-11	147
15. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2006-10	149
16. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina – 2006-12	151
17. Preço médio de produtos e matérias-primas florestais - Santa Catarina -2009-12	151
18. Preços médios da madeira de pinus e eucalipto para processamento mecânico - Santa Catarina - jul/11-jun/12	151
19. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina – 2006-2011	152

Crédito Rural

1. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade – Brasil – 2007-11	155
2. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade – Brasil – 2007-11	155
3. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade – SC – 2007-11	155
4. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade – SC – 2007-11	156
5. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores, por atividade – Brasil – 2007-11	157
6. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores por finalidade – Brasil – 2007-11	157
7. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores, por atividade – SC – 2007-11	157
8. Pronaf – Financiamentos concedidos a produtores, por finalidade – SC – 2007-11	157

Lista de tabelas - Parte II

Divisão do território catarinense e população

1. Área territorial, população residente total, urbana e rural - 2010	158
---	-----

Informações econômicas da agropecuária

2. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo – Santa Catarina – 2005-11	164
3. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo – Santa Catarina – 2005-11	164
4. Oferta e demanda de carnes - Santa Catarina -2010-11	164
5. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais – Santa Catarina – Safras – 2010/11-2011/12	165
6. Exportações do agronegócio catarinense – 2007-12	166
7. Importações do agronegócio catarinense – 2007-12	167

Preços agrícolas

8. Preços mínimos do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF) - Período de vigência: 10/01/2011 a 09/01/2013	168
9. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Principais produtos agropecuários - Santa Catarina – 2009-12	169

Valor bruto da produção

10. Valor bruto da produção dos principais produtos agropecuários de Santa Catarina - 2005-12	171
---	-----

Índice remissivo

Alho, 7-14
Área territorial, 158-163
Arroz, 15-20
Balanço de oferta e demanda de carnes, 164
Balanço de oferta e demanda de produtos vegetais, 165
Banana, 21-29
Calendário agrícola, 95
Camarão, 132
Carne bovina, 96-101
Carne de frango, 102-108
Carne suína, 109-116
Cebola, 30-35
Crédito rural, 154-157
Exportação do agronegócio, 166
Feijão, 36-42
Fertilizantes, 164
Fumo, 43-50
Hortifrutigranjeiros, 92-94
Importação do agronegócio, 167
Leite, 117-124
Maçã, 51-57
Mandioca, 58-64
Máquinas agrícolas, 164
Maricultura, 129
Mexilhão, 129-130
Milho, 65-72
Ostra, 130-131
Pesca e aquicultura, 125
Pesca industrial, 126
Piscicultura de água doce, 126-128
População residente, 158-163
População rural, 158-163
População urbana, 158-163
Preços mínimos, 168
Preços recebidos pelos agricultores, 169-170
Produção animal, 96-124
Produção florestal, 133-153
Produção vegetal, 7-95
Soja - 73-78
Tomate, 79-83
Trigo, 84-91
Valor bruto da produção, 171
Vieiras, 131